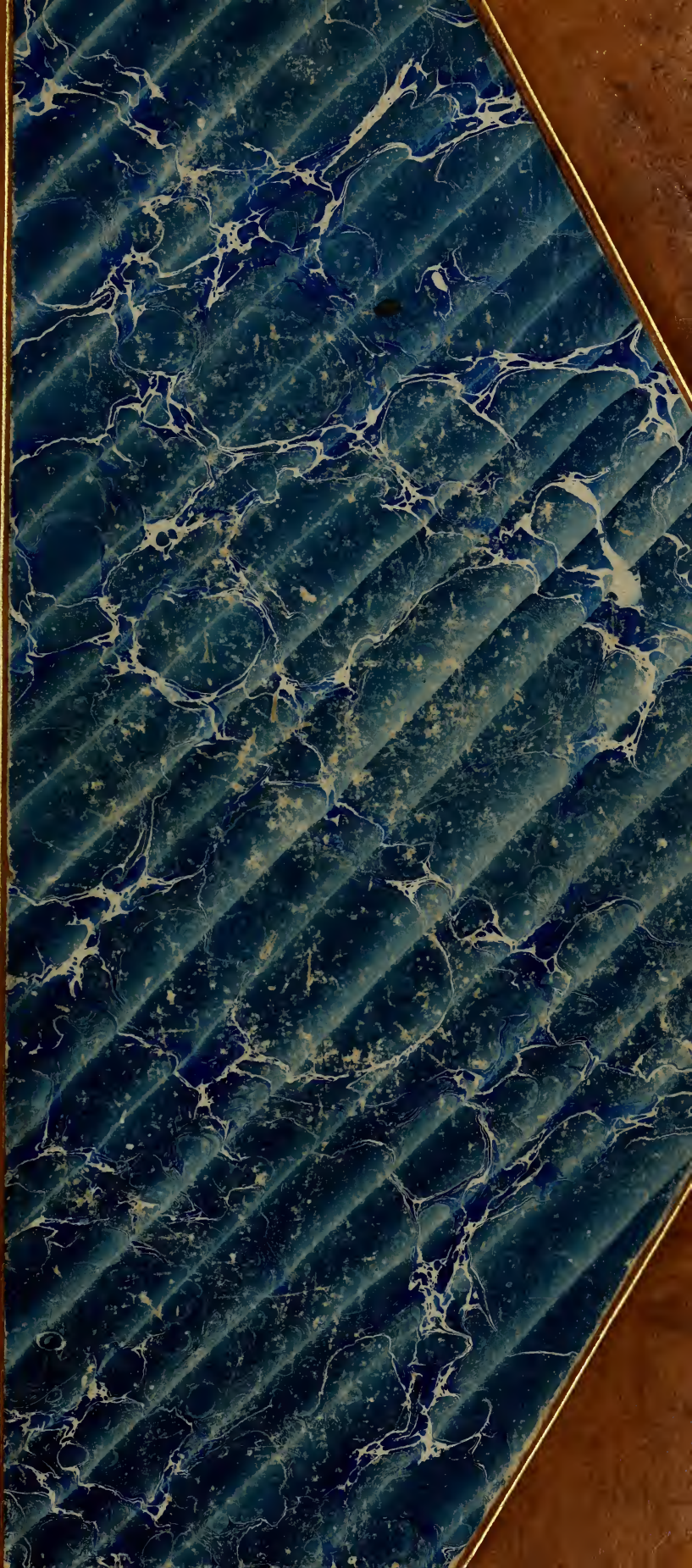


RB184,750

Presented to the

LIBRARY *of the*

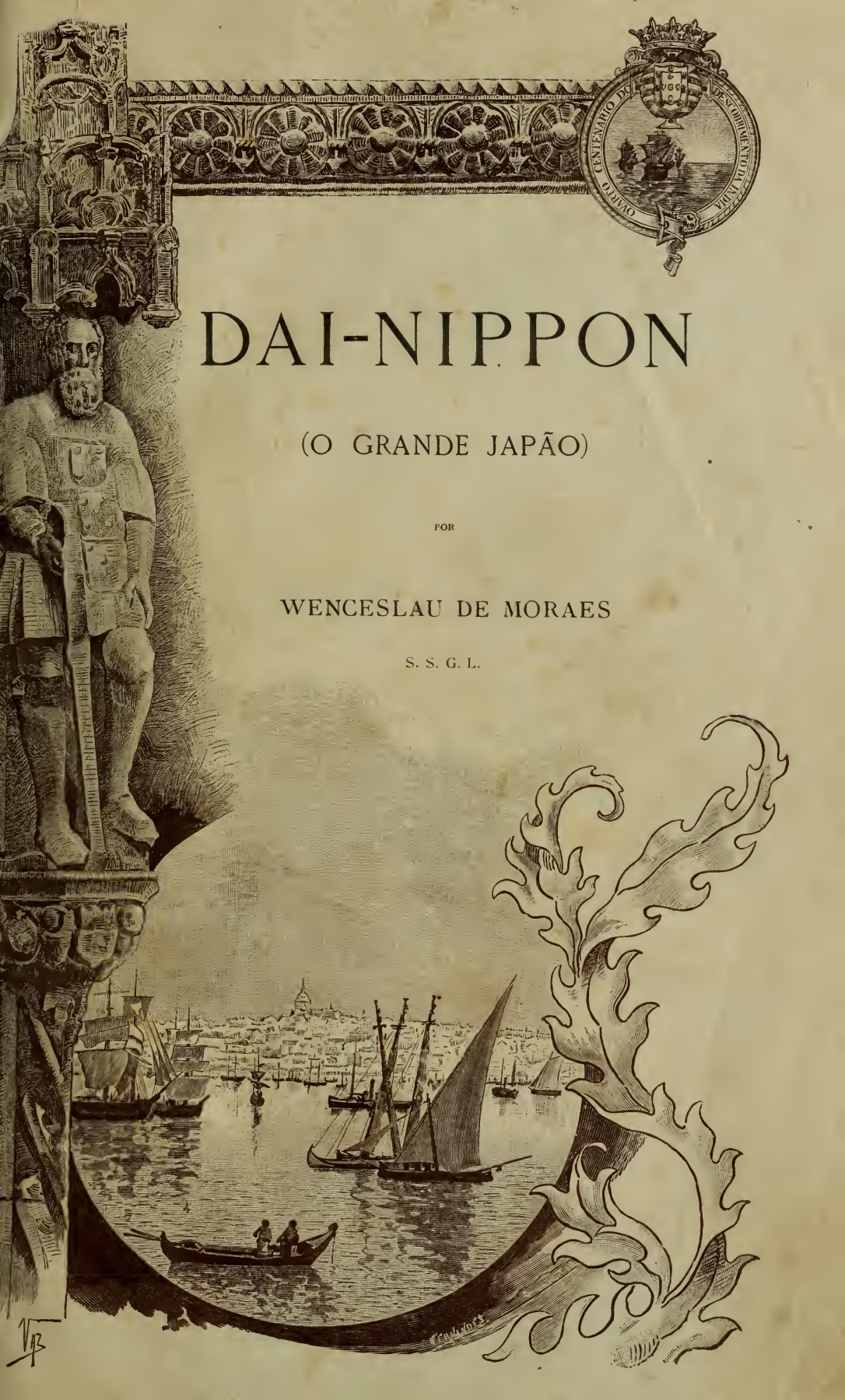
UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

600.



DAI-NIPPON

(O GRANDE JAPÃO)

POR

WENCESLAU DE MORAES

S. S. G. L.

大日本

DAI-NIPPON

(O GRANDE JAPÃO)

JUSTIFICAÇÃO DA TIRAGEM

---

3 exemplares em papel de linho branco nacional
1:000 em papel de algodão de 1.ª qualidade

Pro meu amigo Carlos d'Ataes oferece!
24-IX-07
Pereira de Sousa

QUARTO CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DA INDIA

CONTRIBUIÇÕES
DA
SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

DAI-NIPPON

(O GRANDE JAPÃO)

POR

WENCESLAU DE MORAES

S. S. G. L.

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1897

Á MEMORIA

DOS

VIAJANTES PORTUGUEZES DO SECULO XVI

E ESPECIALMENTE

Á DE

FERNÃO MENDES PINTO

QUE TÃO BEM DESCREVEU

O JAPÃO DO SEU TEMPO

O. D. C.

O Auctor

AO

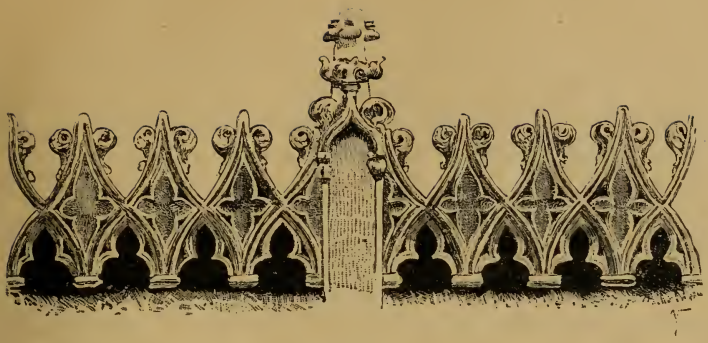
Dr. SEBASTIÃO PERES RODRIGUES

Estas paginas, que hoje lhe offereço, vão por certo recordar-lhe a sua rapida visita a este Extremo-Oriente, no enlevo dos aspectos imprevistos, e, incidentemente, as nossas longas palestras e affectuosas confidencias, soffregas em aproveitar-se do tempo que fugia.

Chamando-o assim ao meu convivio, fica comprehendendo agora a ardileza da offerta, com a qual, de nós dois, sou eu a abarcar n'este negocio a massa dos benesses.

Macau, janeiro de 1896.

Venceslau de Moraes.



PREFACIO

NTRE as cousas que mais fundamente odeia, detesta, abomina a minha alma, aliás de si pouco propensa a odios, abominações e detestações, fundas ou não, vinga logar seguro o que, no calão protervo de que ahi vão enxovalhando as cousas da Arte enlameadas modernidades, se chama—Impressionismo.

As primarias rasões d'este sentir asperrimo são muitas. Aqui as explanára larga, profusamente, se m'o soffresse a estreiteza do tempo e a inopportunidade do logar. Mas, como as posso resumir em termos breves, summariamente as deixo agora registadas, reservando para melhor ensejo o seu cabal desenvolvimento.

Das cousas que preza, ama e admira a minha alma, feita por indole e habito a indulgencias e branduras,

mais ou menos cortadas de desdem, é certo, mas em todo caso indulgencias e branduras, tres sobre todas admira com irreprimida effusão, preza com a firmeza de convicção consciente, ama com amor persistente e intrinseco—A Poesia, a Arte e a Sciencia.

A Sciencia! exclamará alguem com sincero pasmo e ironia aguda. Sim, a Sciencia; porque não? Esqueces, doce alguem do sincero pasmo e da ironia aguda, que ha Sciencia e Sciencia, pela mesma fórma que ha mólho e mólho, no dizer de um proverbio de antiga data e procedencia estranha.

Não direi agora que Sciencia não prézo, não admiro ou amo. De outras vezes o tenho dito, de outras o direi ainda a quem o queira ouvir, em voz alta, segundo uso nestes casos—nestes e em todos, pois para submissões, nem de voz sequer me sobra geito.

Direi neste momento apenas—é quanto importa ao meu proposito—a que devéras estimo, admiro e amo, até porque o dizel-o me não leva tempo ou espaço grande. É a que não nega nem renega Deus, antes necessariamente o presuppõe, e indirectamente, que é o mais que póde e deve fazer em lanço tal, o adora. A que aviva a Fé, pois a justifica; esteia a Esperança, pois a robustece; alenta a Caridade, pois a auxilia. A d'um bretão antigo que se chama Newton e d'um gaulez moderno que se diz Pasteur. A dos que procuram escrutar com a alma as invisiveis grandezas do Infinito e não sómente investigar com os sentidos as, quasi por igual, invisiveis pequenezas do Finito. A dos que vão pedir a solução do segredo final do humano ser ao que se esconde por detraz do azul silencioso, mas embebido de luz, symbolo de eterna vida, e de maneira alguma ás fermentações nojosas do esterclinio que, sob o rude dardejar do sol, vaporisa fétidos, prenuncios de morte eterna. É essa, filha dilecta de Deus, auxiliadora perpetua e perpetua consoladora do homem, essa que procura ser o que alguem já desejava que ella fosse: Poesia—*et Scientia quoque*

Poesis erit—a qual é Fé, é Luz, é Vida, é Amor, é essa que eu ponho a par de suas irmãs na procedencia augusta, a Poesia e a Arte.

Pois o Impressionismo—só não vê isto quem traz os olhos teimosa, irremediavelmente cerrados á luz—é cousa de sua essencia avessa e negativa d'estas tres cousas summas. Diz-se, é certo, filho da Sciencia: mas a Sciencia desmente a affirmação ousada. O Impressionismo procura e méramente quer a simples impressão individual. N'ella está, d'ella vive. Ora não é da realidade que possa haver na impressão que se effectua n'um cerebro que a Sciencia faz proveito e cabedal; senão da que «coincide no maior numero de casos e no maior numero de intelligencias». É esta só, em que não pensa e que não prevê sequer o Impressionismo, summa de muitas impressões, e não affirmação d'uma unica, «producto do maior estudo, isto é, do maior numero de comprovações e rectificações possiveis», que a Sciencia regista e aproveita. Onde pára pois a alardeada procedencia?

Com respeito á Arte ainda a antithese é mais dura, mais irreductivel, se mais o póde ser. Arte é «eleição, differenciação, synthese, extracção, relevo, côr». Quem pensa e diz Arte, pensa e diz reflexão, ponderação, exame, concentração fecunda, forte condensação de idéas, justa selecção de termos, cuidada eliminação de redundancias, ordem, previsão, harmonia, luz habilmente graduada, força cuidadosamente reprimida, proporção intelligentemente calculada. E quem pensa e diz Impressionismo, pensa e diz precisamente o contrario de tudo isto. O leve, o fugaz, o transitorio, o que rapidamente se alcança e passa rapidamente, o que tem a duração da pégada do caminheiro no areal batido do simum potente, ou a do lampejo subito no bulcão da tempestade, mobil cursor do espaço, é o seu centro, o seu imperio, o seu anceio, tudo. Póde negar-se pois que os dois conceitos estão nos dois oppostos polos do pensar humano?

O mesmo e com igual rasão se póde dizer da Poesia. Significa e presuppõe ella creação, presuppõe e significa, por conseguinte, a visão, quanto possivel, clara e a traducção, em fórmas bellas, de quanto ha de mais intimo, profundo, essencial na propria essencia das cousas. Não se paga nem contenta pois com o que é exterior, com o que é accidente ou apparencia, com o que um volver de olhos ou da alma facilmente alcança, com o que fere de passagem a pupilla ou affecta de leve a sensibilidade e que por conseguinte se exprime, sem grande esforço, em traço simples, em palavra rapida. Como não são pois cousas avessas Poesia e Impressionismo?

Eis, como prometti, summariamente expresso, o motivo real dos sentimentos que enunciei acima.

Ora, quer a mysteriosa essencia que nas pequenas cousas chamâmos descuidosamente Acaso e, nas grandes, reverentemente baptisâmos de mais augusto nome, com a ironia fina, levemente amarga, de que empenna tanta vez os seus dictames, que uma antiga e sentida amisade, approximando duas pessoas que a diversidade das vidas trouxe afastadas sempre, me leve a apresentar á sympathia attenta e justo applauso publico o livro d'um impressionista.

E o que parecerá, acima de tudo, singular e estranho é que o faço, eu que venho de escrever convicto as linhas que precedem, não só sem custo, o que já não fôra pouco, mas até com vontade, o que é um quasi nada mais.

E isto por uma rasão que mais prompta e facilmente quasi se enuncia que se pensa.

Escrevi ha pouco que havia Sciencia e Sciencia: escrevo agora que ha Impressionismo e Impressionismo. O Impressionismo que regeito é o que pretende, em nome d'uma falsa e leviana philosophia, alar-se ás grandezas de theoria raciocinada e acceita. É o que sobraça codigo; o que legisla e manda; o que se crê Pontifice e Egreja, com direito de interdicto e excommunhão, de

que usa e abusa. É o que é assim reluctante comsigo mesmo e a si mesmo contradictorio. É o ouropel barato a jactar-se de ouro fino. Leporello pannejando, no tercio pello e nos aureos recamos do fidalgo e galanteador Dom Juan, seu amo, o tosco busto de lacaio complacente em demasia. É o animal de orelha protrahida e voz roncante atroando a sacra mudez da noite sob a fulva juba do esbulhado rei das selvas.

É este o Impressionismo que regeito e com o qual nada tem que ver o do auctor d'este livro.

Tem este impressionista pelo menos tres qualidades que altamente prézo. É em primeiro logar sincero, espontaneo, ingenuo, direi até: infantil, na accepção mais innocente e alta da palavra, no Impressionismo que exerce e não professa. É impressionista por modestia da alma, a nobre e reconfortante modestia dos que valem. Não tentou fazer mais, porque mais não suppoz poder fazer, do que registar as impressões primeiras do seu fino espirito. Não é impressionista por fatalidade da indole, que é para mais; nem por força de proposito, que não fez.

Em segundo logar, diz bem o que sente e sente bem o que diz. Sentir bem importa, em meu conceito, sentir vivo e sentir certo. Mas para sentir vivo é preciso ter prompta e vibrante a sensibilidade, e a d'este escriptor, que principia quasi, é vibrante e prompta como poucas. Para sentir certo é preciso ter natural ou artificialmente cultivada, educada a sensibilidade—ha sensibilidades, não são communs, que nascem já educadas e cultas—e alem d'isso ver directamente e saber ver. Ora o impressionista de que me occupo tem ingenitamente culta a sensibilidade e sabe ver e vê—não ha duvida possivel sobre isso—directamente.

Não quero de modo algum dizer que veja sempre e em tudo com os seus olhos. Ou verá com elles sempre e em tudo. Mas pede emprestados, alguma vez e para algumas cousas, os vidros com que vê. E não é até muito

difficil adivinhar a quem requer o favor escusado. Dentro de cada escriptor, incipiente ou não, ha sempre outro, ás vezes outros, que o precedem, é claro, e que o explicam. Com respeito aos summos, o estudo dos que elles têem consciente ou inconscientemente dentro em si, é das cousas mais interessantes e proficuas. Assim como na feição e geito do dizer, é visivel n'este, é, para assim me exprimir, palpavel, a influencia de um escriptor, francez, é claro—são os unicos que logram o condão de influir nos nossos—no modo de ver, de sentir, o que aliás foi visto, foi observado directamente. Não faltam indicios d'isto, mais do que indicios, expressivos e diversos. Um basta, que a propria pequenez faz mais significativo. O auctor do *Dai-Nippon* nunca chama senão chrysanthema a flor tão conhecida e celebrada agora,—que aliás se denomina chrysánthemo, flor de ouro,—do nome de um romance por igual conhecido e celebrado. Mas, directa ou indirectamente recebida, a impressão, é este o ponto, produz-se sempre com elegancia e graça. É abrir acaso o livro—na segunda parte principalmente. Não peçam ao auctor do *Dai-Nippon* que saiba muito ou que diga muito do que sabe. Mas podem-lhe pedir que diga bem, que nunca, que rara vez, se negará ao que lhe pedem. Dirá principalmente bem o que na dicção pedir encanto doce, graça levemente morbida. Sente-se de longe em longe o esforço, a lucta, sente-se; mas quasi só quando o vocabulario, n'elle feito quasi sómente a livros estrangeiros e entre estes a francezes de preferencia, singularmente diminuto lhe recusa a palavra de que precisa e lhe convinha. Com peculio igual de termos, ninguem faria mais nem sequer tanto.

Sobre tudo isto é, finalmente, progressivo, como agora se diz,—é perfectivel. Se não se mostra por ora um escriptor na accepção mais ampla e alta da palavra—ainda se não propoz ser tanto—é manifesto que o póde, que o ha de vir a ser. Sem grande esforço, nem intervallo grande de incerteza ou lucta. Basta para isso uma cousa,

cousa que ás vezes se crê facil, mas que o não é de feito. Tão estranha, singular, mysteriosa é esta humana natureza, que os sabios aclaram e definem cada dia, mas que talvez por isso continúa a ser estranha, singular e mysteriosa como d'antes, como sempre no passado, no presente e até, ai sabios! no porvir! Essa simples cousa é simplesmente querer. Queira e será. Não lhe faltam qualidades. Experimente.

Depois d'isto que não soffre sequer sombra de uma duvida não é duro de determinar qual é das tres partes em que o livro se divide a mais merecedora de applauso e leitura; ou por outras palavras qual das tres partes —Historia, Artes, Vida—é a menos credora de leitura e applauso. Naturalmente, aquella em que menos o sentir domina, a que mais requer saber e estudo, investigação e pensamento. Claro está que nem ahi diz mal o que diz; mas claro está igualmente que o diz menos bem. Ou elle não fosse impressionista!

Não são estas poucas linhas critica do livro de que fallam, nem declarada apresentação do autor d'elle. Não são critica porque a não posso fazer n'este logar. Não são apresentação porque o escriptor a não precisa. Quem sente e traça algumas das paginas que vão ler-se só por ellas póde e deve ser apresentado. Serão pois, quando muito, um vislumbre leve de uma e de outra cousa. Mas são principalmente um aviso, um appello sincero áquelles a quem deleitam as cousas da intelligencia e da alma, appello que me escapa da penna, desde muito atarefada e absorta em outras lidas, como o que nos sáe dos labios admirados ás vezes n'uma interjeição singela, quando se nos defronta cousa digna por motivo certo de attenção e applauso, e que um mero acaso some á vista descuidosa de outros.

E agora, leitor finamente curioso e attento, ao livro. Lê-o e applaude-o como se lê e applaude, como deve ler-se e applaudir-se o que é sentido e delicado: com a intelligencia que indaga, com a phantasia que se en-

leva, com o coração que pulsa. Oh! com o coração principalmente. A intelligencia, a phantasia ainda póde de longe em longe hesitar no applauso. O coração que não vê, mas sente, que não investiga, mas ama—nunca.

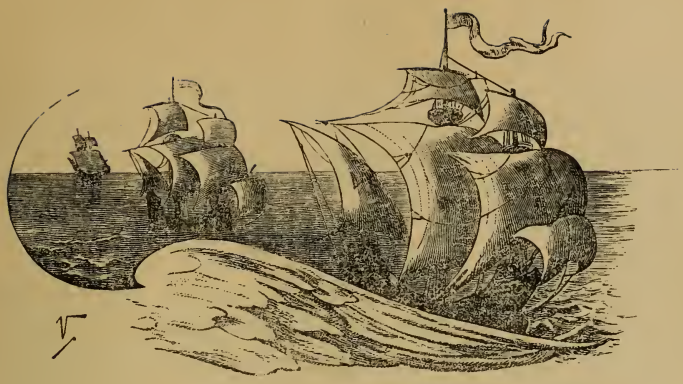
Ao livro pois e ao applauso, corações.

Junho de 1897.

José de Sousa Monteiro.

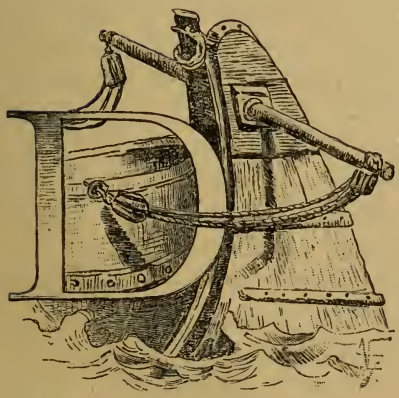
FÓRA DA PATRIA

(PRELUDIO)



FÓRA DA PATRIA

(PRELUDIO)



AI-NIPPON, o Grande-Japão!... Eis-me, mais uma vez, rapazes da minha terra, tendo entre mãos o meu assumpto favorito.

E agora um parenthesis.

Morreu ha pouco da peste, em Macau, um assiduo frequentador do meu albergue, um íntimo, com quem eu me habituára, desde annos, ás longas palestras, ás mutuas confidencias. A sympathia, como a antipathia, nasce espontanea e attinge intensidades estranhas, sobre

o convéz do navio ou no solo do desterro, cavando-se assim profundas differenças entre a existencia d'aquelle que nunca abandonou o seu meio e participa da vida da turba indifferente, e a existencia mais sentimental do expatriado, no campo exiguo para onde o destino o arrojou.

Foram-se assim tornando, para nós dois, necessarias como o pão das refeições essas horas passadas em torno de uma mesa, fumando e tomando chá, subtrahindo-nos á scena exotica e tristemente insipida que nos rodeava, e em que nos encontravamos como comparsas do acaso. E assim íamos dando largas á corrente do pensamento, em recordações, em expansões, n'um quasi doloroso divagar de quem já pouco se aventura, por conta propria, pelo oceano azul da illusão; era ou um viver retrospectivo de dias decorridos, ou um viver alheado de nós mesmos, uma simples sentimentalidade artistica, interessada nas cousas exteriores, nos bellos aspectos da Creação.

Dos meus labios escapava-se a onda de palavras, em confidencias, em chimeras, em miragens, em vagos sonhos; e muito poderia contar de mim o companheiro, se vivesse ainda, e se é que prestava ouvido attento ao que eu lhe ía dizendo. D'elle, ser-me-ía facil tarefa recompor agora a feição moral do seu pobre ser de bohemio, e resuscitar os transes em que o seu coração mais palpitou. Fallava-me por vezes dos seus amores, —quem ha ahi que não teve amores?— uns pobres amores de timido e de crente, sonhados no alvorecer inexperiente da juventude; depois, algidos, mumificados, offerecendo o interesse unico de velharias archeologicas; e era com simples anhelos de curiosidade, comicos para o meu juizo de ouvinte, que elle desejaria colher uma informação qualquer, embora vaga, de uma ou duas matronas, que mui provavelmente íam vivendo regalados dias por este mundo, aproveitando sabiamente da experiencia das coisas, dos segredos dos corações, talvez

em concubinagem serodia com pacatos e amaveis solteirões.

Depois, um bello dia, atirou-o o destino para o mar, —sei eu lá se foi o destino!— O mar não é o Tejo, fiquem bem sabendo. Elle classificava em dois grupos os que seguem este rumo funesto. Uns, os mais numerosos por fortuna, passadas umas primeiras illusões que haviam encastellado com os ephemeros materiaes da poesia das idades tenras, aborrecem-n'o; toleram-n'o, como ganha-pão, quando é já tarde para retroceder; mas é no cantinho patrio que elles idealisam o seu paraizo, casto e sereno; ali, onde vão retemperar, sempre que podem, forças physicas e forças da alma, apoz a curta ausencia soffrida a custo; primeiro, no convivio dos paes, depois —quando os velhinhos dizem adeus a este mundo— no da esposa e dos filhos. São estes os *coxistas,* na linguagem pittoresca da arte, os que se anicham, os que se *coxam,* como os cordões de um cabo; são estes os homens, os verdadeiros homens, ao que parece. Outros ha, e o meu companheiro de exilio tivera a desgraça de ser um d'elles, que se identificam com o mar, que vivem com elle e para elle, adquirindo, não sei por que mysterios, íntimas affinidades com essa superficie revolta, com esse elemento de desolação e de morte, que grita, que urra, que ruge, nos paroxismos da sua colera quasi incessante. Se cuidam que seja uma feição innata de sentimentalismo piegas, que prende esta gente ao enlevo do luar prateando as ondinas preguiçosas, ou aos aromas capitosos emanando das costas exoticas, ou ao encanto das praias loiras d'onde espigam os ramilhetes dos palmares, enganam-se. Detestam elles o mar, mais do que os primeiros; insultam-n'o, blasphemam d'elle; mas sentem a existencia acorrentada ao seu fadario, vão vivendo do goso de soffrer, o mais requintado, o mais suggestivo de todos os gosos. É um paradoxo. Comparam-se a tantos desgraçados, escravos de amantes que detestam, cujos beijos impudicos enojam,

cujos turvos caprichos revoltam, mas a quem se vêem jungidos por laços de uma indissoluvel fatalidade.

O meu companheiro ía revolver no passado uma pagina dos seus velhos amores. Houvera tempo, em que encontrava diariamente, a certas horas, uma mulher, que imperou profundamente na sua juventude. Eu não lhes conto, nem saberia contar-lhes, por que gradações do espirito elle chegou a aborrecel-a, a amaldiçoal-a, amaldiçoando-se. Foram as coisas a ponto de ser-lhe tão intoleravel esse convivio, que inventava covardemente pretextos, —que tinha de ir ver um amigo, de acompanhar um doente,— unicamente para furtar-se á dor de vêl-a, de apertar entre as mãos as suas bellas mãos. Corriam-lhe assim horas de satisfação indescriptivel, no antegoso de um dia inteiro de liberdade, de paz de solitario. Mas approximava-se o momento fatal, vinham as horas que elle soubera resgatar da oppressão; e, inquieto, palpitante, amoroso talvez, ía bater-lhe á porta, ía dizer-lhe que o tal amigo, que o tal doente, haviam prescindido dos seus cuidados...

Pois fôra assim tambem, confessava, que elle vivêra com o mar, n'uma íntima camaradagem dolorosa. Chamava-lhe falsario. Contava um por um, e por centenas, todos os pezares que lhe devia. Attribuia-lhe a causa, quasi unica, da existencia desolada em que mourejava, sem um norte, sem um rumo, esterilisado para tudo; e tambem essa irritabilidade morbida que o alanceava, n'um anceio indefinivel, n'um anhelo do ignoto ou do impossivel... Resgatar-se d'elle? Sim, tinha pensado n'isso; houvera sonhado dias calmos n'uma casita feliz, alem, na sua terra, n'um cantinho de paz. Mas, que querem? cada vez se sentia mais preso ao seu fado; e, francamente, era no seio do mar ululante, ungido pelo

beijo frio das ondas, onde já agora, divorciado da patria, elle desejaria cerrar para sempre os olhos á luz do mundo... Morreu n'um lazareto.

A sua vida de homem, houvera-a elle passado sempre aos baldões. Não imaginam como uma pobre individualidade assim se desnortea; como assim se vive n'um mundo anomalo de sensações e de desejos, onde o espirito penosamente se enreda, se deprava, se vae gastando, até que vem, emfim, a apathia das cousas, o aborrecimento de si mesmo e dos outros, um tedio horrivel. Saudades? bom fôra que viessem; mas nem ellas mesmas se definem nitidas no cerebro do desterrado, negando-lhe o unico consolo dos que soffrem, que é a miragem dos dias serenos decorridos. A noção da patria distante, a noção da familia ausente, são cousas vagas, sombras fluctuantes na nebulosidade do indeciso, como se fossem remotas reminiscencias de uma outra existencia já vivida. Era essa fuga do passado que sobretudo magoava profundamente o meu companheiro. E, como o traço comico vem insinuar-se em tudo n'este mundo, caricaturisando ainda as mais mimosas delicadezas de alma, não imaginam como elle se ria ás vezes, ás gargalhadas, considerando no quadro anachronico, grotesco, em que se lhe representavam na mente a patria e o lar, uma patria e uma familia de ha trinta annos. No jogo da scena, uns grupos animados de velhinhos calvos, que elle conhecêra ou que elle amára, de ha muito adormecidos á sombra dos cyprestes. Uma irmã —o seu enlevo, de quem elle fallava constantemente,— continuava sendo para elle a garotita morena, que via saltitando pela casa e dando alegria a tudo; e mandava-lhe bonecos... Affirmavam, porém, os factos, que não estaria longe dos seus quarenta annos. Se casualmente

percorria com a vista algum jornal da sua terra, tudo lhe era estranho: essas ruas, essas avenidas, esses palacios, nasceram das demolições e foram traçados durante a ausencia d'elle; essas beldades suggestivas, em evidencia, andavam certamente ao collo das amas no seu tempo; esses politicos, esses litteratos, hoje em fama, estavam sendo reprovados em latim, quando elle deixou de ser lisboeta; até o vocabulario era outro, a phrase, a grande mundana, vestiu-se á moda, tornando-se incomprehensivel nos seus ultimos rendilhados de rhetorica.

Eil-o arremessado um bello dia, pelo sopro da bohemia, aos confins do mundo, a este Extremo-Oriente. Macau, o meu asylo habitual, foi tambem o seu, triste, triste, triste..... Vinde para cá, se quereis conhecel-o. Por aqui foi vegetando, como eu, como um pobre cardo inutil sumido entre os algares. Ninguem o via, não se encontrava onde toda a gente se encontra, nos clubs, nos passeios, nas igrejas. Dizia-me elle que alguns de entre os vizinhos, —e aqui vizinhos somos todos,— lhe íam formando uma reputação de placida sisudez, que tinha graça. É claro que ninguem se apercebia das pungentes revoltas do seu espirito, das longas insomnias febricitantes, dos desesperos de uma pobre alma vagabunda. Julgavam-n'o, parece, embrenhado em portentosas lucubrações de pensador, compulsando eruditos alfarrabios, desenvolvendo theses. Faziam bem. Já em lettra redonda, uma ou outra vez, o haviam chamado «illustre»; os commendadores, os conselheiros, tratavam-n'o fraternalmente por «meu nobre amigo», se o avistavam. Bravo! Mas tantas honrarias, como bem se póde presumir, íam resaltando da couraça de indifferença, de que ha muito elle se revestíra, para mal dos seus peccados. Vinha tarde o incenso, n'essa quadra da existencia em que se julga friamente, desinteressadamente, o mundo, os homens e a si proprio, na passiva esterilidade de uma alma gasta, em que as vissicitudes da vida já têem apagado a ultima esperança, a ultima

illusão, a ultima chimera. E o meu companheiro pensava então com magua na juventude desapparecida, inquieta, vibratil, palpitante de crenças e de anhelos; pobre e obscura juventude, mas não tão inutil, mas não tão estulta, como fôra julgada, mercê do melancholico retrahimento em que se lançára, em timidos sobresaltos de quem encetava uma dura labuta sobre as quatro taboas de um convéz de navio, sem sombra de affectos em torno...

A paizagem completa um caracter.

Todas essas regiões exoticas, por onde os annos lhe correram, choram; choram a miseria do mundo, a desoladora condição dos povos.

Africa, o seu primeiro poiso, depois de haver deixado o torrão patrio... Areaes, costas resequidas, steppes selvaticas e desertas; ou densas mattas de arvoredo estranho, a cuja sombra se acolhem as senzalas, os grupos de palhotas onde vivem tribus na infancia, proximos parentes do chimpanzé e do gorilha, que do alto das ramadas lhes vão talvez fazendo surriada, acoimando os bisnetos de pedantes e de renegados; e um calor que escalda, e um ar que pesa e que envenena, turvo de vapores e de emanações. Estado social: ou escravo ou regulo. Lar: covil. Familia: as mulheres, que labutam como bestas de carga; a ninhada lanzuda que estrebucha sobre a lama; e sobre a esteira o dono, o senhor, estirado indolentemente durante as suas longas horas de ocio, bebedo e fetido. Occupações: a guerra, a razzia, a lucta com as feras, a adoração do manipanso. Quando não é esta Africa, é então outra Africa, que bafejou o sopro do islamismo, que vive por Allah; é a Africa que se relancea pelos bazares do Cairo, pelo campo das Pyramides, pelas encruzilhadas da Casbah de Argel, pelos bairros de Alexandria, pelas viellas de

Zanzibar; imponente, austera, triste, com não sei que cunho de sinistra fatalidade, pela paizagem, pelos monumentos, pelos templos, pela casaria, pela feição da gente.

Na Asia, lá para oeste, ainda o estigma da lei de Mahomet, e a sordidez e a abjecção da raça; e essa esterilidade pavorosa de acastellamentos de penedias requeimadas, nuas como ossos de gigantes, sem uma arvore, sem uma folha, sem um musgo sequer, e que é Aden, e que é todo o contorno convulso do paiz maldito, que se chamou, certamente por supremo sarcasmo, a Arabia Feliz! Ou é a India, com os seus palmares, e Ceilão, com os seus jardins, um cahos de vegetação doida, informe, desesperada, o reino da arvore; e por onde formiga um povo humilde e depravado, que olvidou o que foi, que rasteja passivamente ao grado do senhor, zeloso apenas do seu mytho, das suas castas, que são, a final, a sua condemnação irremediavel.

Siam... aguas lodosas, arvores, paúes, pagodes, um sol de fornalha immensa, um povo desprezivel. E ainda a vizinha Singapura, e as cidades dos Estreitos, e ali as Filippinas, e além Java e Sumatra, e o nosso Timor, e acolá Hongkong, e mais ainda: paizes de ganho, bazares de mil industrias e de mil producções; mas dura a natureza, desharmonicos os laços sociaes, e o quadro da vida, passando alem da feitoria ou da habitação faustosa do colono, sordido e miserrimo.

E eis-nos finalmente na China, o meu habitual poiso. Ah! esta China, com os seus quatrocentos milhões de habitantes, com o seu vastissimo dominio, com a sua labuta infatigavel de cultura e de industria, é embora, mais do que todos, o paiz da desolação e da angustia. E que estimulo é este afinal que aguilhôa o immenso formigueiro, se não é o amor da patria, se não é o amor da familia, se não é o amor de si mesmo, se não é o amor do progresso, um vicio ou uma virtude, um ideal qualquer? Porque esta gente não tem ideal. Ama os mortos; é, se quizerem, um ideal retrospectivo. Com

respeito aos vivos, medra na lei de expolial-os, de roubal-os, de vendel-os, de escravisal-os, de tortural-os, de matal-os; escravisa-se a si propria, vende-se a si propria, mata-se a si propria, com um desamor pelo conforto e pela existencia, que já não é coragem. Ama os mortos, o pó dos avós; de resto, fria, sceptica, eil-a grupando-se em immensos cardumes, n'um afan inconsciente de vermes que procuram carne podre, labutando, labutando, proliferando, proliferando, sem intuito, simplesmente para eternisar o fadario.

Vejam o que se chama uma aldeia chineza, o que se chama uma cidade chineza. É um charco de immundicies, d'onde emerge a casaria negra, humida de bolores pestiferos. Lá dentro, em cada albergue, é o antro onde se amontoam de mistura as coisas mais estranhas. Como a grande preoccupação é comer, eis os bazares interminaveis: as ceiras com arroz, as hortaliças e os legumes nadando em salmoiras, os peixes vivos em celhas, os peixes salgados em montes, as enfiadas de patos e de ratos seccos, os ovos salgados, os ovos intencionalmente apodrecidos, os pedaços de toicinho, a carniça tostada chorando gorduras; ao fundo da baiuca o vendilhão em gestos, passando á clientela os seus artigos, asqueroso, horrivel, indecente, com o busto nú, com o grande ventre á vista, como uma immensa abobora... de sorte que a mesma abundancia reveste aqui um aspecto de coisa vil, que tenta a moscaria, que tenta o indigena, mas que dá nauseas á gente, como se fôra um montão de esterco. Se é o lar e não a venda, o lobrego lar sem sombra de aninho, é então o grupo de creanças em andrajos, cheias de parasitas, negras de immundicie, com os olhos avermelhados pingando humores, de mistura com as gallinhas e com os porcos; é a mãe que lhes ralha, a face sinistra em colera, a mão estendida para bater, a sua mão medonha de cadaver, terrosa, de dedos nodosos e afilados, terminando em longas unhas em garra, onde se accumula durante uma existencia inteira o pó do

acaso; é o pae, o vulto ossudo curvado sobre o trabalho, incansavel como um automato, como um engenho, distrahindo-se apenas para levar aos beiços a taça com chá, ou para rouquejar uma blasphemia.

Agora a natureza: o quadro alterna, ora em gelos, ora em longas nebulosidades pasmadas, ora em irradiações de um sol abrasador, torrido, que nem as lufadas exterminadoras dos tufões suavisam. E sempre um scenario de agonia, de costas safaras, de largos rios lodosos, de charcos pestilentes, de arvoredo esguio açoitado das ventanias, a que vem juntar-se, sem conseguir dar realce, a verde aguarella dos arrozaes, dos arrozaes, dos interminaveis arrozaes.

Contava-me o meu companheiro, que um bello dia, longos mezes depois da sua chegada á China, seguiu para o Japão. É saír de uma caverna e entrar n'um jardim. O que n'elle se passou, n'este salto sem transição, do quadro desolador que vos pintei, para este paiz de luz —do Sol Nascente lhes chamam,— paiz de alegria, palpitante de todos os encantos, de todas as harmonias, abençoado por Deus (dizem os japonezes que pelo Buddha), mal o comprehendia eu; depois senti-o, quando tambem abordei ás mesmas costas, e é o feitiço d'esse deslumbramento que eu agora invoco. As energias da vida, adormecidas pela nostalgia dos tristes annos decorridos, acordam em tropel, como um bando de passaros ao romper da manhã; o espirito emociona-se, subtilisa-se, vibra em sensações de surpreza; a existencia revela-se-nos, emfim, como uma boa cousa, como um bom fructo maduro, em que appetece morder gulosamente.

A terra japoneza não faz excepção das outras sociedades orientaes, no que respeita ao aspecto particular da vida, deslisando calma, como as aguas de um lago, n'uma despreoccupação vagabunda do sentir, alheia ás

grandes febres, ás grandes commoções, dos povos do Occidente. O trabalho deixa de ser comprehendido como uma lucta incessante de interesses e de invejas; o estudo não attinge a feição morbida, duplamente funesta, que definha o corpo e envenena a alma; e é preceito que, se é bom um dia inteiro de labuta na officina, para recolher á tarde o farto ganho, melhor é o dia em que as ferramentas repousam inactivas, e se vae, campos fóra, gosar a luz do sol como qualquer lagarto, e fazer companhia aos insectos e aos passaros, que mandream sobre o verde em bandos descuidosos. Uma tal paz faz bem aos espiritos cançados. Mas o que aqui mais impressiona, mais captiva, mais consola, mais talvez do que em qualquer outro canto do mundo, é o prestigio ridente de tudo que nos rodeia, de tudo que os nossos olhos alcançam, como que n'uma festa perenne da Creação. O Japão é um paiz feito de risos, ou antes de sorrisos; ao Creador, que tudo póde, não admira que bastasse esta subtil materia prima para a elaboração das suas maravilhas. Tudo sorri. Sorri o céu, em doces cambiantes de azul nunca sonhados; sorri a vegetação, em doidas ramarias curvando ao peso de delicadas florescencias; sorriem as collinas caprichosamente acavalgadas, com as suas bastas cabelleiras de garotos, feitas de musgos e de capillarias; sorri a paizagem fresca das ribeiras, serpeando pelas campinas verdes; sorriem as casinhas garridas das aldeias, surgindo dos campos de lotus côr de rosa; sorriem os passaros em gorgeios e os insectos em palpitações de elytros; sorriem as creanças, mimosas de carinhos e de louçanias; sorri o aldeão, sorri o operario, em doces physionomias de gente sem cuidados; e sorriem as *musumés,* as raparigas, frescas, deliciosas de perfis e adoraveis. Lagrimas, meus amigos, creio que só do orvalho aqui logram gotejar. A alegria, disfarçando-se n'um ambiente de encantos que envolve tudo e todos, assentou aqui decididamente poisada; e tão prodiga, a santa, que nem ao forasteiro regatea al-

gumas horas de maravilhoso enlevo, quando elle vem, farto de si e do mundo, aquecer-se a este sol.

O Japão possue o segredo de tornar-se querido de qualquer que venha da Europa, ainda impressionado pelo fausto das grandes capitaes, e ainda saudoso do ninho patrio que deixou. Quando a gente vem, nem mesmo sabe de onde, de uma longa vagabundagem em terras pestiferas, coalhadas de miseria, consequentemente mais lhe quer. Dissipam-se sonhos negros, langores de mysanthropo. Assim como os japonezes entram nos templos, largando á porta as sandalias poeirentas, e purificando em santas abluções as mãos e a bôca, assim a gente, ao entrar no Japão, deixa á porta a poeira dos amargores passados, e sente em si a alma leve e o espirito impressionavel a todas as seducções.

O meu companheiro, durante as palestras sonhadoras, tinha grandes ondulações de phrase, tentando fazer-me viver no seu sentir, tentando explicar-me como se lhe aninhára na mente a noção doce, que guardava do paiz nipponico. Fôra curta a visita. Volvendo á China, tivera occasião de mais algumas vezes abalar, como as aves emigrantes, té ao solo do mikado. A palestra era vaga, fluctuava em nimbos, nem elle sabia bem contar-me o que por lá víra e o que por lá fizera, francamente; sabia que vivêra, e era já muito; mas era na longa monotonia do seu exilio, n'este triste cantinho de Macau, onde dia a dia a noção do Nippon mais se lhe definia, mais se lhe fixava como uma verdade suggestionadora, graças a esta poderosa força de invocação, indiscutivel, que torna mais real o que o cerebro pensa do que o que os olhos vêem, e mais tintas dá ao quadro do passado do que ao aspecto de hoje. Abençoava elle essas horas de calmo isolamento, de vigilia, pela noite velha, quando

todos dormiam menos elle, e só ladravam ao longe os cães vadios pelas viellas e cantarolavam os gallos nos poleiros. Se o individuo usa ephemera fórma social com registo nos archivos das nações, o *sr. Fulano,* barão, commendador, operario, marinheiro, se se sente, desde que nasce até que morre, preso de compromissos, escravo de deveres, geralmente forçado a reprimir todos os seus anhelos, que bello rebelde é então o pensamento, sem titulos, plebeu, sem servilismos e sem preconceitos, esvoaçando ao prazer dos seus caprichos!... Viajava-lhe o pensamento, viajava-lhe... A vida nipponica reapparecia-lhe então, toda, mais nitida, mais intensiva, do que quando elle a vivêra tambem; desde o puro azul dos horizontes, desde os contornos rendilhados das montanhas vestidas de cedros, té ao cochichar gaiato das *musumés* aos bandos pelas ruas, té ao zumbido interminavel das cigarras cantando as balladas dos seus amores vadios; e a magica paleta das reminiscencias não esquecia um unico tom do hilariante chromatismo das sedas das mulheres, dos charões e das porcellanas em exposição pelos bazares, das ramas viçosas das mattas, das flores exoticas dos jardins, dos galhardetes, das festas, dos balões dos arruamentos, e até da mesma luz do sol em roseos cambiantes de alvoradas, e até da mesma luz do luar em scintillações de prata sobre as aguas.

E ía assim pensando, longamente; e ía assim vivendo uma existencia fóra de si mesmo, para alem das mesquinhas fronteiras do meio em que se encontrava, desdobrando-se-lhe as energias sensitivas por uma infatigavel peregrinação mental, sem que chegasse a persuadir-se, levemente embora, da vacuidade phantasmagorica do seu sonho. Bem contrariamente: a rotina quotidiana da vida pratica, os deveres cumpridos consoante a marcha do relogio, as conversas banaes que ouvia e a que dava troco, o quadro rasteiro da paizagem que o cercava, era o que lhe dava a impressão de cousas ficticias, de sombras de lanterna magica que vagamente logravam

impressional-o. Ás vezes, beliscado por desejos instinctivos menos subtis, não se consolava no sonho, não lhe bastava a imaginação; nas suas confidencias transparecia o desejo do embarcar-se no primeiro paquete a suspender ancora, e ir assim rever logares preferidos, arvores que lhe deram sombra, solidões que lhe deram paz, cidades que lhe deram alegria, *chayas* que lhe deram poisada, *musumés* que lhe deram beijos. E não seria elle capaz, por um impeto de vontade suprema, de rasgar de vez as paginas escriptas da sua pobre vida de trabalho e de penas; e ir assim, lavado de reminiscencias, acoitar-se no primeiro cantinho nipponico que se lhe offerecesse hospitaleiro? Reconhecia em breve o disparate. Mais valia mesmo, talvez, que elle não voltasse ao Japão, que fosse deixando pairar no vago das chimeras, enobrecida pelo prestigio da distancia e da saudade, a noção que creára. Quando mesmo mais gosava da miragem nipponica, confessava-me elle ingenuamente, era quando deixava de ser elle proprio, quando se emancipava do papel que lhe coubera em sorte na grande comedia humana... Era quando se via feliz e moço (com a metade da idade que tinha), chamado por um nome qualquer indigena, Hayachi, Enamoto, envolto n'um *kimono* de ramagem, nús os pés nas sandalias; nas horas de trabalho, burilando um bronze, ou moldando a porcellana; e repousando á tarde sobre a esteira, junto de uma varanda aberta a largos horizontes, tendo a seu lado uma taça com chá, tendo a seu lado uma companheira vestida de sedas lilazes, gentil como um amor, avelludada e rosea como um pomo, na sua carne fresca de *musumé*...

Mezes antes de descer á cova, pensára em escrever um livro sobre o Japão, e d'isso me fallára. Chegou a imaginar-lhe o titulo —*Dai-Nippon*—, e não foi mais alem.

Fui eu quem, corridos mezes, suggestionado pela idéa e pelo titulo, escrevi estas paginas. É occasião de dizer, aqui muito em segredo, que tambem no meu espirito paira hoje o encantamento d'este paiz de graciosas surprezas. Imaginei descrevel-o sob um ponto de vista íntimo, particularmente affectivo, menos pelo que elle é do que pelo que d'elle fica na memoria, como quem de uma flor desprezasse a fórma e retivesse só o perfume. O processo parece conformar-se com o segredo de todos os nossos affectos: estima-se o diamante, não pelo carbone da sua contextura chimica, mas pela scintillação fortuita das suas facetas; no campo de batalha, o general, adorado pelo seu exercito, não é para este o individuo, o homem vulgar, que naturalmente é, mas o prestigio de uma idéa, a synthese de uma crença. E quando se verbere de menos rigorosa, de alheia á verdade, esta noção sentimental das cousas e dos homens, véem desejos á gente de perguntar o que é isto de — verdade, — que significação absoluta encerra, n'este mundo de modalidades ephemeras onde vivemos.

Pareceu-me que devia em consciencia prevenir-vos d'isto, antes de traçar o primeiro capitulo; esse e os outros nada mais são que o pallido reflexo de um espectaculo deslumbrante, actuando sobre a amorosa e excepcional sensibilidade de uma pupilla, mercê das condições especiaes da existencia, vivida na penumbra dos aspectos tristes. Tambem eu me habituára, como o meu companheiro, á desolação da paizagem, á sordidez do albergue, á miseria da tribu, quando o destino me levou ao solo nipponico, que me appareceu, no nimbo de uma aurora, na sua plena apotheose de paiz privilegiado.

Já podeis ver, rapazes da minha terra, que este titulo de *Dai-Nippon,* o Grande-Japão, que a principio acaso

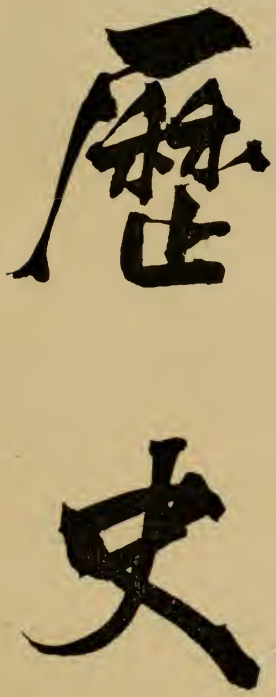
vos houvera suggerido a meu respeito umas pretenções classicas de historiador ou de publicista, nada d'isto accusa. *Dai-Nippon* é a lenda consagrada por todo o japonez e por toda a japoneza para designar a sua patria; lenda deliciosamente petulante, afigura-se-me; e que nem sempre vem de molde a este paiz de chimeras e de miniaturas, onde tudo é pequenino, as casas barraquinhas, o povo pueril por indole como as creanças; e onde cada homemzinho e cada mulherzinha, enovellado habitualmente sobre a esteira domestica, occupa apenas o espaço restricto de uma estatueta de salão.

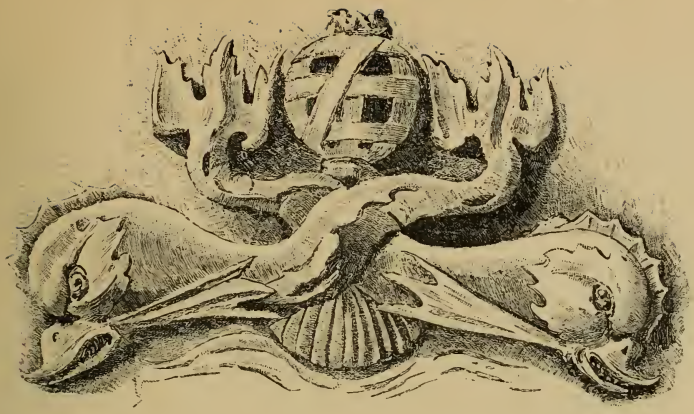
Embora. *Dai-Nippon* é uma phrase sonora, gentil, adoravel; é quasi um hymno nacional; escrevi-a na pagina primeira d'estas impressões sobre o minusculo Japão, não sei bem porquê, talvez para recordar um antigo companheiro, que se foi dos vivos; e já agora fica, e correrá com ellas a sorte humilde que as espera.

I

REKI-SHI

(A HISTORIA)





I

A HISTORIA

ncontro, sobre a minha mesa de trabalho, dois ou tres livros que fallam da historia japoneza; folheio-os, percorro com a vista as paginas. Disparate, sem duvida. Em primeiro logar, para que serve a historia; para que serve lançar vistas de alma ao passado, que fatalmente se foi para sempre? Dizem que para ensinamento dos povos. Póde ser; desejava que me indicassem o que têem os povos aprendido n'ella, os pobres povos; e se a sua condição de miseria, outr'ora entretecendo de festões de flores o caminho de um despota romano, hoje regando as couves de um illustre patriarcha qualquer

do constitucionalismo em que vivemos, differe sensivelmente. Quando se trate do Japão, o crime é mais flagrante e de mau gosto. O Japão é um paiz de encantos, já o disse; e, pois que é tão palpitante de vida actual esse grupo de ilhas enfloradas que alem surge do Pacifico, quem por ellas se interesse que vá lá, embora, entremetter-se na chusma descuidosa; falle da amenidade do seu clima, commente os seus primores naturaes, ame a sua arte privilegiada, adore mesmo as suas *musumés* deliciosas... mas deixe em paz os mortos, e respeite-lhes o desprezo e o odio que nos tributaram, vivendo systematicamente alheios a todas as civilisações, ciosos do mysterio da sua.

No entretanto, sem aproveitar do caso a lição que se me offerece, vou contar-vos em curtas paginas o pouco que retive.

Se acreditaes em lendas, — e não é mau que acrediteis, — convencei-vos do que eu já disse algures, se bem me lembro. Admitta-se commigo, que um dia algumas gotas de agua caíram da lança do deus Izagani, que se entretinha a profundar o mar; e d'essas gotas milagrosas nasceu a ilha de Awaji, onde o deus se foi gosar os seus amores com a deusa Iranani. Foi ella concebendo, primeiro as oito principaes ilhas do Japão, depois os trinta e cinco deuses ou kamis, e no numero d'estes a deusa do sol, Amaterasu. Feito das joias que ornavam a fronte de Amaterasu, nasceu um menino, que a mãe, com a benevolencia de todas as divindades, consagrou a altos destinos. Desce á ilha de Kiusiu o filho da deusa do sol, e ali por duas gerações governam os seus descendentes; seguidamente, dois d'elles atravessam o mar interior, guiam-n'os a ave de oito cabeças e a espada milagrosa; conquistam o Nippon central aos deuses e aos homens rebeldes; e um, Iware Hito, de seu nome

posthumo Jimmu Tenno, foi o primeiro soberano do Japão unido; morreu em 585 antes de Jesus Christo. A cadeia dynastica vem até hoje sem interrupções; o mikado, o imperador, descende assim directamente do sol, é seu parente; e como tal merece a obediencia e a adoração de todos os seus subditos.

O mytho nasce, pois, com a constituição politica; o deus e o imperador são contemporaneos; constituem mesmo como que uma noção unica, que é a essencia do shintoismo, a divindade do soberano; e á luz d'esta aureola, d'esta crença, se une o povo, e vae desempenhar pelos seculos fóra o seu papel no mundo.

Imagino que n'aquellas boas epochas de lenda a vida era simples como a vida de um rebanho: a existencia nomada de planicie em planicie, de valle em valle, de ilha em ilha, em demanda de confortos crescentes; e a obediencia cega, confiada, no Messias, que, encostado ao bordão do caminheiro, grave, meditativo, rondava os espaços com a vista profunda, proferia determinações solemnes. A monotonia das longas marchas de invasão seria apenas cortada, de quando em quando, por alguma risadinha indiscreta das *musumés,* que já n'aquelles tempos deveriam rir muito, a todos os pretextos; e ainda pelas prostrações reverenciosas ao sol que nascia, ao sol que desapparecia no occaso; e ainda pelas resistencias desesperadas, aqui e alem, do povo autochtona, d'esses barbudos e rusticos *ainos* talvez, que se diz povoaram primeiramente taes paragens; escorraçados passo a passo para os confins do imperio, e hoje representados apenas por algumas centenas de individuos, que ámanhã já por certo não existirão.

Da simplicidade archaica d'aquellas eras té ao complicadissimo rito do mikado-idolo, encerrado na sua

mansão de mysterio, servido por uma côrte numerosa, — que é como o Japão se nos apresenta quando d'elle lográmos ter a primeira noção, — Deus sabe quantas evoluções se encadeam pelos seculos... O mikado lá está no seu palacio de mysterio, immerso em longo meditar de cousas mysticas, um tanto alheio da terra, posto que não cesse de supplicar as bençãos dos avós para o seu bom imperio e para o seu bom povo. O sopro do budhismo, vindo da Coréa, já invadiu os espiritos impressionaveis das massas, mas não foi de encontro ás velhas crenças; modificou a fórma dos templos, introduziu deuses novos, mas sem abalar o prestigio dos primeiros, nem a essencia divina do soberano; e elle, o todo poderoso, continúa sendo adorado no mysterio, invisivel ao seu povo; e em seu nome se decretam e se cumprem todas as leis do estado.

Na côrte que rodeia o mikado, destaca-se em primeiro logar o vulto do kuambaku, o primeiro ministro, fallando como amo a todas as auctoridades do paiz, por mais altamente collocadas. O titulo foi dado em principio a um da celebre familia Fujiwara, da qual se póde dizer que governou o Japão durante quatro seculos, no goso das graças do imperio. Dos Fujiwara emanam os Sekké, os cinco ramos, Ichijo, Nijo, Kujo, Koroye, Takatsukasa, que têem o privilegio de fornecer os kuambaku e as imperatrizes; a actual é Ichijo.

Seguiam-se ao primeiro ministro, em ordem hierarchica, o taico, que distribue os titulos nobiliarios, e os demais nobres da côrte, os kugés. Entre estes ha os tres dai-jin (os grandes homens); depois os grandes conselheiros, dainagun e chinagun; finalmente, os altos funccionarios intimamente ligados aos negocios do estado, os gisos e os tensos. Eis a côrte, uma aristocracia de homens ociosos, alheios ao espirito guerreiro, ligeiramente effeminados nas suas longas vestes de sedas rojantes, com um enfeite de laca pousado na cabeça; aristocracia inteiramente preoccupada no seu officio

de aduladora, nas meticulosas praticas da etiqueta, e tambem nos grandes dramas surdos das invejas e das intrigas. Não communica com o mikado senão por intermedio das suas esposas (o mikado tem muitas esposas, como um deus galante), ou por meio de memorias escriptas. Nas occasiões solemnes, na vasta sala de Kioto, ainda hoje conservada intacta e accessivel ao exame dos curiosos, preside o mikado ás assembléas dos altos dignitarios, occulto ás vistas pelas longas cortinas de uma tenda de setins, que lhe serve de throno; escuta e não falla; é o kuambaku investido da honra de transmittir o pensamento.

Parallelamente a esta aristocracia nobiliaria, uma outra, inteiramente distincta, a aristocracia militar, exerce as suas aptidões, trabalha pelos seus interesses. São os daimios, os senhores feudaes dos innumeros retalhos em que se subdivide o estado, e sob suas ordens os samorais, os guerreiros assalariados de todos os graus, possuindo o privilegio de usarem de duas espadas á cinta. Destaca-se de entre toda esta gente o vulto dominante do shogun, o condestavel do mikado, superintendendo em nome do soberano na questão das armas, no que respeita á integridade do territorio, á repressão das luctas intestinas; com uma séde sua de governo, com uma capital, que primeiro foi Kumakura, mais tarde Kioto, por ultimo Yedo. Em quanto no palacio imperial a côrte dorme, ou intriga, ou se curva em reverencias, actividades turbulentas, energias febricitantes impulsionam a aristocracia guerreira. Odios mal reprimidos, velhas rivalidades, ambições de poderio, dão logar a mil dramas sangrentos, que em geral a acção do shogun, desprestigiado, mal póde dominar; a lucta fratricida desencadeia-se durante seculos, crudelissima, mas sempre cavalheirosa; a tenacidade n'uma idéa, a coragem infrene, a obediencia cega ao senhor do feudo, o desprezo da vida, escrevem com sangue paginas e paginas de lances briosos nos annaes do Japão. No en-

tretanto, o mikado pensa em Deus, enfada-se talvez do seu papel de idolo, mas pouco se preoccupa com o numero de cabeças dos seus subditos, que vão rolando barbaramente pela terra nipponica. Falta ainda nomear os ronins; é a chusma dos desclassificados, primeiramente samorais, expulsos do serviço por qualquer motivo, caídos na vagabundagem, na rapina. Endurecidos em todos os trabalhos, corajosos como quem já nada tem que perder nem que ganhar, algumas vezes são chamados a engrossar as fileiras dos exercitos; algumas vezes, por deliberação espontanea, vemol-os vingarem uma affronta feita a outrem, defenderem a causa do opprimido, sacrificarem-se pela patria.

Depois da aristocracia da côrte, depois da aristocracia das armas, resta pouco, a escoria, resta muito, o povo. A historia apresenta-o na desprezivel condição de classe infima, de classe vil, sem attenções nem privilegios, indefezo, sujeito inteiramente aos caprichos do daimio; o samorai que experimentar a lamina do seu sabre na cabeça de qualquer pobre aldeão, não tem que dar contas a ninguem da façanha que commetteu. E no entretanto o povo é a fracção japoneza mais interessante, mais sympathica, mais emocionante. Como cultivador, é elle que amanha pachorrentamente o solo, que semea as flores e os fructos, que cuida dos pomares, que dirige as aguas aos campos do arroz, que leva a abundancia á casa de todos; como artifice, é a sua mão paciente e inspirada que burila os metaes, que entretece o fio da seda, que molda e dá côr ás porcellanas, que desenha o kakemono, que enverniza os charões, que realisa emfim essa arte adoravel de galanteria, sem parallelo no mundo. É o povo que, completando o enlevo dos aspectos da creação, imprime ao paiz a caracteristica vida hilariante, que tanto o realça, pelas suas festas plebeas, pelas suas romarias religiosas, pela onda incessante das suas creanças e das suas *musumés,* aos bandos pelas ruas, encantadoras.

E não se vá julgar que a existencia lhe pesa. Embora escravo, adora o seu soberano, vive rico de crenças, e nunca o crente sentiu o peso da desgraça. Quanto ao resto, pueril sempre, creança sempre, bohemio sempre, quer gosar da paizagem, quer rir e quer brincar, delicia-se nos accordes da guitarra, no ninho das *chayas* e no convivio doce das *musumés;* e taes prazeres, creiam-n'o bem, não escaceam no Japão.

Eu lhes conto uma historia. Não ha ainda muito tempo visitei eu o castello de Akassi, não longe de Hyogo, hoje caído em ruinas, invadido pela vegetação brava. Um antigo serviçal e a sua companheira, dois pobre velhos, rastejando pelos cem invernos, são os guardas e os unicos habitantes do dominio, deixando sem menção os lagartos que passeam pelas derrocadas e as rãs que no fundo dos fossos vão coaxando. Quando alguem que me acompanhava, bom conhecedor da lingua, recordou aos velhos os passados tempos, as glorias de Akassi, grossas lagrimas lhes correram pelas faces de pergaminho. Não fallam aquellas lagrimas eloquentemente, mais do que tudo que eu aqui dissesse, do amor de um povo por um regimen nobilitado pela tradição de seculos sem conto? Não são ellas o testemunho insuspeito da sua estima pelo faustoso daimio, despota cruel, mas em todo o caso pae dos seus subditos, e honra e ufania de uma grande familia de trabalhadores mesquinhos?

Deve hoje presumir-se, de accordo com o que rezam as chronicas, que Marco Polo, o famoso veneziano, houvesse visitado o archipelago nipponico; terá então sido elle o primeiro europeu a pisar o mysterioso solo das tres mil ilhas, as terras de *Zipango,* como lhes chamou; mas da sua lendaria visita nada resultou, que o mundo approveitasse em consequencias praticas.

Foram tres mercadores portuguezes, Antonio da Mota, Francisco Zeimoto e Antonio Peixoto, que ensinaram á Europa o caminho do Japão; correndo a costa da Cochinchina em juncos de construcção siameza, colheu-os um formidavel temporal, que os arremessou sem governo e ao desbarato té ao sul do imperio, ás praias de Kagoshima, capital do daimiato de Satsuma; isto cerca do anno de 1542. Estava assim dado o inicio para a grande corrente de actividades a exercerem-se n'este pedaço de terra deliciosa, nos confins do mundo; e não tardou que viesse, corrente de tenazes campiões da fé de Christo, corrente de arrojados aventureiros avidos de ganancia; o nome lusitano vae salientar-se por longos annos nas scenas da vida nipponica, e merecer na historia tristissimas paginas, de sangue e de luto.

Andava então em peregrinação pelo Oriente o illuminado Xavier. As noticias que chegam a Malaca, do maravilhoso descobrimento, impressionam vivamente o seu espirito; em 15 de agosto de 1549 eil-o desembarcando em Kagoshima, seguido de perto por outros fervorosos missionarios e por atrevidos mercadores. A palavra doce e persuasiva de Xavier não encontra difficuldades em ouvir-se e em converter as massas, tanto mais que se lhe acercam n'um estado de anhelos de evolução, anhelos que a anarchia de então favorecia, anhelos que caracterisam uma das feições curiosas, repetidas de periodos em periodos, da familia japoneza. Por outro lado, os ambiciosos daimios recebem com jubilo a visita dos mercadores; fermentam então mil planos de intriga, mal disfarçadas invejas entre potentados vizinhos, querendo cada qual chamar a si o monopolio do commercio, que se apresenta promettedor em ganhos. É certo que as conversões multiplicam-se por milhares, principalmente na ilha de Kiusiu e em outras regiões do sul; não já entre a plebe, mas entre os samorais, entre os daimios, entre os principes da côrte. O proprio shogun Minamoto Taira dispõe-se a commungar nas novas crenças, quando,

pelos tempos de desordem que vão correndo, uma subita revolução o derriba, perecendo com elle toda a sua familia, a mãe, a esposa, os filhos, os sobrinhos. Succede-lhe no mando Nobunanga, um general entre todos feliz e arrojado; não ousando tomar o titulo de shogun, porque a sua origem plebea o não permitte, investe-se no cargo de dainagun, depois de dai-jin, e sob este titulo governa em nome do soberano, concentrando toda a sua energia de velho soldado em pôr termo ao estado dissolvente do imperio, corroido pela lepra das continuas guerras civis. Nobunanga protege os christãos, a fim de supplantar os buddhistas; é uma sympathia reflexa, mas em todo o caso fructificadora. Não vê nas ambições e nos desatinos dos senhores dos feudos a causa primordial da decadencia do paiz; mas sim nos bonzos, no bando dos frades buddhistas, que pouco a pouco haviam conseguido entremetter-se nas questões do estado, dominar nos espiritos, preferindo a intriga á prece, a espada ao rosario, a couraça ás vestes rituaes, transformando os conventos em verdadeiras cidadellas regorgitando de gente armada. É, pois, sobre o buddhismo que Nabunanga vae descarregar um golpe tremendo, desprestigiando-o para sempre. Lá para as margens do lago Biwa, em Hiysizam, ergue-se arrogante o maior convento do Japão, comprehendendo dentro das suas muralhas mais de quinhentos templos habitados por milhares de bonzos; é contra Hiysizam que o atrevido reformador investe, reduzindo a cinzas tudo, edificios e homens. Depois vira-se para o mosteiro fortificado de Osaka, cuja fradaria se orgulhou sempre de uma acintosa desobediencia ás vontades dos shoguns; sitia, ataca, chacina; e quando a côrte acode para persuadir os bonzos a render-se, vem tarde o conselho, porque já tinham sido mortas vinte mil pessoas, entre bonzos, concubinas (concubinas de frades!), criados, gente de armas.

Imagina-se bem que os missionarios christãos não arrefeciam em seus zelos; não, certamente; approveitando

com crescente porfia dos beneficios que indirectamente ihes advinham com o desprestigio dos seus maiores inimigos de então, que eram os bonzos, haviam já conseguido espalhar pelo imperio cerca de duzentas igrejas; quinhentas mil almas tinham abraçado a fé de Christo; e, mais extraordinario ainda, organisava-se uma embaixada japoneza, que ía a Roma depôr aos pés do pontifice a expressão dos seus votos de obediencia de humildes ovelhas.

É então, em 1582, que Nobunanga morre, victimado pela frecha certeira de um traidor. A successão dynastica dos shoguns está interrompida; as coisas continuam na mesma effervescencia anormal, o poder recáe nas mãos do aventureiro mais audaz. A Nobunanga succede Hideyoshi, um seu antigo culi, moço de fretes, mas de ha muito investido nos mais altos cargos das armas, mercê do fino tacto e da coragem desmedida de que deu provas. Hideyoshi, depois conhecido por Taico-Sama, torna-se um dos vultos mais populares na historia do Japão. Não ousa, pela humildade da sua origem, tomar o titulo de shogun; mas faz mais, faz-se kuambaku, vice-imperador; o seu programma é continuar a obra do antigo amo, trabalhar pela paz interna, pelo engrandecimento da patria. A questão religiosa, aniquilado o buddhismo, já não se apresenta sob o mesmo aspecto; é agora a sempre crescente familia christã que tende a emancipar-se das velhas tradições, que ergue a cabeça com altivez; o seu pastor espiritual já não está em Kioto, já não é o mikado, está em Roma e é o papa. É assim que Hideyoshi, não por odio de doutrina, mas por principio politico, se apresenta como o primeiro perseguidor dos discipulos de Xavier, promulgando leis tendentes a cohibir-lhes os impulsos. É elle o organisador de uma famosa expedição de conquista a esses vastissimos e sempre cubiçados territorios da Coréa e da China, presos á lenda por tradições de gloria; n'este projecto arrojado, que vae alcançar novos triumphos á patria,

vê elle a melhor diversão ao espirito irrequieto dos soldados, aguerridos nas luctas civis, e á exaltação mystica da turba. Durante cinco annos medita o plano; a armada parte, emfim, indo os christãos em grande numero entre os expedicionarios; nos generaes palpita a energia das grandes temeridades, e o caminho glorioso até Pekin traça-se-lhes já no pensamento como um clarão de apotheose. A morte surprehende Taico-Sama no anno de 1598, quando, desembaraçado de todos os elementos perigosos, elle se entrega efficazmente aos seus labores de pacificação, quando a Coréa é quasi totalmente avassallada, e o colosso chinez se humilha perante a legião invasora.

Taico-Sama deixa um successor, seu filho Hideyori, uma creança, entregue ao conselho de cinco governadores dedicados. A ultima vontade do heroe parece encontrar obediencia nos senhores poderosos. Um só se oppõe, um só se revolta, seu cunhado Yeyasu; chefe dos nobres Tokugawas, possuidor de vastos dominios ao norte, de que Yedo é a capital, julga-se com bastantes direitos ao mando supremo; e não é essa creança inconsciente, cuja paternidade se ousa mesmo baixinho pôr em duvida, que se lhe apresenta como invencivel obstaculo ás suas ambições. Rebenta mais uma vez a guerra civil. Yeyasu, com os seus samorais desde longa data instruidos nas armas, desce ao sul do imperio; os daimios colligados sobem ao seu encontro; e a planicie de Sekigahara, cerca de Biwa, é o theatro de uma terrivel peleja, de uma carnificina sem exemplo, onde Yeyasu conquista penosamente os loiros da victoria. O delirio do sangue chega ao seu auge. As espadas enterram-se nas carnes como enormes caninos de monstros esfaimados. Os feridos rasgam-se os peitos, roubando assim ao inimigo a satisfação de tel-os por captivos. É de então que a memoria do povo guardou até hoje scenas pavorosas, medonhos dramas de brios guerreiros. Perguntem, por exemplo, o que foi feito do general Shibata? Encontra-se no seu castello de Fukuyé, cercado

pelo inimigo, e a capitulação é imminente; reune então os seus capitães n'um ultimo festim; a noite passa-se na embriaguez da musica, da dança, dos cantares, do vinho; quando rompe a manhã, Shibata ergue a taça de *saké* n'uma ultima saudação, e dirige-se á esposa: —«Mulher, podes saír do castello e salvar a tua vida; os homens ficam, devemos todos morrer aqui; dou-te a liberdade; possas tu encontrar ainda, esposa de um outro, dias de ventura...»— Ella, a companheira fiel e heroica, despreza esta graça; e a espada de Shibata ergue-se a decepar as cabeças das mulheres, os homens suicidam-se depois de incendiarem o castello, o inimigo entra, finalmente, na posse de um montão de cinzas, onde fumegam os ossos dos cadaveres.

N'uma ultima batalha decisiva, Yeyasu desbarata totalmente as forças dos daimios; e nas chammas do castello de Osaka desapparece para sempre Hideyori, o desditoso pretendente, e com elle sua mãe. Está assegurado o dominio do despota. Data de então a crudelissima perseguição contra os christãos; Yeyasu é o tyranno; mas não condemnemos irreflectidamente um homem, que mereceu da sua patria a mais fervorosa veneração. Ha calamidades justificaveis, e esta é uma d'ellas. O imperio do sol nascente, minado por mil intrigas, por mil ambições desencontradas, ía-se esphacelando precipitadamente; a anarchia era por assim dizer a lei suprema, arrastando o paiz a todas as miserias. O espirito varonil, forte entre todos, que se erguesse a dominar os impetos, que impozesse a paz por qualquer preço, e legislasse depois leis sabias com a coragem de poder cumpril-as, sería um benemerito; e foi-o Yeyasu. Restabelecido o shogunato, toda a sua obra se resume em tirar á côrte e ao mikado a acção deliberativa nas questões do estado, embora conservando systematicamente ao soberano toda a auréola divina, e em governar com mão de ferro a turbulenta phalange dos daimios. Os christãos, entretanto, já não dissimulam a sua arro-

gancia. Em assumpto politico, toda a sua sympathia é pelo partido de Hideyori. O commercio é manejado ao sabor dos padres; quando um daimio se não converte, ou não consente mais uma igreja, o navio europeu, abarrotado de mercadorias, suspende a ancora ao aceno imperativo do primeiro missionario que assoma á praia, e vae demandar outra angra e tratar com outro senhor. Entre os mesmos missionarios lavra já íntima discordia, que os desprestigia a todos os momentos. Entre portuguezes e hespanhoes são sobremaneira curiosas as dissidencias: pela audaciosa partilha do mundo, cabendo a Portugal as terras de leste e á Hespanha as de oeste, sem que a obscura sciencia de então sonhasse nos perigos de um tal regimen, eis que padres e aventureiros, escorregando em sentidos oppostos por sobre a peripheria da grande bola terrestre, se encontram admirados, face a face, na mesma aldeia nipponica; e está-se imaginando como cada qual se esforça em esgares contra o vizinho, na defeza calorosa das suas regalias. Por seu lado, a pacata e manhosa Hollanda entra aqui como um poderoso elemento dissolvente, approveitando o ensejo para ir intrigando uns e outros, malsinando-os perante os nativos, mirando sorrateiramente aos seus unicos interesses. É bem visivel como uma tal situação se apresenta sobremodo instavel e perigosa. O fanatismo não cega Yeyasu; mas sobeja-lhe rasão para receiar muito d'essas provincias do sul, as mais expostas geographicamente a uma invasão de estranhos, governadas por principes adversos á sua causa, por principes que recebem de fóra armas novas, novos instrumentos de guerra, e onde o povo, tocado pela nova crença, se desliga virtualmente da obediencia aos seus senhores; são estas considerações que explicam o procedimento de Yeyasu e dos shoguns que vão succeder-lhe. Em 1614 rebenta a ordem de expulsão: vinte e dois frades agostinhos e franciscanos, cento e dezesete jesuitas e centenares de catechistas embarcam á força para a Formosa e para

a China continental; muitos japonezes deveriam ter seguido voluntariamente os seus mestres; em Macau alguns se acolheram, e assim se comprehende um resto de sangue japonez, ainda reconhecivel no typo physionomico de alguns dos mestiços macaistas. As perseguições e as violencias não tardam. Hidetada, filho e successor de Yeyasu, condemna á morte qualquer padre estrangeiro encontrado no paiz. Yemitsu, filho de Hidetada, limita primeiro as relações commerciaes com os europeus a Nagasaki e a Hirado, e prohibe aos nativos o direito de se expatriarem; emfim, em 1624, decreta a expulsão completa dos estranhos, com excepção dos hollandezes, que acceitam um humilde encerro na pequenina Decima, ilhota do porto de Nagasaki, onde labutam obscura, mas lucrativamente.

Mas a scena de sangue não termina aqui. Rebenta uma revolta, revolta de dor e de desespero, de pobres aldeões abrasados na doce fé de Christo; o velho castello de Shimabara serve-lhes de refugio. Têem de marchar contra esta plebe os veteranos da Coréa e da China; a resistencia é terrivel, e dois longos mezes são precisos para levar de vencida os ultimos christãos; trinta e sete mil encontram a morte em Shimabara; os que logram escapar são depois conduzidos a uma formosa ilha que surge á entrada de Nagasaki, Pappemberg, e precipitados das cristas das suas alcantiladas penedias; isto por 1637. Por estes tempos o navio do capitão André, ultimo da numerosa frota mercante, que Portugal espalhára pelo Japão, vôa pelos ares, incendiado, apoz uma valentissima resistencia.

Ainda, em 1640, o senado de Macau, avaliando mal a situação politica do formoso imperio, envia ao shogun Yemitsu uma embaixada, no intuito de reatar relações de amizade; de tal embaixada, toda a gente foi morta, com excepção de uns treze, a quem foi permittido que retirassem, para que viessem contar do acolhimento da empreza.

Terminou a tragedia. Yemitsu, livre de todas as preoccupações, entrega-se a reformar as leis do paiz, a impôr severos preceitos de obediencia aos daimios, seus vassallos. E o Japão fecha as portas a estranhos, e volta a ser, durante mais de dois seculos, o paiz de mysterio que d'antes fôra. Sem o braço energico e indiscutivelmente cruel de Yeyasu, é admissivel suppôr-se que a nacionalidade japoneza houvesse sossobrado em presença das cubiças occidentaes; o patriotismo arrogante d'este homem deve bastar, aos nossos olhos de europeus mas de imparciaes, para relevar-lhe as paginas de implacavel dureza, que elle escreveu nos annaes nipponicos.

Acabou a nossa influencia no imperio do Sol Nascente. Apresentára-se elle como um paiz maravilhoso aos olhos dos nossos atrevidos navegantes, maltratados por todos os rigores das terras safaras, das terras pestiferas, das terras barbaras, por onde íam mourejando duramente; as narrativas enthusiasticas de Fernão Mendes Pinto e de outros traduzem esse encanto que emana do delicioso archipelago, ainda hoje sobresaltando o viajante; encanto que então daria á paizagem tons amenissimos de cantinho de paraizo, legado milagrosamente aos filhos de Eva. Reservava-nos o destino o mais tragico rompimento, que hoje se explica pelo estado social de um paiz, prenhe de energias latentes, e onde entravamos com muita fé, com muito arrojo, mas com pouca sciencia das cousas; é o triste premio dos que vão na vanguarda, allumiando a estrada áquelles que são mais cautelosos.

Da passagem dos lusitanos pouco ficou, mas ainda o bastante para assignalar até hoje a sua intensa influencia momentanea. De monumentos, uma ou duas pontes de tosca alvenaria, galgando pela ribeira que serpeia por Nagasaki. De crenças, uma mystica flor de christianismo,

que todas as matanças não lograram fazer murchar inteiramente, que dois seculos depois foi revelada, n'uma tribu fiel de gente humilde, vivendo a occultas na communhão da mesma fé, ensinada pelos missionarios aos trisavós. Na linguagem ficou uma multidão de palavras portuguezas, hoje inteiramente nacionalisadas; imagine-se a agradavel surpreza de um portuguez, quando escuta esses vocabulos patricios, proferidos tão longe da sua terra. Ouçam: o japonez diz *tabaco,* como nós dizemos, e parece certo que fomos nós que lhe levámos a planta e o uso d'ella; diz *bidro* (algum minhoto lhe ensinou o termo), e foram os portuguezes que lhe trouxeram os primeiros objectos de vidro; diz *copo,* como nós; diz *catana,* como synonimo de *espada;* diz *batera,* por *bateira;* diz *confeto,* por *confeito;* diz *pan,* por *pão;* e a lista é numerosa. Por outro lado, eis a palavra *kaya,* genuinamente japoneza, de *ka* (mosquito) e de *ya* (recinto), usada em Macau por *mosquiteiro;* dizemos *biombo,* que vem certamente de *bióbo,* termo japonez com significação identica.

Passam os tempos; entramos no anno de 1854. A republica dos Estados Unidos bate á porta do Japão, na pessoa do commodoro Parry, que vem tratar com o governo do shogun uma auctorisação, para que os navios americanos possam vir negociar nos portos de Simoda e de Hakodate. É o signal do alarme. É o primeiro sopro de uma tempestade imprevista, que vae abalar todo o Japão na sua velha architectura social, despertando-o violentamente da longa paz de sybarita, paz que o isolamento, a benignidade do paiz e a orientação politica das Tokugawas lhe haviam creado. O periodo que vae succeder-se, que abrange o desprestigio gradual do shogunato perante a côrte e o soberano, a sua quéda final, a restauração do poder do mikado, tomando este

sobre si a acção dirigente do imperio, é já melhor conhecido por nós, e melhor julgado do que as mysteriosas paginas do Japão anterior. Entretanto apresentam-se tão varias as peripecias d'este estranho drama social, tão movimentada a scena, que eu prometto aqui, sem pretenções a historiador, frisar muito de leve os pontos culminantes e accusar o epilogo, que transporta o imperio a uma phase nova de surprehendentes actividades; e passo alem.

A America, iniciando a campanha diplomatica, parece ter-se enganado na porta, como vulgarmente se diz. Não era o governo do shogun que deveria ser instado a resolver sobre assumpto tão capital, como este, mas sim o governo do mikado, o senhor supremo da terra nipponica; tanto, porém, se eclipsára o soberano na sua existencia de idolo, e tanto se pozera em evidencia a acção deliberativa dos successores de Yeyasu, que era facil o equivoco, attribuindo-se logicamente ao shogun amplos poderes de reinante, e ao mikado uma platonica importancia de pontifice do culto. O engano, entretanto, talvez tivesse favorecido admiravelmente a rapidez das conclusões. O mais curto caminho entre dois pontos, em diplomacia, nem sempre se harmonisa com o conceito geometrico; e mal se concebe o que poderia succeder, se o commodoro Parry, e a exemplo d'elle os ministros estrangeiros que lhe seguiram a esteira, se houvessem dirigido directamente á cidade santa de Kioto, mansão do soberano, e tratado com a côrte emphatica, ignorante de tudo que não fosse o alto valor dos seus pergaminhos.

Tres annos depois desembarca M. Harris, pretendendo habitar o paiz como representante dos Estados Unidos. O audacioso diplomata consegue ir a Yedo e fallar com o shogun, a despeito das resistencias que se lhe oppõem. As suas propostas são estas: commercio livre entre os dois paizes, abertura dos portos de Yokohama e de Osaka, representação diplomatica em Yedo. O shogun, que é então Yesada, resiste quanto

póde, tergiversa; mas cede, emfim, por coacção, por medo. Morre no dia em que se assigna o tratado; e a voz do povo, que é muitas vezes a voz de Deus, vê n'esta estranha coincidencia mais do que um simples acaso, mas sim um mysterioso desforço do partido conservador, que é dominante.

Como se explica o procedimento de Yesada? É ou não com a approvação do mikado, que elle cede ás instancias americanas? Por muitos annos o assumpto é discutido, e pouca luz se faz. Parece que, no palacio divino, as opiniões da côrte variam, multiplicam-se, contrariam-se. Pelo lado de Yesada, e dos seus successores, mais em relação com os estrangeiros, com vistas mais claras sobre a força fatal das circumstancias, a sua politica é de cedencia, conciliadora, ora illudindo o soberano no que respeita ás questões com os intrusos, ora aconselhando-o em favor d'elles. Assim despertado do seu placido nirvana, o bom imperador differentemente se influenceia, approvando hoje o que condemna amanhã, sem intuição nitida dos acontecimentos.

Yesada não deixa herdeiro. Apparece em scena Ii-Kammon-no-Kami, na qualidade de regente, propondo a candidatura do principe Iyemochi, uma creança de doze annos, em opposição a Stotsubachi, que a côrte se esforça por acclamar. Trava-se uma renhida lucta politica, que põe em evidencia uma antiga deslealdade do principe de Mito contra o shogun; vence o regente e é proclamado Iyemochi; os adversarios são reduzidos á miseria e á deshonra, e Mito encarcerado. A Inglaterra, a Russia, a Hollanda, a França não dormem; vão obtendo concessões, que os acontecimentos internos favorecem. É então que sôa a hora da desforra para os vencidos, o regente paga com a vida a sua audacia em querer arrostar contra a opinião geral. Na manhã de 23 de março de 1860, quando na sua liteira e rodeado de grande cortejo, se approxima da residencia shogunal, é colhido de surpreza e assassinado; são uns dezesete ro-

nins os criminosos, que apoz se vão estoicamente entregar á justiça do shogun; são instigadores os samorais de Mito; e é em frente do castello d'este principe que vae permanecer em exposição a cabeça ensanguentada do seu terrivel inimigo, com esta simples legenda: —« é isto a cabeça de um traidor, que violou as santas leis do Japão, admittindo os estrangeiros no paiz» —.

Ao regente morto succede Ando, sem que as cousas mudem de feição. A effervescencia progride, os partidos accentuam-se. Algumas scenas isoladas, de vingança popular, irrompem. O secretario da legação americana, é morto em janeiro de 1861; pouco depois é assaltado o edificio da legação ingleza; é a classe militar, são os samorais, que se evidenceiam n'estes dramas da rua, impellidos pelo amor fanatico da terra nipponica, que julgam ameaçada nas suas instituições e desprestigiada na sua magnificencia. Ando escapa a uma tentativa de assassinato, para mais tarde caír no desfavor do soberano. Já não são os tempos de Yeyasu; as deliberações do shogun são discutidas; a côrte impõe-se novamente; entre Kioto e Yedo cruzam-se constantemente emissarios, trocam-se mensagens. A irritação cresce, como a vaga da procella; o grito de —«morte aos estrangeiros!»— sôa, implacavel, nas cidades como nas aldeias, nos castellos, nos palacios, no lar humilde.

Chega a Yedo Ohara Sacmon, investido da grave missão de apresentar ao shogun a expressão da vontade imperial: — o shogun virá a Kioto, com todos os daimios, a fim de conhecer-se a vontade do paiz, de expulsar os intrusos e de acalmar a indignação dos deuses; cinco dos mais nobres principes serão escolhidos como conselheiros, dirigindo a politica do imperio; Statsubachi será nomeado guarda do shogun.

D'esta vez a submissão do shogun é completa. O que desde logo é exequivel, cumpre-se immediatamente; a roda da fortuna permitte aos vencidos de hontem a reinvidicação das suas regalias; e são duramente punidos todos os que de qualquer modo se evidenciaram pelo menospreso dos intuitos da côrte, pendendo para o partido do shogun, ou antes para a orientação dos seus regentes. É o primeiro passo para a concentração do poder em Kioto, para a ingerencia effectiva da côrte, para o descredito shogunal. A este tempo as façanhas dos samorais e dos ronins não têem termo; e Yokohama e Yedo, e todos os pontos onde os estrangeiros chegam, são theatro de vinganças contínuas, urdidas na sombra do mysterio; é o assassinato de duas sentinellas da legação britannica; é o assassinato do inglez Richardson, devido á gente de Satsuma; é ainda o incendio intencional da residencia do ministro inglez em Goten-Yama, a deliciosa collina que fôra o enlevo do povo de Yedo, o seu passeio habitual pelas alegres romarias primaveraes. E é durante uma situação tão critica, que o joven shogun abala para Kioto, receoso sem duvida do soberano, mas feliz por outro lado em escapar-se temporariamente ás reclamações e exigencias dos diplomatas estrangeiros, que não cessavam de atormental-o.

A orgulhosa Albion, tão pouco affeita a ver-se assim desrespeitada pelos povos do Oriente, que sempre reputou como um bando de vassallos, apressa-se com um *ultimatum,* exigindo reparações e ameaçando com o poder da sua esquadra. De Kioto acceitam a noticia com galhardia; os animos sobreexaltam-se, cuida-se fervorosamente dos preparativos bellicos. O mikado dá ordem ao governador, que envia a Yedo, para varrer para longe os intrusos, como se varre a poeira com a vassoura; e dispõe-se solemnemente, no templo do deus da guerra, a entregar nas mãos do shogun a espada vingadora, que ha-de exterminar os obstinados occidentaes. Circumstancia curiosa: o shogun, o regente, todos emfim, furtam-

se a tamanha honra, que lhes parece demasiado dura, pretextando subitas indisposições; e a espada não encontra mãos frementes que a recebam. Os ronins, no delirio da exaltação, chegam a supplicar ao soberano a honra de conduzil-os á batalha; mas já se perdem na bruma da lenda os tempos heroicos, em que o mikado podia ser deus e soldado, patriarcha do seu povo, sereno na paz e o primeiro valente na peleja; já não sabe senão resar, o pobre mystico...

Em Yokohama as auctoridades inglezas e francezas trabalham de accordo. O momento é gravissimo, um rompimento de hostilidades parece imminente. O diplomata inglez annuncia aos subditos britannicos que não dispõe de forças bastantes para a resistencia, e convida-os a evacuarem o paiz no caso de ataque; isto promove uma grande excitação da parte dos residentes, cujo orgulho nacional vê com bons olhos qualquer desfeita imposta á terra nipponica, mas salvaguardando conjunctamente os seus interesses de balcão, a pingue colheita de dollares incessante; e reclamam energicamente um auxilio efficaz, que lhes garanta a lucrativa permanencia. É o governo do shogun, sempre prudente, sempre tergiversador, que se encarrega de afastar o perigo immediato, solicitando e obtendo uma prorogação do praso indicado no *ultimatum* inglez.

No entretanto, uma nova complicação sobrevem. Chegam de Kioto, ao que parece, as primeiras ordens contra os estrangeiros; o governo de shogun, illudindo as determinações do mikado, mas desejoso de chegar aos mesmos fins, e de assim dar prova de obediencia á auctoridade suprema, promove a occultas a evacuação de Yokohama pelos nativos; serviçaes, operarios, traficantes, eil-os que vão em debandada; cessam os ne-

gocios, é deserta a cidade; a evacuação pela parte dos estrangeiros impõe-se agora como necessaria, como logica. É n'este momento que os francezes decidem o desembarque da gente armada, a fim de defenderem os interesses dos seus naturaes.

Segue-se um periodo extremamente curioso, por certo sem parallelo na historia, filho d'essa dualidade paradoxal de poderes, mikado e shogun, que governava o Japão. Em Kioto, a côrte rancorosa, impondo os seus designios ao pobre shogun feito seu captivo, forja leis de expulsão, excita os animos, arma os samorais. Em Yedo e em Yokohama, as auctoridades japonezas fazem longas visitas amigaveis ás legações estrangeiras; desculpam-se como podem, attribuindo á côrte a responsabilidade dos acontecimentos; e solicitam para Yokohama a neutralidade, na hypothese de uma guerra inevitavel.

Em 24 de junho de 1863, quando menos se espera, a indemnisação por longo tempo pedida pela Inglaterra é integralmente satisfeita; e segue-se uma notificação aos ministros, annunciando-lhes a ordem terminante de expulsão. Esta ordem, longe de esfriar as relações, mais as estreita, em Yokohama; e japonezes e francezes, contando já com o auxilio britannico, trabalham na defeza da cidade, para o caso de uma invasão emprehendida pelos samorais do sul.

Voltemos as vistas para o sul do imperio, onde agora se vão passando cousas extraordinarias.

No dia 25 de junho, o vapor mercante americano *Pembroke,* ao passar o estreito de Simonosaki com rumo ao mar interior, é atacado pelo vivo fogo dos navios japonezes. A 16 de julho o attentado é mais grave ainda, pois é sobre o aviso de guerra francez *Kien-Chan,* que as baterias do mesmo estreito e alguns navios ancorados

descarregam a sua artilheria, fazendo-lhe grossas avarias. Seguidamente, ainda em Simonosaki, a fragata hollandeza *Medusa* soffre maior desfeita, sendo alvo do fogo vivissimo de nove baterias e de dois vasos de guerra; trinta e um projecteis atravessam o costado; por tres vezes os obuzes inimigos lançam o incendio a bordo; quatro homens cáem mortos e cinco feridos. A situação não admitte duvidas: é uma declaração formal de guerra a todas as potencias, por parte do principe de Nagato, que representa o grupo mais audacioso do partido adverso aos estrangeiros; e tanto a sua politica se define, que a margem sul do estreito, pertencente a outro senhorio, conserva-se silenciosa e simples espectadora d'estas arrogancias.

Quando as noticias chegam a Yokohama, o almirante francez Jaurés não se demora em enviar dois navios a desaggravarem a affronta; o campo de acção é naturalmente o estreito; é bombardeada e destruida uma fortaleza, tomada de assalto apoz mediocre resistencia, e só abandonada depois de encravadas as peças e incendiados os paioes e os estabelecimentos militares vizinhos. Por seu lado a Inglaterra, impellida pela nova orientação dos acontecimentos, julga opportuna a occasião de ajustar contas com a gente de Satsuma, de quem ainda não recebêra indemnisação pelo assassinato de Richardson. A esquadra fundea no golfo de Kagoshima e apresenta as suas exigencias; as evasivas do principe não fazem prever uma solução rapida, quando um incidente imprevisto accelera o desfecho. Dando-se vista de tres vapores, abandonados de equipagem, pertencentes ao governo de Satsuma, o almirante inglez manda conduzil-os para junto da sua esquadra; este procedimento, que os japonezes tomam por um desafio, leva-os a descarregarem todas as suas baterias sobre a frota britannica; esta então suspende, arrostando com um mar violentissimo de tufão, desfila a curta distancia dos fortes, lança-lhes uma chuva de metralha e volta para Yokohama.

Mal póde ser comprehendido o que então se vae passando no seio da côrte. A arrogancia de Nagato é a principio applaudida, seguidamente reprovada, castigada. Kioto torna-se o theatro de grandes intrigas. O mikado, cedendo a um impulso de confiança pelo shogun, permitte-lhe que volte á sua capital de Yedo, encarregando-o entretanto de estudar profundamente o assumpto momentoso de afastar os intrusos. Em Yedo, nas relações com os estrangeiros, por uma politica mysteriosa e de tergiversações, a primitiva ordem de expulsão é retirada, mas são convidados a abandonarem Yokohama e seguirem para Nagasaki e Hakodate; a proposta não é acceita. Quando menos se espera, chegam emissarios de Satsuma, encarregados do pagamento da indemnisação á Inglaterra; nas suas longas palestras, cheias de rodeios e de reticencias, transparece o desejo estranho do seu principe, de querer fazer entrar os seus dominios no accôrdo commercial de que só gosa o shogun; e o porto de Kagoshima é offerecido, no caso de fechar-se Yokohama. É por este tempo que o shogun, incapaz de pôr em execução as ordens imperiaes, envia uma embaixada á Europa, a fim de tratar das questões mais palpitantes.

De novo Iyemochi é chamado a Kioto; a côrte interessa-se em humilhal-o; apegada á tradição de muitos seculos, não pensa ainda em poder prescindir do seu braço; trabalha, comtudo, no proposito de tirar-lhe toda a acção dirigente, reduzindo-o ás simples funcções de poder executivo. Entre o mikado e o shogun troca-se uma longa correspondencia, em que ambos lamentam profundamente o estado a que os estrangeiros arrastaram o paiz, manifestando o firme proposito de darem prompto remedio ao mal. O shogun parte da cidade santa com a confiança do soberano e finalmente emancipado da tutoria de Stotsubachi, que toma o titulo de protector do palacio imperial e commandante em chefe da defeza maritima de Osaka. Chegado a Yedo, é com natural espanto que os diplomatas estrangeiros se aper-

cebem do seu reviramento na questão politica. Iyemochi confessa ter mal obrado acceitando os tratados, confessa ter-se enganado sobre as consequencias financeiras do commercio com a Europa, julga inadiavel a necessidade de fechar o porto de Yokohama; mas já pouco impressionam essas fluctuações de uma politica, que os successos se encarregam de apresentar impotente. Uma expedição a Simonosaki, já de antemão preparada, composta das esquadras britannica, franceza e hollandeza, vae reduzir á obediencia o principe de Nagato, que, em breve, apresenta as suas desculpas e declara livre o caminho do mar interior.

Por este tempo desencadea-se uma terrivel tempestade em Kioto, junto do palacio imperial, quasi sem conhecimento dos estrangeiros. São os samorais de Nagato, levantados em massa, manifestando energicamente á côrte o seu sentimento pelo desfavor em que caíra o principe; a carnificina é atroz, a victoria a principio indecisa; até que finalmente vence o partido da côrte, e a gente de Nagato é votada ao castigo implacavel, que o braço de shogun tem por dever de impôr-lhe. No entretanto não desfallecem os partidarios de Nagato; o principe gosa de um nome prestigioso, ganho pelo seu aferrado amor á patria e pelo odio intransigente que vota aos europeus; por outro lado, a sua perda sería o engrandecimento de um outro potentado, mais perigoso e mais temido por todos, o senhor de Yedo; e allianças mysteriosas se formam, com Satsuma, com outros daimiatos de notoria importancia. Dá-se então um curioso reviramento, que não é difficil de explicar: estes daimios colligados, pouco antes tão ferrenhos partidarios do isolamento do Japão, pouco antes tão soberbos no seu desprezo pelos estrangeiros, procuram agora por todos os modos relacionar-se com elles; e aos negociantes europeus se vão prover de armas, de munições de guerra, indispensaveis para a lucta que fatalmente têem de sustentar contra o inimigo commum. O shogun, pela sua

parte, considera a punição do rebelde como um dever indeclinavel dos seus brios; organisa o exercito; parte, dirigindo-se primeiramente a Kioto, onde consegue do imperador a ratificação dos tratados com os estrangeiros; segue ao encontro do inimigo, onde o espera a derrota, com que estava bem longe de contar.

A questão europea está resolvida em principio, legalisada. O que agora se apresenta como mais interessante é a vida nipponica, é o tropel dos factos, que vão riscar para sempre da constituição do paiz a entidade de shogun.

Iymochi morre em Osaka. Succede-lhe Stotsubachi; como politico, é um irresoluto; o seu primeiro acto de shogun o classifica, obtendo do mikado a permissão para reunir em Kioto os daimios principaes, a fim de resolver-se sobre as questões do estado. Poucos mezes depois morre o soberano; e é o actual imperador uma creança então, quem assume o mando supremo, entregue á direcção de uma regencia.

Os tempos são evidentemente bem differentes. Os estrangeiros instam com o novo shogun pela abertura do porto de Hyogo, e a abertura é decidida. Os daimios, por seu lado, não occultam o intimo desgosto pelo monopolio exclusivo, que o shogun se permitte fazer com as nações, e de que é elle o unico senhor a recolher proventos. Os principes obtêem o perdão de Nagato. O prestigio shogunal declina a olhos vistos. É o principe de Tosa o primeiro que ousa traduzir ao shogun os sentimentos da côrte, convidando-o a depôr nas mãos do mikado os attributos do seu cargo, concorrendo assim para que o Japão encete uma nova era de regeneração social, de unidade politica, necessaria para dignamente poder relacionar-se com o mundo civilisado. Tão rude

franqueza parece não irritar Stotsubachi, que declara officialmente querer submetter-se a qualquer deliberação dos daimios. O golpe anticipa-se, sem mesmo esperar por essa deliberação; estamos em 1868, quando um decreto imperial supprime o shogunato, acabando para sempre com essa estranha dualidade de poderes, que por longos seculos governou o Japão. Agora Stotsubachi, surprehendido, arrependido talvez tardiamente da espontaneidade das suas confissões, declara não obedecer ao decreto, que reputa forjado na intriga da côrte, illegal, por não emanar do conselho dos principes. É a rebellião. A lucta decide-se pelas armas; do lado das facções da côrte fluctua o sagrado pavilhão imperial, que a soldadesca do ex-shogun não se peja de rasgar com a metralha da sua fuzilaria; desbaratado, vencido, Stotsubachi abandona na desgraça a sua gente, conseguindo fugir para bordo de um navio japonez, o *Kayo-Maru,* fundeado no porto de Osaka; e é este barco commandado por Enamoto, um fiel servidor, que o leva ás aguas de Yedo.

O crime de Stotsubachi para com a auctoridade divina do soberano é sem exemplo na historia do Japão; os santos manes dos avós do monarcha estremecem de colera, reclamam um solemne e immediato castigo; e assim se forma uma legião vingadora, que foi conhecida com o nome de *exercito de castigo,* e que irá procurar e bater os rebeldes nos seus mais inaccessiveis baluartes. No entretanto a côrte, senhora da situação, solicíta das legações o reconhecimento official do novo governo; o mikado faz uma proclamação ao povo, annunciando-lhe a sua approvação plena aos tratados; o soberano, invisivel até agora no seu throno-altar, passa a ser homem, recebe em audiencia os representantes das nações. Evidentemente, a gente que inicia a nova

constituição preoccupa-se em ganhar as sympathias dos estrangeiros, pelo menos em conserval-os em neutralidade perante os acontecimentos, na intuição nitida dos graves inconvenientes que lhe adviriam, se os rebeldes achassem protecções fóra do paiz.

Este sagaz programma politico escapa sem duvida á comprehensão do povo rude, dos samorais e dos ronins sobretudo, educados durante longos annos n'um principio, — o odio implacavel aos intrusos. — As scenas de sangue repetem-se. Na ruas de Hyogo um bando de soldados do principe de Bizem encontra alguns europeus, que não se prostram á passagem do seu chefe, e faz-lhes fogo. Dias depois, os samorais de Tosa, em marcha para o norte contra o ex-shogun, matam onze marinheiros francezes, encontrados na praia de Sakai. Agora, porém, a punição é rapida e as indemnisações promptamente concedidas. O official que deu a voz de fogo em Hyogo, Taki-Zenzaburo, é condemnado ao hara-kiri, o sangrento suicidio tradicional, em que o paciente se abre o ventre com a lamina da propria espada, competindo a um amigo dedicado o officio de acabar-lhe com a vida, decepando-lhe a cabeça; é no emtanto a morte honrosa, negada a um criminoso vil. Os samorais de Tosa têem a mesma sorte; e ainda hoje se mostra ao forasteiro o templosinho florido, onde aquelles obstinados pagaram com a vida o seu amor pela patria, amor excitado até á allucinação pelos proprios senhores que elles serviam.

O exercito de castigo alcança Yedo. Pelo caminho não encontra obstaculos; a cada passo se engrossa com os reforços dos que adherem á causa imperial. Em Yedo o ex-shogun escuta sem murmurio as ordens emanadas do soberano, e parte para o exilio que lhe apontam; a sua conducta sería a de um fraco, se não transparecesse antes a magoa de um espirito que se reconhece criminoso, ferido pela fatalidade do seu destino, desejoso de prestar pela obediencia um derradeiro culto á magestade

soberana. São os seus samorais, já sem chefe, já desalentados de toda a esperança, mas ainda reunidos por um requinte de honra militar, pelo culto de um principio, que resistem, que se expõem á matança. Quem logra escapar, vae pedir á ilha de Yezo o ultimo refugio; mas lá chega tambem a legião vingadora, a destruir a esquadra do rebelde Enamoto, a desbaratar as ultimas guerrilhas.

A transformação é completa, o antigo edificio desfaz-se por encanto ao sopro da idéa nova, que anima os homens do poder. Os daimios, que ameaçam como um perigo constante a paz interna, pelo seu espirito de intriga e de ambição, são destituidos. Segue-se naturalmente a extincção da classe dos samorais, embora vencendo resistencias conservadoras, que pareciam insuperaveis; e cria-se o exercito imperial. O joven soberano abandona Kioto, a velha cidade das tradições; e estabelece em Yedo a sua capital, a capital do Japão restaurado, dando-lhe o nome de Tokio. Por um momento parece imminente uma expedição á Coréa, desde muito esquecida dos seus deveres de vassallagem, impostos pelo grande Taico-Sama; é o partido militar que excita os animos, habituado ás aventuras da lucta, resignando-se difficilmente á paz ociosa que se annuncia no futuro; mas a voz da prudencia consegue fallar mais alto, reclamando todas as attenções para a consolidação d'essa mesma paz. Para vingar um insulto feito pela gente da Formosa a alguns naufragos japonezes, tres mil homens partem e invadem a ilha; a China humilha-se e paga a indemnisação imposta, e as tropas recolhem com os loiros da victoria. Uma seria revolta rebenta em Satsuma, penosamente soffocada pelo exercito imperial. Emfim, os animos, em effervescencia, difficilmente se acalmam; são os ultimos clamores de reacção de um povo, que passa sem transições a um estado social radicalmente opposto á sua velha maneira de ser. A restauração imperial está no emtanto assegurada; e actividades nascen-

tes vão distrahir para outro campo as energias palpitantes da nação. Impellidos pelo sopro reformador da vida nova, sopro que lhes vem de longe, das longinquas civilisações do mundo occidental, os japonezes encetam a tarefa de todos os progressos sociaes, de todos os progressos scientificos, de todos os progressos de industria e de arte. É uma metamorphose maravilhosa, para que bastam alguns annos apenas. Codigos reformam-se, novas leis promulgam-se. Criam-se escolas, onde véem derramar a primeira luz scientifica habeis professores estrangeiros; jovens de todas as profissões vão por seu turno á Europa completar o seu saber. Erguem-se por encanto os arsenaes, as manufacturas; a industria europea nacionalisa-se. O caminho de ferro cruza todo o imperio. Vapores, em que fluctua a bandeira japoneza do sol nascente, sulcam as aguas do Pacifico e do mar da China; e uma bella esquadra de guerra baloiça-se nas bahias do archipelago. É assim o Japão de hoje. A febre estonteante do modernismo esteve a ponto de lançar o Japão n'uma ruina formidavel, entregue á usura e porventura á fraude dos grandes especuladores; presentiu elle o perigo á beira do abysmo; e hoje, mais prudente, avança cauteloso e desconfiado, salda as suas contas, rehabilita-se, engrandece-se, maravilhando o mundo.

A par da sua progressão material, progride em ambições. O Japão instituiu as suas camaras, os seus ministerios, os seus tribunaes, tudo pelo molde dos paizes mais cultos: nada falta. Os japonezes, orgulhosos como asiaticos que são, mas mais orgulhosos ainda do que qualquer outro povo asiatico, consideram-se hoje como tendo attingido o auge da civilisação. Que mais faz a Europa, que mais faz a America, que lhes dê direito a encaral-os como inferiores na grande communhão das nações? E, comtudo, é essa a mesma Europa, é essa mesma America que resistem a todas as instancias, não riscando dos tratados uma clausula affrontosa, a da jurisdicção dos estrangeiros exercida pelos seus consules.

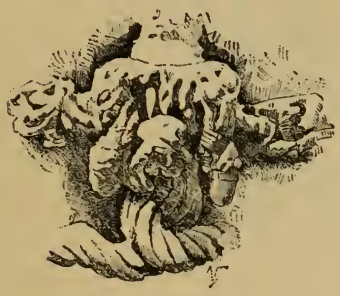
É assim que este assumpto de direito attinge nos ultimos annos uma importancia grave. Um ministro japonez tenta conciliar reciprocas intenções, trabalhando n'um plano de jurisdicção mixta, que os estrangeiros se inclinam a acceitar; mas tal tergiversação tão pouco corresponde ás ardentes ambições do povo, que uma bala de dynamite vem ferir o legislador, que julga prudente não insistir no seu proposito. Muito recentemente a Inglaterra, e com ella as demais nações, parecem dispostas a dar satisfação aos melindres do Japão, tendo em mira, por certo, altos interesses de expansibilidade, pois de um regimen egualitario deverá nascer, como consequencia natural, a abertura de todo o imperio ao commercio estranho.

Chegamos aos dias que vão correndo. A ultima guerra apenas terminada, em que o Japão se envolveu contra a sua velha rival, é um facto brilhantissimo, que maravilha a Europa, mas que ainda não pertence á historia. Vive-se ainda n'esta surpreza, e mal se julga d'ella e dos seus effeitos. Espiritos ha, que querem adivinhar no futuro, e para quem a marcha gloriosa do exercito invasor e o tributo pago humildosamente pela China representam apenas o preludio de um qualquer drama assombroso, que virá procurar no Extremo-Oriente o seu scenario. Os prophetas tambem se enganam; deixemos ao tempo a impassivel tarefa da successão dos factos.

Que julgaes agora? Pensaes que ao paiz nipponico, livre dos grilhões do feudalismo, assista o dever de abençoar a hora das reformas e das liberdades, que, ha apenas alguns annos, soou para todo o imperio, abrindo-lhe horisontes novos, e arrastando-o ao convivio com o mundo civilisado? Eu sei lá!... Convençâmo-nos, primeiro que tudo, que uma tal transformação se impunha

como uma lei fatal da evolução dos povos. Vulneravel pela sua condição geographica, attrahente pelo seu clima, pelos seus encantos, pela sua industria, o Japão não podia escapar á cubiça estrangeira; e, uma vez em contacto com o mundo exterior, era inevitavel a quéda de um regimen paradoxal, que só o absoluto isolamento da nação ía mantendo intacto; o caracter irrequieto, enthusiasta, dos japonezes, foi um factor secundario, que não fez mais do que accelerar as phases evolutivas. Mas não bemdiga o delicioso Dai-Nippon d'essa hora de subito transformismo. Será talvez uma obcecação doentia do meu pobre espirito de sonhador, será; mas eu vejo sempre com pezar o effeito d'essa picareta demolidora, a que se convencionou chamar progresso, e que vae impudentemente ao coração dos povos destruir-lhes as tradições, as crenças, os usos, a homogeneidade typica, dando-lhes em troca, se não me engano, bem pouco mais do que alguns fardos de algodão inglez. E o Japão deveria ser tão bonito, no mysterio dos seus idolos, com os seus principesinhos vestidos de seda, com as suas princezinhas rojando setins e lhamas, com os seus garbosos samorais ardendo em brios, com o seu povo inconsciente, vivendo para adorar o mikado, o sol e a creação; todos estimulados por uma adoravel arte de chimeras, pelos prazeres simples da natureza em festa, pelos encantos rumorosos das grandes romarias tradicionaes!... Invadido pelas idéas novas, o Japão sacrifica a sua bella arte ás exigencias mercantis; a sua intensa originalidade desmerece; os seus costumes patriarchaes vão pouco a pouco cedendo o passo á vida europea; as crenças perdem-se; a cubiça, a febre do ganho, a desconfiança, o egoismo, nacionalisam-se; o povo, o bom povo, livre do jugo dos nobres, começa a sentir duramente o jugo dos ricos, mais grosseiro. Quando, á força de transformismo, de modernismo, conseguir igualar-se em tudo a qualquer das nações que imita, restando-lhe como unica distincção um nome geographico convencio-

nal, o Japão terá perdido toda a sua deliciosa originalidade; e fraternisará com ellas, se o termo é admissivel, n'esta estupenda lucta de interesses vis, de vertigens de allucinados, de lucubrações rasteiras, em que ellas vão vivendo, — e quantas vezes chafurdando! — envenenadas pela degenerescencia dos seus homens.



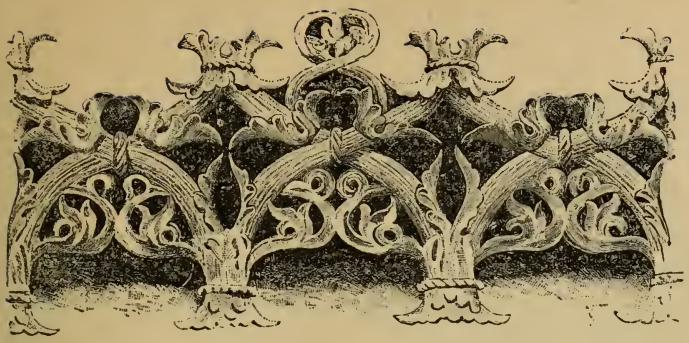
工

II

CONG-HEI

(A ARTE)

藝



II

A ARTE

FALLAR da arte japoneza é entrar a gente n'um assumpto estranho e unico, sem o mais remoto parentesco com os conhecimentos varios que se foram adquirindo pelo decorrer dos annos, assumpto palpitante de mil surprezas, de adoraveis galanterias, de mil segredos de concepção arrojada, de phantasia doida. Fallar d'ella, e querer interessar n'ella, levemente embora, o leitor desprevenido, o leitor europeu, o portuguez para estas paginas, é tarefa bem difficil. Não serei eu que tenha a pretenção de realisal-a; escrevo impressões intimas, n'uma peregrinação vagabunda do pen-

samento, peregrinação que me é particularmente grata, mas quasi esteril, sem duvida, para aquelles que tiverem a pachorra de acompanhar-me. Uma tal tarefa, com certas probabilidades de exito, caberia áquelle espirito juvenil e feliz, que alliasse ao conhecimento consciencioso do assumpto, á franca iniciação na existencia nipponica, a vibratilidade amorosa de um temperamento fanatisado por todas as delicadezas da natureza, por todas as harmonias enternecedoras da fórma, da luz, da côr; e que possuisse o raro dom suggestivo de commover pela phrase escripta, de colorir o vocabulo a ponto de ir acordar a phantasia do leitor, subordinando-a a todos os caprichos do quadro hilariante que constitue a arte no paiz do sol.

Um estudo classico das origens d'essa arte, do conjuncto de influencias exteriores adaptadas ao meio; vindo depois a divisão methodica por capitulos, aqui a pintura, ali a esculptura, alem a architectura, e assim as demais manifestações da obra humana; e a resenha chronologica das escolas, dos mestres, de todo o arsenal de obras primas aferrolhadas nos museus do mundo inteiro; eis um trabalho que se me afigura frio, esteril, para quem se propozesse, não instruir o leitor, mas fazel-o sentir comsigo. E em questões do Japão, esse canto longinquo do mundo, tão escasso de affinidades com os nossos paizes occidentaes, deixem-me dizer, parece-me haver menos interesse em armazenar erudição do que em deliciar o sentimento. Seja como for, nós iremos, vós e eu, rapazes, de braço dado, arranjar cabedaes para este modesto capitulo sobre a arte japoneza. Não nos preoccupa o methodo; antes seguiremos mui propositadamente sem methodo algum, palestrando ao simples agrado da nossa inspiração, respigando aqui e acolá elementos, entrevendo conclusões, que não diligenciaremos impor como dogmas a ninguem; e, mirando e remirando os objectos, que casualmente se offereçam ao nosso exame e que mais nos agradem, seremos como

um bando de amigos, que houvesse invadido por passatempo um armazem de *bric-à-brac.*

Bem o sabeis: a mãe da arte é a pintura; fallar da pintura é fallar de todas as artes. Havemos, pois, de fallar da pintura. Mas antes, visto que não temos pressa, discorramos um pouco sobre os orgãos do artista, que mais particularmente se interessam na creação de um objecto, seja um desenho, seja um bronze, seja uma porcellana, seja o que for, isto é, o olho e a mão, o olho que vê, e a mão que executa.

O olho japonez... sabeis como é? Um olhinho negro e brilhante, avelludado, espreitando pelas palpebras papudas fendidas em viez, fartas de longas pestanas sedosas; um olhinho picaresco e travesso, que nada nos diz, certamente por imperfeita comprehensão nossa, assim como nada adivinhamos na pupilla inflammada do passarito, que acaso nos fita por entre a rama das balseiras. Na expressão enigmatica d'esse olhar está, quando não bastassem outras provas, a verdadeira intuição de que nos achamos em face de uma creatura bem differente pela indole das nossas raças europeas, e de quem ha a esperar todas as extravagancias. Intelligente, vivo é, sem duvida, esse olhar petulante que nos intriga; ora meigo, ora amoroso, ora ironico, ora colerico, ora selvatico, voluvel sempre, revela-se elle pela arte, quando não fosse pelos costumes intimos do povo, apreciados de relance pelo forasteiro que passa. Mas o dom assombrosamente predominante d'esse olhar nipponico, quando se trate da arte, e por ella sobejamente confirmado, é uma qualidade affectiva extrema, inconsciente porventura, pelos encantos da natureza, por tudo que é visivel e bello, por todas as concordancias da côr, da luz, da fórma.

Não querendo attribuir ao povo japonez, mesmo sem excepção do menos culto, uma agudeza no sentir que envergonharia o mundo inteiro, é forçoso então conceder uma maneira particular de goso, de sensualidade, no seu dom de visão, como certamente se dá com a ave, toda fremente de prazer aos primeiros clarões da manhã, escolhendo o seu poiso entre flores, amorosa da paizagem ridente. O povo japonez, vivendo em plena liberdade e em plena luz como as aves, como ellas busca, nos seus longos ocios de contemplativo, a harmonia da scena, a gentil puerilidade das cousas proximas. É um enlevo seguir na esteira esses grupos descuidosos de romeiros, campos fóra, encostas arriba, embevecidos n'um nascer de sol, n'um capricho de nuvem, n'uma irisação de cascata, n'um contorno de collina, n'uma flor que desabrocha, n'um insecto que rodopia.

Mas o olhar que vê, revela-se-nos como um olhar que retem, que memorisa, que pensa. É mais do que o olhar da ave, então: em todas as concepções da arte japoneza é frisante o admiravel tacto de naturalismo amoroso, o cuidado ardente de descrever como o mais fiel dom de verdade, de vida palpitante, a natureza em galas; e esse fino tacto, que se generalisa n'um sentimento de bom gosto em tudo, abrange toda a escala das manifestações, descendo até ao albergue humilde, revelado no amanho do jardimzinho domestico, na simples floreira verdejante, no arranjo dos simples utensilios de uso na habitação, na disposição gentil dos artigos de venda na lojinha escancarada ao publico.

E a mão japoneza?

Se é de mulher, é um primor de fórmas adoraveis, minuscula, suavissima nas linhas, de uma coloração de creme e rosas; em ambos os sexos, miudinha, correcta, extremamente movel no gesto, leve nos contactos, difficilmente inactiva. A feição moral d'essa mão, digamos assim, estuda-se com particular amor na *musumé*. É uma prolixidade de mimica encantadora, um volutear con-

tínuo de insecto; e o mais curioso, é que todos esses movimentos, espontaneos, irreflectidos, em nada se parecem com os movimentos que conhecemos, revelando-nos verdadeiras surprezas estheticas, deliciosas. A mão que faz caricias, ou colhe uma flor, ou aconchega o cabello, a mão que arruma, que tira, que põe, que leva uma taça aos labios, que offerece um fructo, tem palpitações estranhas de dedos, ondulações não vistas de palma, inflexões ineditas de pulso.

Não estou devaneando; ha uma particularidade de exame, que não deixa duvidas a ninguem: a péga, a aza, o cabo, o manipulo dos objectos usuaes affectam fórmas e disposições differentes das que conhecemos, a ponto de se nos afigurarem improprias para o fim a que se destinam; isto, por exemplo, no bule, na chavena, na bandeja, no espelho, na ventarola, no cofre. Como predilecção geral d'essa mão japoneza, evidenceia-se uma sympathia constante para o gesto aereo, sem poisar-se, sem apoio, livre, como se os deditos fossem azas e esvoaçassem no espaço como uma borboleta.

Estude-se agora o inicial, o mais comesinho trabalho artistico, a escripta. A mão e o pulso estão no ar; tres dedos seguram o longo pincel, aguçado como um estylete, caíndo verticalmente sobre o papel; os outros dedos, soltos, em curvas meigas de phalanges, palpitam ao acaso. É facil experimentar como uma tal postura dá liberdade e intenção ao traço, que vae assim correr caprichoso, bem dissimilhante do nosso monotono cursivo. Eis a natural explicação da elegancia da escripta japoneza, e o mesmo diriamos da chineza; eis como, mesmo para um profano, ha particularidades de traços que fallam eloquentemente por si, agudezas de linhas que ferem, virgulas que saltam, curvas ondulantes que amam. Para construir o encanto de uma phrase, o occidental tem de esvasear sobre o papel a cornucopia dos seus adjectivos avelludados; o japonez, n'um só dos seus symbolos, por um simples segredo de mechanica, póde

imprimir, com mais intensidade ainda, um impeto, um grito, uma reticencia dolente... Não vos dizia eu ha pouco, que estavamos no mundo das surprezas?

Agora comprehendeis, tanto quanto é licito comprehender-se n'estas cousas, com que factores poderosos e especiaes labora o artista nipponico. Ali está elle, acocorado sobre a esteira, paciente, dando-se á tarefa de desenhar uma chrysanthema, ou um tufo de bambús, ou uma abelha, ou uma cegonha. O seu olho sagaz apropriou-se de longa data, rapidamente e persistentemente, de toda a verdade do assumpto, como a chapa sensivel de uma camara-escura. Lá dentro, nas volutas do cerebro, fermenta-lhe a imaginação phantasista de oriental, amorosamente affectada pelos enlevos da vida. A mão completa-lhe a obra, verdadeira e caprichosa, traduzindo n'uma liberdade de traços, que muitas vezes toca as raias da caricatura, todos os segredos da natureza, todas as linhas dominantes, todos os devaneios do pensamento. O artista não copiou; viu, gosou na impressão do real, devaneou, traduziu depois todas essas suggestões multiplices. Foi ao mesmo tempo naturalista e impressionista, alliou á realidade a chimera. E é assim feita toda a arte nipponica.

Da surprehendente intuição japoneza pelas harmonias do chromatismo, pelo enternecimento da côr, falla eloquentemente todo o producto artistico. Se queremos convencer-nos d'esse dom primoroso de selecção, nas revelações mais vulgares, e por isto mesmo mais suggestivas talvez, lancemos por exemplo as vistas sobre os tecidos, as bellas sedas japonezas, de consumo geral no paiz. Não iremos por agora admiral-as já cortadas e vestidas, cingindo o talhe das *musumés;* queremos ser imparciaes, frios julgadores do facto; e quem sabe se não nos viriam depois dizer (ha tantos calumniadores

por este mundo!) que o nosso enlevo brotava, peccaminosamente influenciado pela gentileza deliciosa das travêssas!... Mas alem, por esses longos arruamentos das cidades, em Osaka de preferencia, é facil, mesmo em companhia do clerigo mais correcto, estudar castamente o assumpto. Em exposição permanente á frente das lojinhas baixas, pendem como que em longos cortinados as innumeras peças de tecidos, as sedas dos *kimonos,* os setins das cinturas, os crepes que se collam ás carnes. Que côres predominam? Não têem côres, parece-me, estes tecidos, ou talvez sejam ellas indefiniveis. A harmonia é tal, n'esses mil tons diluidos e consorciados por subtis gradações, que emana d'elles antes uma impressão affectiva do sentir do que um clarão qualquer que choque a retina. Sedas azues, sedas roxas, sedas amarellas, sedas douradas, sedas carmezins, não ha; ha sedas meigas, ha sedas tristes, ha sedas caprichosas, ha sedas hilariantes, ha sedas frementes... A gente vae passando, e dir-se-ía que não são os olhos que vêem, mas a alma que sente. Na paleta nipponica não ha verde, ha mil verdes; não ha azul, ha mil azues; as côres não se classificam, surgem da intuição pura da natureza. N'esses deliciosos tecidos, que ao simples contacto nos acarinham como mãos de mulher, despejou o artista obscuro varias diluições de mil côres sem nome, em theorias de bambús entrelaçados, de flores chimericas, de aves em vôo, de insectos fugidios, que suggerem no espirito impressões allucinantes de uma existencia sonhada.

Esta glorificação da côr, deixem-me assim expressar, irradia deslumbrante de toda a arte nipponica.

Fallemos agora especialmente da pintura, para que temos já adquirido, n'estes devaneios humoristicos de palestra, elementos valiosos de analyse.

Uma pintura japoneza é sempre uma invocação. Adivinha-se o trabalho do pincel, não esforçando-se em reproduzir a natureza, não em ser creador, mas em traduzir a impressão persistente que nos fica do espectaculo da mesma natureza. Eu me explico melhor exemplificando: o pincel nipponico não concebe a velleidade de crear uma rosa, o que só póde, bem pensado, fazer o Pae do céu; prescinde de modelo, fal-a de cór; quando a traça, não se preoccupa em ir enganar as abelhas, que venham esvoaçar sobre o papel em busca de mel para o seu cortiço; preoccupa-se apenas da flor, no que d'ella persiste mais intenso na reminiscencia, pelos seus attributos dominantes; é como se se dissesse que aquelle pincel intelligente, não pinta, pensa e recorda.

Um tal caracter de orientação é que explica, a meu ver, todos os segredos, todos os processos da pintura, e em geral da arte nipponica. O principio, em si, parece sujeitar-se fielmente ao jogo psychologico das faculdades humanas. Quando vós, rapazes, invocaes em amorosos devaneios os rostos adorados das namoradas ou das amantes, esses rostos surgem no fundo vago das abstracções, sem scenario portanto, sem que se projectem por exemplo sobre a ramagem de acaso que veste as paredes das vossas alcovas. Pela mente do ambicioso perpassam scintillações de oiros, acastellamentos de libras, sem que procure nem de leve fixar-se nas feições do serviçal, que lhe batesse á porta jungido com o thesouro. O espirito, a memoria fazem a sua escolha, inconscientemente embora, e diluem na penumbra do olvido as qualidades secundarias.

Dá-se o mesmo rigorosamente com o pincel japonez; o desenho, a pintura véem despidos de superfluos; são para sentir-se, e não para ver-se. Comprehende-se aonde isto póde levar, e leva, a originalidade do traço; comprehende-se como essa pintura seja estranha, disparatada mesmo, para um desprevenido ou para um irreflectido, e suggestiva para quem a assimile.

Está dito o principal; agora é associar exemplos. Se o japonez pinta um ramo de chrysanthemas, pinta esse ramo sem accessorios, no fundo neutro do papel, sem se importar com horizontes, sem cuidar de minucias, que prejudicariam a impressão que quer impor. Perspectivas não ha, na paizagem; sombras não ha; a figurinha que passa, não projecta a menor mancha na estrada; para que servem sombras e manchas, quando é a vida que se quer representar? As feições do rosto têem linhas convencionaes, invariaveis, de uma ingenuidade curiosissima: os olhinhos são invariavelmente dois traços obliquos, as sobrancelhas dois meios parenthesis, a bôca um salpico rubro, o nariz uma curva de interrogação; e no entretanto ha verdade, ha naturalismo flagrante em tudo isto, dando-nos a impressão rapida de um rostinho de *musumé* que passe ligeira, apanhada de relance, e cujo conjuncto amoroso de sedas fluctuantes ao vento, de brancas extremidades nuas, o artista apenas quiz fixar.

Vem a proposito lembrar os arrojos de coloração, que por vezes se notam: horizontes rubros, dorsos azues de collinas, petalas douradas ou prateadas, fundos salpicados de uma chuva de oiros. É real isto? Parece que não, ao primeiro exame; mas é certo que o disparate dos esmaltes não choca a vista, antes parece harmonisar-se com os outros tons comprehensiveis da paizagem; vem isto porventura de um segredo de irradiações, de jogos de luz, estudados na natureza, que o artista logra transmittir, e para cuja critica faltam ainda termos na linguagem, definições de compendio, methodos de exame mesmo, mas não certamente qualidades psychicas de comprehensão.

Convem reter uma palavra indigena:—o *kakemono*.— O quadro, como elle se conhece entre nós, não existe no Japão. Á originalidade e á belleza da pintura nipponica,

vem juntar-se a fórma, a elegancia ligeira do *kakemono*. Nada mais elegante, com effeito, do que essas longas tiras de seda ou de papel, por onde correu de alto a baixo o pincel imaginoso, tiras assentes em tecidos deslumbrantes, debruados de setins; o todo collado depois a uma folha de papel resistente, terminando por ligeiros rolos de madeira, com os topos por vezes de charão ou de marfim. Não ha lar, luxuoso ou humilde, que não guarde, enrolados e cuidados, alguns *kakemonos,* que se desenrolam em pendão, ao longo das paredes, só em certos dias festivos, ou quando haja a receber um hospede com todas as demonstrações de regosijo. Não escapa á observação do amador a intima preoccupação de realces, de harmonias, que existe entre o desenho e o mimo de coloração do tecido; ha n'essa coloração como que um mysterioso estimulo do sentimento, predispondo para a melhor comprehensão do assumpto; e é certo que o desenho, arrancado das sedas que o emmolduram, que lhe constituem o fôfo ninho, perderia muito dos seus effeitos, da sua acção suggestionadora.

O *makimono,* que representa de certo modo a fórma primitiva do livro japonez, merece tambem ficar mencionado. É um pequeno rolo, que se desenrola á mão no sentido da sua largura, escolhido de preferencia para a miniatura.

A pintura, vulgarisada pela estampa, desce depois a fórmas mais humildes, ao album, ao simples livro illustrado, á infima folha solta, sem preço quasi, que constitue o regalo do baixo povo. O album, o livro, a gravura infima, abundam prodigiosamente nos mercados. As lojinhas de venda multiplicam-se pelos arruamentos fóra, e realçam, de longe, pelas mil côres dos artigos expostos; dir-se-íam montes de flores a esmo, ceifadas de uma campina. E que originalidade, que graça ingenua, n'essa adoravel litteratura de cordel, n'esses albumzinhos, n'esses livrinhos, com as capas illustradas de mil assumptos populares, a vivas côres saltantes, juntas e

cosidas as folhas a grandes pontos de retroz!... Não resistirei á tentação, mais tarde um pouco, de fallar-vos da particular predilecção que voto a essas bagatellas da industria nipponica, feitas pelo povo e para o povo, para serem manuseadas por mãos leves e curiosas.

Vêde isto bem: na pintura japoneza resalta o naturalismo cru das concepções; mas modificado, mas phantasiado, pelo mysterio intimo da invocação; e cheio de uma vida palpitante, da alma das cousas por assim dizer, alma que arfa, que dá movimento, que dá ondulação ao traço. Os motivos são vastos, os motivos são vastissimos. Na existencia guerreira de outr'ora, farta de lendas heroicas, o artista encontra preciosos assumptos. Encontra-os na lenda, no mytho, nas suas divindades familiares, que a indole do povo foi transformando em bons patriarchas burguezes, amigos de folgança, bonacheirões e grotescos. Mas é sobretudo a natureza simples que o pincel mais amorosamente invoca: a arvore, o ramo, a flor, a ave, o insecto, o verme, tudo que vive; um canto de paizagem fresca, a doçura das aguas tranquillas; a vida intima, o povo na labuta e o povo no folguedo; a mulher, o encanto supremo da terra emquanto o mundo for mundo, mas mais a mulher physica do que a mulher moral, querida pela fórma, deducção natural do amor, comprehendido por uma sociedade que só agora parece ir emancipar-se da idade heroica. Tal é o inexgotavel manancial dos motivos da arte. Sem escola na essencia, porque a escola é unica, a boa mãe-natureza, tudo serve; a scena mais grandiosa como a scena mais rasteira, sáem ambas da mesma paleta, com a mesma graça e com a mesma verdade, com o mesmo vigor de execução; o mestre, que pintou hoje um deus, pintará ámanhã um caranguejo.

Tenho em frente dos meus olhos um *kakemono,* porque pende de um canto de parede do meu quarto de trabalho, que dá bem idéa da ausencia de melindres do pincel na escolha, e da gentileza impressa nos assumptos mais escabrosos para nós. De uma seda cinzenta, que está invocando indecisas claridades crepusculares, destaca a téla. É uma *musumé,* envolta n'um *kimono* de dormir, mal cingido ao corpo pelas voltas lassas de uma cinta vermelha, que mãos somnolentas desataram e tornaram a atar. Um fundo vago de jardim, com ramadas de pecegueiro em flor vestidas de neve, o disco pallido da lua baixando no horisonte; e uma nesga da habitação, bem visivel a rotula de bambú do *benjo,* o quartinho indispensavel das necessidades intimas —percebem?— d'onde certamente acaba de saír a *musumé*. Ella, toda meticulosa em escrupulos de asseios, junto do tradicional bloco de rocha cavado em concha d'onde tirou com a colhér de madeira, que descansa sobre a borda, algumas gottas de agua com que molhou os dedos, enxuga-os agora distrahidamente á toalhinha suspensa de um triangulo de madeira, e olha para um gato, prestes a enrolar-se-lhe nas roupas e a mordicar-lhe os pés nús. Confesso-vos, rapazes, que não me atreveria a esboçar a scena, se não procurasse tratal-a á japoneza. Um pincel europeu não lograria salvar-se do ridiculo. É certo, porém, que o meu *kakemono* reune um mimo elegante de linhas, no perfil mal desperto da *musumé,* que vem, bem se sabe d'onde, que lavou e enxuga os seus dedos, os seus brancos dedos esguios; e não destoaria no aposento de qualquer, por menos enthusiasta que fosse pela verdade ingenua de um pincel indiscreto.

A pintura deveria ter nascido espontanea da civilisação nipponica. A representação graphica da idéa é natural em todos. Mas vão lá estudar-lhe as mysteriosas

origens!... Falla-se de um artista, chamado Inshiraga, vivendo no seculo v da nossa era; mas não deixou vestigios da sua obra. O mais antigo desenho de que se tem noticia, guardado até hoje n'um templo de Nara, é do começo do seculo viii; representa o primeiro missionario buddhista do Japão. No entretanto a historia da pintura começa realmente com Kosé Kanaska, que viveu no seculo ix. De então para cá é facil hoje seguir a curva evolutiva da arte, que sobe progressivamente, que se define nitida em fins do seculo xv, influenciada exclusivamente por duas orientações, por duas escolas distinctas, Tosa e Kano; continúa depois n'um glorioso ascenso, quando os dois partidos se comprehendem, se auxiliam, se unem emfim n'um unico amor pela verdade e pela vida; e chega finalmente ao apogeu, quando surge a escola vulgar, n'uma furia de processos novos, de riqueza de motivos, de louco enlevo pela natureza, tão rica de esplendores no encantado imperio do sol!... O seculo xviii, e ainda o começo do nosso, marcam essa quadra brilhantissima. Depois a descida é brusca, desoladora, como a curva barometrica accusando a tempestade proxima que se desencadeia. Com a morte dos dois grandes mestres, Outamaro e Hokusai, apaga-se, por assim dizer, a scentelha genial e creadora; os que se succedem, não passam de imitadores, de quasi simples copistas. A chegada dos europeus, a revolução que se segue e tudo transforma, descarregam o ultimo golpe, o golpe tremendo; e a pintura japoneza, com excepção talvez da arte infima destinada aos pobres, que tambem a incensam, desce a rastejar por uma concepção hybrida, desnaturada de caracter e de sentimento, interessada exclusivamente pelo ganho da exportação.

Mas citemos alguns nomes, escolhidos de entre os astros de primeira grandeza, no céu azul da arte. Kanaoka, tido como o maior artista da antiguidade, cria a pintura nacional; annos depois Toba Sôjo inicia o estylo humoristico, que mais tarde havia de ser cultivado pelos

artistas nipponicos com surprehendente exito; seguem-se Meitshio, Josetsu, Mitsunobu, Kano Masonobu e Kano Motonobu, Sesshio, Kano Naonobu e seu irmão Tanyu, Tsunenobu, Honnami Kôetsu; Mitsuoki, a gloria da provincia de Tosa; Korin, Itshio, Okio, Goshio, os iniciadores da pintura moderna; Sosen, Matahei e Moronobu, os fundadores da escola vulgar; Harunobu, Shiushô, Eishi, Kiyonaga e Toyokuni; finalmente Outamaro e Hokusai, os incomparaveis mestres do naturalismo, e o erudito Yosai, e o paizagista Hiroshigné, e o que se póde chamar o ultimo pintor japonez, Shôfô-Kiosai, — Kiosai, o macaco bebedo e maluco — como elle proprio se assignava nas suas composições.

Eis como se distinguem as duas grandes escolas dominantes, a de Tosa, e a da familia Kano: a primeira, genuinamente japoneza, colorista, representa o gosto da aristocracia, o estylo official, distincta e minuciosa na fórma, inspirando-se nas scenas da guerra, no luxo dos festins; a segunda, mais humana, fallando mais ao povo, inspirada pela tradição chineza, é de uma grande belleza graphica nos contrastes do negro, na ondulação do traço, mas por demais cingida a regras invariaveis, antes uma arte de ensino, que mal correspondia, embora grandiosa, ao naturalismo palpitante, latente no espirito nipponico. Da fusão das duas escolas nasce a pintura moderna; d'ella, brota a escola vulgar, tendo como astros preponderantes Hokusai e Outamaro, que bastariam por si sós a dar fama immorredoura á arte de um povo.

O bom velhinho Hokusai escrevia de si mesmo, na idade de setenta e cinco annos, as linhas que seguem, no prefacio da sua obra *Cem vistas do Fujiyama:* — «Desde a idade de seis annos tive a mania de desenhar as fórmas dos objectos. Pelos cincoenta publiquei uma

infinidade de desenhos; mas sinto-me descontente de tudo que produzi antes da idade dos setenta annos. Foi aos setenta e tres que comprehendi pouco mais ou menos a fórma e a natureza verdadeira das aves, dos peixes, das plantas, etc. Por consequencia aos oitenta annos terei feito muitos progressos; aos noventa attingirei o segredo das cousas; aos cem haverei decididamente subido a um estado superior, indefinivel; e na idade dos cento e dez, seja um ponto, seja uma linha, tudo será vivo. Peço áquelles que viverem tanto como eu, para verem se cumpro a minha palavra. Escripto na idade de setenta e cinco annos, por mim, antes Hokusai, hoje Guakiyo-Rodjin, o velho doido pelo desenho». — O bom velhinho Hokusai morreu em 1849, com noventa annos, não podendo conseguintemente pôr em pratica por completo o seu programma.

Fica definido pelo seu prefacio. Hokusai foi um idolatra, tendo na natureza o seu *feitiço;* e estudou, com o tenaz fervor de um illuminado, as mil e mil fórmas da verdade, todas as delicias da côr, todos os segredos da vida. Como succede em geral a todos os sinceros, não soube tirar partido da sociedade em que viveu; passou pobre e ignorado; e só conseguiu arranjar nome, posthumo, entre estranhos e patricios, quando os europeus começaram a procurar com entranhada avidez as já então raras producções do seu pincel. Filho do povo, e nascido n'um bairro humilde de Yedo, de jardins e de flores, para o povo desenhou. O seu novo estylo impregnado de realismo não lhe dava ingresso no mundo aristocratico; mercadores, operarios, raparigas de prazer das casas de chá, eis os seus admiradores, o seu publico. Desenhando especialmente para os romances illustrados em voga, o desenho de Hokusai passava do papel para a gravura, e era destruido. Assim, rarissimos são os originaes do mestre; e poucos *kakemonos* seus se conhecem; os que existem, e que hoje valem quantias fabulosas, são uma maravilha de coloração e de verdade.

O pincel de Hokusai percorreu vertiginosamente todos os motivos, distinguindo-se como um delicioso repentista, sabendo imprimir em dois traços todos os segredos da natureza. Ha uma collecção sua curiosissima, em quinze pequenos albuns, destinada ao ensino elementar das fórmas; mil vezes tem sido reproduzida; se ella tivesse ingresso nas escolas de desenho da Europa, iria certamente, pela sua inspiração exotica, rasgar horizontes novos, não sonhados, aos talentos que começam. Tenho aqui sobre a mesa esta collecção, mina a bem dizer inexgotavel; e folheando-a vou tentar dar uma idéa do que seja Hokusai.

O pincel percorre febrilmente as paginas, aproveitando-as até ás margens, ao acaso da phantasia. Eis a arvore, a folha, a flor, a petala, o tuberculo, o fructo, a semente. Eis a rocha, nas suas diversas fórmas. Eis os segredos da agua, nos seus espreguiçamentos langorosos sobre as areias das praias, nos seus fremitos de possessa acommettendo o granito e enfiando pelas furnas. Paginas cheias de insectos, de molluscos, de vermes, de reptis, de batrachios, n'uma verdade assombrosa de dois traços, que lhes dá vida e quasi movimentos. Paginas para as aves. Uma pagina para as cegonhas, nas varias curvas do vôo, nas multiplices ondulações do pescoço. Uma pagina de utensilios domesticos: o bule minusculo, a chavenasinha, o fogareiro, a colhér, a sertã suspensa do tecto da cozinha sem chaminé, a chaleira de ferro, a garrafinha de louça para o vinho *saké,* a faca, a pá, o martello, a escudella, a serra, a raspadeira, tudo. A alma vária da paizagem, tratada nos multiplices quadrados em que está dividida a pagina, em todos os accordes da agua e do solo, aldeias á babugem dos rios, pontes suspensas, templos entre mattas, ondulações de arrozaes, curvas longinquas de collinas, alastramentos de stractus. A pagina dos peixes, em cabriolas macabras. A pagina das feras. O barco, de prazer, de carga, de pesca, de habitação, a jangada. O mundo dos deuses,

o mundo da lenda, dos dragões façanhudos, das tartarugas com azas, das rapozas vestindo como a gente, de *kimono* e sandalias. Tem depois o mundo interminavel dos homunculos, figurinhas de dois centimetros, com todas as illusões da vida. A *musumé* em todos os seus requebros graciosos, em todas as suas occupações intimas, banhando-se, penteando-se, tocando *samicen*, tratando do jardim, tomando chá, fumando, amando. A comedia dos obesos, no jogo caricatural dos seus musculos disformes, na placida rotundidade dos enormes ventres de abobora. A comedia dos magros, em angulos horripilantes de esqueletos, quando luctam, quando mourejam, quando comem, quando dormem. A industria da seda, a industria do arroz, do chá. A labuta na cidade, no campo, na casa.

O imprevisto: um enorme peixe vivo que atira uma sapatada a quem tentava dividil-o em postas; uma tina que se desconjuncta durante o banho; um tronco de arvore que abate quando o sacodem; um furacão que surprehende os passeantes; e o pincel corre humoristico, ás gargalhadas, em assombrosas theorias de cambalhotas, pernas levantadas para o ar, trazeiros nus, rostos em esgares, mãos convulsas tentando agarrar-se ao nada. Uma pagina de caretas indescriptiveis, d'essas que fazem os gaiatos de todos os paizes, empregando os dedos em repuxar as palpebras, em escancarar a bôca, em achatar as ventas. Perfis de idiotas, que no Japão attingem o sublime do grotesco. Passa-se sem transição aos gestos altivos dos samorais, á magestade dos daimios.

O interior de uma casa de banhos publicos, onde se surprehende em pelote a clientela: uma *musumé* afaga voluptuosamente com a toalhinha ensopada a suave curva das espaduas; uma creança brinca pelo chão; um velhote, depois de bem lavado, de cocoras, empunha a navalha e faz a barba; uma mamã retira-se já da tina commum, segura nos dentes a toalhinha, caminha de

frente, erguendo com ambas as mãos á altura de parra de pudor um pequerrucho, muito a proposito para livrar de embaraços a minha missão de narrador.

Depois a phantasia: entre as roupas, o corpo adormecido da *musumé;* e a cabeça que sobe, que sobe, levada por um pescoço immenso, que se adelgaça, que se adelgaça, que percorre o espaço em grandes evoluções serpentinas; correspondendo isto a uma crença do povo, que assegura que durante o somno a cabeça assim viaja, e vae assistir a scenas longinquas e devassar intimos segredos por seus olhos. Depois é a extravagancia do desenho de uma pistola, de um canhão.

E as paginas continuam, continuam sem fim, e os homunculos perpassam como que n'uma procissão interminavel, deixando-nos prostrados de cansaço, pela vertigem da immensa scena.

São ainda os barbudos ainos; são os saltimbancos, os farçantes; são os luctadores de officio; são os exercicios guerreiros de frecha; são os exercicios comicos de natação; são as attitudes das mãos, que se tocam, que se apertam, que luctam por afastar *kimonos* em procura de seios tumidos.

É o mundo inteiro nipponico, emfim. É uma viagem que se refaz por completo, para aquelle que já poisou sobre o paiz do sol nascente; e a mais palpitante, a mais emocionante recordação que se póde guardar das horas passadas, que não volvem mais.

Fecho o album; seria loucura pretender exgotar a enumeração; nem eu quero fatigar mais os que me escutam.

Hokusai, pela sua obra vastissima, de *kakemonos,* de albuns, de livros illustrados, deu fórmas a tudo; todas as artes decorativas, póde affirmar-se, foram buscar n'elle a linha; a arte de hoje ainda d'elle se inspira, e por elle se salva ainda de caír na vulgaridade. A cegonha, que vós admirais pintada na jarra que possuis, ahi em Lisboa, ficae certos — é proxima parente de

alguma cegonha, que voou do pincel adoravel do bom velhinho Hokusai.

Outamaro foi um grande artista; tambem foi um grande excentrico e um grande bohemio. Viveu em Yedo, como Hokusai, tendo nascido em Kawagoye, na provincia de Mousashi, em 1754. Define-se-lhe a existencia, dizendo que dividia o tempo da seguinte maneira: passava o dia trabalhando em casa do seu editor, e passava a noite no *bairro das flores*. Convem não deixar duvidas sobre qual fosse a sua feição de floricultor: o *bairro das flores* é Yoshiwara, a immensa casa de prazer; as flores que elle cultivou, que elle certamente amou com extraordinaria paixão, foram as deliciosas mundanas de Yedo. Se é agora preciso correr em defeza d'este vagabundo emerito, salvando-o de qualquer conceito menos favoravel á sua brilhantissima individualidade, confesso-vos, rapazes, que o amor physico, o enlevo dos olhos pela fórma feminina, não deve no Japão, creio, rastejar pelo nivel de um sentimento grosseiro. Não se esqueça que estamos muito longe da Europa, quasi emancipados das suas leis, dos seus modos de pensar, poisando quasi n'um outro planeta, pela surpreza dos contrastes.

A mulher nipponica, pela sua condição moral, mais que em qualquer outra civilisação, participa pela fórma do conjuncto harmonico do scenario. Comparem-n'a, se quizerem, á ave, á mariposa, á flor, para o encanto amoroso da vista. A mulher japoneza é de uma gentileza que falla á alma, primeiro que aos sentidos. Pelas suas linhas, pelo seu trajo, pelos seus costumes, pelo seu convivio, é cheia de graças suaves. A sua propria nudez é como que vestida pelo enlevo que d'ella emana; e julgo não divagar em sonhos azues, afigurando-se-me que estes vultos de *musumés* que a gente surprehende

a cada passo estiradas sobre as esteiras das habitações, que estes seus seios frescos mal occultos nas roupas, que estes seus pés descalços, brancos como lyrios, emergindo das sedas, que estes seus braços nus curvando-se em requebros e em abraços, que estas suas mãos finas voejando em gestos, acordam mais que tudo um ineffavel enternecimento, uma doce adoração, pela fórma, pela luz, pela côr, pela vida, por toda a natureza fecunda e creadora. Faltam-me termos para definir o que penso; não sei se me faço entender, comparando este enlevo feminino ao de uma bella rosa, que desabrocha fresca e rescendente, no jardim, por uma madrugada primaveril.

Accrescento, para o caso de Outamaro, que a delicadeza nipponica, o dom da cortezia e da periphrase, envolvem como que n'uma chuva de oiro as cousas mais positivas da vida. E imaginae agora que o Yoshiwara d'aquelles tempos era o ninho amoroso das mais gentis mulheres do paiz, educadas nas artes, fallando uma linguagem propria de galanteria, vestidas como deusas; e a sua clientela de todos os dias e de todas as noites era então a flor da aristocracia nipponica, e a flor dos artistas e a flor dos poetas. Percorriam-se as longas paginas do livro magico de amor, em Yoshiwara, em mysticas romarias aos templos, em excursões pelos campos ao florir das cerejeiras, em deslumbrantes festas tradicionaes, em brandos deslisamentos de gondolas nos rios por noites de luar, em amanhos de jardins, em mimosos banquetes, em musicas, em dansas, em descantes, em poesias, em jogos, em fogos de artificio; e só na ultima pagina emmudeciam porventura momentaneamente os ruidos jubilosos dos convivas, calavam-se as notas trementes do *samicen*, para ciciar aqui e ali, muito baixinho, o beijo langoroso de epilogo.

Estamos muito longe dos paizes occidentaes, bem se vê. N'esse Yoshiwara, n'esse ambiente palpitante de vida, achava-se bem certamente o sentir de Outamaro,

em quem pulsava uma furiosa adoração pelo bello, que é a natureza ridente nos seus scenarios banhados de luz e scintillantes de esmaltes, e que é tambem a mulher. Este grande namorado do feminino morreu invadido de fadiga pelo trabalho assiduo, e pelas consequencias do captiveiro que soffreu, depois de publicada uma caricatura politica; e tambem e muito principalmente, como de justiça, de fadiga pelo excesso de prazeres.

Outamaro foi um delicadissimo pintor de insectos e de flores; tambem e sobretudo, como já adivinharam, foi o pintor da mulher, diga-se antes, da mundana de Yoshiwara. O seu exclusivismo é tal, que quasi sempre a desenha sósinha, ou n'um bando de amigas; o homem, nas raras composições em que apparece, ou é uma sombra, ou é uma caricatura. Tem rasão Outamaro: a mulher, no encanto capitoso da palavra, vê-se sempre sósinha, imagina-se sempre sósinha; é certo que um homem não lhe está longe, mas esse escapa ao exame, por ser o proprio que a vê ou que a imagina, que a ama. O pincel ciumento de Outamaro favorece assim a esthetica de uma maneira meritoria; tanto mais que, no seu paiz, o homem é em geral tão feio comparado com a mulher, mais do que em qualquer paiz do mundo, que só como contraste se concebe associando-se-lhe.

Outamaro, como todo o apaixonado, imagina a mulher mais bella do que ella é. Sem duvida lhe serviu de motivo a formosura tradicional de Kioto, ainda hoje em fama: corpos esbeltos e magros; ondulações graceis nas linhas; ovaes longas de rostos, emmoldurados por bellos diademas de cabellos de azeviche; narizes aquilinos; epidermes alvas, de camelia branca; olhos de velludo negro; um todo, que lembra a suave expressão da gentileza hebrêa. Acceito o typo, a sua terna phantasia enfeitiça-o, subtilisa-o, veste-lhe enlevos de visão de ballada; isto, porém, sem que o seu pincel naturalista lhe falseie a verdade, antes impregnando-o, por um segredo indefinivel do sentimento, de uma intensa feição animal,

imperativamente affectiva. A obra de Outomaro é a apotheose do feminino; é ao mesmo tempo a japoneza e a paixão que ella inspira, no cuidado amoroso do pincel, que se adivinha ir beijando demoradamente o traço nas suas curvas serpentinas. As aguarellas dos seus *kakemonos,* os seus innumeros livros illustrados, os seus albuns, as suas estampas, são a mulher vivendo na téla ou no papel, como que animada de gestos, fresca de louçanias, rica de mocidade, adornada como um idolo.

Colhâmos algumas impressões, como se colhem flores, ao acaso, de algumas das composições do catálogo de Outamaro. Mulheres em viagem: no primeiro plano, á frente de um mosquiteiro, um grupo de mulheres conversando com tres outras já dentro do mosquiteiro, meio visiveis através do gaze verde, nos arranjos preliminares de quem se prepara para dormir;—é este um curioso jogo de luz muito da predilecção de Outamaro, o de antepôr aos seus personagens a meia transparencia de um tecido.—Uma mulher, tendo a seus pés uma creança nua, deitada no chão; com a cauda rojante do *kimono* a creança cobriu a cabeça, que a gente vê assim ensombrada do negro do vestido, e salpicada das florinhas soltas da fazenda;—a creança, os carinhos maternos, são tambem motivos favoritos de Outamaro. As mergulhadoras: aqui, uma rapariga com um simples panno vermelho atado á cinta, junto á margem do rio e já com uma perna na agua, emquanto que o pé ainda enxuto, n'uma contracção aeria de arrepio, como que toma coragem para mergulhar; ali, uma pescadora sentada, envolta n'um panno azul, penteando os cabellos encharcados e offerecendo o peito a um filhinho nu; alem, uma outra pescadora, com a faca de abrir as conchas entre os dentes, torcendo nas mãos a ponta do trapo que lhe cinge os rins, o cesto com o marisco aos pés, d'onde uma fregueza ajoelhada faz escolha:—os dentinhos serviçaes, retendo um objecto para deixarem as mãos livres, segurando a ponta da manga, um

livro, um alfinete do cabello, uma flor, são gestos muito aproveitados, por Outamaro e por outros artistas, colhidos no real, denunciando um appetite petulante d'esses dentinhos alvos de *musumés,* irrequietos, infantis, maliciosos, amigos de morder.

Peregrinação a Ysé, um par de rochedos sagrados, que dizem macho e femea, e para onde os noivos vão orar, rogando pela ventura do casal e pela abundancia da prole: um bando de raparigas, divertindo-se em descalçar-se e em caminhar sobre a areia, com os seus pés brancos na orla da vaga, arregaçando a mãos juntas as sedas dos *kimonos.* Noite de verão: junto de uma ponte illuminada com lanternas de papel, corre o rio coberto de barcos, cheios de mulheres; uma, inclinada sobre a agua, lava a taça de *saké,* de laca vermelha. O primeiro dia da oitava lua: pelo calor intenso da estação, todas as raparigas de Yoshiwara vestem-se com *kimonos* brancos, illustrados pelo pincel dos melhores artistas; e assim, em festa, eil-as que vão passear durante um dia inteiro pela rua principal. A penalidade do *kuruwa:* o amante infiel, ajoelhado, pede perdão; mas não o escuta a ultrajada, nem as companheiras tão pouco, e n'um côro de risos vão submettendo o pobre a mil vexames. A exposição das mulheres durante a noite: é ainda em Yoshiwara, nos pavimentos baixos das casas, vedados ao publico por ligeiras grades de madeira; n'estas gaiolas de prazer enfileiram as formosas mundanas, resplendentes de adornos. *O poema do travesseiro:* o titulo dispensa commentarios. Estreia de uma cantora, no meio da curiosidade geral das mulheres, cujas cabecitas assomam pelas portas entreabertas.

E assim continua Outamaro, em interminaveis theorias de mulheres gentis, que são as mundanas, que são as noviças, que são as cantoras, que são as *gueshas,* que são as criadas das *chayas,* todo o feminino galante, em casa, nos misteres intimos ou nas reuniões rumorosas, na rua, em passeio; e nada se compara ao encanto d'essas

figurinhas vestidas de sedas, ou despidas de sedas, e á vida do gesto adoravel, colhido em flagrante, eternisado pelo pincel.

Prometti fallar-vos do desenho humilde, feito pelo povo e para o povo, vulgarisado pela estampa, invadindo o lar, invadindo a choça obscura. Não terei de ir longe para obter impressões frescas sobre o assumpto. Aqui, no meu modesto gabinete de trabalho, tenho eu um armario, pequeno movel inteiramente japonez, dos que as *musumés* usam nos quartos e onde arrecadam as suas sedas, os seus enfeites, os seus cosmeticos, o seu arsenal de bagatelas; um mundo de gavetinhas e de nichos, este meu armario, fechado a corrediças, que enquadram vidros despolidos com desenhos chimericos, e a que eu poderia chamar o meu armario milagroso. Como eu lhe quero! Quando estou triste, o que lhes asseguro que me succede muitas vezes, quando a imaginação em marasmo paira na treva, carece de um estimulo e o reclama, eis que me vou abrir as corrediças. Não podeis imaginar o que sáe então das prateleiras e das gavetinhas mysteriosas, de estampas encamadas, de albuns, de livros populares, de annuncios illustrados... e, confesso-vos, dos vermelhos ardentes, dos verdes que ondulam, dos oiros que faíscam, de toda a alacridade polychroma das tintas, irradia como que um reflexo de luz cantante, vinda do paiz do sol, luz que se me afigura alumiar a casa toda, mas que realmente me alumia a retina, e seguidamente o espirito. É um armario de gargalhadas, de céus de anil, embebidos da ardencia solar, de braçadas aerias de arvoredo, de insectos doidos rodopiando em torno das flores, de vôos de aves, de guerreiros soberbos, de *musumés* em requebros, de creanças nuas; e tão boa companhia, por leve que seja o esforço invocativo, empresta-me uma alegria falsa, de contagio, mas que tambem

é alegria. Esta arte barata, descida á categoria de industria reles, alem do seu merito economico, não é para desprezar-se como arte. Em cada japonez pulsa um coração de artista; o pincel popular e obscuro é menos culto, mas porventura mais sincero, mais humano; escreve, pela sua indole essencialmente naturalista, a completa narração hieroglyphica do viver nipponico; e por estes tempos de agora, em que toda a arte japoneza se desnaturalisa e desce á mercê das exigencias da exportação, e em que as obras dos mestres já são rarissimas, a estampa humilde que não se exporta, diffundida aos milhares, continúa sendo o que foi, genuinamente indigena, inspirada ao sabor da boa clientela plebêa, principalmente das *musumés,* que são hoje o que resta de mais japonez no Japão. Note-se ainda que o trabalho de gravura é primoroso, a combinação das côres felicissima; a mais infima estampa, que vale infimos cobres, é inimitavel.

Eis, pois, o meu thesouro, arranjado pacientemente por mim proprio nos bazares de Osaka e de Nagoya, escolhido nas lojinhas lilliputianas do bairro indigena de Yokohama, ou nas feiras ambulantes da Asakusa de Tokio ou do Nanko de Kobe, escabichado ás portas dos theatros nas ruas de Kioto; horas deliciosas de mercancia, que já lá vão, passadas de ordinario sobre o *tatamy*, a fofa esteira, em quanto que eu ía ensaiando comicamente os meus progressos de linguagem, achando caro o genero, regateando, hesitando na escolha... pretexto para me ir detendo pela venda, confundido com o povo, quasi povo tambem naturalisado pela sympathia íntima, feliz na vizinhança da vendedeira, que em esfuziadas de risos e em curvas patheticas de dedinhos alvos me ía passando os seus artigos...

Folheêmos ao acaso as minhas estampas. Ha detalhes curiosos, que merecem menção. Um d'elles, é o effeito feliz dos relevos no papel, para darem a illusão perfeita das nervuras de uma flor, do ondeado de um setim, da

trama de um tecido, da plumagem de uma aza, o quasi vago que o traço não conseguiria obter. Outra curiosidade que se nota em algumas estampas, é a pequena vinheta que acompanha o desenho principal, uma miniatura fugidia sobre a orla do papel, geralmente contida n'um quadrado, n'um circulo, n'uma ventarola, n'um contorno qualquer comesinho. Preside a meu ver, n'este accessorio, um sentimento delicado; muitas vezes é o resumo, a summula, do motivo geral da estampa; e é sempre harmonico com ella—um feixe de flores, se a estampa figura um jardim—um boneco, se figura uma creança,—ás vezes uma allegoria da scena ou a sequencia logica do assumpto tratado; de sorte que representa, na ordem psychologica dos phenomenos de invocação, o que de mais persistente se guarda na memoria, ou um pensamento secundario que acode, uma derivação da idéa, uma distracção passageira do espirito, um presentimento, que sei eu...

Dou-vos um exemplo, tentando ser melhor comprehendido: ora aqui está uma mamã, toda desvanecida em ver brincar o filho; e no canto da pagina, a fugir, esboça-se a figurinha de um pelotiqueiro de rua, com o seu macaco ás costas, vestido de vermelho; este accessorio, esta idéa do macaco habilidoso, que parece não vir para o caso, póde corresponder ao pensamento pueril da creança, que se lembra de ter rido dos esgares de um mono; póde corresponder ao pensamento da mãe, que vezes sem conto acenou ao saltimbanco para lhe parar á porta; e póde corresponder ao pensamento de quem observa a estampa, recordando-se de que foi creança, ou tendo filhitos em casa, galhofeiros, em perenne alleluia infantil. É uma vinheta *sentimental,* reunida habilmente ao assumpto tratado, não para ver-se, mas para sentir-se, suggestionadora, adoravel de ingenuidade...

A preoccupação do sol e da lua é tambem digna de registar-se; adivinha-se o horror das trevas, n'este bom povo; não ha fundo de paizagem, onde não destaque o

disco companheiro que doura as casas e os campos, ou o que espalha prateados relampejos sobre as aguas dormentes nas ribeiras.

Folheêmos ao acaso as minhas estampas. É todo o kaleidoscopo, natureza, povo, phantasia, da existencia nipponica.

É a *musumé,* nas suas mil curvas languidas, rojando-se pelas esteiras dos aposentos, lendo um livro, saboreando uma fumaça no seu cachimbinho de prata, penteando-se, dourando os labios, dedilhando no *samicen,* pintando um *kakemono,* grupando flores n'uma jarra, tomando chá, mordendo em fructos. É a *musumé* no jardim, enlevada em florescencias exoticas, sorrindo ás borboletas que voejam, na contemplação amorosa das aguas tranquillas, atirando com bolos aos peixes vermelhos dos lagos. É a *musumé* ennovelada nas camarinhas pompejantes das gondolas, assistindo radiosa, por entre o enxame dos barcos cheios de lumes, ás grandes serenatas fluviaes. É a *musumé* nas praias, enterrando nas areias loiras os seus pésinhos finos, banhando-se, colhendo conchas. É a *musumé* nas ruas, em bandos de amigas frescas, detendo-se em frente das lojas, dos theatros, dos templos, meia occulta a cabecita na umbella de papel. É o poema das doces intimidades entre a mãe e o filho, o seio turgido que se offerece, a boquinha soffrega que suga, os brinquedos em commum sobre a esteira, as corridas pelo jardim; ou ella que caminha ligeira e feliz pelas ruas, levando ás costas os seus seis kilos de affeição.

E assim se multiplicam as scenas, offerecendo-nos no conjuncto a intuição de uma continua festa do viver, de uma legenda inteira social, de impresciencia, de felicidade e de amor; e familiarisando-nos sem fadiga com os costumes intimos, com a feição ingenua e pittoresca do povo; e habituando-nos aos mil e mil objectos estranhos de uso vulgar ou de ornamentação, o pequenino travesseiro de laca onde a cabeça adormece, a escudella de

charão vermelho por onde se bebe o caldo, a chavena minuscula por onde se bebe o chá, o tamborete acharoado onde se serve a comida, a fofa almofada de seda onde a *musumé* se assenta, o sócco de madeira com presilhas de velludo em que o pé branco enfia, o estojo da tinta e dos pinceis, a lanterna de papel, o vaso de porcellana com um cedro anão, os rochedos lilliputianos do jardim, um mundo interminavel de frivolidades, de bagatelas gentis, nunca imaginadas, nunca sonhadas, imprimindo ao lar um tom de festa perenne.

Mas então n'este paiz não ha miserias, não ha tristezas, não se chora, não se soffre? Mas então a morte não investe aqui contra estas habitações? Não, no Japão não ha tristezas, e na mente não laboram cuidados; é o sol nipponico, sem duvida, que se oppõe ao crescimento d'esses lichens da alma. Parece certo que, de quando em quando, de entre a familia alguns convivas se ausentam, sobretudo os velhinhos; mas vão-se quasi despercebidos n'um vôo de ave emigrante, pelo azul fóra. Conseguintemente o pincel não invoca maguas, que não ha, nem lutos, que não alanceam. Na pintura não se morre. Quando muito, mata-se nos palpitantes transes heroicos, invocados da historia ou da lenda; mas tanto o sol doura a scena, tanto faíscam as armaduras, é tal o ardor do gesto, que a carnificina veste a fórma de um monumental festim de sangue, onde todos riem e todos se embriagam; e é sob este aspecto, que vão passando pelas nossas vistas as galhardas theorias de samorais, de daimios, espadas nuas, lanças em riste, arcos recurvos, bandeiras desfraldadas, acommettendo, chacinando, tingindo as campinas de sangue rutilante.

Folheêmos ainda as minhas estampas. Ás scenas guerreiras succedem-se os motivos de phantasia, a repre-

sentação grotesca dos deuses familiares, a representação terrivel das divindades buddhisticas. São ainda paginas interminaveis de insectos, de aves, de reptis, de macacos, de toda a fauna nipponica; e ha tanta verdade no traço, e um agudissimo sentimento de observação tão suggestivo, que a voracidade, o cio, o medo, todos os attributos predominantes da canalha zoologica, se revelam, saltam das tintas, interessam e commovem. Eis aqui um kagado, que se foi arrastando como pôde té ao cimo de um pedaço de rocha meio submerso; do alto da sua ilha contempla e medita; e no seu olhar côr de limão não ha quem não adivinhe a nostalgia estupida do bruto, fitando o horizonte largo, onde ao longe navegam vélas brancas.

São agora os albuns, com a mesma successão de figurinhas e de scenas. São os livrinhos illustrados, com as capas ardendo em rubros vivos, contendo os argumentos dos estupendos dramas em voga nos theatros, livrinhos que as *musumés* procuram avidamente. São os romances illustrados com deliciosas vinhetas, com adoraveis caricaturas, soltas pelas paginas de negra garabulha; indecifravel esta, por mal nosso, pois é aqui que está sem duvida viva e emocionante a alma do povo, n'estes contos da carochinha, ingenuos, travessos, impregnados de lenda,—que assim se nos afiguram, pelo pouco que as linguas occidentaes têem interpretado da litteratura japoneza.—São os albuns topographicos, traçada a casaria e a curva dos caminhos como se fossem vistas do alto, de um balão; as filas de cerejeiras coloridas a côr de rosa, para não haver duvidas sobre os logares onde as delicadas florescencias atapetam de petalas o solo, em dias primaveris, attrahindo os passeantes para os campos, onde as *chayas* abundam, com bons petiscos, com bons cantos de sombra, com boas raparigas. São as folhas para annuncios, illustradas com humor, havendo um espaço em branco onde o commerciante escreve e exalta as excellencias dos seus artigos, collando-as em

seguida pelas paredes. São finalmente as ventarolas, a expressão mais infima e mais popular do desenho e da gravura; as ventarolas que se vendem por sapecas, as ventarolas que se dão. Não ha modesto templo, não ha modesta venda, não ha modesta *chaya,* que não possua as suas ventarolas privativas, contendo qualquer allegoria e a indicação do estabelecimento, com que se presentea a freguezia. É ver as bandadas de raparigas de volta de um passeio, os peregrinos passando de logarejo a logarejo, carregados de braçadas de ventarolas. As mundanas têem o habito gentil de offerecerem pela manhã, quando as despedidas se trocam languidas e affectuosas, uma ventarola, com o seu nome escripto a grandes gatafunhos: *O-Hana-San* (a senhora Flor), *O-Tzuro-San* (a senhora Cegonha), *O-Chica-San* (a senhora Gazella), *O-kiko-San* (a senhora Chrysanthema)... é o seu cartão de visita...

Hoje, no momento em que escrevo estas linhas, a estampa popular occupa-se com delirio de um motivo palpitante: a guerra com a China, o odio infrene votado ao dragão imperial. Sob este novo aspecto, a estampa merece por um instante a nossa attenção de curiosos. Quando se expozeram á venda as primeiras estampas da guerra, andava eu pelo Japão. Pelas ruas de Yokohama, de Kioto, de Kobe, assisti aos enxames de povo difficultando o transito, em frente da modesta venda, que offerecia um pobre china qualquer em effigie ao sarcasmo das massas. Eram braços nervosos erguidos, eram dedinhos de *musumés* em mimica, eram risos, eram commentarios crueis, eram cortantes exclamações de orgulho e de vaidade; era a grande alma popular, em effervescencia já, estonteada por um patriotismo sem limites, por uma ambição sem medida, sem parallelo nos sentimentos frios, de convenção, das raças occidentaes.

Correram os mezes; pelo que fui vendo, pelo que me foram contando, pelo successivo augmento da minha collecção favorita, eis-me em condições faceis de estudar

a estampa guerreira actual. Attinge o estado de uma mania, que vae até ao frenesi; invade as casas, como as folhas caídas do arvoredo invadem os caminhos; é o commentario palpitante, quasi vivo, das glorias que correram, que vão correndo ainda, que ficarão immorredouras na memoria da turba. Não bastavam á multidão nipponica as linhas inflammadas dos telegrammas, os longos artigos enthusiastas dos jornaes, as narrativas dos que regressavam, isto principalmente durante o periodo mais emocionante da peleja; queria ver; a alegria dos olhos, na impossibilidade de vencer o espaço, de viajar pela terra humilhada, delicia-se na estampa patriotica, que o pincel plebeu compõe a traços vigorosos, e o commercio atira para a rua n'uma chuva de copias.

Que direi d'estes papeis, n'uma apreciação passageira de quem não quer deter-se muito, para não enfastiar os seus ouvintes? Tintas que riem e que gritam, como uma fanfarra que assoprasse hymnos heroicos; a phantasia doudejante, deliciando-se em grandes clarões de granadas explodindo, em estupendas irradiações de torpedos como soes; os guiões nacionaes tremulando em bandos pelos campos; o chaos das esquadras submergindo-se, dos baluartes desmoronando-se, por entre nuvens de fumo pardo e chuvas de metralha, e, mais que tudo curioso, o traço caricatural dado aos soldados chinezes, nos seus uniformes em farrapos, nos seus chinellos esbarrondados, nos gestos turvos de pavor, o pavor que lhes escancara as bôcas, que lhes esbogalha os olhos, que imprime curvas comicas nos rabichos fluctuantes ao vento no ardor da debandada. E desculpe-se a ingenuidade patriotica, que a final de contas não vae muito fóra da verdade: nos campos de batalha juncados de cadaveres são chinas os agonisantes, os que dormem o somno derradeiro, sem que um só japonez lhes faça companhia.

A estampa guerreira de hoje, incontestavelmente notavel pelo berro popular que salta das suas tintas, e que vae contribuir por seu lado para o estudo da alma ja-

poneza, ha-de ter a sua pagina na historia da guerra entre os dois imperios, quando ella se fizer.

Fiquemos por aqui, se vos parece, com respeito á pintura nipponica. Não alonguemos divagações, que poderiam enfadar por demais os que pacientemente me escutam. Se logrei deixar-vos no espirito a intuição, embora imperfeita, do brilhantismo exotico, unico, do pincel japonez, é o que basta; não pretendia mais. Não vos pareça, porém, que essa arte longinqua mereça apenas uma curiosidade de momento, de desinteressados que nada têem que ver com ella. A influencia d'essa arte, como um perfume subtil que se dilue no espaço immenso, alcança a Europa; a cegonha de Hokusai voeja sobre a arte occidental, por mais estranha que pareça a viagem. O Japão, fechado ao mundo após as luctas religiosas, não escorraça inteiramente do seu solo os mercadores hollandezes; ali ficam em Nagasaki, na modesta lingua de terra que se lhes offerece por carcere; durante mais de dois seculos é a Hollanda que monopolisa a exportação dos *kakemonos,* dos tecidos, dos charões, das porcellanas, encarregando-se de divulgar profusamente por todo o mundo uma industria de maravilhas. É curiosissima a coincidencia de multiplices affinidades, que approximam entre si batavos e japonezes; de sorte que poderia bem chamar-se áquelles, a muitos respeitos, os japonezes da Europa, ou a estes os hollandezes do Oriente. A arte japoneza, que tão notoria influencia exerceu na arte hollandeza, transmittindo-lhe os segredos da sua louça, os processos da sua floricultura, até o gosto no amanho dos seus jardins, forçosamente tambem se insinuou pela pintura; e é caracteristico o facto que todos conhecem, de ser a innovadora Hollanda que enceta brilhantemente o naturalismo na pintura, quando

toda a Europa artistica continúa fazendo-se conhecida pelo seu pincel fradesco, pelas suas télas impregnadas de symbolismo, de mysticismo. A preoccupação de pintar a verdade, poetizando-a embora, de dar vida á téla, ganha depois, pouco a pouco, a sensibilidade do mundo inteiro; é a cegonha de Hokusai que desponta no céu da arte. Hoje, mais do que nunca, n'um certo abandono de tons, no humorismo do traço, no quasi amor com que se pinta a ave, o insecto, a ramada florida, palpita —chamem-me embora visionario!— alguma cousa da alma japoneza. Não vamos mais longe: nos livros luxuosos, semeados de illustrações, de pequeninas vinhetas, a rirem pelas côres dos frontispicios, adivinha-se o livrinho nipponico, folheado pelas mãos da *musumé*.

Fallei atraz do mimo colorista dos tecidos japonezes. Depois da pintura, vou confessar-vos um resto de impressões sobre o assumpto; e vem a proposito, pois tão admiravel é a habilidade artistica da mão que entretece o fio e que combina os tons, que chega a avizinhar-se mui de perto da arte de pintar.

Comprehende-se como, nos bons tempos nipponicos, essa gente sedenta de brilhantismo, essa turbamulta de daimios, de principes, de princezas, sempre em continuo ceremonial e em continuas festas, désse ao vestido uma importancia maxima. Foi assim que a industria da seda, da seda tão abundante no paiz, tão propria para os tecidos de luxo, foi progredindo em primores, appropriando-se dos pacientes processos chinezes, attingindo finalmente uma perfeição incomparavel. O mimo das côres, a delicia das lhamas e dos brocados, a riqueza dos oiros attingem o auge da execução; é Kioto, a cidade cortezã, o centro da arte. Primeiramente, é o trajo masculino que suscita mais cuidados; n'essas remotas

eras, guerreiras e cavalheirosas, mal se concebe o luxo exuberante d'esses senhores de feudos, percorrendo em gala os seus dominios, banqueteando os amigos, ou vindo, com as suas longas tunicas, com as suas longas calças, que lhes davam o aspecto de caminharem de joelhos, prostrar-se em frente da tenda de setins, onde se occulta o Mikado, o deus-soberano.

Depois foi-se mais justo; por uma logica intuição de esthetica, percebeu-se que o contacto doce das sedas, que os primores da côr, eram bem melhor destinados á epiderme macia e á graça minuscula das mulheres; e que só com maravilhas de arte haveria pretexto plausivel para lhes cobrir a adoravel nudez. O tecido, que primitivamente era forte e unido, começou a ser ligeiro e flexivel, e o *kimono* feminino passou a merecer particularmente os maiores desvelos. Datam de então os aperfeiçoamentos extremos dos setins, dos deliciosos crepes, das sedas leves como nuvens. Coincide o facto com o esplendor do naturalismo na pintura; e os mais amorosos pinceis dos mestres vem povoar de chrysanthemas, de flores de cerejeira, de folhagens de bambús, de borboletas, de abelhas, de cegonhas, de ondulações oceanicas, os vestidos que vão cingir-se ás bellas.

Nas tapeçarias, nos bordados, ainda a arte consegue maravilhas. Ha deliciosos *kakemonos,* onde o fio de seda substitue as tintas; a arte mechanica attinge então o incrivel, no avelludado das flores, na plumagem das aves, nos jogos de luz, onde a verdade palpita doida, estonteante.

Pela Europa, nas collecções dos amadores, são muito apreciados uns pedaços de seda da grandeza de lenços, os *fukusas,* muito em voga no Japão de ha cem annos, e então utilisados em cobrir o presente que se offerecia a um amigo, devolvidos após em signal de ter sido entregue. No setim encorpado do *fukusa,* de tons inimitaveis de coloração, mãos intelligentes, palpitantes de arte, bordavam um motivo qualquer, que era um ramo de

flores, que era uma bandada de aves, que era um enxame de insectos, que era um cardume de peixes.

Mudam os tempos. Hoje já não ha daimios e são raras as princezas, creio que nem já presentes se enviam, envoltos em preciosos *fukusas,* aos amigos; e o mercador inglez bate á porte do artifice, e encommenda fardos de sedas ao sabor da Europa, ao gosto das *ladies* ossudas, que com ellas se vestem, se compõem, se arrebicam, para o baile, para a opera, para o passeio, no jogo da *flirtation.*

No entretanto a clientela indigena, mil vezes mais modesta do que outr'ora sem duvida, ainda anima uma industria gentilissima de tecidos, para o *kimono,* para o *obi,* para o lenço, para a colcha, para mil frivolidades em uso. A *musumé* principalmente representa hoje o esteio milagroso a que se agarra a arte, a magana; a *musumé* tem a perfeita noção dos seus encantos, e sabe quanto elles realçam no fofo ninho das sedas e dos crepes; para ella, exclusivamente para ella, labutam legiões de escrupulosos operarios e se fabrica o que de mais delicado produzem ainda os teares; e não ha sedas mais lindas no mundo do que as dos seus *kimonos,* do que as dos seus *obis,* d'estes sobretudo, que a moda requer de preciosos setins adamascados, em finos brocadilhos de matizes deslumbrantes, de pratas e de oiros resplendentes. Póde dizer-se que não ha *musumé,* por mais modesta, que não possua dois ou tres vestidos de seda; e é um regalo o deliciar a gente a vista pelos arruamentos da especialidade, em Tokio, em Nagoya, em Kioto, em Osaka, onde os tecidos se desenrolam das peças á frente das lojinhas, como em sanefas festivas, n'uma hilariante exposição permanente.

Com respeito a bordados, o que hoje se faz ainda é por vezes adoravel; e adoravel é a *musumé* humilde, com quem os olhos por acaso deparam, ajoelhada sobre a esteira do seu interior modesto, toda attenta na combinação das côres e nos segredos da trama, da obra em

que vae pousando ao de leve os seus finos dedos habilidosos.

Proseguindo sempre na nossa tarefa, vamos lançar rapidas vistas de curiosos pela ceramica, pelos charões, pelos bronzes, pelas multiplices manifestações da arte japoneza. Mais do que na pintura, mais do que na arte dos tecidos, havemos de presentir a primitiva e remota insinuação chineza, por vezes a insinuação coreana, introduzindo os processos, que os japonezes depois melhoram, modificam, impregnam da sua brilhante phantasia, implantando effectivamente um caracteristico e gentilissimo cunho nos seus productos. É bem conhecida por todos a qualidade curiosa, qualidade psychica, que no rigorismo do termo faz que elle não seja um povo creador; dando-lhe ao mesmo tempo aptidões excepcionaes de adaptação, de imitação, que attingem, pelas transformações successivas do assumpto, a mais deliciosa originalidade. Sabe-se quantos epithetos pouco lisonjeiros têem por este facto merecido os filhos do sol aos seus detractores, attribuindo-lhes simples dons imitativos de macaco, em face das civilisações com que logram relacionar-se. Portentosos macacos! A meu ver, é a esta benefica qualidade que os japonezes devem todo o seu prestigio, toda a sua fama de povo amavel e artistico, toda a sua grandeza remota e toda a sua grandeza de hoje, e por ventura a futura grandeza já possivel de prever-se. Que esta mesma qualidade os arrasta por vezes pelo caminho dos pequeninos ridiculos, dos pequeninos exageros, é bem claro, e não serei eu que o venha contestar aqui.

Eu vos explico agora o meu paradoxo. O japonez não cria, estamos vendo; imita e transforma; é esta a historia da sua porcellana, por exemplo, que lhe vem da China e da Coréa, para não fallarmos já da sua propria escripta, que tambem a China lhe traz em doação. D'este

curioso phenomeno, d'esta condição biologica (desculpem-me o palavrão), resulta naturalmente que no Japão não haja pensadores; a idéa obcecante a trabalhar n'um cerebro, o labor teimoso do gabinete, a obstinação intellectual que extenua um obreiro e lhe acarreta a degenerescencia da prole, são estados de alma que não se conhecem na sociedade nipponica. D'aqui, uma juventude perenne de raça. D'aqui, a alegria irradiante da despreoccupação, a frescura do espirito, onde as pragas da nevrose, da misanthropia, do desanimo, não logram inocular o virus canceroso. D'aqui, a distincção de antipoda, que vae do investigador ao amador.

O japonez escolhe um assumpto, que entrou já no dominio das cousas praticas; comprehende-se como elle se dedique a burilal-o por uma predilecção pessoal, de amador, de apaixonado; comprehende-se como elle se encontre assim nas melhores condições para pôr ao serviço de uma idéa toda a liberdade phantasista, todo o sentimento proprio, todos os recursos intellectuaes, todo o amor pela verdade e pela natureza-mãe, tão prodiga de encantos no seu paiz natal. Não se cansa, gosa; não inventa, melhora; não pensa, ama. Bem longe de requerer o isolamento e a clausura indispensaveis áquelle que medita, o trabalhador japonez reclama luz e vida, muita luz e muita vida. Labuta na sua casinha garrida, aberta a todas as irradiações do sol, mergulhando de quando em quando o olhar na alacridade doce da paizagem, escutando o zumbido das cigarras e a grulhada dos passaros, com o seu chá ao pé de si, com o seu cachimbinho ao pé de si, com a sua companheira ao pé de si, com os seus filhinhos ao pé de si, seus naturaes aprendizes e futuros continuadores do seu mister. Fiz-me comprehendido? Imaginaes como um modelo tosco nas mãos amorosas d'esses filhos da bohemia artistica, mãos que palpam, que afagam, que se deliciam no contacto das curvas e das arestas, possa originar uma obra prima? Creio que o admittís; e, quando restassem duvidas,

não está alem esse mesmo paiz nipponico, esse ramalhete de ilhas, ferindo o olhar do recem-chegado pelo seu aspecto estranho e unico, pela indole tão especial do seu povo, pela sua civilisação tão caracteristica, pelos productos tão gentis ou tão bellos das suas actividades, attestando, mais do que todas as deducções, a originalidade exuberante e maravilhosa da turba?

Sempre sob o mesmo ponto de vista, explico-me a mim proprio todos os requintes que attingiu a arte japoneza. Mais ainda: seguindo pelo campo fóra das hypotheses, encontro a mesma plausivel explicação para a rapida marcha evolutiva do paiz do sol no caminho dos progressos modernos, que são a prodigiosa nacionalisação das artes e industrias occidentaes, o seu engrandecimento material e scientifico, de fabricas, de arsenaes, de instituições, de escolas. Tudo isto é admiravel, sem exemplo em outros povos; é a imaginação fresca e curiosa, d'essas creanças que nunca envelhecem, brincando com a lei evolutiva das sociedades humanas. Se ha ridiculo, e ha-o, está na facilidade irreflectida com que o japonez abraça uma impressão nova para elle; está por exemplo no chapéu de feltro e no fraque de casimira, despreziveis, que elle substitue ao seu bello *kimono* de sedas ondulantes. Se ha calamidade, e ha-a, está no sopro de utilitarismo vindo de longe, que lhe está fazendo crear cobiças de ganancia, reduzindo a sua arte adoravel, destinada para principes, a productos degenerados, de pacotilha, expedidos em caixotes para todo este mundo de ignorantes remediados, com a designação banal de *fragile,* escripta nas seis faces. Se ha finalmente perigo, e póde havel-o, e ha-o mesmo, para a constituição social do Japão, está n'esse mesmo phrenesi desmedido em que se avança, pela treva do desconhecido, sendo o facho da vaidade e das ambições sem freio, proprias da raça, que muitas vezes illumina a estrada.

Voltando á arte, para explicar a causa principal que a leva á degeneração, incontestavel, basta pensar na epo-

cha faustosa passada, em que a existencia se consumia em dissipações, em festins, em grandes ostentações de culto. Então havia fabricas, que trabalhavam exclusivamente para um só principe. Então havia artistas, que se encerravam durante longos annos no castello do seu senhor, a fim de concluirem pacientemente a preciosa chimera, que ía fazer sorrir por um momento uma filha de daimio; e póde assegurar-se que mais de uma existencia se consumiu n'um unico transporte amoroso:—na contemplação de uma boceta, ou de um pedaço de tecido, que as mãos trementes íam creando, afeiçoando, melhorando. Epocha de prestigio feudal, epocha de oiro rolando das mãos finas dos principes, epocha de crenças, epocha de adoração de um povo inteiro. Quando se foram os daimios e quando se foram os principes, para não mais voltarem, a nova constituição trouxe a liberdade á arte; mas esta liberdade correspondia á complacente auctorisação para mendigar o seu arroz, se não se decidisse em bater ás portas dos exploradores estrangeiros, sobraçando os seus productos como um judeu de feira, e naturalmente adulterando, amesquinhando, para vender muito e para vender barato. No entretanto é tão intenso o sentimento artistico nos filhos do sol, que mesmo no estylo abastardado de hoje palpitam a gentileza, a verdade, o naturalismo amoroso, que todos os olhos seduzem. No seu mais infimo artigo, o Japão guarda o segredo, que os outros povos desconhecem, de estampar como uma marca de fabrica o seu cunho de graciosidade incomparavel; não ha bagatella, que não dê os *bons-dias* affectuosos á vida, á natureza esplendida.

Procurando impressões sobre a ceramica japoneza, convem desde já classifical-a em dois ramos bem distinctos: a porcellana e a olaria. Os processos fabris da por-

cellana vem da China, ahi pelo anno de 1520. A porcellana é, pois, uma arte importada. O que os japonezes fizeram, e foi muito, foi realçal-a com a sua livre phantasia, sem jamais poderem attingir o segredo de alta perfeição e homogeneidade na materia prima, que se revela nos productos chinezes. Rigorosamente, a peça de porcellana, saída do forno japonez, não desperta admiração pela pureza do seu kaolin; mas encanta pela gentileza nas fórmas, pelo mimo nos desenhos, pelo brilho nos esmaltes. Na jarra, no vaso, na garrafa, no perfumador, no boião, o mais saltante enlevo está talvez na doçura suggestiva das curvas, de uma geometria amorosa do nu, inedita, que parece inspirar-se na gracilidade suave de um braço, ou na redondeza tumida de um seio, ou na amplidão serpentina de um quadril. Depois vem a ingenuidade bucolica do desenho, nas florinhas que estrellam os fundos, nos insectos e nas aves que voejam, nos longes cariciosos da paizagem. Depois ainda é a harmonia inimitavel das tintas e dos oiros, das cores ineffaveis, banhadas na frescura eterna dos esmaltes.

Por 1647 estabelece-se em Imari o principal centro fabril porcellanico do Japão; mais tarde Kioto, Kutani, outros centros ainda, haviam de ganhar notoria celebridade na mesma industria. São os hollandezes que, pelo afan com que procuram os seus productos, mais concorrem para o grandioso desenvolvimento de Imari, ao passo que divulgam por toda a Europa a deliciosa louça nipponica. Um dos typos de Imari, a decoração de chrysanthemas e de peonias, em azul, vermelho e oiro, cria as fabricas de Delft na Hollanda, fabricas que vão por seu turno imprimir um novo gosto e uma requintada perfeição em toda a ceramica europêa; e é ainda Delft que dá o estylo ao primeiro ensaio da porcellana em Portugal, quando se cria a celebre fabrica do Rato em Lisboa, isto em 1767, posto que (e é triste dizel-o) houvessem sido portuguezes os primeiros que vieram ao Japão e levaram comsigo louças japonezas. De um segundo typo de Imari,

ao branco creme do esmalte alliada uma ornamentação sobria de paizagem, de florinhas e de aves dispersas, derivam os productos de Saxe e de Chantilly. Estaes julgando: é a moderna louça luxuosa da Europa devendo tudo ao Japão.

Passam os tempos. No meio do desprestigio actual da porcellana japoneza, não é licito ainda negar-lhe muito encanto. Mas vêde como a arte primitiva se abastarda: os japonezes moldando jogos de lavatorio, quando os não usam no seu lar; os japonezes moldando apparelhos de almoço e de jantar: assucareiros, quando não usam assucar no seu chá; pires, quando os não têem; bules de familia, quando o bule japonez é o bule minusculo, que a *musumé* empunha, para servir o chá em taças minusculas, tendo ao lado a chaleira de agua quente, prompta a renovar a infusão quando se esvasiam as taças; terrinas, travessas, pratos, todo o arsenal do glutão, quando o jantarinho indigena vem já servido em escudellas de laca, e a cada conviva se offerece sobre um tamborete de charão a baixella inimaginavel de vasilhinhas chimericas. Quem hoje queira deliciar-se na linha authentica, e unica sincera, tem de procurar as raras peças antigas, nos bazares ou nos museus; resta-lhe tambem a louça usual, que não sáe do lar, facil de ver-se em certas vendas dos bairros indigenas, onde o europeu poucas vezes se embrenha por enfado. Com respeito a decoração, occorre-me narrar-lhes uma anedocta íntima. Escrevêra eu a uma senhora, promettendo-lhe para breve a remessa de um pequeno apparelho de almoço do Japão; passo sem commentarios o seu alvoroço ingenuo de boa rapariga, para quem o mundo se resume no interior modesto em que vive os seus dias serenos; mas dizia-me ella no antegoso da espectativa: — «fallam muito dos encantos d'essa louça, sobretudo de uns certos apparelhos com *estampilhas* pintadas...» — Fica tudo dito, parece-me. Não é a opinião d'ella, nem das pessoas com quem conversa; é a opinião de toda a gente. A arte japoneza, para ser venda-

vel, para impressionar o luxuoso millionario, que se chama *toda a gente,* desceu ao desplante de ir pintar estampilhas, e cousas varias d'este gosto, nas suas porcellanas. Que vergonha!...

Acima da porcellana em meritos, como arte nacional, está a olaria japoneza. É n'este ramo da ceramica, no trabalho paciente das argillas, que o sentimento, que a viva originalidade indigena attingem um primor adoravel. A origem da louça de barro, rustica, imperfeita, destinada aos misteres ordinarios da vida, perde-se na lenda archaica. Sabe-se que no seculo v da nossa era havia fornos espalhados por todo o Japão. Pelo seculo VII, um bonzo, chegado da Coréa, imprime grande desenvolvimento á ceramica, e parece ter inventado o torno. Dois seculos depois, trabalha-se a esmalte. Com o uso do chá, introduzido da China, uso que requeria acondicionamentos especiaes para a perfumada folha, progride rapidamente a faiança. Um oleiro da provincia de Owari, que viajou na China, fabrica os primeiros boiões para guardar o chá. Pelo seculo XVII surge em Kioto um talento genial, Ninsei, pintor de profissão, mas que se dedica apaixonadamente á olaria. É elle quem radica o estylo nacional, estabelecendo activas officinas nos arredores da cidade artistica, muitas d'ellas ainda hoje em actividade, e perpetuando por amorosa tradição os seus processos e o seu estylo. Os mestres succedem-se; são Kinkuzan, Kenzan, Ogata, Mokubei, Rokubei, Donatshi, Yeiraku. A faiança attinge uma alta feição artistica, profundamente nacional, mais ornamental do que utilitaria, amorosa da natureza, das fórmas animaes, por vezes humoristica; e é representada principalmente pelas innumeras fórmas da estatueta, do boião de perfumes, da caixa de remedios, do perfumador, da floreira. Comprehende-se effectivamente o que possa dar essa argilla pas-

tosa, obediente a todos os contactos, quando sujeita ás mãos mais habilidosas, mais ligeiras, mais artisticas, que se conhecem.

E agora um áparte, emquanto estamos n'este assumpto. Não conheço a historia artistica da nossa louça das Caldas. Ja ouvi filiar esta louça na tradição de Palissy. O que attesto, por ter visto, por ter comparado, é a sua notavel similhança com um certo ramo de trabalhos de argilla, de ornamentação popular no Japão, e ainda na China. Custará a acreditar que do Extremo-Oriente lhe viesse a inspiração directa?

Dos mais notaveis, se não o mais notavel producto da ceramica japoneza, é incontestavelmente a faiança de Satsuma. O nome é bem conhecido, posto que não os artigos, embora se impinjam aos centos pelos armazens de curiosidades, pobrissimos exemplares baptisados com este appellido prestigioso. A origem da louça de Satsuma data da volta da expedição da Coréa, organisada por Taico-sama; dezesete familias de operarios coreanos foram trazidos para a aldeia de Naeshigawa, onde se entregaram pacientemente á sua industria; em principios do seculo XVIII aggregam-se á fabrica, já florescente, alguns eximios oleiros de Kioto; e é então que a delicada argilla, reduzida a um pó impalpavel, coada por tecidos de seda, alcança uma perfeição maravilhosa. Ao contrario do que muitos julgam, as peças de Satsuma nunca alcançam grandes dimensões; limitam-se a deliciosas miniaturas, onde o mimo da minucia só encontra parallelo no labor do joalheiro, trabalhando os esmaltes e as filigranas. Para julgar pelos meus olhos, para ser conscienciosamente sincero no que me resta a dizer, vou ao meu armario milagroso, e d'elle transfiro para a mesa onde trabalho uma adoravel bugiganga que possuo, que reputo authentico e antigo Satsuma. É uma figurinha de cerca de um decimetro de altura, Daikoku, o deus da abundancia, sentado sobre saccos de arroz e empunhando um malho. O todo é de um esmalte brilhante e doce ao

tacto, de uma coloração uniforme entre o branco leitoso e o marfim velho, e como que envolto n'uma fina rede de gaze, que provém do esmalte estalado durante a acção do fogo, o *craquelé* dos francezes, commum a outras louças; *craquelé,* que constitue uma gentil originalidade, inspirada n'um primitivo defeito de fabrico. A coloração é de tons vermelhos de tijolo, de verdes tenues, de lilazes quasi imperceptiveis, de sepias que vão do negro ao amarello, e de oiros sobrios sem brilho; florinhas soltas estrellando o *kimono,* sinuosidades tenues de traço lembrando o gosto arabe, n'um ligeiro relevo perceptivel ao contacto. Tal é o meu Daikoku, que póde dar-lhes idéa assim descripto, levemente sem duvida, do que seja a louça de Satsuma, delicada até ao ultimo requinte, alegria dos olhos, maravilha das maravilhas em ceramica.

Conheceis a delicia dos charões. Um trabalho maravilhoso, com o traço e o mimo da pintura, com o esmalte e a transparencia da faiança, e que não é nem pintura nem faiança, que não é nada do que já vimos, que não tem similar na arte occidental; trabalho deslumbrante, exclusivo do Extremo-Oriente, e particularmente do Japão, que n'este ramo excedeu muito em primores a sua vizinha continental. O charão, ou a laca, vindo esta ultima designação do nome do verniz empregado, é a primeira industria ornamental creada no Japão. A sua origem é lendaria. N'um templo da velha capital do imperio, Nara, existem caixas de charão, contendo livros sagrados que se attribuem ao seculo III da nossa era. Um livro do anno 380 menciona as lacas vermelhas e as lacas de oiro. Um outro livro, de 410, refere-se ás lacas mosqueadas com finas palhetas de oiro, que são as lacas hoje conhecidas por *aventurinas.* Finalmente uma lettrada, Mura-Saki-Shikibu, falla em 480

de uma nova especie de charão com incrustações de madreperola. De sorte que, ha bem mais de mil annos, estavam positivamente delineadas as variedades do charão, como elle se fabrica actualmente. Nos seculos XVII e XVIII as lacas attingem uma perfeição culminante, e muitos nomes se illustram no mister.

Como nenhum de nós se propõe praticar no officio, não me desenvolvo em delongas sobre esta arte exotica; industria penosa, imminentemente paciente, passando por mil peripecias até crear-se o objecto perfeito capaz de expor-se á venda; industria que começa com a colheita do verniz por incisões na arvore, exercida pelos bosques fóra, de julho a setembro, por bandos de homens untados de gordura, que usam como preservativo do contacto corrosivo da droga; depois é o trabalho meticuloso de marcenaria, o aplainamento das taboinhas que formam o objecto, a tarefa de unil-as, de alisar as juntas, de disfarçar os angulos e as arestas com determinadas substancias; depois são as demãos de verniz, umas dezoito em numero, intervalladas com seccagens n'um armario escuro durante longos dias, intervalladas com alisamentos successivos; são as applicações da prata, do oiro, ora em relevos, ora em camadas tenues, ora em delicadas pulverescencias quasi vaporosas; são as applicações das diversas materias coradas, e da madreperola, e do marfim, e da tartaruga; dias e dias succedendo-se, mezes, annos ás vezes, até dar-se por terminada a obra, a pequenina bagatela, que vae simplesmente encantar os olhos. Variando em valor, valendo fortunas ou quasi sem preço, contador, estante, tamborete, mesa, caixa, cofre, boceta, taça, tudo, espalha-se por toda a parte, entra no palacio do principe como no lar modesto, como no albergue do pobre; figura na ornamentação das casas, espelha nas arestas das paredes e nos frisos dos sobrados; a *musumé* usa-o a começar no pente do cabello até á face exterior do seu calçado; é a industria vulgar do Extremo-Oriente. E nada talvez nos segrede mais sug-

gestivamente intimidades requintadas d'essa vida nipponica, passada no doce mysterio dos aposentos, na paz pueril das coisas gentis, do que as pequeninas lacas, as bocetas, os estojos, as gavetinhas, deliciosos moveis minusculos feitos para dedos subtis; dedos que palpam, que abrem, que fecham, n'uma volubilidade de insectos, na occupação cariciosa de si mesma, da *musumé,* que se rodea das caixinhas dos perfumes, das pomadas, dos remedios, das pastilhas, dos amuletos, do tabaco, dos ganchos, dos pentes, que aqui guarda o oiro com que pinta os labios, alli o branco que applica ao rosto, alem o pó dos dentes, acolá as escovinhas... o immenso arsenal lilliputiano da mulher mais chimerica, mais adoravelmente feminina, que ainda veio ao mundo... D'isso falla o charão, em confidencias maliciosas e indiscretas...

Das bocetas, passâmos aos colossos; pois que viajamos em paiz nipponico, todas as surprezas são plausiveis. Ouvistes já fallar dos famosos colossos em bronze, do Buddha, que se admiram no Japão? Tratando de esculptura, o assumpto leva-nos logo a enumerar esses padrões gigantescos da arte japoneza, os Daibutsus, os grandes Buddhas, de Nara, de Kamakura. A esculptura, destinada primitivamente em todos os povos a dar fórma aos seus deuses, teria tido o seu inicio no paiz do sol com a introducção do buddhismo; a religião archaica, o culto shinto, que corresponde a um sentimento simples e espontaneo de povo barbaro, na doce contemplação astral, não tem imagens. A madeira foi sem duvida primeiramente trabalhada, como material abundantissimo e mais obediente á mão pouco educada do artista; e d'isto restam vetustos documentos; mas já no seculo VII se fazem estatuas em bronze, e nas reliquias de Nara não são raros os exemplares que o confirmam.

A impressão colhida da minha primeira visita ao Daibutsu de Nara, em companhia de um official japonez meu amigo, é das que vivem no pensamento para toda uma existencia. É por um dia de julho, cheio de sol, abrazador, que me approximo do templo, cuja fachada em ruinas está em arranjos, mal definida por entre a rede dos andaimes, das vigas, dos enormes bambús entrecruzados. Um bonzosito disforme, pallido como cêra e chagado de molestias, olhos de illuminado, convida-me a concorrer com o meu obulo para a obra de reconstrucção; e amavelmente, com uma reverencia e um gesto de sua mão adunca, dá-me ingresso. É subitamente a paz solemne das coisas santas, a frescura e a meia-luz dos logares mysticos; e occupando a vastidão do recinto, dominando tudo, pelo vulto e pela alma, não permittindo ao olhar que se distraia nos adornos e accessorios, Elle, o colosso, na tranquillidade absoluta do seu Nirvana. É portentoso, é immenso, tão grande, que aterra. Está sentado sobre a flor de lotus, a planta symbolica da suprema pureza, porque emerge dos lodos immaculada, não se deixando tocar pelos salpicos das lamas que a rodeam; a mão esquerda descança sobre o joelho; a mão direita ergue-se espalmada, como que abençoando o mundo crente. Palavras não descrevem a magestade suggestionadora do deus gigante, envolto em roupas que caem em longas pregas ondulantes, onde o metal, pelo azebre dos seculos, apresenta a apparencia molle do velludo; e menos se descreve o que, do rosto do Messias indiano, emana de serenidade suprema, de desprendimento terrestre, penetrando-nos até á alma, enternecendo-nos. A ninguem acode por certo a mais leve sombra de ironia que faça sorrir labios em desdens; uma atmosphera de piedade envolve o espectador; christão, mussulmano, atheu, é-se buddhista, durante os minutos que decorrem na contemplação sincera e humildosa do Deus do Extremo-Oriente. Esta estatua é o maior bronze que se conhece, e incontestavelmente um dos

mais bellos. Dizem noticias que o colosso, abstrahindo do pedestal, mede vinte e seis metros de altura; se um dia se erguesse da sua posição de repouso, attingiria quarenta e dois metros; são eloquentes estes numeros, para que se possa fazer vagamente idéa da grandeza da imagem. Foi fundida em pedaços e transportada para Nara pelo anno de 745. Entram na composição da liga—oiro, zinco, mercurio e cobre.

E que lhes direi do Daibutsu de Kamakura? É bem mais recente o deus. Conta a tradição que o shogun Yoritomo, que em 1192 escolheu Kamakura para sua capital, concebêra o desejo de dotal-a com uma imagem, que recordasse á piedade o famoso Buddha de Nara. Morrendo antes de realisar o seu intento, uma dama da côrte se encarregou de colher donativos para a empreza, dando o enternecedor exemplo de ceder os seus ordenados em favor d'ella; um templo foi erguido, e a estatua fundida pelo anno de 1252. Este bronze é considerado como uma das maravilhas da arte japoneza. Vi-o, como toda a gente o vê; pela vizinhança de Kamakura com Yokohama, onde especialmente a onda dos visitantes se retarda, é bem mais conhecido do que o Buddha de Nara. A este, ao bronze de Nara, quero, porém, bem mais. Imaginem que de longa data um incendio devorou o templo, que não mais se pensou em reconstruir; o Buddha, posto que bello nas fórmas, hoje assim em plena luz surdindo de uma clareira rodeada de verdes cedros, perde da sua magestade, lembra uma decoração de jardim; menos amplo do que o outro, ainda mais se afigura reduzido, projectando-se na amplidão do azul da paizagem; e para cumulo de desprestigio tiveram os bonzos a lembrança de permittirem aos visitantes o ingresso pela barriga dentro do deus, negra catacumba sem entranhas, é claro, onde bruxoleam lampadas e fumegam incensos. Um photographo vive ao lado, espreitando a turba; ainda ha poucos dias uma gentilissima excursionista, que eu tive o prazer de conhecer, vinha, como toda

a gente vem, avizinhar-se do deus e offerecer os seus sorrisos frescos á objectiva da camara escura. Não, em Kamakura não se respira o solemne mysticismo de Nara.

Os dois gigantes de que acabo de fallar-vos, constituem dois gloriosos padrões da velha arte do bronze, no paiz japonez. No entretanto, tal arte estava longe de corresponder ao verdadeiro sentimento nacional; fôra o buddhismo que a creára, e era elle que continuava inspirando-a; deveria sentir-se acorrentada aos mil preceitos liturgicos de uma noção vinda de fóra, mal sentida por certo; tinha fatalmente de declinar. E declinou, para resurgir pelo seculo XVII, já verdadeiramente japoneza, já liberta de preconceitos, já amorosa da vida, da animalidade, da natureza inteira. Os bronzes dos seculos XVII e XVIII, e ainda os que hoje se fabricam, vasos de culto, jarras, jardineiras, floreiras, perfumadores, uma infinidade de objectos de luxo, são deliciosamente bellos. Se por vezes a homogeneidade do metal é inferior á do bronze chinez, no dizer dos intendidos, a belleza da fórma, o cuidado dos detalhes, os cambiantes da côr, representam mil realces incomparaveis.

Vem talvez aqui a proposito mencionar o chamado *cloisonné* pelos francezes, o *bronze-porcellana,* se me permittem assim classifical-o agora. No bronze da peça desenha-se o contorno de um assumpto; sujeita-se depois ao traço, por soldadura, um fio metalico; e nos compartimentos distinctos, assim constituidos, se vasam os esmaltes, que depois se pulem, se brunem, por morosos e pacientes processos, dando finalmente ao todo um aspecto vitreo, de mil côres cantantes separadas por nervuras de oiro. Ha urnas de *cloisonné* que mereciam ser adoradas...

Com a renascença da arte dos bronzes coincide a admiravel perfeição que attinge a esculptura em madeira.

É esta então uma arte especialmente decorativa, intimamente ligada á architectura. Entre outros, Hidari Zingoro immortalisa-se como um grande mestre; a sua obra está nos mil rendilhados dos templos de Nikko e do templo de Tshioin em Kioto, e nas ornamentações famosas do castello de Nagoya. As mascaras de madeira, geralmente caricaturaes, cujo uso vem dos tempos lendarios, servindo em determinados actos religiosos, e na côrte, no theatro, na dança, tambem alcançam renome de perfeição no seculo XVII. Começando pela estatuaria dos deuses, pela esculptura dos colossos, vamos acabar pela esculptura lilliputiana das *netsukés*, dos cachimbos, dos estojos dos cachimbos, onde a arte, por minuscula, não se mostra menos adoravel e caracteristica. As *netsukés* são figurinhas de marfim, ou de madeira, ou de metal, com dois furos por onde enfia o cordão da bolsa de tabaco, ou de estojo do cachimbo, ou da boceta de remedios; o cordão passa por baixo da faixa que abraça a cinta, e a *netsuké* impede que se escape. Os artistas trabalharam com particular amor estes enfeites, que começaram a ter voga pelo nosso seculo XVII; o mytho, a lenda, a historia, a natureza nas suas mil e mil fórmas de cousas graciosas, forneceram-lhes uma infinidade de motivos. Havia especialidades: tal familia dedicava-se aos ratos, tal outra aos caranguejos, outra aos macacos; e pela persistencia no estudo, e pela paciencia da mão educada, e pela paixão phantasista, realisavam-se verdadeiros primores de esculpturas infimas, que íam enfeitar as *musumés* e os janotas de então, fazendo hoje as delicias dos curiosos da arte. Vou descrever-lhes uma *netsuké* que possuo: é uma figurinha de menos de tres centimetros de altura, de marfim torrado pelos muitos annos, representando uma velha mendiga descançando assentada sobre a viga do acaso, que encontrou na estrada; a fronte em rugas, o cabello em madeixas, os membros esqueleticos, a tunica e o chapéu de róta em fiapos, o pedaço de bambú a que se arrima, o cesto de

provisões, tudo se define em minudencias preciosas; mais ainda,—no seu rostinho decrepito paira sublime o vago sorriso peculiar a quem já assiste á vida como desinteressado, como hospede a mais, alheio á dor e ao prazer.—Outra *netsuké* é uma cigarra de madeira; tão bem feita é ella, tão bem delineada em contornos bojudos de abdomen, em largas azas reticuladas, em membros nervosos, que eu tive nojo d'ella quando a vi n'uma venda de velharias, julgando-a para alli esquecida, morta de fresco.

Os cachimbos igualmente, os cachimbos de prata que constituem um objecto indispensavel para todo o japonez ou para toda a japoneza que o luxo enleve, e os seus estojos, de madeira, ou de bambú, ou de marfim, ou de ponta de veado, são tambem mimos de gentilissima esculptura; mal dando idéa, para estranhos, a denominação de cachimbo, da delicada e pequenina peça cuidada como uma joia de ourivesaria, elegante e ligeira, terminando n'um extremo pelo exiguo forno que apenas comporta uma pitada de louro tabaco oloroso, e no outro extremo pelo bocal afilado, que os labios procuram amorosamente de momento a momento.

Duas palavras agora com respeito aos prodigios que o martello e o cinzel conseguiram dos metaes, especialmente do ferro, que é o metal nobre por excellencia nos bons tempos do Japão. Por excellencia nobre, porque o ferro arma o braço na peleja, é de certo modo a alma da guerra; e quem mais guerreiro do que o povo nipponico, que durante seculos e seculos, na absoluta indifferença pela propria vida, servindo um principio, servindo a vontade de um daimio, servindo um simples capricho, se agita em hostes luzidas e garbosas, febricitantes, sedentas de sangue e de glorias? A couraça e o capacete

começam propriamente com o shogun Yoritomo, que viveu de 1147 a 1199; elle, que organisa a classe militar, que se empenha em luctas renhidas, dedicando-se a tudo que se relaciona com a arte da guerra, não se esquece de attender á armadura. De aperfeiçoamento em aperfeiçoamento, pelo tempo de Taico-Sama, o grande general, o trajo do samorai attinge o maximo esmero, a maior elegancia alliada á maior resistencia; as armaduras d'aquella epocha merecem a sincera admiração de todos. Por seu lado as armas, chuços, lanças, frechas, machados, e sobretudo os sabres, são trabalhados com particularissima attenção; não ha fina lamina de Toledo, que se approxime sequer da tempera excepcional de uma espada de samorai.

O sabre, para esse povo cavalheiroso e aventureiro, é o que de mais venerado ha no lar, o que o pae lega ao filho na hora extrema, como o symbolo da honra immaculada da familia. Dois sabres á cinta constituem o distinctivo, o privilegio de uma numerosa casta, a mais nobilitada; um é o grande sabre do officio, que se tira da bainha no campo da batalha, que se empenha na lucta fratricida, que vae á Coréa e á China cortar orelhas aos vencidos; outro é o pequeno sabre íntimo, ao que o samorai talvez mais queira, o seu companheiro, o seu amigo, com que fende o proprio ventre e se dá o suicidio do *hara-kiri,* quando o mais futil melindre de consciencia assim o exija. Ha uma pragmatica complicadissima respeitante ao uso do sabre, para o passeio, para a jornada, para a reunião, para a visita, para todos os actos da vida social. Comprehendeis, pois, como uma tal arma merecesse attentos cuidados de fabrico e os maiores disvelos nos ornamentos; na guarda sobretudo ha lavores de cinzel da mais feliz execução, allianças de metaes produzindo os mais bellos effeitos. Hoje, bem entendido, já não se fabricam d'esses sabres no Dai-Nippon; dos que ainda existem, uns são religiosamente conservados no lar como reliquias sagradas, outros conseguiram al-

cançar a Europa, e jazem nos museus fazendo a admiração de toda a gente.

Offerece-se-nos agora naturalmente o ensejo, n'esta rapida digressão pela obra artistica do paiz do sol, de lançarmos vistas passageiras sobre a sua architectura. Vamos fazel-o com particular amor. A architectura, bem mais do que as outras manifestações da arte, vem segredar-nos íntimas confidencias, que nem os livros conseguem dizer-nos, nem a historia, da indole dos povos. É a architectura, nas suas varias manifestações, o templo, o castello, o palacio, a casa, a choça, o jardim; isto é, o culto, a vida social, a vida privada, de um gremio de homens; a sua alma, pois, em vulto, se a phrase é permittida. Dizei-me se não é o covil, se não é o ninho, se não é o cortiço, que véem rasgar o veo dos mysterios, attestando a hypocondriaca fereza do bruto, a amorosa maternidade da ave, a industria perseverante da abelha? Quando seja o homem, imprimindo ás suas construcções toda a feição da sua individualidade, todas as suas preferencias e todas as suas paixões, então a architectura é a mais sincera revelação que haja a executar; a archeologia e as sciencias correlativas sabem-n'o bem; mas mesmo para a comedia comtemporanea, mais nos diz muitas vezes um monumento qualquer, um simples pedaço de parede erguida sobre o caminho, do que a voz do indigena, que é naturalmente suspeita, do que a voz do viajante, que é naturalmente desauctorisada.

Ávante. Que importa, pois, o que os japonezes nos venham dizer de si mesmos, insufflados pela sua phantasiosa vaidade de orientaes? Que importa o que d'elles divulguem estranhos, bem uns, mal outros, segundo o capricho das impressões colhidas? Vamos nós, companheiros, sem grande bagagem de erudição (está provado que ha toda a conveniencia para quem viaja em resumir

a bagagem), mas com olhos attentos para ver e um bocadinho de alma para sentir, peregrinando ao acaso, aqui espreitando nos templos, acolá acercando-nos das muralhas dos castellos, alem avizinhando-nos das casas, e entrando n'ellas, deixando polidamente á porta os sapatos, se as boas *musumés* assim nol-o permittirem; e do nosso exame de curiosos póde bem ser que resulte algum lampejo de verdade, o qual venha illuminar o caminho tortuoso de conjecturas, onde nos embrenhâmos por agora.

Acolá está um templo, um conjuncto de estranhas construcções de madeira. Em architectura, no paiz das mattas frondosas, da vegetação luxuriante, a madeira é tudo. Comprehende-se! Abundam as mais bellas essencias, os mais robustos troncos; é logico que se deixe dormir em paz o granito, quando de mais a mais uma outra circumstancia o aconselha, — a frequencia dos abalos de terra. — Acolá está um templo, um conjuncto de estranhas construcções de madeira, assentes sobre a ladeira da encosta; á distancia em que vamos, d'elle logrâmos ver apenas, por entre o crivo das ramadas verdes, dos arbustos em flor, um ou outro angulo recurvo de telhado, uma grimpa de pagode esguio, um lanço de escadaria trepando pelos cerros. Um templo, antes de tudo, afigura-se-nos como um jardim, como um canto pittoresco de paizagem; bosques, recessos amenos, caprichos inesperados de solo, ribeiras serpeantes, fios de agua caíndo em cascatas, eis a parte dominante da scena, a que parece vir reunir-se, na simples qualidade de accessorio, a casa onde se ora. Sobre o assumpto vale a pena divagar, soltar em vôo o pensamento. Não nos será possivel explicar-nos, vagamente embora, a estranha essencia d'essa religião, que assim vae buscar á natureza as principaes alfaias do seu culto? Não lograremos presen-

tir, de hypothese em hypothese, de inducção em inducção, como de degrau em degrau, o que quer que seja do principio psychico, que não só impelle a turba a ir adorar os seus deuses junto dos esplendores da terra, mas que parece subordinar toda a iniciativa indigena a um mesmo enternecimento ineffavel das coisas, a um amor pantheista por toda a creação?

Divaguemos, pois, por passatempo. Nasce um povo e nasce um mytho, nasce uma crença. Na infancia pueril dos homens, ignorantes e timidos, extremamente impressionaveis pelos scenarios, é a mythologia das cousas proximas, e é a mythologia astral, que primeiro dominam nos espiritos; adoram-se então as montanhas e os rios, adoram-se as arvores e os animaes, adoram-se os planetas e as estrellas, adoram-se os phenomenos atmosphericos. Dia e noite, eis as grandes phases commoventes. De dia, bemdizem-se a luz e a vida, os doces rubores da aurora, os raios quentes que allumiam e agasalham, as corollas que desabrocham, as aves que gorgeam; e criam-se assim os deuses bons. De noite, no pavor da treva, o quadro é sinistro; treme-se então pelos ruidos mysteriosos que cortam o silencio, sussurro da ventania, estrondo do trovão, bramido das vagas, uivo das feras; e criam-se assim os deuses maus, os demonios. Está constituido o Olympo. A crença vae-se naturalmente transformando, aperfeiçoando, progride, sublima-se; mas notemos que cada progressão corresponde a um novo estado consciente da miseria propria: o progresso faz-se com lagrimas; o que, n'um campo mais generico mas mais transparente, nos estão de certo modo ensinando as nossas sociedades occidentaes, onde os homens menos protegidos pelo meio são os que mais progridem em melhoramentos. Quando a montanha, ou a arvore, ou a ave, ou a estrella não ouvem a prece, quando a fome e o desconforto vão eternisando a angustia, então amaldiçoam-se aquelles deuses, os patifes, e criam-se outros, que mais propensos pareçam ao bem, á caridade.

Ora, conforme se nos afigura, a familia nipponica deveria ter passado por estes cambiantes, que são leis na humanidade. Aconteceu, porém, que se viu pisando um solo excepcionalmente encantador, prenhe de doçuras, com carinhos de amante ainda para os mais humildes. De cada canto surdia um deus do bem, da arvore vergada ao peso dos fructos, da flor odorifera, da ave em descantes, da montanha imponente. A noite não tinha pavores; não havia rugidos nem feras; cantavam uma eterna barcarola de amores as cigarras sobre os ramos e as aguas escoando-se pelas ravinas; não havia demonios, Deus louvado. No delicioso Nippon, possuidor de um solo tão fertil, tão apto e obediente ao amanho, a evolução para o culto do sol como deus supremo, que corresponde nos povos á passagem da vida nomada, de caçador e de aventureiro, para a tribu agricola, sedentaria, deveria ter-se dado rapida. Nasce então a idéa da aldeia, eleva-se então a cabana, e não faltam madeira e colmo para isso; lança-se depois á terra o grão de arroz, dão-se-lhe a beber as aguas trazidas da ribeira vizinha, cultivam-se os legumes... e tão risonho se mostra o deus-sol, tão benigno, tão previdente ao mesmo tempo que tão poderoso, crescem tão espontaneamente as searas, multiplicam-se tanto as colheitas, ha tanta lenha na lareira e tantas flores pelos caminhos, que, francamente, ninguem póde repudial-o e ambicionar melhor. Laços muito intimos de parentesco, digamos, prendem a tribu ao astro radioso;—não é o sol uma veneranda avósinha, a divina Amaterasu, cuja prole bemdita tem nas mãos o mando da nação?... —Pois não se renegue a avósinha. E assim, pela amenidade e pujança genesiaca do seu solo, pela alacridade da scena, o Dai-Nippon pára no caminho evolutivo dos mythos, estaciona nas crenças; é shintoista hoje, adorando o sol, e o mikado, e a natureza inteira, como o foi no seu berço; é shintoista hoje, porque não o empurrou para diante o aguilhão da fome e da miseria, nem a tristeza das

cousas, porque jamais lagrimas de dor humedeceram olhos de *musumé,* porque se sentiu sempre feliz, emfim. O estacionamento, em face das leis supremas de actividades que regem os mundos, equivale a perecer, é o symptoma fatal do aniquilamento, da morte; mas, n'esta excepção unica na historia dos mythos, o *feitiço* que brada—«pára e adora-me!»—é a propria natureza inebriante do paiz do sol, o que equivale a dizer que é a encantadora modalidade das cousas, a infinita variedade, a apotheose da vida nas suas fórmas mais gentis, da côr nas suas tonalidades mais suaves, da luz nas suas fulgurações mais arrebatadoras. Comprehendem como um tal *feitiço* esteja longe de ser o triste mensageiro da morte; o Japão, abraçando-se a elle, vae, na sua propaganda mystica de crente, implantar uma civilisação palpitante de seiva e de impulsos; cria uma das mais exuberantes e delicadas manifestações artisticas, senão a mais exuberante e delicada; lança-se pelas veredas mais surprehendentes, e de nossos dias, com a apparição de estranhos, attinge o prodigio da evolução.

Insinua-se fortuitamente no Japão, pelo seculo VI da era christã, a crença buddhistica, trazida da Coréa. As manifestações pomposas do ceremonial, a multiplicidade das imagens, o luxo dos templos, impressionam, talvez principalmente pelo seu lado artistico, o bom povo japonez. O buddhismo progride assombrosamente, é facto; mas o sentimento nacional está radicado, tem a sua orientação, tem o seu credo definitivo; acceita os novos deuses, mas não renega os primeiros; adora o sol e o mikado, e adora o Buddha; prostra-se o povo junto do monte Fuji, o sagrado Fuji-yama, e prostra-se junto das imagens; é shintoista e buddhista. Os dogmas dos dois cultos accommodam-se, contemporisa-se de parte a parte. Accei-

ta-se o Olympo diabolico e sinistro do buddhismo, mas caricaturisam-se os personagens, sujeitam-se á indole humoristica da turba; passam a ser uns diabos de farça, uns papões de meninos, não mettendo medo a ninguem. Os deuses familiares são: Benten, a deusa das artes e da belleza, representada como uma formosa cortezã, dedilhando n'uma especie de guitarra indigena, o *biwa;* Bishamon, o patrono dos guerreiros, armado de ponto em branco, quichotesco; o pansudo Daikoku, o deus da abundancia, acocorado sobre saccos de arroz: Yebisu, o deus dos mares e patrono dos pescadores, outro pansudo disforme, que se entretem pescando á linha; Fukurokujin, o deus da longevidade, com a fronte ridiculamente deformada por mil bossas, adquiridas á força de muito discorrer; Hotei, o deus das creanças, offerecendo-se pacientemente ás travessuras dos garotos; e finalmente o deus das prosperidades, o bom velho Jurojin, afagando um veado, o seu inseparavel companheiro. Tão pouco logra insinuar-se a feição terrorista do buddhismo, que nem consegue forjar dragões, ou outros espiritos do mal, que symbolisem as poucas calamidades do paiz; assim é que os tremores de terra tão repetidos, que segundo os japonezes se dão geralmente de noite, são abençoados como um dom divino que desperta a gente e dá-lhe ensejo de observar se a casa do vizinho está ardendo, sendo o incendio frequentissimo nas povoações, como é de crer; attribuindo-se-lhes ainda outra especial virtude, a de acordar os maridos preguiçosos, a bem do augmento da prole...

Os seculos passam, e um bello dia a palavra inspirada de Xavier faz-se escutar pela terra nipponica; o christianismo, por um momento, alvoroça a turba; mas vae-se, dissipa-se, não deixando de si vestigios no espirito geral da nação; assim, a religião primitiva, da tribu agricola, consegue perpetuar-se, e palpita até hoje na alma do povo. Arrefecem naturalmente os fervores, com a successão dos tempos; o sopro do scepticismo corre tambem

pelo Pacifico; mas o que os tempos não podem já arrancar d'essa alma popular, é o enternecimento pela natureza, pela creação, pela vida. Um tal enternecimento não escapa ao menos attento; revela-lh'o toda a arte, revelam-lh'o os templos, o culto; e quando isto não bastasse, ainda os costumes intimos, os folguedos, os passatempos de cada dia viriam offerecer-lhe interessantes elementos de estudo comparativo. Assim é, por exemplo, que aos logares pittorescos das cidades afflue todas as manhãs uma multidão de curiosos, despertos desde o alvorecer para irem assistir ao nascer do sol; não é raro deparar com uma *musumé* enlevada n'uma fórma caprichosa de nuvem, n'um vôo longinquo de passaros; outra mira e remira uma flor do seu jardim, durante horas inteiras; outra, ainda, offerece amorosamente bolos aos peixes vermelhos de um lago. E iriam assim interminavelmente multiplicando-se os exemplos d'essa sympathia espontanea pelas cousas, pelo quadro da vida, sympathia que tão profundamente differente torna, pela indole, pela educação, o povo japonez, da grande maioria da gente occidental.

Pois muito bem. Shintoista ou buddhista, ou shintoista e buddhista ao mesmo tempo, e ainda christão se tanto for preciso, o que o japonez ainda não comprehendeu até hoje, foi o retrahimento do asceta, a melancholia de um templo fechado á luz e á paizagem. Nas boas epochas da lenda, o templo era o espaço sem limites; o indigena adorava o sol, prostrando-se no campo, inclinando a fronte até tocar a relva; adorava a natureza inteira face a face com ella, pousando n'ella os olhos enternecidos; mais tarde, já civilisado, construiu uma barraca, onde abrigou o unico emblema da sua crença, um espelho, o espelho da verdade. Tal é a tradição, uma herança remota, decidindo perpetuamente do sentimento. A prece, na bôca japoneza, é certamente a prece da humanidade inteira, a mystica e piedosa communicação com o Omnipotente incomprehensivel e misericordioso;

mas não se admitte, nada é, sem a aventurosa peregrinação ao logar santo, atravéz dos campos floridos, banhados pelos jorros do sol; nada é sem os doces repousos contemplativos pelos abrigos da vereda; nada é sem toda a orchestra das aguas gottejando, dos passaros em cantares, dos insectos em palpitações; nada é sem a magestade dos bosques, sem os matizes das florescencias, sem o velludo dos musgos; nada é sem as abluções preliminares junto á cisterna do templo, purificando a alma e afagando a epiderme; nada é sem o attractivo dos companheiros, trocando baixinho impressões íntimas, ternos sorrisos consoladores. O mesmo é dizer que uma tal religião é a religião do amor, um enternecimento inconsciente, vago, pela vida, pelas harmonias do mundo, a glorificação sentimental pela terra-mãe, de quem os japonezes parecem ser os filhos dilectos...

Acolá está um templo, um conjuncto de estranhas construcções de madeira, como notáramos ha pouco. Agora adivinhamos melhor como elle emerja do enlevo do arvoredo, n'um esplendor premeditado de scenario. Estamos vendo como, na architectura religiosa, a primeira preoccupação do artista, e porventura o seu mais caracteristico merito, estejam na escolha feliz do local, no aproveitamento dos encantos naturaes; quando tenha semeado os recessos da collina de kiosques gentis devidos ao culto, quando haja erguido amplos edificios de madeira consagrados ao rito, esses edificios que tanto parecem herdar, pela fórma, da barraca primitiva do nomada, terá feito tudo. Mas terá feito muito; a belleza do conjuncto requer aptidões de selecção, que surprehendem, requer a alma inteira de um sonhador; no que respeita ao trabalho da barraca, prodigiosa carpinteria é essa, que attinge no labor da ornamentação, já acha-

roando, já cinzelando, já rendilhando, o maravilhoso da arte, como ainda o estão attestando os templos, hoje tão fallados pelos viajantes, alem, na santa montanha de Nikko.

As religiões marcam distincções profundas. Ha a differençar o templo shintoista e o templo buddhista. É facilmente reconhecido aquelle por uma especie de porta triumphal, o *torii*, marcando pelos caminhos proximos as serventias que levam ao santuario. Na sua fórma simples e severa, hieratica, constituido por duas altas columnas ligeiramente inclinadas uma sobre a outra, unidas em cima por uma trave horizontal por vezes recurva nos extremos, o *torii*, esse gigantesco H cabalistico, cuja origem é por completo desconhecida, impressiona intensamente estranhos. É em geral de madeira acharoada a vermelho, ou de pedra, ou ainda de bronze, e por vezes de subido valor. Não posso descrever-vos o surprehendente exotismo d'essas nesgas viçosas de paizagem nipponica, recortando-se aqui e alem, onde as linhas esguias do *torii*, de vivo rubro como de lacre, se projectam sobre o verde-negro das coniferas, as bellas chryptomerias esgalhadas; subindo após pela encosta a ampla escadaria de granito, por onde vae ondulando um mundo de devotos, de peregrinos poeirentos vindos de longe, de *musumés* garridas vestindo sedas scintillantes. Fica para alem do *torii* o campo sagrado, e o enxame disperso de barracões e de nichos votados aos mysterios do rito. Avulta aqui o edificio principal, a simples barraca de paredes de madeira, assombrada pelo enorme telhado de angulos recurvos; mais simples ainda no interior, nos contornos tradicionaes, sem ornamentos, sem imagens. Ali é o recinto destinado aos officios, acolá a livraria, mais longe o thesouro. Eis a cisterna, muitas vezes encimada por um primoroso alpendre, a cisterna rodeada de devotos, que vão içando a agua a baldes, lavando a bôca, lavando as mãos, em abluções piedosas. Eis o estabulo, onde o cavallo branco sagrado se en-

fastia, um triste ocioso, que uma só vez em cada anno consegue saír do seu carcere. Eis ainda o estrado, onde as vestaes do templo acodem mediante o obulo do peregrino, entregando-se a danças mysticas nos seus trajos liturgicos, emquanto que musicas estranhas vão marcando phantasticos ritornellos.

Se é o templo buddhista, o aspecto geral, eliminado o *torii,* não apresenta mui sensiveis differenças. As mesmas arvores, a mesma preoccupação pelo pittoresco, de que o espirito nacional já não prescinde, prescinda embora o Buddha, no seu absoluto desprendimento pelas cousas da terra, e o mesmo presepio de barracas disseminadas pelas ondulações da collina. Quando um attento exame logre discriminar os detalhes, apparece-nos a vasta habitação dos bonzos, mysteriosa e calma, geralmente com a escola annexa; surge-nos depois o pagode, a torre esguia de varios andares, herdada da tradição chineza, toda recortada em arrebiques, como um brinquedo; aqui é o enorme sino de bronze, installado n'um kiosque especial, vibrando de quando em quando como um trovão medonho, de echo em echo, reflectido de montanha em montanha, chamando a fradaria aos seus deveres de piedade; e os caminhos vão-se-nos patenteando interminaveis, demarcados por longas filas de estranhas lanternas, os *toros,* de pedra ou de bronze, grandes como monumentos, lanternas que os seculos vão vestindo, na paz amorosa das cousas, de verdes cabelleiras de musgos, de selaginellas ondulantes. É no interior sagrado dos recintos que o buddhismo mais poderosamente se accentua, pelo luxo dos adornos, pela profusão dos objectos liturgicos, pela multiplicidade de imagens do seu Olympo,—deuses ferozes retorcendo-se em rancores, deuses amorosos de olhar enternecido, e o Buddha emfim, frio, na abstracção suprema do Nirvana.—Quando tenhâmos visitado todo o templo, subido e descido cem vezes pelas trilhas do jardim, algum bonzo obsequioso, servida a taça de chá da hospitalidade, nos reservará

para o fim o exame das velhas reliquias, dos *kakemonos* de Kano, dos museus valiosos; e por ultimo, guardado o obulo que lhe offerecemos, nos mostrará algum pinheiro muitas vezes centenario, a que mãos pacientes de frades foram, de geração, em geração, espalmando as braçadas, retorcendo os troncos, sujeitando a rama a fórmas caprichosas, reduzindo-o finalmente a um monstro, escravo da mais paradoxal cultura phantasista.

Taes as duas religiões, taes as duas architecturas. D'aquellas, o primitivo shintoismo archaico e o buddhismo importado da China pela Coréa, o povo, pela successão dos tempos, amalgamou crenças e ritos, n'uma confusão ingenua de sentimentos multiplices. Ora vejam como é curiosa a piedade d'aquella gentil *musumé* que vae alem, ondulante no seu *kimono* cinzento estrellado de chrysanthemas: lá transpõe ella o *torii,* e logo offerece, commovida, a sua prece ao sol; lá vem ella de volta, e segue após para a bonzaria vizinha, onde logo offerece, commovida, a sua prece ao Buddha. Como é bom viver com todos! sobretudo com Aquelles—com letra maiuscula,—que dispõem lá no infinito das nossas pobres existencias de pequeninos... Em architectura, conseguintemente, as linhas geraes approximam-se, confundem-se tambem por vezes. Do primitivo persiste o *torii* para caracterisar o templo shintoista, e ainda a simplicidade severa do interior dos seus recintos.

De templos está povoado o Japão; é doce a companhia dos deuses n'um paiz, onde tudo são bençãos do céu... Bellas e surprehendentes construcções, não fallando já nas harmonias do scenario, que nunca falham; a madeira trabalhada em pasmosos arrojos, a arte da carpinteria monumental elevando-se a uma perfeição incomparavel, soberba nas linhas, minuciosa nos detalhes, como se se tratasse de uma pequenina boceta de laca. Kioto, a antiga residencia do mikado, a cidade santa e mystica por excellencia, é particularmente a terra dos templos; vive-se ali n'um completo Olympo. Bem mais alem, em Nik-

ko, n'um logar deliciosamente attrahente, ungido pela mais arrebatadora poesia das cousas, erguem-se os famosos templos dedicados á memoria do shogun Yeyasu e de seu neto Yemitsu, maravilhas da esculptura nipponica, maravilhas da esculptura de todo o mundo. Em Osaka é o vasto campo de Tennoji, semeado de jardins, de mattas, de lagos coalhados de lotus, de recintos sagrados; dominando a scena o velho pagode de cinco andares, cujas madeiras carcomidas, onde milhões de mãos já se pousaram para escreverem um nome e uma data, os seculos vão lentamente esboroando e reduzindo a pó. Em Tokio é o popular Asakusa, o pitoresco Ueno, o rendilhado Shiba. E a simples enumeração não teria fim; n'uma longa jornada em caminho de ferro, ou cortando as aguas quietas do mediterraneo japonez a bordo de um paquete, póde bem dizer-se que a curtos intervallos se nos deparam novos *toriis* em laca, novos templos, novos pagodes, surdindo dos tufos das ramarias, na doce paz da paizagem. As labaredas do incendio, a grande praga do Japão, vão lambendo de quando em quando algum d'esses velhos padrões das vivas crenças de outr'ora; nem a piedade de hoje, nem a arte de hoje, se commovem sensivelmente com o caso, absorvido o pensamento nacional pelos arsenaes, pelos exercitos, pelas esquadras, pelas industrias, e tambem pelo chapéu de côco á moda ingleza; o vento dispersa rapidamente as cinzas; no mesmo logar erguer-se-ha ámanhã uma fabrica de cerveja ou uma officina de velocipedes; e muitas vezes, de uma deliciosa maravilha, só fica a tradição na memoria ingenua da turba.

Deve incluir-se na architectura religiosa a architectura funeraria. O povo japonez, abraçado amorosamente á crença da infancia, nutre o culto profundo dos mortos,

peculiar a todas as religiões primitivas. O morto não morreu, não desappareceu; descansa, dorme apenas, o preguiçoso, dorme o seu somno eterno; dorme, mas na consciencia plena do que se vae passando na terra, protegendo os seus amigos, acompanhando-os espiritualmente, partilhando até dos seus repastos, em dias solemnes consagrados aos que se foram. Para Yeyasu, para Yemitsu, para outros grandes heroes da epopêa patria, levantam-se templos magnificentes sobre o local que guarda os seus restos; e o povo vae orar, invocando-os como deuses. O monumento funebre é em todo o caso vulgar, quando haja a commemorar um feito illustre, trate-se de um daimio, de um samorai, ou de um simples ronin: uma lapide, ás vezes um tosco monolitho, inscripções explicativas, e como aureola a veneração das gentes. Os cemiterios communs são campos eriçados de pedaços de granito de fórma rectangular, onde se grava o nome do defunto; lembram os cemiterios chinezes, e ainda mais talvez os arabes; junto das sepulturas encontram-se pequenos recipientes para flores, que a familia piedosa leva em feixes, em certos dias commemorativos. Vae-se pelos campos, e ao lado de cada logarejo, de cada infima reunião de casitas, depara-se com o cemiterio, em grupos de pequenos phantasmas brancos projectando-se no verde das culturas; doce é a impressão que nos deixa esse conjuncto, onde vivos e mortos como que se escutam, como que se entrevêem, na paz do torrão natal, onde uns labutaram já e riram já, e outros vão ainda labutando e rindo ainda. Quem sabe? O Japão é tão estranho! Talvez pelas grandes romarias plebeas, ou quando as *gueshas* pela noite velha desferem no *samicen* notas sentidas, talvez da terra fresca comecem a surdir esqueletos gingantes de nipponicos, caveirinhas jubilosas de *musumés,* que vão ás escondidas, amorosos, compartilhar das festas que se ostentam... No vasto cemiterio de Kobe, assente em amphitheatro sobre Suwa-yama, a viçosa montanha, uma mulher, que ali enterrou o seu filhinho, mandou construir junto da

sepultura um pequeno jardim, com seu belveder e assentos rusticos; e consta que todas as tardes por lá passa umas boas duas ou tres horas, na contemplação enternecedora dos panoramas, das ruborisações dos occasos, na companhia sentimental do pequerrucho.

Por aqui e por alem, em divagações de caminheiros, vamos deparando com os castellos, recordações dos tempos heroicos tão longe já na historia, embora esses tempos acabassem quasi que hontem. Os castellos, os *shirôs!* como a imaginação nos empresta coloridos!... Os castellos, as recatadas mansões de pallidas princezas, mimosas como lyrios, passando a existencia sobre fofas esteiras, vestidas das mais preciosas sedas, nus os pés de marmore que as brisas véem beijar, servidas por uma côrte ajoelhada, na constante ociosidade mystica de idolos do paiz das chimeras... Os castellos, os seguros retiros dos altivos daimios, onde elles ostentam as suas magnificencias, onde urdem a rede das suas intrigas, onde condemnam á caricia fria de um gume de espada a cabeça de um rival, de onde sáem atrevidos bandos de cavalleiros, reluzentes nas suas armaduras cinzeladas como joias de mulher... Os castellos, em torno dos quaes se agrupam, como pintos em volta da mãe, os enxames de barracas de samorais, inactivos na paz, almejando pela ordem que mande reunir as hostes e empunhar as lanças; seguindo-se após os campos arroteados, e as aldeias dos cultivadores, constituindo estes o povo vil, a canalha, embora sejam elles as formigas infatigaveis, que vão abastecer de arroz os celleiros do senhor, que arrancam rudemente á terra todas as riquezas, que irão transformar-se em festas perennes, em orgias hilariantes, em rios caudalosos de desperdicios... Os castellos, os *shirôs!*...

D'esses castellos, dos que restam ainda, ficaram os fossos, que pouco a pouco se vão entulhando e deixando invadir pela densa maranha das plantas silvestres; ficaram de pé os muros indestructiveis; e acaso um ou outro torreão, elegante como um pombal, crivado de setteiras, de onde chovia a saraivada das frechas durante os transes palpitantes da chacina; emquanto aos aposentos do nobre daimio, e aos ligeiros ninhos de paz e de amor das princezas, o tempo se encarregou pouco a pouco de destruir tudo, quando não n'um só momento o incendio. Na construcção paciente dos castellos, a architectura abandona por excepção a madeira, por fragil, e mostra possuir-se de arrojos cyclopicos, indo arrancar o granito ás rochas, em blocos gigantes; desbasta-os até dar-lhes a fórma de cubos, encosta-os depois uns aos outros, em agrupamentos que desafiam a acção demolidora dos tempos. No *shirô* de Osaka, no castello de Osaka, um dos mais imponentes padrões ainda hoje de pé da velha arte da guerra, ha nas suas espessas muralhas, que recordam a arte egypcia que creou as Pyramides, monolithos medindo doze metros de comprimento sobre seis de largura e outros tantos de altura. Particularmente em Osaka, muito distante de qualquer jazigo granitico, mal se concebe o trabalho de colosso que foi necessario emprehender, só para arrastar taes monstruosidades. Reza a lenda que se recorreu a segredos mechanicos, maravilhosos por certo, e ainda hoje nem sequer concebidos pela rotineira Europa; era isso pelos tempos de Taico-Sama, o que é dizer que um mesmo enthusiasmo, um mesmo delirio pelo destino das armas, animavam samorais e povo; mil braços queriam dar impulso ao monolitho, n'um esforço vão; mas eis que vinham pousar sobre elle, em adoraveis grupos de apotheose, em sedas de triumpho, as mais gentis mulheres, as mais bellas *gueshas,* dedilhando na guitarra e entoando hymnos heroicos... e consta que com aquelle acrescimo de peso o monolitho deixava de pesar; levava-se

em corrida pelos caminhos fóra, como um ramo de peonias, que alguem fosse offerecer a uma festa de noivado.

A architectura hydraulica. Toda a obra humana que deriva da disposição especial do paiz, cruzado de canaes e de pequenos rios; a condição do povo que vive de arroz, a caprichosa graminea tão sedenta de frescura; tudo isto obrigou desde remotas eras a uma previdente labuta, com uma feição de arte profundamente caracteristica. Tal arte, exercida pelo rude camponio, é eminentemente simples, pratica, utilitaria; não visa a ostentações; varas de bambú, troncos toscos abatidos das mattas, pranchas de pinho, alguns calhaus, eis todo o material; a enchada abre os sulcos, dirige o curso das aguas, escava os poços, afeiçoa as reprezas, talha em escadas, em andares, o solo montanhoso a arrotear; os bambús, que superabundam, servem á canalisação ligeira; os engenhos, que são as cegonhas das nossas terras, armam-se junto dos hortejos. Tudo isto é primitivo e rustico; resalta, porém, por toda a parte um admiravel espirito de ordem, de elegancia até nos processos de amanho, como se a mão japoneza nada possa formar longe das leis da harmonia esthetica; são encantadores estes campos, estas culturas em vivos tons de verde, pagando em seivas creadoras os carinhos assiduos que recebem; não ha barranco, não ha algar, não ha declive ou elevação de terra, que não tenham a sua rasão de ser, o seu papel propositado a representar, não só na herdade, mas em todo o regimen de um estuario ou de uma vertente.

O canal obriga á ponte. Nas pontes são os japonezes originalissimos; ha simplicidade, ha graça, ha solidez, na pontezinha de madeira que une a margem á margem, assente nos seus longos membros de pernalta, intencio-

nalmente curva, corcovada, para permittir o livre serviço dos barcos, que deslisam a todos os instantes, abarrotados de carga ou de *musumés*. Osaka, a Veneza do Japão, conta por centenas, talvez por milhares, esses curiosos passadiços. Osaka, cortada por uma rede de innumeros canaletes, consta rigorosamente de duas cidades sobrepostas: a inferior é aquatica, vive na agua, sobre barcos e casaria emergente, na agua que lhe golfa o Yodogawa; a superior serpentea como que aeriamente, é feita de pontes, de renques de construcções suspensas dos braços do rio, orlando as margens. Mas a ponte que merece justamente, entre todas, um prestigioso renome, é Mihashi, a ponte divina de Nikko, de cerca de trinta metros de comprido, toda de charão vermelho com incrustações douradas, ligando entre si as duas margens deliciosamente pittorescas de uma ribeira caudalosa. Escutemos a historia da sua primitiva origem: um anjo appareceu um dia ao piedoso padre Shodo Shonin, que primeiro visitou Nikko, pela terceira lua do segundo anno de Tempeizinki, 766 da era de Christo; como o devoto peregrino se visse surprehendido pelo precipicio, o anjo soltou de suas mãos duas serpentes, que se desenroscaram e venceram a margem opposta, formando com os corpos uma ponte da côr do arco iris; e o peregrino passou. Esse arco de triumpho suspenso sobre a ravina, onde lá em baixo marulham aguas espumantes, essa curva sanguinea projectada no verde dos bosques, fechada ao caminheiro, porque só se abria aos passos dos shoguns, é de um encanto arrebatador, ali, na serenidade magistral da natureza.

Agora, companheiros, descalcemos á porta os sapatos, como é de obrigação; e, nus os pés, entremos no lar japonez, dando polidamente os bons dias ás *musumés*, —

ohayo, gozárimás.—Porventura imaginaes o que seria o lar da lenda, isso pelos tempos divinos, quando os deuses desceram ao Nippon e escorraçaram para longe os homens rebeldes? Seria certamente a simples cabana de madeira, ajoujada á immensa cobertura de colmo aconselhada pela experiencia, abrigando ora do sol abrazador, ora da chuva torrencial, ora da humidade persistente; e no interior, nu de adornos, a esteira sobre o solo, e nada mais. Pois foram passando lentamente os seculos e desenrolando-se a comedia palpitante d'essa tribu; e a cabana de madeira, ajoujada á immensa cobertura de colmo, e tendo por mobilia a esteira, e nada mais, é ainda hoje o typo classico, unico, em que se inspira a architectura civil, a que se subordina a casa,—palacio, lar do povo, ou choça de miseria.—Venham fallar-me embora, por exemplo, dos polidos charões, dos rendilhados relevos, do palacio mikadal ou da residencia faustosa do Shogun, em Kioto, accessiveis ainda ao exame dos curiosos; fallem-me dos theatros indigenas, das casas de chá, de qualquer construcção que não participe do estylo europeu, por desgraça já appropriado largamente; por mais luxos de ornamentação, por mais arrebiques com que se mascarem, temos diante de nós, pura e simples, a barraca nomada dos primeiros filhos de Amaterasu. Estranho povo este, agarrado á sua velha crença e á sua velha choça! no resto, voluvel, transformador, doido pela novidade, como mais ninguem póde jactar-se de ter sido.

Quereis que descreva a casa burgueza? Um estrado elevando-se pouco do solo, quatro vigas erguidas nos quatro angulos, sustentando a alambazada cobertura, de grandes telhas negras nas cidades, de colmo nas aldeias. E é isto a casa, nada mais; está-se adivinhando a tenda nomada. O resto não passa de accessorios, cousas que se põem, que se tiram, que se afastam, á mercê do primeiro capricho; são rotulazinhas, grades, corrediças escorregando em ranhuras; de sorte que pela noite, ou na es-

tação dos frios, a casa é um caixote, impenetravel ás vistas; n'um momento, a mão mais debil que se imagine, de *musumé* ou de creança, faz desapparecer as rotulas, as falsas paredes, e a casa transforma-se n'um simples telheiro, aberto a todos os horizontes e a todas as brisas. Dimensões minusculas, de molde a condizerem com um povo de estatura pequenina, e que de mais a mais passa a vida de joelhos ou rojando-se pelos pavimentos; paredes cuidadosamente aplainadas, ajustadas, conservando a côr primitiva, a frescurá do pinho; lembra o lar, n'um relance humoristico dos olhos, a gaiola de uma familia de aves ultra-exoticas, estabelecida n'um jardim de acclimação de qualquer canto do mundo. No interior, novas surprezas nos esperam. Raros são os retalhos de parede de caracter fixo, em delicadas argamassas coloridas, onde a porta é muitas vezes substituida por uma grande abertura em circulo, de estranho effeito; ligeiras corrediças, formadas por folhas de papel colladas a um caixilho de pinho, deslisam em ranhuras, ora se unem umas ás outras, ora desapparecem; e assim os aposentos se multiplicam, se supprimem á vontade. Tão abandonado de apoios, estremecendo aos frequentes abalos de terra, o telhado da habitação seria uma contínua ameaça suspensa sobre as cabeças dos bons japonezes, se grossas vigas, descendo de alto a baixo, não viessem afastar prudentemente o perigo; nada mascára ás vistas estas vigas, talvez porque a confiança da familia se compraza em contemplal-as; umas vezes, os obreiros trabalham-n'as em fórmas graciosas, dão-lhes frescuras de vernizes; outras vezes, levado o tronco da matta, assim se conserva, com os seus nós tumidos, com os seus torcimentos naturaes, com a sua cortiça rugosa, trazendo ao lar uma recordação intensa da natureza rude. Todo o sobrado é coberto de esteiras, o espesso e fôfo *tatamy,* onde só pousam pés nus; os corredorzinhos de ingresso, as escadinhas, as varandinhas são de bella madeira negra, polida como um espelho.

E a mobilia? Não ha mobilia na casa japoneza; quando muito, uma jarra com flores, um *kakemono,* algum cofre onde se guardam as bagatelas e as reliquias da familia, um pequenino armario para os *kimonos;* e a mais o estendal minusculo das chavenas, dos livrinhos, dos espelhinhos, do tabaco e do cachimbo, do brazeiro, de mil pequenos nadas, tudo pelo chão, accusando uma estranha existencia íntima, que se passa de rastos, sobre a esteira. A casa é nua; mas paira dentro d'ella um enlevo subtil que mal se exprime; é o enlevo da limpeza. Pela vida europêa, ainda a mais requintada em esmeros, mal se póde aquilatar o que seja a limpeza, o que seja o asseio japonez, elevado á categoria de uma preoccupação continua do espirito, ou pelo menos das mãos miudinhas, no aprazimento incessante de lidarem com a agua, de utilisarem espanadores, escovinhas, vassourinhas, utensilios nunca vistos. O asseio japonez, que é como que um caracter physiologico de raça, dá ao lar, sem que se possa dizer como, uma pureza de coisa santa, uma apotheose de virtude, suggerindo enternecimentos de alma a quem pela primeira vez pisa o *tatamy.* Não se descrevem taes requintes; resaltam do brilho e da frescura dos objectos, da esteira immaculada, onde a poeira nunca se acoutou; como se essa gente fosse um bando de phantasmas, perpassando, perpassando na intimidade da vida, sem deixar de si a impressão dos contactos, que gastam, que polluem.

Ao que propriamente constitue a habitação, seguem-se outras dependencias dispersas, cozinha, cubiculos onde se toma o banho quotidiano, pequeninos desvãos mascarados onde de dia se guardam as colchas de seda, os *futon,* que á noite se estendem pelo chão e sobre que se dorme. A cozinha, com os seus lumes rasteiros aqui e alem, com as suas chaleiras suspensas do tecto, com as suas sertãs fumegantes, com as suas tigelas espalhadas, com as suas celhas cheias de agua, e com os grupos das *musumés* semi-nuas estiradas ao acaso, no amanho pa-

chorrento do peixe e das verduras, é, mais ainda do que o resto da casa, o canto occasional onde a familia aina, aborigene, acampou e cuidou do repasto frugal.

A habitação nipponica não obedece a nenhum plano regular. O constructor foge instinctivamente ao rigorismo geometrico, ás leis de symetria; os aposentos alastram-se sem methodo pelo solo, desprezando o alinhamento, o angulo recto; eis uma escadinha a um lado, eis um corredor partindo em diagonal, eis uma entrada onde nos curvâmos para passar; preside em tudo uma concepção que nos é estranha, em antagonismos irreconciliaveis com a feição inventiva que nos é propria. O lar, que em toda a parte define o homem, accusa aqui, mais flagrante do que nas restantes manifestações artisticas d'este povo, o seu segredo esthetico. O homem japonez conhece como bella, como supremamente bella, a natureza; é o seu culto; n'ella educou incessantemente o sentimento, guardando a intuição do traço livre, da curva casual, da surpreza succedendo-se á surpreza. A creação não reconhece a symetria; brota em espontaneidades indomaveis, no desprezo das leis de proporções, de concordancias. Approximar-se d'ella, imital-a quanto possivel, recordando-a, eis todo o esforço esthetico do japonez; vive n'ella, é para ella. O espirito occidental labora exactamente em sentido opposto. O seu ideal artistico não é a natureza rude e desordenada; imaginou uma harmonia ainda superior, inventou codigos para as linhas, para as grandezas, para os contrastes; a regua, o compasso, o esquadro são bem seus; e é assim, fugindo da terra e do mundo, voando no sonho espiritual, que a alma europêa presta culto a uma outra arte, que, se tem origens, são transcendentaes.

Fallando da casa, falla-se do jardim ou dos jardins, os pequeninos retalhos de terra intervallando com os aposentos, aberturas por onde entrem a luz e a brisa, que tambem são da familia. Não se concebe mesmo casa sem jardim, tenha elle embora dois palmos de ex-

tensão. Ao jardim consagra o japonez os seus melhores ocios, os seus melhores disvelos pachorrentos. Levado pela paixão da paizagem, incapaz de prescindir do quadro amoroso da natureza do seu paiz, transporta para junto de si uma natureza ficticia e lilliputiana, compativel com o espaço de que dispõe e com os seus haveres; são pedaços de rocha bruta, vestidos de musgos, simulando penedias, d'onde porejam gottas de agua que vão reunir-se em poças, onde nadam peixinhos e bracejam kagados; são pequeninos arbustos, moitas de fetos, trepadeiras, enleando-se em abraços casuaes; e alguma arvore de tronco mais robusto, pinheiro, cedro, bordo, arvore domestica, vivendo encostada á parede como um gato domestico, investindo com a rama das braçadas pelo interior dos aposentos. É n'isto sobretudo, no segredo de imitar a paizagem rude, que se caracterisa a arte da jardinagem japoneza. Sob este aspecto é adoravel de feitiços; ha troncos vetustos, que inspiram respeito como os velhos; no agrupamento dos tres ou quatro seixos que marcam o trilho onde se pousam os pés para evitar o chão molhado, no tufo das azaleas que surde de entre duas lascas de granito, no bambual minusculo que se plantou á porta da casa, ha verdadeiros poemas bucolicos, hymnos de um povo que da vida fez um culto.

E que vos direi agora do jardim transportado ao telhado, coisa facil de ver pelas aldeias, sobre o colmo das choças, em renques de lyrios viçosos? Explica-se a extravagancia, attentando no que disse ao seu bom povo um bom soberano dos bons tempos:—«A deusa do sol deu-nos a terra para a lavrar e semear; pelo que toca aos lyrios, que são o emblema do luxo das mulheres (fornecendo-lhes o oleo para o cabello), a deusa prohibe-te de cultival-os no solo sagrado; mas semea-os no cimo da tua casa; e ahi, da mesma maneira que elles dão a belleza aos cabellos das moças, serão como que a cabelleira viva do tecto paternal».

Não esqueça uma ultima observação: o jardimzinho será sempre vasto bastante, para que a um canto, entre musgos e relva, se possa erigir um santuario, o *toro*, a lanterna de pedras, e ao lado uma raposa de pedra, symbolo de cousas muito mysticas; só o sentimento artistico japonez conseguiria dar ao *toro* rustico, o agrupamento de alguns calhaus, a fórma mais completa, mais harmonica, mais encantadora. Todas as manhãs virá a *musumé* visitar a raposa, batendo as palmas com as suas duas mãositas brancas, acordando assim os deuses e pedindo-lhes... pedindo-lhes o que todas as *musumés* de todos os paizes pedem aos seus deuses, com ligeiros cambiantes filhos do meio: prosperidades, amores felizes, arroz cozido e *kimonos* de seda...

Vêde agora quão longe nos achâmos, aqui no lar nipponico, da habitação dos chamados povos cultos, nas civilisações occidentaes. Alem, os cuidados, os esmeros, o luxo, são para a sala, o aposento de toda a gente, a praça publica onde tem livre ingresso todo aquelle que tire polidamente o seu chapéu e for amavel; cadeiras alinhadas, o sofá de honra, os espelhos, o terrivel piano, o retrato de um nobre avô qualquer apocrypho, tudo está indicando a compostura artificial, a liturgia do bom tom; está-se a ouvir a phrase arredondada dos convivas, o tiroteio chocho das lisonjas; está-se a ver a lama dos sapatos ir polluindo as alcatifas, como após, trocadas despedidas, os commentarios polluirão os individuos. Para o lar japonez, entra-se deixando á porta os sapatos, como para um mystico santuario; não procureis a sala, que não existe; o lar é da familia e dos amigos intimos; todos os aposentos são iguaes, sem mobilia, sem ornamentações, com a simples esteira de repouso sobre que os corpos se estendem em grupos affectuosos, bebendo chá, fumando, palestrando, espraiando o olhar pelos caprichos do jardim, pela paizagem distante,—massiços verdes de arvoredo, lombadas flexuosas de collinas, espumas de cascatas, azues serenos de céu e de aguas,—

que são a final a portentosa ornamentação da casa japoneza.

Comprehende-se como a casaria nipponica, como a cidade nipponica, vistas de uma eminencia, recordem o arraial, apenas occupado por alguns dias, de uma horda de nomadas. As barraquinhas de madeira traçam na planicie extensas ruas, largas, em linha recta; erguem-se aqui e ali as grimpas dos pagodes; verdejam os jardins; mas tudo aquillo tem um ar instavel, de cousa que o capricho de um chefe póde deslocar, desbaratar n'um momento. E é quasi assim. Lembro-me que, durante uma das minhas visitas a Yokohama, as auctoridades haviam mandado aterrar um bairro inteiro, elevando cerca de um metro os pavimentos das ruas; nas habitações, nas lojinhas garridas, não se pensou; foram os proprietarios que, não querendo ficar soterrados, trataram um por um de erguer ao novo nivel as suas ligeiras gaiolas. Uma outra curiosidade ainda a relatar, é o contraste frequente das ruas animadas pela industria, pelo estendal pittoresco das lojas, pela onda rumorosa dos curiosos, e logo a seguir-se-lhes parallelamente uma rua deserta, que limitam tapumes nus; é que n'esta ultima, como as habitações se unem entre si só pelos lados, vêem-se as casas do avesso, sem vida apparente; e apenas alguma creadita assoma aos postigos fitando nesgas de céu, ou vem ao caminho despejar um balde ou expor ao sol os *kimonos* humidos da lavagem.

Os americanos, notoriamente excentricos, e que tanto visitam o Japão, têem-se por vezes embasbacado em frente da graça ingenua da barraca indigena. Os dollares rolam das fartas algibeiras onde abundam; e é facil transportar para a California umas taboinhas, umas folhas de papel, bambús e plantas, e pagar viagem de ida e volta a quaesquer carpinteiros foliões. Eis a casa. Mas, coita-

dos, ficam apenas com um modelo de museu... A casa? e onde está a alma do lar nipponico, que é o conjuncto delicioso das creancinhas, das *musumés,* da paizagem incomparavel, que ondula em caprichos de serras, em cambiantes de verdes, em alvores de cachoeiras, projectada na divina serenidade do azul e ungida por um sorriso do Creador?...

Para entender devidamente esta architectura dos confins do mundo, no enlevo da paz do lar, ou melhor, para sentil-a, forçoso é ter-se já passado algumas horas n'um aposento nipponico, tão identificado ao japonez quanto permissivel. O sol dardeja lá fóra em quenturas de uma fornalha immensa; nem um sopro de brisa agita as folhas no arvoredo. Que importa! Após o banho consolador, enfiei um *kimono* que me trouxeram lavado e fresco, e para aqui me encontro estirado sobre o *tatamy,* com a fronte em descanso na concha das mãos. Que estranha esta gaiola, onde a bohemia da vida me atirou! Paredes de papel branco, tecto de estreitas fasquias de pinho, a esteira cobrindo o chão, e junto de mim a chavenasinha, d'onde se evolam suaves effluvios de precioso chá; nada mais. No entretanto, por uma intuição subtil que me não explico, comprehendo que nada me falta, e que um accessorio a mais n'este canto do acaso,—uma cadeira, um espelho, uma estatueta,—alem de superfluo, destoaria caricaturalmente, criminosamente. Como isto, onde me encerro, é asseado, ligeiro, gentilissimo, cuidado por mãos de fadas invisiveis! Como eu me enlevo a sonhar a vida candida d'esta gente, que pede ao ninho domestico um simples abrigo para si e para os filhinhos, como as aves! Aqui não ha as grossas paredes disformes, que o tempo e as chuvas estragam, enodoam; aqui não ha as lobregas escadarias communs a um bando de vizinhos, e ainda aos vadios e aos cães

da rua; não ha a indigencia das mansardas, onde se vive e morre entre farrapos; não ha os pateos sujos, não ha os antros terreos, por onde se vão amontoando os cacos inuteis; tudo isso, emfim, que se tornou familiar aos olhos do europeu. É um paraizo de cousas pequeninas, todas novas, todas reluzentes, todas gentis. Por uma abertura occasional das corrediças, espreito o jardimzinho interior, banhado n'uma meia-luz acariciadora, todo rochedosinhos musgosos e azaleas rubras, e em baixo correndo a agua crystallina. As paredes exteriores estão supprimidas; a vista espraia-se pela immensidade dos horizontes; e, na simplicidade unica das cousas proximas, mercê mesmo d'esta simplicidade, adivinho que todo o meu ser se subtilisa e esquece as agruras íntimas, vôa das cousas rasteiras ao enlevo contemplativo da creação, feliz, conscientemente orgulhoso em sentir-se participando, atomo infimo embora, da grande harmonia universal. Lá disse aquella borboleta á outra: —«segue-me!»— Lá se estorceu n'um espreguiçamento amoroso aquella braçada de cedro. Lá cortou o espaço aquelle bando de passaros, incitados pela embriaguez do azul. O sentimento compenetra-se dos mysterios mais reconditos da vida.

Será assim que o japonez sente a existencia, no seu pequenino lar? Creio-o bem. É certo que elle adora a sua barraca; é certo que passa horas e horas sobre a esteira, inactivo, fitando o espaço. Evolucionista em extremo, enlevado no frenesi de todos os progressos que lhe véem da Europa, tudo modifica, não modificou ainda a habitação. Quando o japonez emigra, por espirito de aventura, por interesses industriaes, mais geralmente por desgraça, tem a curiosa ingenuidade de consagrar um canto da casa, do albergue de algures que lhe offereceu o acaso, ao arremedo do seu lar nipponico. É um simples estrado de uns dois metros quadrados de extensão, coberto de esteira, sobre que se aninham as bagatelas trazidas lá da patria. Conheceis a lei da exterritorie-

dade, de que o navio gosa por direito?—Um portuguez, por exemplo, quando se encontre a bordo de um barco que iça a bandeira das quinas, está no seu paiz, baloice-se, embora, nas aguas de qualquer enseada dos confins do mundo.—Pois o estrado de que lhes fallo, recorda-me ternamente o navio, a exterritoriedade: quando o japonez descalça as alparcas e salta para o estrado, seja em Hong-Kong, em Hawaii, em Vladivostock, está no seu Japão, no seu Dai-Nippon.

O pequenino estrado de O-Chika-San, a senhora Gazella... Mas, antes de tudo, perdôe-me quem me ler os quadros de miseria, que porventura lhes vá desenrolando por estas paginas; é que a miseria é eloquente, tem mais alma, e convem consultal-a por vezes; demais, abre-nos as portas, ao passo que a felicidade nol-as fecha; e é sympathica, commovedora, mesmo nas suas abjecções, porque o escarceu do infortunio tudo purifica, no grande naufragio das existencias que resvalam...

O pequenino estrado de O-Chika-San, a senhora Gazella, cuidado com escrupulos de altar, é todo o enlevo da pobre *musumé*. Quando ella solta das sandalias de palha os seus pésinhos brancos, e vem pousal-os no *tatamy*, sente-se feliz e leve de peccados. Em volta, é o sobrado sujo da lama dos sapatos dos que véem, as pontas de cigarro dispersas, os copos esquecidos com restos de cerveja, o grande leito revolto, os moveis de estylo europeu, ignobeis, trazidos pela vigesima vez dos antros dos adelos. Mas no seu estrado é o aninho, o asseio, a ordem, a recordação palpitante da patria. O espaço, aproveitado por mãos intelligentes, chega para tudo. Aqui é o *hibashi*, o brazeiro portatil, onde se aquenta a agua para o chá, e em cujas brazas crepitantes se accende o cachimbo a cada momento, ou d'ellas se approximam os deditos tremulos, pelos frios do inverno; a chavena está ali, ao lado dos confeitos; alem a ventarola, o espelhinho, a escrevaninha, os livros, os albuns, os ganchos do cabello. Como a paizagem que se estende

pela janella fóra é um horizonte de mansarda, de telhados negros de lichen e de chaminés enfumaradas multiplicando-se pelo infinito, a *musumé* prescinde d'ella, e n'um pires sobre o *tatamy,* reuniu todo o pittoresco de que carecem os seus olhos contemplativos: um punhado de areia, um golo de agua, um rochedo grande como um ovo, uma casinha de barro, um ramito verde, — o Nippon visto á distancia de trezentas leguas. — No seu absoluto desdem pelas civilisações estranhas, no seu mudo desprezo pelo europeu, particularmente pelo homem, as suas melhores horas passa-as ella ali estendida, no meio dos objectos familiares, desdobrando em frente da vista um mappa do Japão, por onde segue com arroubamentos secretos a derrota ideal, que a leva aos primeiros contornos verdes do paiz do sol, e de lá, por meandros amenos e tranquillos, a Nagato, a sua provincia natal. E não chora, porque as japonezas não sabem chorar; ri, e ri sósinha em girandolas de risadinhas sonoras, como cantam as aves captivas, sem que até hoje os sabios descobrissem, elles que tudo descobrem, o que ellas cantam, de profundamente angustioso e de profundamente desesperado...

Temos percorrido com respeito ao Japão, vós mui provavelmente com enfado, mercê da minha prosa insossa, eu no extasi das recordações e das saudades, toda a gamma do que se convencionou chamar o conjuncto das manifestações artisticas de um povo. Foi rapida a jornada; mais sentimental do que erudita, como appetece por estes tempos, em que só o dom impressivo das cousas consegue interessar as nossas pobres almas tristes. Não vos fallo da arte utilitaria, que o jorro evolutivo trouxe ao paiz nipponico, pelas epochas que vão correndo. Basta dizer-se, que todas as industrias manufactoras da Europa são hoje exercidas com notavel

habilidade pelo japonez; se n'este facto está a explicação da decadencia, em que se vae dessorando a maravilhosa originalidade artistica d'este povo, d'elle resulta por outro lado a noção profunda do seu intensissimo dom imitativo, adaptador; dom que já hoje faz arreceiar seriamente a egoista Europa, diagnosticando-lhe não sei que futuro de luctas de competencia, de arrojos pertinazes, de gente que muito quer e muito póde. Não fallarei eu d'essa arte utilitaria; deixo em paz os arsenaes, as fabricas, as officinas, onde já a machina substitue o braço: deixo em paz a exploração assidua dos jazigos de minerio, de que tão prenhe se vae mostrando o solo; deixo em paz a industria da electricidade, que leva ao mais humilde albergue, em cidades e aldeias, a sua pequenina incandescencia resplendente; deixo em paz a moderna arte nautica, esse salto gigante que passa do barquito costeiro, primitivo, ao vapor, ao navio de guerra; deixo em paz a moderna architectura das pontes, dos viaductos, dos tunneis, das estradas, por onde a locomotiva serpentea ligeira, em silvos de triumpho; nem, descendo a um campo mais humilde, mas por igual curioso, irei tambem importunar o bom japonez nas suas mil pequeninas industrias, perfeitissimas, de photographo, de correeiro, de alfaiate, de camiseiro, de sapateiro, de tudo que se imagine.

No entretanto, não passando alem do que fosse authenticamente nacional, como eu desejaria ainda determe nos mil pequeninos nadas, nas mil cousinhas futeis, sem classificação consagrada na arte, mas que são arte n'este paiz! Desejaria possuir enlevos subtis na phrase, condões suggestionadores na expressão, para chamarvos o sentimento ao amor dos simples objectos communs, que a cada momento passam pelos olhos. Vêde a graciosidade do papel japonez, que abrange aqui fins diversissimos, tão resistente, indestructivel quasi, e ao mesmo tempo tão ligeiro, tão setinoso de contextura. Reparae no mimo do ebanista, na industria gentil de

trabalhar a caixa, a boceta, sem preparos, na simples frescura dos veios caprichosos da madeira. Observae como a tina, a celha, o balde, productos de uma tanoaria perfeitissima, são encantadores pela fórma, e pela côr de uma limpeza deslumbrante. Deliciae-vos nos bonecos das creanças, industria incomparavel, de que abarrotam lojas sem conto pelas ruas, como deve ser n'um torrão abençoado, onde os petizes são queridos como idolos. Admirae os ganchos do cabello, de que se póde fazer a collecçãosinha mais surprehendente: a folha metallica, a seda, o froco, o papel, recortados pela tesoura mais imaginativa d'este mundo. E contemplae tudo, pois tudo merece um olhar enternecido, té á sandalia da *musumé,* té ao ramo de flores tufando da jarra, té ao arbusto cultivado no vaso de porcellana. É que a arte, no paiz do Sol, não é o monopolio de meia duzia de privilegiados, mas o apanagio de toda a gente; a mão japoneza é uma fada cheia de feitiços, possuindo o encantamento de levar o enlevo a tudo que toca, a tudo onde pousa os seus dedos milagrosos. Ao terminar a jornada, com saudade, tomo entre as minhas rudes mãos sem merito essa mão japoneza, que me apraz symbolisar n'uma delicadissima mão de *musumé,* esguia, branca, amorosa nas curvas, terminando em finos dedos palpitantes, resumindo em si uma alma quasi... e cubro-a de beijos, com mais sympathia, com mais amor, do que quando tinha vinte annos, e beijava as mãos juntas da unica mulher que amei na minha vida...

Mas...

Mas lembro-me agora que alguma cousa resta a dizer ainda; a ultima exposição nacional japoneza, aberta ha pouco e encerrada ha pouco (abril — julho de 1895), constitue um facto importante, que parece não dever ficar despercebido n'este capitulo de impressões. Vamos, pois, visital-a de corrida, n'um ultimo passeio artistico,

n'um ultimo relance de olhos curiosos, relance amplo, que vae abranger e recordar em synthese todas as nossas noções adquiridas sobre a arte nipponica, sobre a industria nipponica.

O local é bello na verdade; não poderia ser melhor escolhido, aqui na cidade mystica e artistica, aqui avizinhando dos velhos templos monumentaes, aqui, quando a serra começa a subir em doces ondulações vestidas de arvoredos, onde é eterna a orchestra preguiçosa de marulhos de aguas, de sussurros de ramas, de palpitações de vida. Caminhamos com a turba, que se alastra pelos caminhos, pelos campos, em milhares de figurinhas graciosas, em sedas de festa, convergindo para o ponto que attrahe todas as curiosidades, que chama de longe, das cidades e das aldeias, a onda do povo; avistam-se já alem os confusos contornos das construcções, os feixes das bandeiras em trophéu, tremulantes, rindo á luz do sol nos seus vivos rubros nacionaes; e assim vamos sem fadiga encurtando a distancia, enfeitiçados. É pena, porém, ao approximarmo-nos, que o edificio que se ergue, que poderia attingir fórmas surprehendentes de telhados recurvos, de portaes em laca, de exoticos santuarios votados á glorificação de Benten, a deusa da arte e da belleza, se trivialise chatamente em monotonas linhas de barracões, mal copiados de tudo que a America e a Europa nos tem exhibido n'este genero. Atravessamos o canal glauco e dormente, galgando a pontesinha curvada em arco de frecha; e então na planura vasta, arborisada e fresca, onde mil industrias estendem arraiaes e offerecem os seus productos aos que chegam, uma cousa gigantesca destaca, surdindo de um nimbo de chuva repuxante,—é a fonte monumental da entrada.—Ah! mas esta fonte é um horror, é ignobil, a unica monstruosidade onde os meus olhos ainda se pousaram no Japão; o marmore trabalhado n'um grupo humano qualquer sem nome, feito ás sovinadas casuaes do escopro, n'um arremedo vilissimo de esculptura occidental.

Ai, japonezes! se a tanto vos levou o modernismo, mas se sois ainda zelosos da vossa honra, da vossa tradição, porque não collocastes aqui um grande letreiro em letras gordas, em linguagem comprehensivel aos poucos estrangeiros que véem, alheios provavelmente ao que sois e ao que fostes, como uma explicação bem necessaria? Deverieis dizer: — «o povo, que ergueu este mono em pedra á entrada do templo da sua arte e da sua industria, é o mesmo que fez do bronze o Buddha de Nara, que povoou de templos maravilhosos esta santa cidade de Kioto e o Japão inteiro, que creou para enlevo dos olhos uma adoravel arte de encantos, sem parallelo no mundo»; — e estava dito tudo.

Passamos por um arco triumphal, e encontramo-nos no recinto proprio da exposição, no meio de um enxame de *kimonos;* as galerias succedem-se, multiplicam-se; ao acaso embrenhamo-nos pelos meandros d'este grande bazar. Ainda no interior o modernismo europeu, sacrificando a maneira nacional, entristece o visitante; mas emfim, a evolução do povo nipponico, em rapido caminho para o nosso feitio de ser, é um facto consummado, que é forçoso admittir e mesmo admirar; e a exposição japoneza onde o acaso nos trouxe, pela profusão dos seus bellos artigos, pela alacridade dos coloridos, pela onda popular que serpentea, interessa-nos, captiva-nos, deslumbra-nos. Este certamen é mais industrial do que artistico; mas a arte, a subtil arte gentil, insinua-se em tudo como um perfume, caracteristicamente nipponico. Eis os charões, eis os *cloisonnés,* eis as porcellanas, eis os vidros, eis os relogios, eis as perfumarias, eis os cereaes, em bellos mostradores envidraçados, girando automaticamente como um pião, offerecendo assim á vista no menor espaço o maior numero de objectos. Eis o casulo de seda, a seda nos seus diversos estados de preparo, uma *musumé* em carne e osso colhendo o fio junto de uma dobadoura movida a vapor, e finalmente a seda em peças, em deliciosas pregas des-

lumbrantes, accusando ainda uma das mais bellas e incomparaveis especialidades do paiz. As sedas attrahem-me particularmente. Que delicadas aguarellas sobre o crepe, que meigos setins alliados ao tenue fio de oiro, que tramas, que coloridos, que matizes! Isto é bem arte ainda. Sabeis que milhões de fardos de sedas se exportam já para a Europa em cada anno; mas estas admiraveis sedas não se exportam, pois não ha por esse mundo bastantes duquezas millionàrias que animem tal trafego; são o commercio privativo das *musumés,* de todo o mundo feminino do Japão, vivendo na doce simplicidade de uma barraca nua, alimentando-se de um punhado de arroz e de verduras, mas exigindo com sorrisos, — que é como as mulheres exigem, — todas as economias dos paes, dos maridos, dos namorados, para a tunica ondulante que lhes acarinha a epiderme, e sobretudo para o *obi,* o pedaço de tecido que lhes cinge a cintura n'um abraço amoroso de todos os dias. Eis por aqui fóra, n'uma successão interminavel e estonteadora, tudo que se faz no Japão, tudo que a terra dá; um kaleidoscopo sobretudo allucinante pelas côres, côres amorosas que vos chamam, côres petulantes que vos beliscam, côres atrevidas que vos abraçam, côres barbaras que vos mordem. Passamos, passamos confundidos, e quasi inconscientes...

Sabe então bem fugir por instantes do bazar, vir offerecer a fronte ao sopro livre do jardim interior, este por sitios adoravelmente nipponico, com os seus lagos de Lilliput, com os seus mouchõesinhos musgosos, com a grenha dos seus arbustos, d'onde espiga o *toro,* a lanterna rustica dos santuarios, feita de tres calhaus sobrepostos. Vamos depois aos grandes barracões das industrias mechanicas, as bombas, os apparelhos fabris, de electricidade, de vapor. Seguem-se os varios productos do mar, e o barco e a rede, que são a casa e a arma d'aquelles que vivem na agua, mourejando dia e noite ao longo das costas ridentes; é interessantissima esta

secção, como deve ser n'um imperio constituido por milhares de ilhas, pelas mil variedades do peixe secco, do peixe salgado, do peixe em conserva, dos exemplares zoologicos, dos modelos elucidantes, dos barquinhos em miniatura, do complicado estendal de redes, de armadilhas, de anzoes, de cabos, de fios, de malhas, de amarras, de ancoras; e termina por um aquario, onde na meia-luz do recinto envidraçado a vista acompanha com interesse as apathicas circumvoluções dos peixes de agua doce,—carpas, salmões, trutas, cyprinos,—vagabundos de rios e de canaes, que tão profusamente sulcam e retalham o paiz.

Passamos agora a um campo extenso povoado de pavilhões e kiosques especiaes; um com o carvão de pedra e o que de perto se relaciona com a sua industria; outro com minerio e o processo da sua exploração; outros onde a cerveja se fabríca e se vende ao copo; ali o pavilhão do jury, em charão vermelho, caracteristicamente nipponico, simples e solemne como um templo shinto; alem um casarão destinado ás bellas-artes, para onde corremos, commovidos, na doce crença de que a alma do bom velhinho Hokusai terá descido á terra, á terra-mãe, e paira ali, e vive ali...

Não. No salão onde nos encontramos, não está a alma de Hokusai; se passou, sumiu-se logo espavorida pela primeira janella aberta que encontrou, berrando pelos espaços não sei que torvas maldições. O modernismo japonez quiz apresentar aqui um dos seus mais publicos protestos. Das paredes não pendem *kakemonos,* os deliciosos *kakemonos* tão caracteristicos; são quadros que as vestem, verdadeiros quadros pela fórma dos nossos, uns quarenta, correctos nas suas molduras de pau, rectangulares; o pincel é tambem innovador, pertence ao japonez que veste calças e quinzena, embebe-se nas

pastas oleosas da Europa, e quer ser europeu sobre a téla. São o *senhor* Arihoshi Hidéta (vae mais ao sabor do facto chamar-se-lhes *senhores,* mesmo talvez *suas excellencias,* e não o *san* qualificativo da velha cortezia nipponica), o snr. Asai, o snr. Nakagawa, o snr. Haguda o snr. Matsui, e outros, e muitos; expondo scenas da guerra, da ultima guerra gloriosa, cujas recordações bem vivas ainda escaldam intensamente os cerebros e impõem á pintura os principaes motivos. São execuções triviaes, sem originalidade e sem alma, de bébés vestindo uniformes, de scenas de Porto-Arthur, de chinezes agonisando ou mortos sobre o campo. Matsui, na sua téla, logra enternecer-nos: a japoneza, junto do filhito e da filhita, acaba de receber a noticia da morte do marido, e tem proximos o seu sabre e o seu manto, trazidos da batalha por algum companheiro dedicado; ella é estoica, ella não chora, n'um paiz onde ninguem chora e menos as mulheres, e apenas fita o filho significativamente; elle tambem não chora, elle sabe que é homem e sabe a que se deve,—vingar a morte do que se foi da terra;—mas ella, a pequenina, que ainda não é mulher nem mesmo japoneza, que é um simples entesinho terno e amante, sem resignações e sem heroismos, não sabe conter as lagrimas e inunda-se no seu chôro...

Seguem-se outros assumptos, mal pensados ou mal pintados. E destaca-se a grande téla do snr. Kuroda, a mulher nua, a européa nua, já agora votada á immortalidade, não pelos seus primores, mas pelo barulho que produziu entre o mundo japonez. Para uns é o ensaio brilhantissimo de um novo, reclamando todos os applausos do imperio. Para outros é um arrojo ignobil, uma licença de pincel nunca tentada, que merece a excommunhão do templo da arte. Esfuziam os debates entre os artistas, entre a imprensa, entre a policia; e vencem os primeiros, e cá ficou o quadro. Para a observação curiosa do europeu, a téla, que é vulgar, desperta um interesse por outro modo emocionante, que vae tor-

nar transparente um cantinho mal conhecido da alma íntima nacional. O snr. Kuroda tem aspirações insoffridas de modernismo, quer mostrar que desenha do modelo, o que ainda ninguem fez no Japão, e que cultiva o nu; nada ha que dizer-lhe, na verdade. Mas o que elle não pinta é a japoneza, pois nem a sua consciencia nem japonez algum lh'o tolerariam; a japoneza apparece-nos nas suas intimidades do lar n'uma quasi nudez encantadora; vemol-a no banho apenas vestida dos seus enlevos, na rua em ondulações indiscretas de *kimono;* mas o que ninguem ousaria, era mostral-a em manequim, em exposição premeditada de fórmas, aos olhos dos que passam; o snr. Kuroda pinta então a europêa, dá tons premeditados de louro aos cabellos, com uma intenção que salta á vista: — «aqui está ella, a europêa; aqui está a impudicicia occidental submettendo-se paciente ao exame, á critica, ao riso dos filhos do sol; a Europa despe-se; já nada occulta ao glorioso Nippon, nem as suas artes, nem as suas sciencias, nem os seus segredos estrategicos, nem as suas organisações sociaes, nem os seios e os quadris das suas mulheres». — É o que diz a téla do snr. Kuroda. E o povo, em magotes, rodeia-a, commenta, segreda, ri.

Para consolação dos olhos a sala contigua affirma-nos que a velha arte ainda não morreu. Ha bellos *kakemonos*, deliciosos bordados, filiando-se na tradição dos mestres. Vejam por exemplo esta leôa, estudem-lhe a irritabilidade inconsciente do pello, a raiva faiscante, a colera impotente que relampeja dos olhos, assistindo do mais alto pincaro da serra ao vôo triumphante de uma aguia, que lhe roubou o filho. É magistral.

E agora, voltando aos jardins, entremos n'um gracioso kiosque, tomemos um copo de cerveja que no Japão

é deliciosa, sobretudo a de *kirin*. E deliciosa é tambem a *musumé* que nol-a serve; e o pedaço da modesta seda do seu *kimono,* assim vivendo em fórmas e palpitando em ondulações, vale mais do que todas as peças magnificentes, que se desenrolam sob o vidro dos mostradores, alem na exposição.

Pagamos dobrado pelo copo de cerveja; tambem é justo que se paguem os sorrisos; contamos com o quinhão da *musumé,* o seu *chá-dai,* o seu *para-chá.*

Que impressões nos deixa emfim, em summula, a exposição nacional de Kioto, que passou quasi despercebida dos europeus e até das revistas illustradas? É que, ao mesmo tempo, um outro facto attrahia, absorvia totalmente a attenção dos estranhos: era a guerra. Só os proprios japonezes achavam meio, pela sua indole voluvel, caprichosa, affeiçoada ás impressões multiplices, de se interessarem n'este grande bazar da sua industria, da sua arte, e de despacharem para a terra distante os seus exercitos, e de seguirem nos jornaes as suas evoluções, e de applaudirem as suas victorias.

Em artes, em industrias, interessantissimas revelações se nos affirmam. O Japão bem pouco tem já a aprender da America, que se lhe avizinha de um lado, e da Europa, que se lhe distanceia do outro. As suas necessidades de importação vão pouco a pouco descendo de importancia. Havia determinados generos, como vidros, relojoaria, machinas, que eram ainda ha bem pouco um monopolio de commercio florescente para as duas ou tres nações que lh'os impingiam; mas o Japão já os fabríca. Taes nações devem arreceiar-se profundamente de tão sagazes freguezes, que compram o exemplar de uma novidade a titulo de modelo, para por elle trabalharem milhões de reproducções, por vezes mais perfeitas; são ainda os

mesmos a quem os portuguezes offereciam a primeira espingarda, os quaes, passado o espanto, íam fabricar milhares d'ellas, como o confessa o nosso incomparavel Mendes Pinto. E não é só o povo japonez cerrando mais e mais as suas portas á onda da importação; é isto, e é o facto de ir abrindo ao mesmo tempo outras serventias trazeiras, por onde então se expande a industria propria, indo trocar-se por dinheiro nos portos da China, em Siam, n'outras paragens. No entretanto, o operario europeu envolve-se nas grandes luctas sociaes, affrouxa no trabalho, estorce-se de miseria sobre a enxerga do lobrego casebre, e em filhos inuteis proliféra... Não virá tambem um dia, longe sem duvida, a industria nipponica bater-nos á porta, mais barata e mais perfeita do que a nossa? Ai, Inglaterra!...

Da arte, propriamente, que julgaremos? O sentimento nacional está em effervescencia, não se fixa. Voltará resoluto ao amor da sua tradição? Apagará da memoria os nomes adoraveis dos seus grandes mestres; e, de fraque e luvas, dando o braço aos novos campeões da exposição de Kioto, entrará impavido pelo caminho dos nossos processos e do nosso feitio? Não se sabe. Um facto é já incontestavel: o espirito militar, que os ultimos acontecimentos favoreceram e mantêem, veiu ferir nos seus arrojos naturaes a verdadeira intuição artistica, por um tempo que ninguem póde medir; em Yokohama já se expõem charões com soldados á moderna em scena, de kepi e botas, o que lhes afianço ser de bem feio gosto. A arte, seguindo pelo trilho das innovações, poderá ir bem longe e subir bem alto, a meu ver e não de toda a gente. A mão, que começou copiando hesitante as artes chineza e coreana, e que assim creou uma arte sua, de primores e de encantos, póde tambem traçar identica evolução pela nova estrada que se rasga, embora se diga, e com verdade, que o gosto da China e da Coréa se casava mais com a indole nipponica. Os quadros exhibidos em Kioto, mediocres, são um primeiro ensaio;

resta ver té onde o tempo e a educação levarão o pincel. Seja! Imaginemos que o exito e a gloria vão premiar os esforços. No entretanto forçoso é confessar desde já: quando o caracter imitativo, adoptador, transformador, leve os japonezes a attingirem e a excederem mesmo a arte occidental, nas suas manifestações mais bellas e sublimes, ainda haverá rasões de sobra para lamentar profundamente, desesperadamente, a morte da primitiva arte do paiz do sol, unica em originalidades, unica em surprezas, unica em encantos, o culto simples e enternecedor da natureza, ao nivel do Creador e ao nivel dos homens, chamando-nos á religião da vida, á alegria e ao amor de nós mesmos. Renegar d'esta liturgia, que já catechisa profanos, é ser perverso.

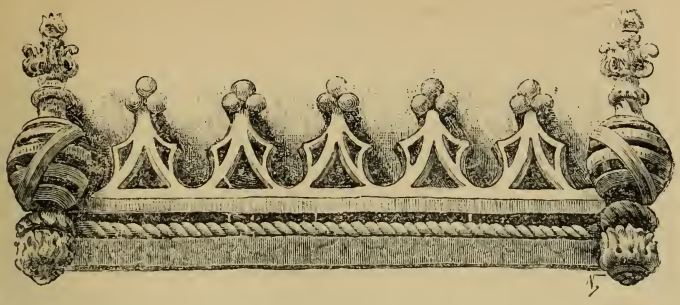
III

SEI-KWATSU

(A VIDA)

PRIMEIROS RELANCES

生活



III

A VIDA

PRIMEIROS RELANCES

EM te conheço, *musumé,* bem te percebo!

Aqui me acode ella ao pensamento, toda engalanada de sedas e laçarias, em amavios de sorrisos, em ondulações de reverencias, reclamando o principal papel na scena, quando eu me proponho relancear a comedia do povo, n'este ultimo capitulo das minhas invocações.

Pois faço-te a vontade e de bom grado. Espraiando o olhar sobre este paiz que me enfeitiça, que deixa agora de ser para mim historia ou arte, para me apparecer, vivo e fremente, animado pela onda humana, nas tonalidades multiplices dos trajos a lembrar um campo

semeado de malmequeres e de papoilas, é no teu fino *kimono* adejante, *musumé,* e nas surprezas do teu vultosinho gracioso, que mais deixarei a vista demorar-se; é o mysterio das tuas paixõesinhas chimericas, dos teus caprichos e dos teus devaneios, que particularmente diligenciarei tornar aqui transparente; e é comtigo, seguindo a esteira pueril dos teus passos miudos, que irei, de admiração em admiração, confundir-me n'essa deliciosa kermesse popular, perenne de louçanias e de sorrisos, dando alma ás cidades e ás aldeias, aos campos, aos rios e aos canaes, por todo esse Nippon.

Para facilidade na palestra, com que pretendo ir distrahindo uns amigos que me escutam, dou-te um nome; serás Ó-Hana, a Flor, um nome tão commum em terras japonezas como as Marias lá nas nossas; ficam, pois, os senhores sabendo, que Ó-Hana-San, a senhora Flor, vae acompanhar-nos n'estas paginas, sempre que dos seus bondosos serviços careçâmos. Ó-Hana-San não será uma filha de principes; taes linhas de nobreza difficultariam lhanezas de convivio. Não virá tão pouco das colonias galantes de Ioshiwara, pois nos afastaria fatalmente da vida simples, do lar modesto e calmo. Será uma filha do povo, uma burgueza; seu pae, um labutador qualquer, um fabricante de soccos ou de ventarolas; d'este modo nos poremos em relações com a classe mais interessante, mais gentil, da familia nipponica, classe que é o povo, o bom povo, laborioso e feliz.

Antes de irmos mais longe, é logico que descrevâmos a *musumé,* como a póde descrever uma penna catholica, na linguagem pallida que traduz uma invocação de occidental. Affeiçoamo-nos a ella, como a uma deliciosa porcellana bella em esmaltes e em curvas, como a um portentoso objecto, o mais portentoso, da arte japoneza; e

e assim, no enlevo de um sincero amor de artista, que vamos recordal-a.

A mulher japoneza é a mulher mais gentil do mundo inteiro. Que disse eu? Sei que ides gritar-me que exagero, e eu afianço-vos que não. Gentil, foi o que eu disse. A belleza, tal como a comprehendemos pelas formosuras classicas, pela harmonia geometrica das linhas de um perfil grego, não é do Japão. Admitta-se, excepcionalmente, uma pieguice travessa do Creador, requintes amorosos da chimera. O que a japoneza é, é um mimo de frescura, de gentilezas minimas, de encantos vagos, de distincções pueris; e são assim todas as raparigas; dos doze aos vinte annos não ha mulheres feias no paiz do sol. Apontam-lhes um unico senão: como as rosas têem, parece, o fresco de uma manhã; sirva, pois, a sua ephemera mocidade de natural consolação ao resto do mundo feminino, onde abundam muitas quarenta primaveras com aspirações.

Ó-Hana-San, a senhora Flor, é pequenina, miudinha, como um arremedo de mulher, como uma boneca quasi; uma deliciosa japonezice emfim, a pedir, para os collecionadores, o logar de honra sobre as prateleiras dos museus. Quanto ao rosto quem ousaria definil-o? Apparece-nos como um doce oval banhado n'um sorriso, oval que as enormes volutas dos cabellos negros emolduram. O Creador, amoroso da sua obra, de buril em punho, deliciou-se em humorismos n'este rosto: vincou-lhe traços fugidios, que querem ser olhos e nariz; com dois gestos rapidos de pincel, traçou-lhe as sobrancelhas picarescas; e deu-lhe uma cereja por boquinha. Quanto ao corpo, o seu corpo quasi branco ou mais do que branco, de uma coloração indecisa de luar, é um vivo madrigal de curvas suaves: arestas de esqueleto, nervuras de musculos, mal se adivinham sob os contornos lisos no collo, nos braços, nas mãos, nos pés, de uma carnação de fructo, de pecego. Graciosa de raça, a liberdade do trajo e da existencia não atrophiam uma só linha; e a for-

mosura flexuosa do sexo adquire assim todas as ondulações que lhe são proprias. Não são ainda as raparigas do campo sem espartilho, apenas vestidas e caminhando descalças pela estrada, que vão revelar aos artistas do mundo inteiro purezas classicas de perfis, verdades de esculptura feminina? N'ellas, porém, a crueza do sol que as requeima, o trabalho grosseiro, a miseria da vida, prejudicam elegancias de origem; emquanto que a japoneza, vestindo sedas, pousando sobre esteiras, entregue aos seus labores miudos, lembra uma joia guardada n'um fôfo estojo de setim; e comprehende-se como os brilhos preciosos não se empanem, nem os rendilhados da filigrana se deformem. Tal a *musumé,* durante a sua rapida mocidade.

Mas quando a mulher japoneza está prestes a despir-se dos seus feitiços, passados os vinte annos, é então, na pujança dos primores, como um pomo maduro, que a sua gentileza se torna, por um dia, doidamente fascinadora. Alva a ponto de deslumbrar, na plena graciosidade das fórmas, no pleno jogo dos gestos, banhada no negro das pupillas por uma ternura de quem se despede, alcança seducções de visão, aureolas de sacerdotiza de um culto, que fosse todo magia e todo amor. Como a gente desejaria adoral-a no enlevo de uma casinha de madeira, na paz solemne da paizagem, e beber nos seus labios os ultimos sorrisos, e escutar-lhe as ultimas chimeras, e servil-a nos ultimos caprichos!...

Mas é tempo de vestirmos a boneca, se vos parece; o que, feito pelas nossas mãos inhabeis, faz-me rir. Deve ser cousa curiosa e digna de contar-se.

A peça principal do vestuario é o *kimono. O kimono,* que é uma ampla tunica de deliciosa seda, com largas mangas pendentes quasi a rojo, cobre a *musumé* até aos

pés; cobre-a e descobre-a, porque, como estaes imaginando, um movimento irreflectido, uma rajada mais fresca, lá afastam as abas sobrepostas sobre a frente, deixando a descoberto, pelo menos, o fino artelho, ou uma nesga do panno de crepe, uma especie do *sarong* malaio, que se cinge estreitamente á carne. Este panno de crepe é por vezes carmezim nas donzellas, por vezes estampado com delicados longes de paizagem, com flores, com aves dispersas, e sempre da mais fina trama flexuosa. Vestido o *kimono* e conchegado ao corpo por uma arte particular de dedos destros, é o momento de passar á roda da cintura a larga faixa de setim, o *obi,* negro ou em preciosos lavrados, sobrepondo-se em muitas voltas e rematando posteriormente em enormes tufos e laçadas.

Pensemos agora nas pequeninas cousas. Concedâmos-lhe a unica joia, que da moda europêa se aproveita; deixemos beijar-lhe os dedos, da côr de cirios, o diamante ou a perola de um annel. Pelas dobras do *obi* e pelos bolsos das mangas, aninham-se a bolsa de seda do tabaco, o cachimbo minusculo de prata, espelhinhos, amuletos, perfumes, bagatelas sem nome conhecido. Morde-lhe o penteado um pentesinho precioso, de tartaruga ou de marfim; dos ganchos que se enterram nos cabellos, espigam os enfeites, chimeras minusculas, florinhas artificiaes, pennachinhos de froco, pingentes prateados, tremeluzindo e palpitando; por estes tempos de gloria, é bom que seja um soldadinho, o pavilhão da patria, um canhão de tiro rapido, uma apotheose qualquer de dois centimetros. Os pés ficam-lhe nus, se está em casa, sobre a esteira; promptos a enfiarem de um gesto as sandalias ou os soccos, se vae para a rua, conforme as circumstancias.

Damos por finda a tarefa portentosa. Fizemos tudo, ou melhor nada fizemos. Como deixar effectivamente aqui viver, por uns longes de impressão, essa chimera humana, esse tufo de sedas multicores e palpitantes lem-

brando, pelos laços do *obi*, azas de uma enorme borboleta ou pétalas de uma enorme flor, a salientarem-se do vultosinho esguio e esbelto, onduloso, adoravelmente realçado pela nudez da cabecinha petulante, das mãos, dos pés?...

As suas mãos e os seus pés, de um primor inverosimil!...

Das mãos já vos fallei, penso, d'essas mãos que nunca se estendem para a saudação, a procurarem as nossas; mas que vemos, mas que admiramos, na incessante e prodigiosa mimica dos gestos; mas que tocamos por vezes em encontros casuaes, se acceitamos a chavena de chá, se recebemos um objecto; mas que estreitamos porventura, cedendo a um desejo irresistivel, amoroso... mãos que então nos suggerem a idéa disparatada de estarmos acariciando ratos brancos, macios como setim, moldando-se á pressão, sem ossinhos que se sintam, afilando-se, escorregando e fugindo...

Palmipede. Palmipede chamou já á *musumé* alguem nas suas impressões, se bem me lembro; e até em boa linguagem de Camões, que o narrador é portuguez, e por signal pelo Japão peregrinava, quando eu tambem por lá ía passando as minhas horas de magia. Desculpe-me a recordação desagradavel, que guardo do qualificativo. Palmipede, palmipede... de certo, por esse pé nú e branco, que assenta livremente na sandalia, dando á japoneza uma ondulação especial, quando anda, mais de deslizamento do que de marcha. É certo que, para a educação esthetica do occidental, o pé nada tem de humano. Ha pés de setim, ha pés de pellica, ha pés de couro, ha pés de lona; de carne não, mesmo nas praias; remendão de escada ou sapateiro de duquezas, é o artista da tripeça, que faz o pé, que lhe dá elegancias seductoras. Esse pé alvo de cera, de livres e francos con-

tornos, que Rebecca apoia resolutamente sobre o solo ao offerecer a agua do seu cantaro ao servo de Abraham, esses pés descalços e longos de Maria, que os christãos cobrem de osculos amorosos, eis ahi linhas de esculpturas que não se encontram fóra do ideal, no marmore ou na téla, nem mesmo se desejam.

Pois o pé nú da *musumé,* branco, livre, bello, transporta para a terra e para a vida a tradição da arte; e essa fimbria de seda do *kimono,* que o toca e que o afaga, realisa-lhes enlevos ineditos, quasi biblicos, em que os olhos se demoram por prazer. Quando ella se ergue nos bicos dos pés para alcançar uma flor, quando tem o pé pendente do estrado, balouçando-se sem designio, quando se curva para receber nos braços o filho, a vista alcança de relance as curvas mais gentis, as ondulações mais graciosas d'esse pé, um segredo intensamente harmonico, emfim, do traço humano, de que a europêa se privou.

Sobre a esteira, o pé vive nú; pousando nas taboinhas polidas dos corredores ou das escadas de serventia, apprehende o *zori,* a sandalia de fina trança de palha: se sáe de casa, nú tambem, ou calçando a piuga alva que lhe contorna como uma luva o dedo grande, enfia na *guetta,* o pesado socco, e segura-se ás presilhas de velludo. A *musumé* possue uma infinidade de *guettas:* se o sol rompeu claro e as ruas estão enxutas, a *guetta* é de charão negro polido como um espelho, ou de grossa madeira apenas aplainada, na gentil simplicidade dos veios naturaes; se a lama cobre os caminhos, a *guetta* distancea-se do solo por meio de duas taboinhas transversaes, e a *musumé* cresce assim de meio palmo, dos meus, que são dos maiores; se chove, se neva, a *guetta* é uma caixa, um edificio, uma cabana de abrigo. E... táu-táu, táu-táu; para uma cidade de um milhão seiscentos vinte e oito mil habitantes, como Tokio, segundo os ultimos recenseamentos (a moda é dos dois sexos), imaginem a orchestra de tres milhões duzentos cincoenta e seis mil tamancos a matracarem pelas ruas!...

Os pés da *musumé,* assim educados sobre esteiras ou em contactos doces, no amor constante pelo banho, adquirem um mimo de epiderme, a lembrar a maciez de uma flor polpuda de cacto; e tambem uma desenvoltura de prodigio, gesticulando, acompanhando em mimica as palestras, em brandos movimentos de dedinhos flexuosos, que terminam em unhas polidas e rosadas, que nada opprime.

Na vida do *tatamy* junto das *musumés,* para quem já passou semanas commungando em habitos nipponicos, ora na comedia dos jantarinhos, ora folheando os albuns, ora rindo e fumando, os pésitos das companheiras tornam-se tambem uns outros companheiros, com caprichos proprios, como que uns animaes domesticos que nos eram até então desconhecidos, cirandando aos casaes, acercando-se-nos, pousando nas nossas roupas, fugindo-nos, volvendo; e tão frescos, tão bonitos, que só nos despertam sympathias.

O pé de O-Hana-San, a senhora Flor, leva-nos ainda, alem do enlevo artistico, a mais transcendentes devaneios. Assim em liberdade, o turbulento, quasi com azas, o travesso, não está elle, por si, definindo a mulher? Não nos está confessando, que é ella a companheira inseparavel do filho de Nippon, não só no lar, nas longas intimidades pachorrentas, mas na rua, no campo, na serra, vencendo velozes distancias, trepando resolutamente pelas ladeiras, ganhando de um salto os barrancos, destra emfim em todos os exercicios? Na labuta, o operario ou o agricultor têem a mulher junto de si, auxiliando-o, palestrando ao mesmo tempo, ajudando-lhe a passar as horas. Pelas cidades, acompanha-o nas ruas, sapateando ao lado, enfiando pelas lojas, pelos theatros, pelos templos, agarrando-se-lhe ao braço para não se

perder d'elle, ou para elle se não perder sósinho, o maganão. Nos seus passeios de bohemio, campos fóra, quando as cerejeiras florescem, o japonez sente sempre seguirem-lhe os passos os passinhos miudos da mulher, esposa ou amante, sorrindo á paizagem que o seduz, compartilhando dos seus extasis, fazendo colheita de ramos viçosos, atirando com gargalhadas ás brisas.

Quando a japoneza é mãe, mãe desvelada então, eil-a dispensando auxilios mercenarios, tomando do garoto e carregando com elle ás costas, não menos ligeira, não menos graciosa, na sua marcha ondulante pelos caminhos.

E no entretanto, alem, a curtas horas de demora, no vastissimo imperio, patrimonio de um povo irmão, eis o curioso contraste da mulher sem pés, aleijada desde a infancia tenra pelas exigencias da moda que domina. Eis a mulher que nunca presenceou um romper de aurora, que nunca vagabundeou com o marido durante um curto instante, que nunca ajuntou seis passos ao longo de uma estrada, que vive eternamente na sua clausura, na penumbra mysteriosa e sordida de quatro paredes unidas, deixando-se invadir de flacidas gorduras e de tons terrosos de encarcerada, deixando crescer as unhas das mãos inuteis até á disformidade, immovel, estupida, tediosa, hieratica, *feitiço* insipido do lar. Com esta missão apenas, a misera: manter a disciplina entre as concubinas legitimadas do marido; incutir o medo e exercer a tortura nas servas, as escravasinhas immundas que a saudam em prostrações rojantes; e, em assumptos conjugaes, ser por seu turno a escrava submissa, calando affrontas e recalcando ciumes, prestando-se aos caprichos casuaes do seu senhor, durante alguma noite desabrida, em que elle, por desfastio, dispensou a orgia das ruas ou dos barcos.

O pé da *musumé* e o pé da chineza definem bem por si estas duas variedades exoticas do feminino humano, accusam as profundissimas differenças que as separam;

quasi que apontam, em luminosa synthese, os destinos moraes dos dois imperios do Extremo Oriente.

É justo agora que consagremos algumas linhas ao homem,—não se vá falsamente presumir que no Japão ha só *musumés*.—O erro seria quasi desculpavel até ha bem pouco, quando o imperio se fazia lembrado do resto do mundo só pelas suas delicias de arte, e porventura por uma estranha fama de galanteios e de amores, de que íam segredando viajeiros. Mas hoje sabe-se que ha aqui homens tambem, homens animados de actividades audaciosas, accesos em irrequietos clarões de patriotismo, bravos, altivos, orgulhosos, que correm a atirar-se á chusma brava, que vão conquistar glorias, que vão conquistar novos torrões, para juntar ás glorias da lenda, para juntar ao seu torrão sagrado.

Deixando a *musumé* e passando ao homem, a diversão é desoladora; é transitar de um sorriso para uma careta, de um nimbo roseo de alvorada para um negrume carrancudo de borrasca. São realmente muito feios os japonezes, nas suas figurinhas de quasi pygmeus, nas suas frontesinhas baças coroadas pela trunfa hirta, nos seus pellos espetados de barbichas rudimentares, nos seus olhinhos piscos e matreiros. Eu tive desde longa data estes sujeitos pelos mais grotescos exemplares do sexo a que pertenço. Hoje penso que errava, apresso-me em dizel-o. Divagações posteriores do espirito, recentes até, elaboradas por signal a bordo de um paquete francez, que commigo fugia desesperadamente para longe das costas nipponicas, modificaram o meu juizo.

Para matar enfados que o mar dá, puz-me observando os meus companheiros de viagem, um enxame. Eram missionarios protestantes em ferias, inglezes, americanos, allemães, uma tribu especial de medonhos barbu-

dos, ossudos, angulosos, avançando em bruscas passadas de manequim. Eram burguezes britannicos, vermelhos como cenouras, brutaes, com uma feição eterna de borrachos, n'uma actividade inconsciente de musculos enormes, lembrando locomoveis com fornalhas accesas e caldeiras attestadas. Eram narizes ambulantes, verde-negros, graves, meditativos, portentosos, que são esses judeus que véem não sei de onde, de qualquer paiz maldito, e que assaltam todos os paizes exoticos, onde a ganancia particularmente medra em seivas. Era a propria gente da equipagem, que se me afigurava tristemente grosseira, fundida n'um mesmo molde, accusando vicios baixos, a transparecer nos carões por barbear, cynicos, indolentes. Como vêem, uma variada fauna humana, uma instructiva collecção de nacionalidades, onde até Portugal tinha o seu representante, que por justos melindres pessoaes passa sem estudo.

Tive então a convicção profunda de que o homem é o mais feio ser da terra, no que não ha senão que bemdizer do Deus da creação, que assim quiz realçar a graça, o enlevo de um contorno, a doçura de um olhar da mulher, a companheira do rude luctador. É pois a *musumé,* a flor da gentileza, que pela approximação torna o japonez mais feio a nossos olhos do que elle realmente deve ser.

Agora julgo até, invocando a scena nipponica, adivinhar não sei que excepção graciosa n'esses homemzinhos de fórmas attenuadas, de mãos e pés minusculos, de marcha indolente e flexuosa de gato bravo em liberdade, cabecitas nuas e erguidas, pupillas vivas e finas, frescas physionomias imberbes de creanças sagazes. Eil-os, nas ondulações livres dos seus vistosos *kimonos,* no arrastamento vagabundo dos seus soccos, n'uma procissão despreoccupada de gente feliz do seu papel. Mas não lhes vistam o fraque, não lhes calcem as botas, não lhes enterrem o chapéu pela cabeça; porque então vulgarisam-se, amesquinham-se, no seu constrangimento por

habitos novos mal nacionalisados, lembrando uma variedade qualquer, enfezada e timida, de mestiços.

Estamos d'este modo de posse dos bonecos, taes como os podemos offerecer á justa curiosidade dos estranhos. Mas agora as difficuldades multiplicam-se, agora, que é occasião de tomarmos d'elles ás braçadas, *musumés* e cavalheiros, de puxarmos pelos cordelinhos, de lhes imprimirmos movimento e vida, fazendo-os cirandar sobre as esteiras dos larzinhos de madeira e de papel, ou em multidões pelas ruas e pelos campos, no labor dos seus misteres, no capricho das suas predilecções; comedia immensa de graciosissimas *marionnettes,* nunca imaginada; estudando-os ora na mimica, ora no moral; denunciando o que fazem e o que sentem, o que dizem e o que pensam. Tarefa complicadissima, meus amigos; e que nos propomos encetar sem velleidades de grande exito, confundido-nos na turba por simples passatempo, seguindo os passinhos vagabundos de O-Hana-San, a senhora Flor, e respigando aqui e alem traços salientes, um gesto, uma careta, uma feição de alma. Como berram na feira os saltimbancos: —vae principiar a funcção! . . . —

Das casinhas burguezas enfileirando-se pelas viellas fóra, essas casinhas a que logo de manhã supprimiram as paredes exteriores, das lojinhas escancaradas a que faltam tambem as paredes da frente, já nós, pela digressão indiscreta d'estas paginas, e a proposito de qualquer incidente momentaneo, fomos devassando surprezas e notando-as. É relativamente facil a exploração; os olhos são como as moscas, entram pela casa dentro

sem pedir licença; e bem se imagina que basta assomar á entrada, deter-se a gente a saborear uma taça de chá ou mercadejando uma japonezice qualquer, para que pelos largos intervallos das corrediças uma existencia inteira, íntima, se entreveja.

Já admittis agora o artista de cocoras, ou sentado sobre os joelhos, destacando da polychromia alegre da industria exposta; com o seu chá ao lado e o seu cachimbo, nas lucubrações subtis e pachorrentas dos dedos intelligentes, afeiçoando, acariciando o seu objecto. Já comprehendem a *musumé* de rastos pelo chão, em indiscriptiveis contornos de *kimonos* enroscados, lendo, bordando, arrumando, penteando-se, tomando chá, fumando, no manejo pueril dos seus mil misteres, recorrendo ao arsenal minimo e gentil dos seus mil utensilios. Animam o quadro as creanças, risonhas, em kimonosinhos garridos, grotescas nas suas cabecitas rapadas, de onde espigam a capricho pequeninas madeixas de cabellos, que a navalha poupou, dando-nos a impressão de borlas de seda enfeitando cabaças ambulantes. E d'estes agrupamentos felizes de nomadas, pois nos recordam iresistivelmente a scena no acampamento das primitivas tribus, destacam das roupas em monte, ennoveladas, braços nus, pernas e pés nus, collos nus, um fresco seio nu dando-se ao filho, uma nudez profusa de curvas palpitantes emfim, estranha, unica, levando porventura a severos juizos a comprehensão d'esses senhores europeus que vão passando, certamente pessoas muito decorosas, e avivando o vermelhão das faces, em pudicas revoltas meritorias, áquellas damas inglezas que transitam. E a musica da vida, que vibra em ondulações sonoras d'esses lares, traduz-se n'uma tagarelice contínua, pouco intensa, lembrando rythmos suaves de barcarola, marulhos tremulos de aguas, esfuziando de quando em quando n'um repique de gracejos, n'uma exclamação cantante, n'um carrilhão de risadinhas; e sem que jamais venha ferir o ouvido a surpreza insolita de uma nota mais aspera,

que denuncie um ralho, um impeto de colera, uma imprecação, uma blasphemia. Esta musica é o reflexo acustico da alma popular, é o grande hymno nacional.

O clima, a natureza especial, a paizagem, a maneira de ser da terra-mãe nas suas leis affectivas dos sentidos, em collaboração com mysteriosos atavismos de raça, fizeram, educaram a alma japoneza. A alma fez a arte.

A paizagem nipponica é a harmonia sagrada das côres; é a linha amorosa dos contornos; é a serie adoravel de pequeninas surprezas de um torrão extravagante, o enlevo das modalidades, na collina ouriçada de mattas succedendo-se ao areal louro, no anil das aguas vindo beijar o verde das campinas, nos filetes diamantinos das cascatas despedindo-se da dentuça das penedias, no resfolego sulfuroso dos vulcões, nos rios que ondulam, nos pedrugulhos musgosos, nas ramadas floridas, sem recessos lobregos, sem quadros pavorosos; e por onde se vae incessantemente manifestando uma intensissima affirmação de vida, em rumorejos, em murmurios, em cantares. É pacifica, é amorosa a fauna,—veados, aves, insectos vagabundos.—

E a civilisação da tribu, desfructando em plena seiva a preciosa herança que lhe coube na partilha do mundo, veiu juntar a graciosidade das suas povoações limpas e frescas, dos seus templos de laca e de oiro, das suas culturas esmeradas. Quem, vindo ao Japão, não se extasiou até ao enternecimento, não se sentiu feliz por algumas horas ao menos, durante o rapido trajecto do paquete sulcando pelo mar interior, a habitual estrada maritima, que leva de Nagasaki á cidade de Kobe? No magnificente mediterraneo surgem para nós a cada momento, recortados no azul solemne da téla, os exemplares authenticos que inspiram porcellanas e charões, tapeça-

rias e *kakemonos,* a bella industria emigrante, que já abunda por toda a parte entre nós. Tinhamos já, na verdade, uma vaga noção theorica d'este scenario, d'estas minusculas apotheoses de paizagem. Crepusculos roseos, ilhotas enramalhetadas de arvores estranhas, o portal escarlate do templo, o barquito com a véla em pendão, os festões de flores, as revoadas alegres da passarada, tudo vemos de perto. E então, quando predispostos talvez desde longe, por velleidades ciosas de raça, a attribuirmos uma predilecção piegas, inverosimil, sonhadora, á arte japoneza, é que perguntamos a nós mesmos, se o Creador, se a vontade genesiaca, que dão vulto e vida aos mundos, tambem foram piegas, inverosimeis, sonhadores, no que aqui existe, real, palpitante, tangivel? Para mim affirmou-se este lemma desolador:—que não vale a pena viver, quando não seja o sol do Nippon que nos aqueça.—

Revela-se comprehensivel agora, natural como o perfume que vem da flor, esta sentimentalidade pantheista pelas cousas, no japonez, e esta inclinação enternecedora, esta educação inconsciente, no convivio com as bellezas da terra. Comprehende-se como uma aurora rubra, como o recorte de uma folha, como os descantes de uma cigarra, todas as pequeninas harmonias da vida, passando despercebidas de toda a gente, interessem aqui este bando de amorosos, até ao mais rude aldeão, até á mais simples *musumé,* até ao mais tenro garoto.

Os infimos exemplos dizem muito, ás vezes. Eu vi um dia, cuidada pelas mãos miudas de um rapazito, a mais curiosa collecção de ovos de aves que póde imaginar-se, collecção que constituiria certamente o enlevo de qualquer sabio do Occidente. Outro petiz, nascido de outro ventre, medrado n'outro meio, empregaria os seus ocios de dez annos a atirar o pião nas ruas ou pedradas aos cães vadios; elle não: vagabundeava pelas florestas, pelas penhas, pelos areaes, como um gato bravo, offegante, todo embevecido nos segredos da vida,

espreitando aqui, apanhando acolá. E dava explicações precisas de tudo: tal ovo era de tal passaro; e porque era este irregular no oval, para que não rolasse e se partisse sobre os seixos, onde a mãe ia depôl-o; e porque a casca d'este outro era escura, para se esquivar á voracidade dos inimigos da especie, confundindo-se com o negrume do solo; e se o ninho d'aquelle era de palhas, ou de galhos, ou de barro; familiarisára-se finalmente com a inteira comedia amorosa, com todos os mysterios da assistencia materna,—descantes matinaes, namoros praias fóra, beijocas nos balseiros, bicadas ciumentas, e ternos agachamentos sobre a prole durante horas sem conto, em pios de affectos, olho alerta, bico solícito offerecendo um grão, um gafanhoto, um peixe, á pobre canalha implume.—

Ó-Hana-San, a senhora Flor, enlevada no meu proprio enlevo, pretende iniciar-me em todos os pequeninos segredos da existencia japoneza; e, por um natural amor proprio, é no seu lar de papel que me convida a passar as primeiras longas horas, descançando aqui sobre a esteira, enfiando depois os soccos e descendo alem ao jardim, volvendo a passar em minuciosa revista as suas bocetas de perfumes, os charões do seu jantarinho, a sua jarra de onde espigam lyrios, o enxoval dos seus *kimonos* e dos seus *obis*.

Ai, não, *musumé!*... Eu peço-lhe ar, eu peço-lhe a confusão das ruas, a vastidão dos campos, a alacridade das festas, as procissões aos templos, tudo o que seja de todos e para todos. No cantinho íntimo, d'onde já conheço o bastante para uma educação de viajeiro, para que serve ir embalando-me mais e mais n'esta paz suggestionadora de lar e de familia, n'este capitoso convivio do feminino? Eu bem presinto que nada d'isto é para mim, que apenas se me concede o direito de sorver-lhe

a seducção n'um só relance de olhos, que pesa sobre a minha pobre individualidade o labéo de forasteiro, que o *kimono* que visto, não me naturalisa e apenas me apresenta em tristes ares de mascarado; eu bem presinto que esses pés brancos que se me acercam, me vão fugir, ou antes, serei eu que d'elles fuja, abandonando sobre a esteira a roupa de emprestimo, abotoado no meu fraque banal de um *quidam* qualquer, a recomeçar na lucta mesquinha da existencia. Os minutos não crystalizam como as rochas. Não se póde dizer a um instante:—sê eterno!—E então, bem mais vale que me desprenda d'estes feitiços, e que vá pedir á turba apenas o passatempo emocionante dos scenarios.

A *musumé* parece comprehender-me, n'um sorrisinho não sei se ironico se compassivo, embora a cabecita futil, de passaro, tenha ares habituaes de nada comprehender. Vae tomar o seu banho, vae vestir apoz um *kimono* lavado; e iremos depois os dois, e vós tambem, se vos apraz, bater sandalia por todo esse Japão.

O banho japonez! Recordei sem querer um dos assumptos que mais têem despertado o chuveiro de adjectivos acerbos da pudicicia europêa. Leiam-se os viajantes: fervilham as anedoctas travêssas, sem *kimono,* acompanhadas das indispensaveis phrases de pasmo e de reprovação, d'esses bons seraphins do seculo XIX. Escabichando nos meus alforges de impressões, tambem posso contar alguma coisa ás gentes que me escutam.

Lembro-me ainda bem das minhas visitas aos banhos publicos de Yokohama, quando ha uns sete annos, poisando pela primeira vez no Japão, me entregava sem preferencias aos caprichos do homemzinho que ía puxando o carro, onde eu tomára assento. Eram casarões ao nivel das ruas, com as tinas enormes de agua fume-

gante, com os baldes de agua fria, com todo o material do estylo, e onde affluiam, a preços infimos, os dois sexos, muitas vezes separados na sua nudez indifferente ao exame por... *um simples complemento circumstancial de logar onde;* pois que os homens se íam banhando —d'este lado,—e as *musumés*—d'aquelle lado.—

Não ha ainda muitos mezes, passeavamos, eu e um companheiro, n'um gracioso jardim de Kobe, dando serventia a certo estabelecimento de aguas thermaes mui frequentado. Annunciavam-se banhos communs, um aposento para homens e outro para damas, e quartos reservados a preços mais subidos, dois dos quaes um serviçal ía preparando então para nosso uso. O companheiro apontou-me para o que quer que era de estranho: agitavam-se ao vento as cortinas de uma porta, d'essas cortinas japonezas feitas de enfiadas pendentes de vidrilhos; e de quando em quando patenteava-se-nos a curiosa scena de uma gentil *musumé* conversando com um moço japonez, palestra íntima e tranquilla de dois namorados certamente, ella abanando-se com uma ventarola, elle abanando-se com uma ventarola,—que o calor de agosto abrazava n'aquelle dia,—e ambos vestidos com a simples epiderme, rosada e mimosa n'ella, morena e rude n'elle. A proprietaria do estabelecimento deu-nos do caso uma explicação plausivel:—o aposento destinado ás damas achava-se em concertos.—

N'estas mesmas thermas passou um dia um transe angustioso certo rapaz europeu com quem fallei, a dar-se credito, como se deve, á sua propria confissão. Chegado de fresco ao Japão, encetou relações de galanteio com uma moça de Kobe, gentil como os amores. Os velhos da casa eram de apparencia casmurra e repulsiva. Ella então offereceu ao europeu a surpreza de uma curta excursão pela cidade, juntos, acompanhando-os tambem uma irmã, previdente precaução para evitar commentos temerarios. Eil-os pois, os tres, abalando em tres jinrick-shás do acaso, passeando ao sol a sua alegria de

vinte annos. A moça dirige a marcha, dá ordens, ás risadinhas; eil-os dirigindo-se a uma *chaya,* que surdia garrida do viço das chryptomerias; eil-os descalçando-se, vestindo outros *kimonos* mais ligeiros, encaminhando-se para os banhos proximos, onde ella pede um quarto para os tres. O rapaz conta-me estas peripecias ainda mal tranquillisado das commoções soffridas. Foram alguns minutos de uma espectativa crudelissima. Como elle ía ser ridiculo no estreito cubiculo recatado, sem a minima noção da cortezia que se deve a duas damas sem *kimono!* Que deveria então fazer? rir-se? calar-se? esconder-se? fugir? banhar-se tambem na agua crystalina?...

O rapaz rematou a confidencia, dizendo-me que as cousas se passaram muito melhor do que a principio presumíra: no prazer da agua, no folguedo das cabriolas ingenuas como que de alvos maçaricos, palestras, gargalhadas, mãos activas disputando-se o sabão, consultas de espelhos, os sexos eram neutros, cada qual pensava em si; e só depois de enxutos, vestidos e volvidos á *chaya,* com um jantarinho opiparo servido, é que o namorado encetou a sua ladainha, que lhe traduzia os affectos castos, na presença vigilante da irmã, que assim ía dando á scena toda a honestidade requerida.

Ainda em Kobe, mas um pouco mais caminho da montanha, alem no pittoresco sitio da cascata, visita obrigada de todos os viajantes, um dia me encontrei.

Era um domingo, dia que os japonezes já commemoram, já consagram a preguiças serenas, a excursões contemplativas pelos campos. Umas oito *gueshas* chegam, em sedas de festa; despem-se, deixam o monte dos *kimonos* sobre a areia, entram na piscina natural; dois ou tres rapazes, que as acompanham, seguem-lhe os passos. Agora requer-se que se imagine a scena, para aproveitar-lhe, inteira, a seducção artistica. A ravina, que desce até ao mar em fundos precipicios accidentados, eriçada de arestas de granito e vestida de vegetação bravia, é

aqui fechada abruptamente pelo encontro e soldadura das duas margens. É pois um canto umbroso, fresco, quasi um covão, emoldurado em musgos, em capillarias, em ramos pendentes, em maranhas casuaes de arvoredo; e lá muito de cima, do apice da rocha a pique, despede-se eternamente um fio limpido de aguas, que descem cantando a transformar-se em espuma e a demorar-se em charco. Eu assistia de longe, sobre a pontesinha rustica, que cavalga a ravina.

E aquellas oito mulheres, nas fórmas mais graceis, nas ondulações mais mimosas e seductoras, ora escondendo-se em murgulhos, ora nadando em curvas colubrinas, ora erguendo-se e emergindo de todo e cobrindo-se apenas com as suas mãositas juntas em concha, ora estirando-se e fazendo leito das areias doiradas, e rindo, e gralhando, e açoitando a agua, e simulando luctas que não passavam de abraços; e os rapazes feios seguindo-as nos gestos, e perseguindo-as, e alcançando-as, e mordicando-lhes os pés esguios; e ainda servindo de tela aquella rudeza magistral da creação; tudo aquillo attingia um furor triumphante de apotheoses pagãs, cousa de nymphas e de tritões no mysterio do seu viver, de que nada dá idéa n'este mundo, a não ser a aguarella de algum pintor phantasista, pallida, porque pinta o que ainda ninguem vio, senão no Olympo, senão no Japão...

Descendo á realidade: aquellas oito *musumés,* depois de bem frescas e retomando os *kimonos* de seda, irão apenas entreter durante algumas horas os seus companheiros do acaso, com os seus cantares, com os seus sorrisos, servindo-lhes o *saké,* o vinho nacional, para se retirarem apoz, ganhas umas pratinhas do officio.

Mas deixemos as *musumés* entregues ao prazer do seu banho, na sua paixão congenita pelo beijo frio da

agua; creiam que não são ellas que nos chamam a miral-as; e, poupemol-as assim, se possivel é, á rhetorica moralista dos discursadores. Tratemos antes de estudar a japoneza pela sua condição social, o que valerá a desculpal-a. Levam-nos as divagações ao assumpto dos seus pudores, ou antes da sua ausencia de pudores, e ao íntimo da sua mysteriosa sentimentalidade feminina, mas principalmente a prescrutar o segredo do amor, como nucleo d'onde tudo emana nas relações dos dois sexos, o amor que ella sente e o amor que ella inspira, o traço moral preponderante que define a mulher na sociedade.

O momento historico que o Japão atravessa, concebe-se. O Japão deixa apenas, se a deixa, a sua idade heroica, para entrar na phase reflectida e pratica da vida. O desprestigio dos daimios e dos samorais, de toda a lenda gloriosa, é facto de ha menos de trinta annos; e a guerra de hontem, contra a apathica China, revela que o sangue guerreiro não deixou ainda de palpitar intensamente nas veias dos filhos de Amaterasu. O feitio sentimental d'esta gente, fixado pela íntima cohesão de velhissimos preceitos de culto, de sagradas tradições de avós, de habitos inveterados, não se transforma tão rapidamente como o poderia fazer suppor o espectaculo das locomotivas que se cruzam por todo o imperio, e dos fios telegraphicos que unem pela palavra o sul ao norte. N'este vistoso carnaval nipponico a que assistimos, debaixo da mascara da civilisação, como a comprehendem os povos do Occidente, está ainda o japonez rude de outros tempos, preso á vida por energias que não são as nossas.

O homem japonez, melhor seria dizer—o guerreiro,—é tudo. A sua vontade é indescriptivel, sagrada. O que elle quer, é o que elle faz. Tudo o que o rodeia, lhe deve obediencia. Até parece que as aves cantam só para elle, que as arvores dão sombra e fructos só para elle, que as flores rescendem só para elle, na doce escravidão de o servirem, de o glorificarem, de o cerca-

rem de confortos e de deleites. A mulher, n'este estado de illusão particular da existencia, não se furta á lei unica, entra na categoria dos pequeninos, e vem saudar o seu senhor e tornar agradaveis as suas horas de ocio. Da ramada de cerejeira á *musumé,* pouco vae: aquella uma só vez no anno se cobre de galas, esta tem artes de florir constantemente em seducções, de eternisar a sua primavera. Fica assim definido o seu destino: preservar-se, cuidar-se, ser bella, mas para offerecer-se, não para dominar. E seria sublime esse desprendimento immenso, se o movesse o livre arbitrio, da mulher que murmura, braços cruzados, sem anhelos, sem aspirações: — «aqui me tens, sou cousa tua, beija-me, ou bate-me, ou mata-me, senhor.» — A mulher encarna-se na sua condição passiva, de accessorio. Não ha pudores; as flores tambem não têem pudores de se sentirem nuas. Não ha desejos; é-se formosa porque se é formosa e deve ser-se, e nada mais. Se porventura é licito suppôr-se o que de infinitamente subtil paira nos cerebrosinhos d'esses entes, em materia de amor, afigura-se-me que seja uma satisfação toda reflectiva, toda de inducção, em sentirem-se agradaveis ao companheiro que lhes sorri. E o amor que inspiram... será a seducção pelo requintadamente gracioso, o encantamento pelo intensamente gentil, um enlevo de artista por essa deliciosa chimera que vem da arte divina.

Assim, naturalmente, impozeram-se ao bando feminino tres estradas distinctas a trilhar, nenhuma ignominiosa para o sentimento nacional. É a *guesha,* a mulher-flor, enfeitiçando pelo seu perfume, pela sua arte de galanteios, pelos rythmos da sua guitarra e dos seus cantares. É a mundana, a mulher-fructo, acordando um desejo, um appetite, expondo-se, offerecendo-se á dentada gulosa do rei da terra. É finalmente a mulher-mãe, o principio perpetuador da especie, o engenho universal da vida desde a planta até ao homem, merecendo as attenções desveladas, o abrigo no lar, o respeito dos

que a cercam. Ou *guesha,* ou mundana, ou mãe; em torno d'esta trindade borboletea um mundo neutro de creadinhas no primeiro frescor dos annos, e de velhas que já vão dobando quasi a termo a ultima meada da existencia; os misteres rudes do lar são para as suas mãos servis; das velhas não se occupa o destino, a terra que as coma; das creadinhas, umas por seu turno serão *gueshas,* outras serão mundanas, outras serão mães. O japonez, menos licencioso do que geralmente se julga, nunca confunde estas tres mulheres que a todos os momentos se cruzam no seu caminho; sabe onde póde pedir um sorriso, onde ha de exigir uma caricia, onde a honra da familia impõe recatos e deveres. Nós, como forasteiros curiosos, havemos de relancear estes tres typos femininos.

A japoneza de hoje já não é bem isto que fica definido, mas é ainda muito d'isto. A acção do tempo consiste em puir as arestas, em suavisar os exageros dos contornos, mas não em desnaturar a indole geral das fórmas. Encontrámol-a, a japoneza, ainda n'um grau consciente de submissão, que lhe não é penosa, n'uma existencia vegetativa de flor, cuja principal virtude é ser gentil. O amor guindado á deificação da mulher, essa chamma devoradora que aquece ainda tantos vinte annos, nas nossas civilisações, são para ella como que lendas escriptas em hieroglyphos incomprehensiveis. Que esses vinte annos lhe murmurem um dia que adoram, que vivem para a alegria de servil-a como escravos, que se prostrem ante ella e lhe beijem as mãos e os pés; a *musumé* permanecerá fria, ligeiramente ironica e ligeiramente surpreza, como uma cabra a quem o pastor beijasse os chifres.

N'esta algidez de coisa passiva, de coisa que não se pertence, custa porventura a julgar digna de energias

meritorias esta Ó-Hana-San, esta senhora Flor, do nosso estudo; concede-se-lhe, por mercê, quando muito uma alma de calhandra. Não é, porém, assim. A japoneza, que é de uma dedicação ineffavel dentro dos limites que lhe impõe qualquer dos seus estados sociaes, na successão corriqueira dos dias e das noites, ergue-se da vulgaridade carinhosa, alcança aureolas, nos transes vehementes. Não vamos procurar na historia, vamos aos exemplos humildes. Quantas vezes, dos lupanares de Ioshiwara sae a occultas a mundana, votada de alma a algum moço sem fortuna, desesperando de encontrar algumas centenas de dollares que cubram o seu resgate; e ambos, no silencio da paizagem amorosa, se suicidam, se salvam de uma existencia que lhes apparecêra no seu immenso horror irremediavel! A recente guerra com a China offerece quadrinhos moraes, que, por passarem nas intimidades plebêas, não são menos dignos de glorificação. Ao campo da batalha chegam da patria querida as cartas das familias; são os estrangeiros, espectadores curiosos, que denunciam as curtas phrases que vão seguir-se. Uma esposa escreve ao marido: — «um soldado, que se bate pela patria, não deve nunca contar com o regresso á sua choupana». — A mãe escreve ao filho: — «não sonhes com a tua noiva, eis-te por agora noivo da morte». — A avó escreve ao neto: — «volta victorioso, ou morre». —

Ó-Hana-San, a senhora Flor, vae-me impingindo as suas preleçõesinhas instructivas, intervalladas de repiques de risadas, no tocante ás qualidades mais typicas da physionomia moral nipponica. Falla-me assim, naturalmente, do aceio, falla-me da polidez.

O aceio é um verdadeiro instincto n'este povo, e dos mais intensos. Não cuidem que a hygiene, ou o simples

desejo de agradar, entrem de qualquer modo indirecto nos preceitos da limpeza. O enlevo innato pela agua, e pelo ar, e pela luz, a amenidade do clima, o habito da nudez, a predilecção dos dedos em tocarem em vassourinhas, em espanadores, eis os factores que levaram o japonez á meticulosa pratica da limpeza. O gato, que passa o santo dia a lamber-se e a cofiar o pello, o peixe, em cambalhotas eternas na agua crystalina, ahi estão dois figurões que a poeira não attinge, e que, como o japonez, nunca se lembraram de folhear um compendio de hygiene.

É tanto assim, que quando o japonez sae do seu meio, serviçal do europeu, ou na labuta de qualquer estabelecimento que lhe destina, ou onde o modernismo dictou leis, perdeu-se o encanto. Faltando a casinha de papel, o *tatamy,* a minuscula baixella de charões, póde entrar o lixo sem cerimonia; um dos actuaes ministerios por exemplo, talhado ao gosto occidental, com os seus amplos corredores, com os seus salões de espera, com os seus gabinetes para os chefes, é já coisa desoladora; e com respeito a hoteis, asseguro-lhes que não ha coisa mais ignobil, mais á mercê do pó da rua, das aranhas e das baratas, das nodoas de gordura, do que um d'esses casarões, onde o progresso introduziu cadeiras e mesas para hospedes, cujos cubiculos mobilou com leitos e lavatorios, e em cujas cosinhas se fabricam sopas e bifes ao paladar inglez.

Fujâmos de taes antros. É na pura vida indigena, sem mescla, que o aceio alcança um adoravel requinte, sem permittir confrontos. O sentimento da repugnancia, do nojo, perdem-se, ao descalçar os sapatos e ao entrar no lar, onde parece que mãos bemditas de fadas se occupam subtilmente dos misteres. Mesmo na rua, pelos bairros indigenas acotovelando o formigueiro humano, é de surprehender o que de fresco emana do povo em seus *kimonos,* não fallando já nas creanças, não fallando já nas *musumés,* de quem a gente tem escrupulos de appro-

ximar-se, para as não polluir com o nosso halito. A nudez sae das casas, é bem de ver; é uma procissão de *kimonos* fluctuando ao vento, ou intencionalmente arregaçados a mãos juntas; e a interminavel successão de collos, de seios, de braços, de pés, e de pernas, quando não do resto nos carregadores grosseiros, que muitas vezes se utilisam de um só panno á cinta; uma nudez arejada de todas as brisas, de todos os vendavaes, adivinhando-se ainda mal enxuta do banho quotidiano.

A propria miseria, onde naturalmente as sedas não abundam, dispensa-se de andrajos, não se veste; o remendo, o farrapo, são desconhecidos; de modo que no Japão é de todo banida essa horrivel sordidez da indigencia, como as civilisações modernas a patenteam por demais no medonho aspecto de um casaco a desfazer-se, de uma bota esbarrondada, de um resto de piuga, no seu cortejo de vermes, no seu ambiente de fétidos.

O-Hana-San, a senhora Flor, entra depois em detalhes minuciosos sobre a cortezia, a pyramidal cortezia do seu paiz, melhor julgada pela minha propria observação, nos grupos casuaes. Vêde como o japonez sauda o japonez, como a *musumé* sauda outra *musumé,* ao encontrarem-se face a face sobre a esteira. Os corpos caem, como se syncopes simultaneas os prostrassem; as sedas enroscam-se em montes arquejantes; e dos vultos mal definidos apenas se distinguem as mãositas apoiadas e espalmadas sobre o *tatamy,* o negrume dos cabellos das cabeças rojadas pelo chão. Palavras sacramentaes se vão proferindo, n'um jogo a dois parceiros, em que cada qual se esforça por ser o mais humilde, o mais reverencioso; e quando os vultos se erguem emfim e a gente imagina que a conversa vae brotar dos labios sorridentes, novas mesuras se seguem, se eternisam, como

se a unica preoccupação, o interesse no convivio, residissem na troca das redundancias respeitosas. São adoraveis estes transes, quando são as sedas que se dobram em espiras, e não as calças e a quinzena, que retêem, como pensam, pregas caricaturaes de comica surpreza.

Quem ha-de primeiro entrar, e quem ha-de primeiro sahir, e quem ha-de servir o chá, e quem ha-de offerecer o tabaco, e quem ha-de morder na maçã: são problemas que exigem longas indecisões, até que se resolvam. É observar tambem as creadinhas das poisadas indigenas, levando a arte ao incrivel, sempre alerta, não esquecendo um só preceito, vindo offerecer as sandalias da casa ao hospede que deixa á entrada os soccos, encaminhando-o ao aposento, ajudando-o a despir-se e a vestir-se de fresco, levando-o ao banho, servindo-o de joelhos durante as refeições, n'um constante cerimonial que não chega a ser humildoso, cortado de sorrisos, de gracejos. É observar o acolhimento que se offerece ao amigo íntimo, vindo a propria dona da casa, as filhas mimosas, em pésitos nus, servir-lhe o chá da hospitalidade. É observar o povo rude, nas suas relações mutuas; o encontro, por exemplo de dois conductores de jin-rickshás, pela noite, quando uma lanterna se apaga e um vem pedir fogo ao outro, e a ladainha que não finda, — «por favor», — «com o maior prazer», — «muito lhe devo», — «sou eu o agradecido», — «recordarei eternamente o seu serviço...» — Se cae das costas um fardo ao carregador, será feliz quem lh'o vier trazer. Pela turba, nem uma só impaciencia, nem um só gesto brusco ou indecente; as *musumés* passam, seductoras, sem merecerem um gracejo. E até é cortez a bebedeira.

A lingua japoneza, pelo que vou aprendendo, dispõe de um certo cabedal de substantivos, indispensaveis para se dar ás cousas os seus nomes; mas a grande profusão do vocabulario, o adubo, o molho, por assim dizer, da conversação, consiste n'um nunca acabar de particulas honorificas, tão doces, tão diluidas em mel, que trans-

formam a phrase na compota mais appetecivel, em que labios se poisem. O beijo é desconhecido no Japão, talvez porque as palavras têem beijos que vôam de bôca para bôca, com azas de sorrisos. A palavra *San,* senhor, acompanha sempre o nome das pessoas, ainda dos creados; tambem das profissões,—o senhor cocheiro, o senhor soldado.

Nas *musumés,* o nome vem das flores, ou dos insectos, ou das aves, da fauna delicada; e alguns em companhia do prefixo *Ko,* a pequenina;—*Ko-Hana-San,* a senhora pequenina Flor.—Não se diz, por exemplo:—«a senhora tem frio»,—mas sim:—«a senhora faz o obsequio de ter frio».—Invocam-se os deuses em altos tratamentos respeitosos. O sol, a lua, têem excellencia, como os viscondes entre nós. O chá, o vinho, as coisas boas, têem qualificativos nobiliarios, assim como quem diz:—«o grande chá, o grande vinho».—N'esta linguagem toda doçura, parece que a maior blasphemia, que soltam labios em cholera, é *baka,* o estupido. E tem a coroar-lhe a harmonia maviosa esta palavra que se pronuncía n'um cicio, que resume em si toda a musica do paiz de Nippon, de murmurios, de rumorejos, esta palavra que a *musumé* diz com a reverencia final da sua despedida, esta palavra que quer dizer—«adeus!»—com todo o seu cortejo de suggestões dolentes, e sentidas, esta palavra—«*sayonara!...*»—

Na multidão da rua, na interminavel exposição de *kimonos,* pelos centros populosos, o que imperiosamente fere o olhar, como se fôra o deslumbramento de um incendio, é a frescura dos typos, é a alacridade provocante do colorido dos vestidos. Nas minhas rapidas peregrinações pelo Japão, a memoria retem nitido o quadro da vida na China, que venho apenas de deixar;

e em vão lhes tentaria descrever a commoção íntima do contraste. No inferno amarello é o enxame vermifero, fetido, uniforme nos seus rostos baços, taciturnos, typicamente sordidos e vis na populaça; a côr das vestes como n'uma paizagem feita a sepia, feita a lama, é o negro sujo; não ha colorido; a aravia é aspera e tecida de blasphemias; e, como as damas não têem pés, ficam em casa, o feminino que vem expor-se á luz da estrada, o feminino que tanto esmalta as scenas, é constituido pelas femeas da escuma social, femeas dos barcos, femeas dos mercados, vis serviçaes, negras tambem na fronte e nos farrapos, sem sombra de gracilidades ou de enlevos, pingando de immundicie, poisando o pé descalço sobre o lodo. No Dai-Nippon, que colorido, que louçanias, que esmeros, que povo, que *musumés!*...

Recordemos, se desejaes, a rua mais transitada de Osaka, Dotombori, pela noite, com as suas duas fileiras interminaveis de locandas, com os seus theatros e com os seus mil lumes. Os meus olhos nunca viram maior deslumbramento, a minha sentimentalidade de forasteiro nunca vibrou mais violentamente perante o espectaculo solemne das multidões. A cidade inteira deslisa, despeja-se para o Dotombori, em jin-rick-shás velozes, ou em grupos alegres, como que voajando em ondulações de sedas; e já de longe se adivinha esse arfar emocionante da turba, que attráe e que amedronta. Galgam-se as pontesinhas curvas, onde os passos do povo, arrastando soccos, resoam com intensidades de um trovão distante e interminavel. Os olhares debruçam-se, presos ao mysterio dos canaes, de onde irradiam lá em baixo, do segredo dos negrumes, as lanternas dos barcos de amor, em que vão *gueshas* cantando barcarolas. Depois, de surpreza, é o prestigio ineffavel do Dotombori, a galeria sem fim guarnecida de casaria baixa, devassada nas suas infimas minucias pelas reverberações chispantes dos lumes electricos, pelos clarões multicores dos balões de papel; recortando-se em contornos de

visão os ramos de arvores, as lojinhas de madeira, os feixes de galhardetes, as grimpas dos theatros. E assim nos achamos, bohemios da vida, tomados de um estonteamento estranho, no contacto da alma popular, arrastados, envolvidos pela onda de carne; n'um ambiente capitoso de emanações de corpos frescos, de emanações de sedas novas, de emanações de oleos de cabello; acolhendo n'um extasis o immenso turbilhão sonoro, que é o ruido resultante de milhares de passos, de milhares de palestras, de milhares de risos.

A onda de carne vae deslisando, sem pressas, sem gritos, n'um rythmo quasi religioso. Detem-se aqui junto de uma fachada de theatro, avança em flexões a mirar uma gravura exposta, segue avante. Não foge á rajada do temporal, não vibra em convulsões febris, como a turba europêa; é o sôpro preguiçoso da alegria da vida que a impelle, sem designios, pelo doce mar de rosas da despreoccupação, ao acaso dos prazeres fortuitos. O olhar, mais affeito agora, aprende a distinguir os vultos e a classificar os typos. No gentil conjuncto, são bandos de rapazes descuidosos, em palpitações de seivas emocionantes; são cachos de familias inteiras, o marido na frente, a mulher agarrando-se ao *kimono* do marido, os filhinhos tenros cingidos ás costas da mãe, os mais crescidos dependurando-se-lhe dos dedos, abraçando-se-lhe ás pernas; são enfiadas de *musumés,* dando-se as mãos, frescas, deliciosas, lembrando não sei que charões, não sei que porcellanas, productos maravilhosos de uma arte viva, trabalhada pelas mãos de um deus de amor.

Oh, meu Deus, como esta confusão de enlevos estontea!...O nosso encantamento é já loucura; já nos abraçamos ao culto das ficções allucinantes. N'este mundosinho áparte, de miniaturas e de chimeras, quizera a gente sentir-se junto d'elle, viver n'elle, tornar-se pequenina, pequenina. Descrente já de todos e de si vencido na lucta, quizera-se ser um insecto, de corpo de velludo e de azas de crystal; e ir-se collar ao primeiro *kimono*

de *musumé* que se avisinhasse, seguir-lhe assim o destino, ignorado e inutil, ir aonde ella fosse, ao seu tugurio, ao seu jardim, e morrer sob a pressão de um gesto inconsciente...

Depois, familiarisado pelo habito, emancipado de temores, o olhar caricaturisa os typos grotescos. São em primeira categoria, justamente merecida, os senhores japonezes vestidos á europêa, desconfiados de si mesmos, ridiculos, pernas em parenthesis, passadas timidas accusando callos dolorosos. São os policias, empunhando o bastão inglez, impagaveis no córte banal dos uniformes, vergando ao peso das botas. Seriam os militares, emparelhando com os policias, se os não livrasse das risadas a aureola das ultimas façanhas. São as pansas rotundas dos obesos, os ossinhos angulosos dos magros, rompendo dos *kimonos*. São os bonzos vestidos de estamenha, cabeças rapadas á navalha, aparvalhadas. Alguem riu-se já em letra redonda dos oculos fixos, que cavalgam tantos narizes d'esta gente; não tem rasão; se n'uma ou n'outra batata impera a simples preoccupação do modernismo, deve em regra enternecer a myopia precoce d'estes artistas, que vão gastando a vista no trabalho continuo e minucioso dos bordados, das pinturas, dos charões, dos *cloisonnés,* das porcellanas, de tudo isto que os europeus adoram e onde poisam os olhos com deleite.

Dos typos da rua, dos typos em que a nossa observação mais se prende, destacam em primeira linha o operario, o industrial, o mercador, o homem da arte, a quem tanto queremos por sympathia antecipada, pelo tacto naturalista do seu sentir, pela alma amorosa das suas mãos, se a phrase ao inverso é permittida. São elles com effeito, e as suas *musumés,* que dão á vida japoneza o melhor quinhão de exotica intensidade emotiva,

no borborinho commercial do dia, palpitante na officina, na loja, nos caminhos; e debandando á noite em busca de prazeres, natural compensação da tarefa paciente, ou prolongando ferias em passeios contemplativos pelos campos fóra, em preguiças pelas casas de chá, em romarias piedosas pelos templos.

Devassar o aspecto das povoações activas, doiradas pelo sol do dia, é tambem dever do forasteiro. Percorra-se n'esta mesma deliciosa Osaka, o labyrintho de viellas, algumas cobertas de toldos brancos, n'uma meia-luz estranha, de mysterio; e relanceie-se a industria que abarrota as lojinhas e os bazares, transbordando para fóra, vindo estender-se em feira pelo chão, n'um chaos de coloridos inesperados de tecidos, de brilhos de porcellanas e de lacas. A bicha do povo serpentêa. Cruzam-se os rapazes quasi nus, ajoujados com fardos, mais commummente arrastando carretas de mão, onde os volumes se empilham em pyramides. Aqui borda-se, acolá martella-se, alem entrançam-se sandalias, mais longe pintam-se ventarolas; e a scena, em mutações, vae captivando e variando ao infinito, scena onde os grandes letreiros ao alto, com enormes caracteres negros ou doirados, dão uma feição estranha, inverosimil.

O mais curioso é isto que registo; não ha impaciencias, não ha febres; trabalha-se, mas com um ar de passatempo, de desenfado. É seguir a comedia da mercancia. A *musumé* detem-se por longos minutos á entrada do armazem, palpando sedas, com dedos distrahidos, amorosos dos contactos macios; decide-se finalmente a entrar, borboletêa pelo trilho que deixa ao publico o estrado coberto de esteira, sobre que se acocoram os caixeiros; mesuras, reverencias, sorrisos, cumprimentos; e lá se assenta ella sobre o estrado, e lá solta das *guettas* os pésitos, que se põem a brincar um com o outro; alguem offerece chá; a *musumé* apresenta emfim o seu pedido, em syllabas subtis, confidenciaes; vem a alluvião dos rolos das sedas, pouco a pouco, n'um desejo

silencioso, reciproco, de desdobrar as peças, de folgar com os matizes; ha dedos pequeninos que apontam, que gesticulam, que se esquecem tambem do assumpto para ir levando aos labios a taça fumegante; até que emfim, horas passadas, a *musumé* adquiriu um rolinho de fazenda, recebeu outro rolinho e uma ventarola de presente, um recibo convenientemente sellado, um annuncio da casa; largou uns cobres, foi-se n'um esvoaçar de reverencias, que o caixeiro retribue no mesmo tom, labios sorrindo, como se o contrato entre quem vende e quem compra, não excedesse o alcance de uma brincadeira de creanças, intencionalmente prolongada.

Vou agora contar-lhes uma historia authentica, que tambem lança luz sobre o assumpto. Fôra eu encarregado por alguem de encommendar duzentas chavenas de chá e de café, isto n'uma das mais importantes casas de porcellana de Yokohama; escolhe-se o modelo, ajusta-se, marca-se o praso; quando vou ver a louça, que levou a fabricar o triplo do tempo combinado, surprehendem-me as tonalidades differentes no côr de rosa das florinhas; e diz-me então o homem, que não me espante o caso, visto que seis ou sete operarios se encarregaram da tarefa, cada um esquecendo naturalmente o modelo, lançando á porcellana as tintas mais do seu agrado.

Esta bohemia artistica nas relações mercantis, tanto em harmonia com a feição moral do povo, é ainda o dique providencial que impede o Japão de ir despejar em todos os mercados do mundo uma industria profusa, elegante, barata, que afogaria sem duvida muitas iniciativas occidentaes. Com as suas actividades pacientes, com os seus primores de execução, com a sua intelligencia subtil, apezar de tudo isto e talvez por tudo isto, o japonez está longe de ser, — e Deus sabe se será alguma vez — um negociante, tal como o requer a febricitante permutação dos nossos centros. Sob este aspecto, dizem os estrangeiros interessados na labuta que o chinez lhe é muito superior.

No rol dos seus defeitos, registam-lhe ainda uma feição mais grave, que é a pouca honestidade commercial. Vae n'isto muito exagero, e tambem alguma verdade. É certo que a chusma do trafego não guarda tradições de nobreza do seu passado; empurrada para o ultimo plano no bando da ralé, escrava dos daimios, de todo o elemento militar, só agora começa a evidenciar-se, a pesar nos destinos do estado, a comprehender essa outra nobreza, a do dinheiro, a que póde attingir, e que perece ser a alma vivificante do seculo que corre. Concebe-se assim a sua audacia de subir, de expandir-se, sem regimen, como aguas por longo tempo retidas na represa, e de abafar escrupulos para ir enchendo os cofres; tanto mais que a sagacidade innata lhe está apontando exemplos sem conto d'esse culto desenfreado pelo metal, nos intrusos de aventura, que acodem de longe a assentar arraiaes no seu torrão. Má fé nos contratos, imitações grosseiras, adulterações vís, encontram assim uma natural explicação. Não é hoje que póde definir-se o espirito mercantil da gente nipponica; depois de educada, depois de polida pela propria experiencia e pelo proprio interesse, poderá então offerecer uma feição typica, que deva descrever-se. Mas, meus senhores, se a quereis proba, para que lhe estaes impingindo charutos de folha de couve, manteigas de margarina, queijos de batata, vinhos sem uva, e carregações de vil cachaça, para que a industria indigena vá falsificando o vinho indigena? N'este ponto, a nossa Europa, a civilisadora dos povos barbaros, é muito curiosa... e só curiosa?...

Um outro typo da rua, chamando o olhar do viajeiro, é o pobre diabo, cavallo por mister, que se atrela ao jin-rick-shá. O elegante e ligeiro carrinho, onde se assenta o transeunte a troco de infimos cobres, é o vehi-

culo de toda a gente, enxameando pelas cidades, pelas aldeias, pelos campos, estacionando junto dos theatros, junto das estações dos caminhos de ferro, pelas praças publicas, por toda a parte.

O conductor de jin-rick-shá, no Japão, não tem o ar humilde, desprezivel, de besta de carroça, do chinez votado á mesma labuta, que tanto impressiona o estrangeiro ao chegar ás cidades da China. É ordinariamente um pimpão, orgulhoso da sua musculatura de athleta pequenino; limpo, lavado, cingido no seu calção justo, na sua camisola curta, encaixando na cabeça um largo chapéu, que herdou do cogumelo a fórma alambazada. Rude entre os rudes, pela origem, pela educação, pelos habitos, é da gente do povo o que menos se desprende dos usos barbaros dos velhos tempos. É ver-lhe o tronco e os braços, que pelas fadigosas correrias, campos fóra, deixa nus; lavrados pela mais complicada tatuagem, a negro e a vermelho, em dragões façanhudos, em peixes apocalypticos, em espadas nuas de guerreiros, em cabeças triumphantes de mundanas, toda a tradição ancestral de deuses e de amores. Empunhando ás mãos ambas o seu carrinho, sem sentir o peso do freguez, de dia á luz do sol que lhe tisna a pelle, de noite á luz da lanterna de papel que vae segurando, eil-o que corre, eil-o que vôa, o demonico, devorando distancias, saltando barrancos, galgando ribanceiras, evitando abalroamentos que parecem imminentes, desenvolvendo uma sagacidade incomparavel. O estrangeiro julga adivinhar n'aquelle afan o aguilhão da miseria a espicaçal-o, tirando do tempo o proveito compativel; engana-se; é o amor da sua arte, infima embora, que lhe empresta azas; corre com as pernas, como o pincel do pintor corre com as tintas.

Pelas aldeias pouco cruzadas de gente, pela soledade dos caminhos, o culi, o conductor do carro, é para japonezes, e ainda para europeus, um companheiro, um amigo quasi, risonho, honesto, prestimoso, sabido em historias e em lendas, que vae impingindo ao mais leve

pretexto da paizagem. Ao chegar-se ao destino, dando-lhe uns cobres, correspondendo de um gesto ás suas reverencias, tem-se pena de deixar, para nunca mais tornar a ver, aquelle conviva do acaso com quem fizemos a jornada, que bebeu chá comnosco pelas locandas que encontrámos, que nos serviu de guia e presenciou os nossos extasis; e que agora, arquejante, a escorrer do suor que traduz o nosso bem estar, nos brada n'um sorriso —«sayonara!»— ...

Nas cidades escancaradas aos europeus, em Yokohama especialmente, o contraste é frisantissimo. O culi, palrando já inglez, commungando já em habitos requintados, fumando charuto, vestindo quasi casaca, personifica o que ha mais deshonesto, de mais bulhento, de mais insupportavel, em gente japoneza. O culi vem confirmar por si proprio um principio que não deve já pôr-se em duvida nem occultar-se, principio que a final de contas em nada surprehende: a civilisação europêa, que corrompe como uma lepra a noção pura da arte, vae tambem apagando de afogadilho o que havia de intensamente enraizado, de simples, de modesto, de hospitaleiro, de nobre, de bom, no povo nipponico. Esta flor do sentimento existe ainda; mas é preciso ir procural-a aonde o nosso contagio mal chega, nos bairros exclusivamente indigenas, melhor ainda nos povoados onde a nossa presença é excepção, melhor ainda na choça da paizagem agreste, entre aldeões rudes e *musumés* incultas, na impossibilidade de ir devassar no seu recolhimento os ultimos vencidos da aristocracia de principes, tão caracteristicamente altivos, tão caracteristicamente fidalgos.

N'esta existencia japoneza, intensamente passada na rua, cabe ao vendilhão ambulante uma importancia especial. O peixe, os legumes, as hortaliças, as fructas, e

não sei que sopas preparadas a fumegarem sobre o fogareiro, vão-se transportando de rua em rua, em cestos, em caixas de madeira, pendentes da vara que se apoia sobre o hombro; o pregão entra na musica da vida; e a *musumé* acode ligeira, de *kimono* arregaçado, de lenço na cabeça erguido em turbante, o lenço que tanto realça a gentileza rustica das serviçaes vindas do campo, e escolhe, e mercadeja, sem pressas, minuciosa.

O aspecto das cousas é limpo, fresco, appetecivel, elegante no processo de exposição; o olhar felicita-se na ausencia d'essas carniças crúas e sangrentas, ou assadas e nauseabundas, que tanto se amontoam por terras chinezas, parecendo resumir todos os requintes gastronomicos da gente. Desfilam tambem os vendilhões de vassouras, de espanadores, de escovas, da graciosa tanoaria domestica, arrastando á mão as suas carretas, que, assim erriçadas de cabos e de manipulos e na disposição dos generos em cogula, mais parecem trophéus e carros allegoricos da vida inteira do lar, meticulosa até aos infimos esmeros. Succedem-se vendilhões de flores, espadanando os ramos artisticamente dos cabazes; em casa tão necessario é o mólho de legumes como o braçado de chrysanthemas; e a *musumé* sae á rua, compara frescuras, aspira odores, avança os cobresinhos. Ventarolas, extravagantes brinquedos de creanças, passam aos feixes, com mil côres alegres, desafiando cobiças.

Pelo chão enfileiram em estendal as bagatelas, espelhinhos, loiças, bolsas de tabaco, cachimbos, enfeites de cabello. Em determinados logares, pela noite, é a exposição e venda de plantas, os pequeninos cedros, os pequeninos fetos, os pequeninos bambuaes, e estes agrupamentos, de que só as mãos japonezas têem o segredo,—uma pedra verde de musgos sobre a agua, um tufo de hervas a espigar,—a paizagem reduzida a um palmo quadrado, resumindo em suggestões todo o pittoresco phantasmagorico do torrão nipponico. Outros sujeitos

dão-se á industria dos gafanhotos, que vendem em delicadas gaiolinhas; um zum-zum de azas palpitantes se eternisa; as creanças e as *musumés* fazem larga colheita d'estes bichos, amorosas da musica dos campos, o murmurio que vem trazer ao lar a recordação dos horizontes amplos, do viço dos arrozaes, das curvas dos templos de charão recortando-se no azul.

A industria do chá e dos refrescos, relanceada em profusão por toda a parte, dentro das lojas, á sombra de uma arvore, em kiosques pelos jardins, roda em carretas a vir agglomerar-se junto dos logares mais concorridos, aqui sobre as pontes de Osaka, por exemplo, onde a multidão se condensa em cardumes. Braços gentis, dedos em fuso multiplicam-se em tarefas; a agua fumega sobre as brazas, prompta a lançar-se ao bule de porcellana; gotteja o enorme crystal do gelo, que a um gesto dos freguezes se passa pela plaina, servindo-se o granizo com assucar.

Mas isto é pouco, isto não basta, esta contínua procissão de vendilhões. Nas cidades ha permanentes e estonteadoras apotheoses da quitanda; para Tokio é Asakusa, para Kobe é Nanko-San. Estas feiras, se feiras são, tornejando os templos mais da devoção plebêa, contiguas aos theatros e a outros logares de prazer, constituem, para europeus que as relanceem, durante a noite, feridas pelas reverberações das mil lanternas, *sabbats* triumphantes do mundo das chimeras, ou antes, erupções de côres, erupções de gestos, erupções de rostos, que um ruido contínuo e surdo acompanha e solemnisa.

Não ouvis, pela noite, uns pios plangentes de pifano, ou uns pregões lamuriosos de voz de alguem que vae arrastando cautelosamente os seus tamancos? Assomae á janella, e vereis passar um cego, ou uma cega, lim-

pos nos seus modestos *kimonos,* tacteando os caminhos com uma varinha, e dando-se a uma industria que não nos é desde logo revelada. São os *amma,* os artistas da massagem. São horas de repouso. Bebe-se o ultimo gole de chá ou de *saké,* saborea-se a ultima fumaça, e estende-se a gente sobre as colchas de seda; e então, a um chamamento, o *amma,* ou a *amma,* elle geralmente para a *musumé,* ella geralmente para o japonez, larga os soccos á entrada da casa, palpa as paredes de papel, penetra no aposento, ajoelha e sauda; e mãos habeis se estendem para o corpo, estirado em doces langores, do freguez ou da fregueza. Procede-se lentamente, religiosamente, ao mister, que traz uma certa lassidão benefica aos musculos cançados e predispõe a bem dormir. Não ha rasão para commentarios desrespeitosos, não é assim? Que importa, se a *musumé,* vae offerecendo ás mãos profissionaes os seus primores quasi em nudez, mãos que palpam e que primem, desde o pescoço ás plantas dos pésitos? São cegos, os pobres, e as pontas dos dedos não têem olhos; se é certo, como dizem, que alguns d'estes sujeitos alguma coisa vêem, e simulam cegueira absoluta n'um perdoavel intuito de ganancia, para taes impostores basta o castigo atroz da penumbra em que mergulham, mais cruel do que a treva, penumbra por onde perpassam, indecisos, enlevos de visão. Desditosos!...

Uma noite achava-me eu n'uma poisada de logarejo, em Tonosawa, embuçado no meu *kimono* azul e branco, estirado sobre a colcha, e sentindo-me prestes a fechar os olhos e a dar ao mundo real as boas noites. Apercebo-me de subtis rumores. Á luz pallida da lampada, envolta em papel transparente, desenhava-se um vulto de mulher fresca, avançando lentamente, de palpebras cerradas, poisando como a medo na esteira os pés descalços; ajoelhava á minha cabeceira, poisando no chão a fronte, na reverencia habitual, e dizia-me — «sou a *amma*». — Não tive coragem de despedir aquella appa-

rição noctivaga, que vinha sem ser solicitada, e abandonei-me ao seu capricho. A *amma* poisou as suas duas mãos finas sobre mim, desannuviando-se-lhe o rosto taciturno n'um sorriso, d'esses sorrisos de cego, que dão vontade de chorar. D'aquelle pobre ser votado ás trevas, a alma certamente fugíra do cerebro, pois é crystalisar na insensibilidade da rocha bruta o não sentir pelos olhos a magnificencia creadora; mas, por um desvio compensador bem natural, a alma emigrára-lhe para os dedos. Aquelles dedos em humorismos incomprehensiveis corriam-me pelas costas, pelo peito, pelos braços, pelas mãos, ora acariciando-me, ora demorando-se em pressões, ora batendo-me, ora maltratando-me, ora gesticulando não sei que mysteriosos exorcismos, de quem fazia que pelas pontas dos dedos das minhas mãos espalmadas fluidos maleficos se escapassem. E eu, no pasmo da scena e na minha sensibilidade virgem de neophyto, involuntariamente, como que hypnotisado, ía-me rindo ás gargalhadas, ou quedando-me n'um mudo bem-estar, ou vibrando ao calafrio de vagas emoções ou á angustia de inexplicaveis terrores. Que hora aquella de extravagantes exotismos! como eu me achava então bem longe do mundo em que nascêra!...

Terminava emfim a tarefa. Eu perguntei-lhe então quanto devia. A *amma,* animando-se, assegurou-me que qualquer esmola lhe seria agradavel, vinda do bondoso estrangeiro; mas prudentemente, comicamente, accrescentou que o seu mister era d'aquelles que se mediam a distancias; que ella tinha um preço habitual para os seus clientes, mas que esses eram pequeninos, como bons japonezes authenticos, e rapido o trabalho; emfim, feitas as contas e tomada em consideração a circumstancia do meu corpanzil de homem da Europa, parecia-lhe justo que eu offerecesse vez e meia a paga do costume. Misera!... Confesso que me assomaram então não sei que velleidades de Golias, o gigante philisteu, o que é dizer que paguei generosamente, como um principe; e, mo-

vido de um ineffavel enternecimento por tanta desgraça d'este mundo, personificada então n'aquella pobre cega gentil, depuz um beijo n'uma das suas mãos, que pareciam repousar de cançadas, modestamente juntas sobre a esteira; mãos que certamente ninguem ainda beijára, nem ninguem depois de mim de certo beijará. Como é bom, uma vez ao menos na existencia, sentir-se a gente amigo dos pobres, amigo dos desherdados!...

Passam enterros, porque os japonezes tambem morrem, por mais estranho que pareça o caso. Passam enterros, em cortejos alegres, de gente empunhando grandes palmas e trophéus de flores viçosas; o morto vae dentro de um kiosque, um ninho pequenino, envernizado, gentil como um brinquedo; forma a cauda da procissão o grupo dos parentes proximos, em *kimonos* brancos, a que se aggregam os amigos, os conhecidos. Curiosa condição de um povo, que até na morte é festival!...

Vamos, se quereis, surprehender os ultimos ritos no campo do cemiterio. Pompas da bonzaria, em tunicas rutilantes; liturgias em côro; *musumés,* em roupas alvas, ajudando ao cerimonial, e cochichando entre si longas palestras, em risinhos modestos; não correm lagrimas; da gaiola monumental appensa ao feretro, luzente de oiros, soltam-se as pombas, bandos de pombas captivas, que vão volutear no espaço azul e desapparecer, symbolisando o espirito alado d'aquelle que se vae. E procede-se á cremação, atavismo da vida guerreira, ou ao enterramento, segundo as seitas.

A morte, esta palavra mais do que todas dura e pavorosa, consegue no Japão passar sem lutos, encarada com indifferença, com desprezo, pelos que a presentem, e pelos que ficam, enflorada de sorrisos. O japonez não chora; se a alma lhe chora porventura, a face nada tra-

duz; e a cortezia sorridente da existencia encarrega-se de vestir a dor em festa. Estou-me recordando de ter passado um dia junto da casa de um sujeito, Kato-San por signal, amigo de alguem que me acompanhava; acode elle, a esposa, os filhos, as *musumés,* em esfuziadas de sorrisos, em sedas pompejantes, que se amarrotam em reverencias, em felicitações pelo nosso advento; convidam-nos a entrar, a tomar chá; assim se passam tempos, em futilidades de estylo carinhoso, até que o meu companheiro, julgando adivinhar certa fadiga, como de vigilias forçadas, nas feições da amavel gente, arrisca uma pergunta; Kato-San explica então que effectivamente uma tisica galopante lhe dá cabo da filha, que agora, olhos no céu e dedos a crisparem-se, sobre colchas de seda, se encontra na ultima agonia...

Aqui por este Kobe, por esta Osaka, por este Tokio, por todas as grandes agglomerações de povo e casas, ha uns bairros caracteristicamente distinctos, de casebres e de canalha, escorraçados para os suburbios, d'onde o japonez nos fallará com asco. Entramos assim em relações com uma interessante facção social do imperio nipponico, um curioso enigma vivo, que é uma tribu de párias, que têem por nome os *étas.* Quem são os *étas?* Ao certo, nada sei. Fluctuam as conjecturas entre o attribuir-se-lhes o merecimento archaico de ultimos restos da turba aborigene, em filial-os na descendencia dos primeiros coreanos trazidos em mangas para o exilio e para a escravidão, e ha até quem lhes conceda honras biblicas de filhos vagabundos da decima terceira tribu de Israel. Serão provavelmente alguma cousa de tudo isto, salva a ultima hypothese por chimerica, a que se foram juntando e engrossando o bando os párias de todos os tempos, os desherdados da sorte, os filhos das

ruas, os fugidos ás punições, e todos os que por interesse ou por condição se esforçam em esquivar-se ás vistas; verdadeira casta á parte, parece tambem estar indicando um luxo de liturgia, uma preoccupação incutida de longe e de longa data, da mysteriosa crença indiana. Falla-se d'elles desde o nosso seculo VII, arrebanhados á aventura, ciganos do Extremo Oriente fugindo ao desprezo das massas, e entregando-se aos misteres mais infimos. O grande Yoritomo, que reinou como primeiro shogun pelo seculo XI, foi quem deu uma certa organisação politica a estes filhos do acaso, mercê do beijo tambem de acaso, deposto na face appetitosa de uma pobre serviçal da poisada onde por uma noite dormiu, se é que dormiu... Annos depois apparecia-lhes um rapagão a dar destino, e o memoriado senhor fel-o *chefe dos étas*. A successão prolongou-se até hoje, mas já sem importancia hierarchica, desde que em 1875 se decretou a igualdade civil para esta plebe.

A igualdade civil, porém, não passa aos costumes. Os *étas* continuam vivendo uma existencia á parte, casando-se entre si, perpetuando a casta; com bairros seus, com templos seus, com casas suas, e até com uma aristocracia sua; a lenda popular canta-os, nas suas miserias materiaes, nos seus amores sem esperança pelas filhas do sangue nobre dos seus senhores. Pelo arrabalde desprezivel de Kobe passeei os meus ocios; as viellas são tortuosas, os casebres em montão assentes sobre pedregulhos, debruçados sobre canaes infectos, em cuja vasa, quando eu passo, a creançada núa e tisnada se diverte na caça aos tira-olhos. Os misteres d'esta gente variam entre trapeiro, curtidor de pelles, remendão de sandalias, mendigo, e outras labutas vis. Algumas *musumés* da casta véem para a rua, atravessam impavidas os caminhos; são as *gueshas* da praça publica, as cantadeiras ambulantes; tomando da guitarra entram pelas cidades, percorrem as feiras e as romarias, sentando-se pelo chão ou encostando-se ás esqui-

nas, cantarolando, tocando, attrahindo as attenções do populacho, que faz circulo em torno e lhes atira cobres ao regaço. Chamam-lhes as *torioi,* as *espanta pardaes;* typos de um travo picante, originaes mesmo entre as japonezas, com uma especie de alcofa sobre os cabellos a imprimir donaires de petulancia aos seus rostos bronzeados, finos, que estranhos sorrisos animam, sorrisos que não são humildes como os das escravas, que quasi são altivos, desdenhosos, mordentes, os sorrisos caracteristicos de tribu escorraçada e reproba.

Agora reparo eu nas enormes letras, brancas ou vermelhas geralmente, que se desenham sobre as costas das cabaias curtas da gente da labuta grosseira, culis de jin-rick-shá, carregadores, operarios. São os seus titulos de nobreza profissional, distinctivos de uma mesma associação, de um mesmo grupo. O japonez, orgulhoso de tudo e em especial da sua profissão, unido intimamente ao seu gremio, quer tambem que o distingam na turba. Aquelles caracteres estão gritando a toda a gente: — «eu sou carpinteiro! eu sou pedreiro! eu sou capataz em tal mina de carvão!» — A vista educada do indigena aprecia mesmo differenças minimas nos trajos para cada mister, accusando estranhos brios de selecção, habitos proprios, complicações que se desdobram ao infinito, da pragmatica social; cada homem é uma allegoria. Os japonezes das classes mais esmeradas, vestindo longos *kimonos* de seda, tambem usam um distinctivo particular, mais modesto e mais gracioso, uma pequenina figura qualquer, estampada em branco sobre a manga. E as *musumés,* as impagaveis *musumés,* commungando na usança, adoptam para seu brazão heraldico uma estrella, o recorte de uma folha, uma florinha, alvejando igualmente sobre a seda dos *kimonos.* Á côr d'estes *kimonos,*

quem dirá que variadissimas leis impõem regras? As idades escrupulosamente differençadas anno por anno, as condições da vida, os mezes do calendario, mil outras particularidades infimas, decretam preceitos de tintas e de fórmas, a que não ousaria fugir uma pessoa que se préza.

Esta preoccupação pela divisa, pelo symbolo, preoccupação que vem de longe, dos fastos guerreiros e cortezãos, encontra nas horas de hoje um vasto campo de exercicio, — valha a verdade, participando chatamente dos ridiculos que nos são proprios, a nós occidentaes. — Os uniformes (no Japão quasi toda a gente tem uniforme), que os japonezes tanto parecem prezar, devem derivar do mesmo sentimento; e tambem as medalhas, as condecorações, que pendem em superabundancia dos peitos d'estes senhores, como se todos elles fossem heroes, ou todos europeus.

Aqui por esta Nagasaki, aqui por esta Yokohama, aqui por este Kobe, pelos portos onde a mais demorada permanencia dos intrusos vae a ponto de os conhecer desde a infancia a geração japoneza de vinte annos, ha uma impressão dolorosa a registar. Como n'um campo de flores caracteristicas de uma certa região, onde viesse destoar por acaso a flor exotica participando de outras seivas, assim por entre os ranchos — como quem diria — «por entre os ramos» — d'estas *musumés* de bandós negros, de rostinhos fundidos no mesmo molde picaresco, uma ou outra *musumé* apparece, japoneza pelo *kimono* e pelos habitos, estranha, porém, nos seus cabellos loiros, na côr da sua tez. É a mestiça. Tambem não faltam, por estas ruas, mamãs indiscutivelmente nipponicas, dando o peito a bébés de olhos azues. É certo que desde os primeiros annos da invasão, desde que a França e a Inglaterra desembarcaram em Yokohama forças militares, a soldadesca começou interessando-se

vivamente por este jardim humano, cultivando, colhendo aqui uma rosa, acolá uma açucena, os maganões!... tarefa facil, visto que eram ellas mesmas que vinham quasi desfolhar-se-lhes aos pés, innocentes, curiosas, n'um abandono amoroso de si proprias, reconhecidas á mão que tão de prompto as afagava. As florescencias hybridas surgiram, naturalmente; e eil-as em evidencia, em plena primavera dos annos; e eis os rebentos de hoje, provando que as variedades, como n'uma estufa de plantas exoticas, se multiplicam.

A *half-caste* na China, o producto fortuito de uma ligação de europeu que passa, traduz-se geralmente n'uma chistosa rapariga gracil, de enlevos vagos e seductores. No Japão não é assim. A mestiça é ordinariamente menos gentil do que a mãe, por vezes feia. Está n'isto, ao que se me afigura, o melhor elogio do typo japonez. Fixou-se por selecções subtis; constitue uma completa theoria de elaborações; não pede nada a estranhos, cuja concorrencia occasional só prejudica, rebaixa em nivel. Ha antagonismos de especies: a cultura, a enxertia, podem transformar a rosa brava n'uma bella rosa de jardim; mas vão pedir-lhes que inoculem á chrysanthema os encantos d'um jacintho...

Estas raparigas estranhas, que nascem da repulsão de dois sangues differentes, sensibilisam-me, entristecem-me profundamente, aqui no Japão, como em qualquer parte. Representam um capricho, e não uma evolução. Eu não posso nem de leve sondar-lhes os mysterios, que na alma lhes vão pairando. Mas que fatal destino, esse de ter de esquecer o pae para abraçar-se ao seio da mãe, e beber dos seus labios um mundo inteiro de impressões, de preconceitos de raça! ou ter de esquecer aquella para chegar-se ao pae, e d'elle receber outro mundo de impressões e de preconceitos!... Ou sem pae, ou sem mãe; por vezes, sem os dois. Lembram-me os naufragos de outros tempos, quando a caravella se vae desfazer entre os cachopos; se saltam em terra, aguar-

da-os o bando em furia dos selvagens, aguçando as zagaias; se ficam, espera-os o beijo salgado do escarcéu, que os tragará.

Effectivamente, a mestiça é um naufrago da vida. O seu rostinho disparatado representa quasi sempre um drama íntimo, que começou com risos e terminou com prantos, e—o que mais contrista—commentado pelo sarcasmo dos espectadores. A Europa nada tem a ganhar com ella; o Japão ainda menos. É a mulher sem patria, é a mulher sem tradições de familia, é a mulher sem costumes.

Mas demos treguas á tristeza, que no Japão vem mal cabida. Para alem estão agora repicando sinos, enfileiram-se milhares de lanternas festivaes, enfeixam-se galhardetes, e tudo nos attrahe; porque, é bom saber-se, não bastam as diversões quotidianas; as grandes festas populares, as grandes romarias religiosas, succedem-se periodicamente, obedecendo ás leis do calendario.

Aqui me vem parar ás mãos, muito a proposito, um album illustrado explicativo, sem meritos requintados, modesto, de hoje, mas em todo o caso interessante. Assigna-o um nome desconhecido; D. Osaki. Pinta e descreve os monumentaes folguedos de Yedo, conforme os mezes; é um calendario de prazeres. Perdôo ao auctor certas confusões em que descamba, no desejo de alliar coisas antigas com methodos modernos. Vou transcrever aqui todas as suas impressões, sentindo não poder fazer o mesmo ás suas gravuras; o cerimonial do rito, a pragmatica dos passatempos, na intimidade da familia, são palpitantes. Espalho ao acaso estas impressões, interrompidamente, como uma chuva rosea de petalas de flores de cerejeira; virão assim encarecer com o seu perfume local, de que eu tanto desejaria impregnar as paginas d'este livro, as minhas impressões pessoaes, deslavadas

e insipidas. E começo pelas poucas linhas, que querem ser um prologo, de cujo laconismo salta a dôr artistica de um velho espirito, açoitado pelo vendaval do modernismo, que tudo arrasta nos seus impetos de furacão.

Observações da primeira pagina do album de Osaki:

«A explicação, que vou dar d'estes quadros, é apenas uma parte dos fastos em usança, apresentados annualmente em Yedo, pela epocha do governo do shogun, ha pelo menos vinte e seis annos. Vem d'ahi o titulo. Mas tudo está mudado e alterado hoje, de maneira que estes fastos curiosos têem desapparecido quasi por completo, ou desapparecem dia a dia. Tomem conta d'este aviso os que vão ler as minhas explicações.=*D. Osaki.*»

Do album de Osaki:

«*Janeiro (Dia de anno bom).* Este quadro representa os diversos typos sociaes do Japão, correndo para as casas de suas familias ou de seus amigos, por occasião do anno novo.

«Assim, aquelle homem vestido com um chale e um largo calção, *kami-shimo,* é um rico burguez; vae sempre seguido de um sujeito de quem elle é cliente, transportando ás costas uma caixa, *hashamibako,* cheia de presentes do anno novo; vae tambem acompanhado de um rapaz, que leva suspenso do pescoço um volume contendo dadivas similhantes. Chamam a este garoto *Goshiuko-domo,* visto que o seu mister por esta epocha é bem similhante ao dos vendilhões de perfumes de Goshiuko, d'antes existentes.

«O medico usava a cabeça rapada á navalha, ía com uma veste de seda a duas côres, *noshimé,* e o sobretudo de bolsos abertos, *zittoku;* seguiam-no tambem pelo menos dois servos.

«Encontram-se por toda a parte, durante este mez, os cantadores do primeiro dia do anno, *manzais,* em grupos de dois companheiros, *Ta-yu* e *Saizo;* se os chamam, cantam e dançam dando as boas festas; *Saizo* occupa-se especialmente em divertir as creanças e mulheres, jogando farças.

«As *torioi* são as filhas dos chefes dos mendigos. Sumptuosamente vestidas, parecem-nos muito bonitas e muito divertidas; os paes seguem-n'as sempre, levando cada qual ás costas uma grande saccola, para receber o dinheiro e outras dadivas dos burguezes; usavam elles a cabeça cingida n'uma especie de toalha, para esconderem a fealdade dos cabellos soltos, porque, n'aquellas epochas, os mendigos não podiam pentear-se.

«Vêem-se a cada passo vendilhões de *saké* branco e de almondegas de arroz em conserva de vinagre, cobertas com um pedaço de peixe, *hohadano shuchi,* e tambem compradores de caixas de leques, dos que se offerecem como presentes do dia de anno novo.»

Estamos no verão de 1895. Dois factos anormaes véem imprimir traços novos, inesperados, á physionomia ordinaria das ruas. É a subita invasão do cholera; é a impressão intensa das victorias da guerra, com o cortejo das tropas gloriosas que recolhem, e o abalar pressuroso dos carregadores e de outras tropas que vão caminho da selvatica Formosa.

Valha a verdade, o cholera em pouco modifica as condições da turba. Morre-se... que importa? O papão do microbio, segundo estatisticas, mata japonezes, mas não os amedronta. Consta, vagamente relatado o caso entre sorrisos, que em Hiroshima, em Kobe, em Kioto, em Osaka, sobretudo n'esta ultima cidade, as victimas diarias contam-se por muitas dezenas; e é facto que, de

quando em quando, passa um sequito desusado, de morto ou de moribundo, seguido de um agente de policia, em transito do cemiterio ou do hospital; são os excentricos, que se fartaram de rir pelo Nippon. As coisas passam-se ordinariamente assim: sob um pretexto futil, dos mil que abundam, reuniu-se na *chaya* um bando de rapazes; houve *musumés, gueshas* soberbas; cantou-se, tocou-se, riu-se muito, bebeu-se muito saké, comeu-se peixe cru, provou-se o que ha de mais exquisito em cousa de manjares; as cabeças já andavam á roda e os corações tambem, e as horas corriam sem contar-se; pela manhã, sob o sol radioso e cada qual no seu tugurio, batia-lhes a morte á porta, entrava em pés descalços e em doces reverencias japonezas pedia licença e ía matando; e lá vão agora todos para o cemiterio, moços na alegria da vida e das esperanças, *gueshas* radiosas de encantos, para a pandega eterna do coval. Hoje foram estes, ámanhã serão aquelles; mas fica ainda muita gente, e palpitam não sei quantos ventres de mulheres em fecundidades esperançosas. Para os vivos, o cholera traduz-se n'umas medidas quaesquer de occasião, em estylo moderno, tomadas pelo governo, na prohibição de certas festas tradicionaes onde o povo costuma ser cardume, e no espectaculo excepcional dos agentes sanitarios e obreiras da Cruz Vermelha passeando pelas estações da linha ferrea, aguardando os destacamentos de tropa.

Este cholera, posto que eu não creia em bruxarias, parece uma maldição da China. Quem ignora, que a estrategia de combate dos chinezes é principalmente audaz em emboscadas, em fossos mascarados, em ardis inimaginaveis, em venenos distribuidos pelas fontes, em peçonhas transmittidas pelas mulheres que véem offerecer-se á soldadesca? Foi particularmente contra estes inimigos que os europeus tiveram de luctar, e por elles soffreram, nem sempre victoriosos, toda a vez que contra o dragão chinez ergueram armas.

Apparecem na scena os japonezes; talvez mais sagazes do que os europeus, por similhanças de raça, que permittem julgar e ver melhor, riram-se dos farçantes e dos maleficios, caminharam ávante e sem estorvos. Aos chinezes então, falhando o jogo, só restava uma ultima cilada, que experimentaram com bom exito: deixaram-se caír pelos campos, varados pelas balas ou mortos pela fome, impudicamente esfarrapados ou nus; incharam e esverdearam sob os raios intensissimos do sol do estio, encheram-se de humores vis, conceberam de microbios. E foram estes microbios, em Porto-Arthur, nos Pescadores, que vieram lançar o brado da epidemia pelos acampamentos, prostrando então, na insipidez ingloria dos hospitaes, bem mais japonezes, do que os que haviam dado a vida briosamente pela patria. As tropas que recolhiam, trazendo já a praga na bagagem, offereciam-lhe inconscientemente o proprio Dai-Nippon para campo de exterminio. O dragão chinez estava vingado; os chinezes invadiam por seu turno o paiz inimigo, no disfarce, que tão de molde lhes vae a caracter, de uma legião de microbios. Parece-me que acertei...

Do album de Osaki:

«*Fevereiro (Hathu-uma;—uma—é um dos nomes japonezes do Zodiaco).* Da antiguidade, ficaram em Yedo os templos em numero consideravel do divino Inari, sendo os mais celebres: Ozi, Kashamori, Miméguri, Handa e Tsumagoi. O dia da primeira *uma* d'este mez é o da festa.

«N'este dia todo Yedo está em risos, em berra, n'uma palavra, n'um pleno estado de regosijo; toca-se musica dia e noite, em cada templo, onde se suspendem quadros e se accendem lanternas; o ruido dos tambores, onde as creanças batem, é sobretudo extraordinariamente estonteador; dos dois lados da rua, que defronta

com o templo, estabelecem-se festões de lanternas japonezas; os altares cobrem-se profusamente de diversas offertas.

«N'este dia encontravam-se os homens chamados *senziamairi,* que íam em turba aos mil templos de Inari, para ahi rezar e collocar os seus nomes.

«É n'este dia que está em uso dar ás creanças a sua primeira lição de escripta.

«Vêem-se n'este quadro os estandartes, onde se acham inscriptos o pedido e a contribuição de dinheiro, em proveito de Inari; é o que se chama *mannenko;* os estandartes são pintados de branco ou de negro, e o titulo de Inari impresso respectivamente em negro ou em branco. Os rapazes dirigem-se a cada casa, gritando —«offerecei doze *dós!*»—e com o dinheiro dado pelos burguezes vão comprar pães de arroz, *mothi,* e frituras, que vão depor no altar. Estes doze dós valiam tres moedas de dois *rins* de hoje; e antes da revolução cada uma d'estas moedas valia quatro *mons,* de modo que tres moedas faziam doze mons ou dós.»

Entre o cholera que mata surdamente, e a explosão de orgulho e de regosijo, a que o desfecho da guerra dá motivo, esta ultima feição é bem differentemente emocionante, relanceada pelos olhos de todos os espectadores da scena. Estamos em julho. Pelas ruas, conservam-se ainda erguidos, já meio murchos como ramalhetes guardados amorosamente durante dias, os arcos de triumpho feitos de folhagem, abertos á marcha gloriosa dos exercitos volvidos á patria. Por toda a parte espigam mastros, onde fluctuaram bandeiras ou vão fluctuar ainda. Aproveitam-se avidamente os minimos pretextos, aqui nas cidades como alem nas aldeias, para pomposas glorificações; e o grito—*banzai!*—freme

entre a turba. De *banzé* vem por certo este grito, ou d'elle deriva o termo portuguez; mas aqui com uma significação respeitosa, imponente, de commemoração festiva.

—*Teikoku banzai!* gloria ao mikado!—é o brado que incensa a passagem do imperador e das suas tropas, pelas praças coalhadas de povo, de bandeiras, de flores, de *musumés*. Mas o *banzai* é hoje geral pelo imperio, sôa nos mais infimos logarejos; e é justamente por ahi que é preciso transitar, sentir de relance uma d'essas acclamações de aldeia, para que se avalie o que seja o sentimento patriotico n'esta gente, espontaneo, inconsciente, barbaro embora, mas d'uma intensidade vivissima de chamma, sem comparações na fria Europa. Uma qualidade assim predominante leva muito longe. Onde levará ella os japonezes?...

Passa o comboio. Na terceira classe, humilde e cheio de pó, vem um infimo atomo da legião vencedora, um pobre soldado, conhecido por um simples numero de ordem. Pelos campos, d'onde o seu uniforme foi lobrigado, ergueram-se braços e gritos em applausos. Apêa-se; vae, apoz a campanha, no goso da licença concedida, abraçar a mãe e estender-se sobre a esteira íntima; o logarejo espera-o, as linhas telegraphicas do imperio trabalharam em sua intenção, como trabalhariam por Cesar, se Cesar houvesse aguardado o maravilhoso invento; o logarejo vem á rua, n'uma chusma compacta de rostos jubilosos, e já de antemão se vestiu, pelas modestas viellas, de mastros, de grinaldas, de flores. Apêa-se; é recebido por um brado de glorificação, as cabeças curvam-se até abaixo, o mais erudito da communa pronuncía o seu discurso; e o galucho, conduzido processionalmente ao abrigo de estandartes em pendão, como um Buddha, percorre em enternecedoras demoras os caminhos, bebe em selecta companhia a primeira taça de *saké,* até que vae largar as botas á entrada do seu lar e dizer aos paes—«aqui me têem»—.

Eu encontrei um dia um soldado, filho de negociantes de Yokohama, fugindo n'um comboio, da cidade, caminho das montanhas; confessou-me ingenuamente que os banquetes de gala, os regosijos dos amigos, o íam fatigando mais do que as batalhas com os chinezes.

Mas eu vi mais ainda: pelas ruas de Nagoya, passeia um brilhante cortejo, sem que seja sentida a chuva miudinha que cáe; é um cavallo, uma simples besta recolhendo da guerra, besta que o povo acompanha em triumpho, conduzida á redea por mãos deliciosas de raparigas, a quem vestes soberbas avivam os encantos. Isto é pagão, monstruosamente gentilico; mas é adoravelmente emocionante. *Banzai,* pelo cavallo victorioso que alem passa!... Aquella besta merecia uma commenda!...

Do album de Osaki:

«*Março (Visita ás cerejeiras em flor).* Este quadro representa a vista das cerejeiras em Mukozima e o diverso aspecto dos espectadores d'estas arvores.

«Aquellas muitas raparigas, abrigadas do sol nas suas umbellas e acompanhadas d'um professor, são discipulas d'este; o que as segue, carregando ás costas duas caixas, *ryogaké,* cheias de petiscos e de *saké,* é um serviçal.

«Os que vão, com as suas cabaças cheias de *saké,* são versificadores de versos de dezesete caracteres, *haikai,* ou homens excentricos que querem passar por genios.

«Em frente dos templos de Chyomeizi, Reingézi ou Ushinogozen, danças curiosas e ridiculas têem logar quasi constantemente, durante a florescencia; os actores são de ordinario grupos de palhaços, vestidos uniformemente de roupas novas, extraordinarias, e cobrindo os rostos com mascaras diversas.

«Vendem-se d'estas mascaras por toda a parte; toda a gente as compra e d'ellas usa.

«As cerejeiras de Mukozima erão antigamente chamadas *goyoboku,* nome que indicava pertencerem ellas especialmente ao shogun; ninguem podia tocar-lhes; quem lhes cortasse um só ramo tinha certa uma rigorosa e afflictiva punição.

«Os manjares da epocha erão umas iguarias feitas com plantas de agua, bolos de arroz *dango,* biscoitos *seimbé,* beterrabas e ovos cozidos; vendiam-se igualmente em Mukozima, desde tempos immemoriaveis, pães de arroz envolvidos em folhas salgadas de cerejeira, *tyomeizi no sakuramothi,* e os bolos tambem de arroz, tão celebres pela poesia d'um antigo e excellente versificador de trinta e um caracteres, Ariwara no Narihira.»

A terra é pequena para as glorificações; a apothéose trasborda, desce ao mar; se podesse, subiria ao céu, e iria sorrir ao Buddha. Eis aqui, sobre as aguas tranquillas de Nagasaki, lago delicioso d'um jardim de fadas, enfeitiçando pelo magnificente horizonte das collinas, collinas viçosas coroadas de arvoredo, collinas azues no tom vago dos ultimos planos, eis aqui o *Chen-Yuen,* a bella presa feita aos chinezes, amarrado ao solo conquistador pelas suas grossas correntes. Destaca-se da paizagem, severo nos seus contornos, uniformemente pintado de cinzento; é realmente um soberbo engenho de guerra, com a sua poderosa couraça, com a sua artilheria de longo alcance, com as suas metralhadoras de tiro rapido, com as suas torres blindadas debruçando-se dos mastros. Da proa em cunha sobresáem em relevo emblemas apocalypticos de dragões doirados, coruscantes, denunciando o primitivo dono, a hieratica China; mas fluctua já á popa o pavilhão do Dai-Nippon, o sol rubro e radioso sobre o branco immaculado do fundo; e é esta affirmação indiscutivel, publica para toda a gente,

para o mundo inteiro, que particularmente emociona as massas, o povo das cidades, o povo das aldeias e dos campos, accorrendo como a uma romaria piedosa.

Á roda do colosso agita-se o cardume dos barquinhos, centenas, milhares de barquinhos, trasbordando de curiosos; e não se imagina a dura faina dos homens de policia, berrando ordens á aventura de dentro dos escaleres onde mourejam, e do pobre marujinho de sentinella ao portaló, desfazendo-se em gestos para conter a turba, que quer subir, que quer descer, amontoando-se em cachos sobre a escada.

O quadro é assim esplendido, illuminado por um sol de julho, que dardeja na agua. É uma invasão de fanaticos pela gloria da patria, homens, mulheres, creanças; se ali caísse um china, todas aquellas mãos o desfaziam. Juntemo-nos á chusma. Com que satisfação de curiosos assistimos ao pasmo, aos risos, aos commentos!... A bicha humana desce, sobe, entra por toda a parte, do convez passa ás cobertas, á enfermaria, aos porões. Os dedos finos das *musumés,* palpitantes de estranhas emoções guerreiras, apontam para as mossas feitas pela artilheria, escrupulosamente evidenciadas pelas curvas em branco que as tornejam; mais de quatrocentas mossas, umas ligeiras como vestigios de beliscões, outras profundando o aço, abrindo bôcas e patenteando a contextura brilhante do metal, outras varando as chapas; mais de quatrocentas mossas, marcas indiscutiveis da metralhada japoneza, destruindo para adquirir. As creanças agarram-se aos canhões, abraçam-lhes os enormes ventres, os pobres canhões inuteis nas mãos imbecis do bando inimigo, e agora já não sei com que ares altivos, que lhes deram a limpeza e o tratamento, de coisas aproveitaveis, arrogantes e temiveis. Os homens riem, com um bom riso quasi modesto, contentes em pisarem este convez, este pedaço de patria a mais, que a maruja lhes trouxe de presente. E os risos, e as expansões, e as côres alegres dos *kimonos,* e a presença

aqui das *musumés* e das creanças, em plena festa, tudo isto faz esquecer o que de terrivel e cruciante, cheirando a fumo de polvora e a carne humana, ainda recorda este barco, da lucta renhida, que tinha por fim ir arriar uma adriça e arrancar aos pedaços a bandeira d'um imperio.

O *Chen-Yuen,* manobrado pela sua nova equipagem japoneza, que lembra ligeiramente os nossos marinheiros algarvios, morena a tez e o olho esperto, passa depois a Kobe, depois ao porto militar de Yokosuka, em exposição ambulante, visitado por todos os filhos do Nippon, recebido á metralhada de risos e de palmas. Em Yokosuka, satisfeita a curiosidade legitima, vae entrar então nas docas e receber curativo, a chapas de aço e a golpes de martello, sobre as feridas da batalha.

Alem d'estas glorificações monumentaes, todo o paiz, nos menores detalhes relanceados, reverbera a impressão da gloria recente. É uma epidemia, um contagio marcial, que chega a todos. Pelos theatros, as scenas guerreiras estão em moda; pelas baiucas de diversões populares, panoramas, figuras automaticas, exposições de quadros, é sempre o china, ridicularisado até á crueldade, ou a paizagem do paiz invadido, ou o bando victorioso a perpassar. O livro, o album, a photographia, a gravura, a quinquilheria, offerecem a cada passo uma gloria. As *gueshas* cantam trovas heroicas ao compasso das guitarras. Os rapazes dos collegios uniformisam-se militarmente; as fanfarras infantis percorrem os caminhos; não ha garoto que não tenha uma corneta, com que á porta do casebre, acordando os echos e os vizinhos, vae tocando a avançar. Todos ostentam condecorações; os bébés de tres annos, tenros de mais para já serem heroes, compram medalhas de phantasia, em estanho,

que suspendem dos peitos gloriosos. Tolas, as borboletas e as cigarras! porque não se vestem ellas tambem em uniforme, e não vão cantar victoria ahi pelos balseiros?...

A minha ultima compra ao despedir-me do Japão, foi um pacote de phosphoros; a *musumé* envolveu-m'os delicadamente n'um saquinho de papel, onde, com o annuncio do estabelecimento, se via um soldado a matar chinas.

Por tão pouco dinheiro, phosphoros, um sorriso, e por cima uma epopéa, é cousa baratissima...

Do album de Osaki:

«*Abril (Kuvambuthué, anniversario do nascimento de Shaka).* A 8 d'este mez é o dia do nascimento de Shaka; assim, em cada templo se estabelece um altarinho em galas, chamado *hanamido,* onde se colloca o idolo de Shaka, e onde as creanças, munidas de colhéres, véem derramar o chá doce feito das raizes de kanzo, uma certa herva; em vez de offertas em dinheiro, os devotos trazem este chá em baldesinhos de bambú, e são as creanças que o distribuem.

«Diz a tradição que póde a gente perservar-se dos bichos nocivos, quando se colle á porta um papel com um certo verso escripto com a mistura de tinta e d'este chá doce, significando os votos pela destruição dos mesmos bichos. Ha ainda outra lenda: fixando no tecto da casa um papel com estas palavras — «chá dos oito reis dos grandes dragões,» — póde a gente subtrahir-se aos accidentes do raio.

«Proximo do *hanamido* vendem-se *uno-hana* e *nadsuno,* variedade de plantas. Os devotos compram-n'as, collocando as primeiras junto dos signos dos seus antepassados, e ligando as ultimas ao *andon,* movel destinado a cobrir a lampada e feito de quatro caixilhos de ma-

deira guarnecidos de papel; isto mesmo tambem é usado para garantir dos bichos nocivos.»

E confesse-se agora,—esquecendo benevolamente leves ridiculos inevitaveis do scenario,—a verdade é que não lhes falta rasão, a estes bons japonezes, no furor das suas glorificações, na explosão dos seus enthusiasmos, no enlevo pelos seus uniformes, na alegria infantil emfim, que vae escancarando dentuças, avincando sorrisos grotescos e perennes, por todos estes rostos. A China era o monstro mysterioso da lenda, o monstro cujos tenebrososos designios atemorisavam vagamente, insondaveis para a observação interessada da Europa. A China era o bando immenso de excentricos, caricaturaes como individuos, imponentes como massa; animaes de sangue frio como os reptis, asquerosos como estes, e como os crocodilos perversos na sua apathica passibilidade; fanaticos pelas suas crenças, pelos seus habitos, francamente hostis ao mundo inteiro. Era a terra sem fim, onde mal penetrava o relance de um olhar estudioso de viajante, onde os missionarios mais afoitos íam largando as cabeças nas matanças. A Europa, uma ou outra vez, havia mostrado arrogancias, batendo-lhe as costas, acommettendo-lhe as cidades, pondo em confusão as hordas; mas sem que as suas victorias, de caracter pouco decisivo, arrancassem um só segredo áquelle enigma vivo. Cantão, Taku, Pekin, Tonking, offerecem exemplo d'estas tentativas. E vae então, um povosinho de pygmeus, vagamente conhecido pelas chimeras da sua industria e pela gracilidade das suas *musumés,* bate o pé á China e mostra-lhe atrevidamente os dentes.

O caso era realmente estupendo. Venham dizer hoje, embora, os que amesquinham o Japão, e não são poucos, que a China era uma sociedade podre, caduca como um

mendigo de cem annos, incapaz de offerecer resistencia á primeira bofetada da turba; não discursavam assim velhos residentes do Japão e palradores do Occidente, aos rebates percursores d'esta contenda; e o proximo vexame do imperio do mikado, e ainda para alguns um completo aniquilamento, transpareciam fataes, e d'isto se occupava largamente a crítica.

O povo japonez, o povosinho dos charões e das *musumés,* expede os seus naviosinhos e os seus soldadinhos; aborda as costas, entra sem pedir licença, avança, desbarata, tudo é seu, poderia invadir a China inteira, e só pára, impondo leis de vencedor, quando a Europa em peso assim lh'o exige, e quando francamente já não conviria ir mais ávante; deixa conservar no seu altar de idolo, em Pekin, um imperador-deus, um imperador-espantalho, mas com o grande merecimento de que este lhe garante por um tratado o uso pacifico das conquistas e a posse em bellos dollares da indemnisação de guerra.

O Japão é, pois, quem desvenda o mysterio, quem aponta o papão ao escarneo da Europa, quem jorra plena luz sobre o cardume de rabichos, constituido por milhões de miseraveis sem energia e sem noção da patria, e por gordos mandarins sem noção da honestidade. É elle, pelos seus feitos brilhantes, quem nos apresenta os exercitos recrutados á ultima hora por entre os culis, sem disciplina, sem instrucção, sem mantimentos; faz-nos assistir em pensamento á angustia das povoações por onde a chusma transita, menos receiosas do inimigo que dos seus proprios irmãos, que em pilhagem e barbaridade accusam ardores que lhes escassearam na batalha; apparecem os projecteis cheios de ervilhas substituindo a polvora, os bellos canhões de Porto-Arthur virgens de fogo, todas as vilanias dos mandarins e dos generaes, de que se destaca por vezes um ou outro vulto digno de melhor patria, transformando em arma suicida a resultante das suas energias de alma. A China está vencida, desmascarada, morta; perdeu o encanto; e a

verdade é que, se hoje não lhe cáem em cima todas as ambições do mundo, como um bando de corvos esfaimados, é porque cada qual quer ser o primeiro corvo a chegar e sorver pelo bico o melhor pedaço do cadaver, e teme os companheiros.

O povosinho japonez conhece muito bem que acaba de colher proventos materiaes indiscutiveis, alastramentos promettedores para o seu dominio; conhece que, humilhando o rancoroso vizinho, chama tambem sobre si o pasmo das grandes nações, entra em consideração no seio da familia humana não já pelas suas chimeras; e isto, mercê dos dotes especiaes do seu caracter, da sua sagacidade congenita, das suas aptidões assimiladoras, dos seus brios patrioticos, da sua força actual incontestavel. Se ha orgulho justificado, é este.

E no entretanto,—o que parecerá talvez coisa extraordinaria,—o china passeia hoje sem reparo pelo Japão, atravessa sem receios as multidões, sem despertar um clamor, uma chufa, um sorriso sequer. Acontece-me por vezes, n'um agrupamento qualquer, n'uma estação de linha ferrea por exemplo, encontrar-me com um sujeito de rabicho; pois sou eu, como europeu, que desperto curiosidades, que mereço acaso uma gargalhada de sarcasmo; e não elle, o representante do paiz vencido, do paiz que se fôra offerecendo successivamente aos japonezes no rigor do seu estio de fornalha accesa, no rigor do seu inverno de gelos intoleraveis, no veneno das suas emanações, que íam prostrando de doença os soldados, na barbaridade inaudita das torturas que os prisioneiros íam soffrendo.

N'este facto, n'esta acolhida benevola que o Dai-Nippon vae já dando ao vencido, alguma coisa ha do sentimento magnanimo, se magnanimo é, que o gato

tributa á ratazana que acaba de prostrar: a peleja interessa-o, leva-o a todos os exasperos e a todas as coleras; inerte o bicho, fica apenas uma impressão de nojo, quasi commiseradora, e abandona o cadaver. Foi assim, effectivamente, que as cousas se passaram; quando se ergueram as armas, o Japão ardia em odios, o chinez era execrado; vencido o dragão, extinguiram-se os rancores; o labutador humilde póde apparecer agora sem receio. O chinez entrou hoje na ordem dos aspectos simplesmente grotescos; se a espingarda o dizimou, o pincel caricaturisa-o; deixou de ser um inimigo, para ser um palhaço; a estampa, a quinquilheria assim se divertem em represental-o, em obesidades hilariantes, em humilhações despreziveis, em phantasias de rabichos. E não se esqueça que, em todo o caso, affinidades íntimas do mesmo sangue ancestral, similhanças typicas da mesma grande familia asiatica, relações de convivio a perderem-se na lenda, unem os dois povos em estreitos laços de parentesco. Eu, porém, o europeu do acaso atravessando as ruas, representamos um antagonismo de raça, pela feição e pelo sentimento, com quem um pacto é impossivel, e a simples approximação se afigura suspeitosa.

Do album de Osaki:

«*Maio (Tangono Sekku)*. No dia 5 d'este mez está em uso festejar o *Tangono Sekku*.

«As familias, onde ha creanças, collocam á frente das casas ou dos jardins duas bandeiras, com a representação dos seus brazões, ou a figura de Shôki, bravo da antiga China, e tambem com desenhos de carpas. Dentro das casas põem ainda pequenos estandartes, as armaduras e os Sei-Riôto, nome da alabarda do heroe chinez Kuwan-u. Existe tambem o costume de se presentearem entre si as familias e os amigos que têem filhos, com carpas de panno, pela futura prosperidade

dos meninos, sendo a carpa um peixe que se occupa incessantemente em galgar pelo rio acima, como um heroe saído do nada e elevando-se ao maior apogeu na sociedade.

«Cada qual enfeita o tecto do seu lar com espadanas e *yomoguis,* nome d'uma planta; e as creanças divertem-se immensamente no jogo chamado *shôbutataki,* isto é, batendo no chão com tranças feitas de folhas de espadana, das quaes se servem igualmente para cingir as frontes, e usando de espadas em fórma de espadana.

«Comem-se por este tempo os *mothis* envolvidos em folhas de *kaskiwa,* que é uma variedade de carvalho; e bebe-se o *saké* misturado com bocadinhos de folhas de espadana, o que lhe dá o nome de *saké de espadanas.*

«Alem d'isto, os rapazes têem o curioso costume de purificarem o corpo. Acompanhados do Yamabushi, padre honrado e severo, e trajando vestes de banho, vão junto das cascatas ou das ribeiras, conduzindo um grande barril suspenso d'uma longa vara e coberto de pequeninos *goheis,* offertas consistindo em muitos pedacitos de papel; usam tambem uma enorme espada de madeira, onde se acham escriptos os meritos do deus. Durante o banho gritam pelo nome da divindade *Oyama Sekison;* e, ao regressarem e passando pelas ruas, distribuem em troco de doze dós, e por cada casa, um dos *goheis;* em seguida, repartindo o dinheiro em dois montes, um é para o Yamabushi, outro consome-se n'uma festa entre elles. A grande espada de madeira é conservada em casa do chefe do bando; algumas vezes é pintada de preto, e então as inscripções são a vermelho.»

É interessante seguir na sua tactica prudente, durante as peripecias da guerra, a numerosa colonia chineza, de longa data estabelecida em solo japonez. Pelos portos

abertos aos estrangeiros, principalmente em Kobe e em Yokohama, ha verdadeiros bairros chinezes, intensivamente caracterisados pela feição typica d'aquella gente, na sordidez das baiucas, na exposição das carniças, na agglomeração das familias, na turba especial de rabichos, emfim, que transitam entregues aos labores de cada dia. São pacientes, são perseverantes industriaes, familiarisando-se promptamente com a lingua e com o povo, vivendo da exportação dos productos para as costas continentaes, e dos que de lá introduzem nos mercados do Japão. Os bons chinezes encontram-se aqui n'um verdadeiro paraiso terrestre; se mais não acodem, se este Japão não se vê hoje totalmente invadido pelos activos vizinhos, deve attribuir-se o facto á politica repressiva do imperio. A abundancia das industrias, a amenidade do clima, a doçura das mulheres, o attractivo dos prazeres faceis, eis o bastante para que os celestiaes, egoistas por excellencia, se encontrem aqui rejubilando, esquecendo sem sacrificio a desolação dos seus povoados, os seus casebres sem luz, as suas orgias sem encantos, e até as suas esposas sem pés. Geralmente véem sós. No seu afan pela familia, na sua proliferidade typica de vermes, não lhes faltam mulheres seductoras, que entrem a animar as locandas; presta-se-lhes mesmo merecido elogio aos meritos na escolha, sendo certo que, entre chinezes e europeus, a colonia aventureira, são aquelles os que melhor colheita fazem de *musumés*. E começa então a formigar a prole, em bandos de garotitos irrequietos, herdando dos paes os rabichos pendentes, e das mães a graça petulante.

Lembra-se o Japão de fazer uma careta á China. Ao primeiro rebate, todos os rabichos estabelecidos no imperio comprehenderam a sua melindrosa situação, e começaram a desenrolar-se em conspicuas meditações. Não discutiam probabilidades na lucta, pouco lhes importava a quem competiriam os loiros da victoria; mas percebiam, embora as proclamações emanadas dos ministe-

rios fossem tranquillisadoras, que era bem possivel uma effervescencia da populaça, uma furia apoz um revez, com grave risco então das suas preciosas cabeças. Começou a evacuação silenciosa, fechando-se baiucas, dando-se ao diabo o commercio e a familia; e dentro de poucas semanas os bairros chinezes acharam-se desertos. Não havia vapor, largando para as costas da China, que não carregasse a seu bordo dezenas de cabaias cautelosas. Prestes a desamarrarem das pontes os grandes paquetes, caminho de Shanghae ou de Hong-kong, a scena tornava-se particularmente interessante e não raras vezes enternecedora. Elles lá partiam, aos bandos, caminho da patria; mas saudosos do exilio hospitaleiro, attentos á bagagem, aos cestos e ás grandes caixas pretas, onde os dollares íam aferrolhados aos rolinhos, os bellos dollares luzentes, expostos em breve á voracidade dos mandarins da aldeia. Alguns levavam os filhitos, dependurados das cabaias.

As suas *musumés,* as delicadas companheiras, que os haviam servido durante longos annos, que haviam cuidado escrupulosamente do lar e do negocio, que adoravam nos filhos d'elles os proprios filhos, a quem haviam offerecido carinhosamente os seios tumidos, essas não íam. Abeiravam-se das pontes, corriam ás ultimas despedidas, ao ultimo *sayonara,* angustiosas, desesperadas. Em algumas a coragem fallecia; e agarravam-se aos maridos, ás creanças, com furias de leôa ciumenta, querendo tambem partir, seguir para a terra distante, que para ellas era o desterro, a terra inimiga; e só a brutalidade da policia indigena, segurando-lhes os braços convulsos, torcendo-lhes os deditos de aço, empurrando-as, escorraçando-as, conseguia reter na patria as pobres viuvinhas. Contaram-me que uma *musumé* se vestiu de chineza, simulou pés aleijados; e, assim mascarada e dando as mãos aos pequerruchos, ía entrar no paquete, quando a tempo foi descoberto o ardil. Não, as mulheres não podiam seguir para o continente fronteiro; as auctori-

dades japonezas previam sagazmente a que extremos iria o rancor da canalha em desbarato, reservando todos os seus brios para accommetter contra qualquer *kimono* indefezo que encontrasse. Assim foi; as colonias pacificas de japonezes em Cantão, em Shanghae, e ainda em outros pontos, tiveram de fugir, apavoradas; eram perseguidas até a bordo dos vapores; e a esperança de poder dar cabo d'alguma pobre *musumé* fazia arreganhar as dentuças de chacal á chusma vil.

Quando cessou a guerra, então os prudentes mercadores, applaudindo a sorte das armas que lhes permittia volver como humilhados e não despertando odios, apressaram-se a retomar a bagagem e recolher aos seus lares de ganho, reconduzindo os filhos, procurando pelas esposas, que na ausencia lhes haviam cuidado solicitamente dos haveres. E hoje os bairros chinezes offerecem o mesmo scenario anterior; abrem-se baiucas, suspendem-se á porta as carniças, a multidão cruza as viellas sem preoccupações. Do descredito da patria, da covardia das massas, da vilania dos mandarins, não se reza; prosegue a faina quotidiana, como uma fatalidade de raça, de fazer commercio e de fazer filhos.

A guerra, que apenas terminou agora, entre os dois imperios do Extremo Oriente, guerra que tanto surprehendeu o mundo inteiro, guerra provocada pelo Japão sob o primeiro pretexto futil que se lhe offereceu, explica-se hoje, segundo creio, como uma d'essas necessidades inadiaveis para o problema da vida de um povo. O Japão, emancipando-se do velho systema de isolamento e do mysterio em que medrava, embora estivesse porventura n'elle o segredo do seu bem estar; e emancipando-se, não por um esforço proprio e consciente, mas porque a Europa e a America, batendo-lhe á porta,

assim o arrastaram, e porque a fatalidade da existencia das nações assim o decretou; o Japão, o delicioso imperio do Sòl Nascente, deveria ter logo tido a noção vaga de que dois inimigos serios iriam attrahir-lhe simultaneamente as attenções: ali, a vizinha e barbara China sua antiga tutora; alem a massa inteira das nações cultas. Foi-se afeiçoando á nossa civilisação, foi-se instruindo, foi-se armando; isto quasi sem se saber, sem que os estranhos lhe avaliassem os progressos.

Chegou o momento de sentir-se forte, de poder ambicionar com exito o respeito e a consideração do mundo, e a garantia da sua marcha progressiva e triumphal. Isto ía sendo certamente pensado e radicado no espirito atravéz meandros psychicos, typicos de raça, que mal se adivinham e prescrutam, atravéz risos de seiva juvenil e chimerica, atravéz arrojos mentaes de tribu aventureira, soberbias de asiatico, aversões de sangue; mas não é quem lhe excitou os brios, que deve condemnal-o. O Japão conhecia, melhor do que ninguem, a condição social da enorme familia chineza, constituindo uma unidade por laços poderosissimos de origem, de lenda, de caracter, de costumes, embora sem energias que lhe palpitassem nas arterias, sem o culto da patria, sem o culto da honra, sem luz, sem alma, corroída de podridões, mas vivendo d'essas mesmas podridões. Não a temia agora, não. A China dormia, fumava opio, permanecia no seu lethargo e na sua torpeza de seculos; e a industria japoneza ía tendo larga vasão para os seus mercados, sem attrictos, sem estorvos.

No entretanto o dragão ía-se inconscientemente armando, obtendo couraçados, erguendo fortalezas, prestando por vezes ouvido attento ás suggestões estranhas, e, se um dia se lembrasse de experimentar o valor das suas esquadras, não era certamente para o Mediterraneo ou para o Atlantico que ordenaria o rumo, mas sim para os mares do vizinho archipelago, o delicioso ramalhete a que votava odios lendarios, reforçados de ran-

cores e de cobiças de valetudinario. Depois, havia a temer mais do que tudo, como a ameaça incessante de um terremoto, uma grande força, latente embora, mas explosiva como pura dynamite: a fome.

A fome é a grande lei cohesiva na China; é ella que, por assim dizer, dá solidariedade, agglutina, esses quatrocentos milhões de irmãos, fixando-os ao lodo patrio, que vão sorvendo, d'onde vão extrahindo tudo o que o lodo dá, a que vão restituindo afanosamente das proprias dejecções o principio productivo; e abraçando-se uns aos outros, aqui e ali, n'uma modorra de vermes exangues, e morrendo sem revoltas, quando o lodo não dá mais. Mas ninguem assegura que essa apathia anormal vá sendo eterna; tambem os productos vivificantes do cholera e da peste se exgotam no Ganges e no Nilo, e os microbios do cholera e da peste emigram, debandam, vão procurar seivas novas na Europa e na propria China, onde então devastam as massas, pullulantes de vibratilidades remoçadas. Já o microbio chinez, que é a turba, transportado fortuitamente, em numero de algumas centenas, para solos distantes, alastrou em colonias prodigiosas; a America, por exemplo, lá o tem, e está bem farta d'elle. Pois tambem um ensejo qualquer de occasião, por exemplo, a necessidade futura que se impõe ao Japão de franquear-se inteiramente a quem venha, e poucos serão os europeus que venham, poderia offerecer entrada ao enxame esfomeado; seria a legião occupando sem armas o solo, devorando em silencio as riquezas, monopolisando todas as actividades, dominando pela desproporção enorme do numero, apagando finalmente do bello archipelago nipponico o mais infimo vestigio do caracter japonez. Para uma tal praga, existe uma só prophylaxia: conter a turba na condição de povo humilhado, de povo barbaro, fóra do direito das gentes, e impor-lhe leis repressivas.

Revela-se-nos outra causa impulsiva da guerra: é o proprio augmento, muito crescente, da população japo-

neza. O solo, fertil e hospitaleiro embora, já não dá para todos. A onda emigrante começou ha annos, e augmenta sempre. Sem já fallar nos infimos grupos disseminados por tantos portos do Oriente, são já importantes as colonias japonezas na Coréa, na Australia, nas Sandwich. N'estas condições d'um povo, mas d'um povo consciente, altivo, palpitante de energias, a quem repugna por certo o exilio em terra alheia, a ambição de alastramento, de conquista, nasce espontanea e justificada.

Por ultimo apparece o factor importantissimo das nações cultas. A fome, e conseguintemente a cobiça, abarcam tambem as multidões, na Europa d'um lado, na America do outro. O grande problema social agita-se em esgares de possesso, como nunca se agitou. Ambições tremendas palpitam no seio dos povos; do desmoronamento de todas as crenças, de todos os brios, de todo o ideal, parece que vae surgir, estranhamente intensa, a lei do mais forte, a lei que rege no covil os impetos da fera, quando a barriga está vasia. Comer, comer!... Onde ha que comer? Na Africa, nos seus sertões ignorados? Na America, nos filões reluzentes das suas minas? Na Asia, nos seus velhos imperios mysteriosos? Quando a onda insoffrida se dirigisse para a China, por mais fraca, cegamente, estonteadoramente, era já uma calamidade para o Japão.

O Japão tinha, pois, de erguer-se, do pôr-se em evidencia, elle, que ía passando despercebido, estimado quando muito nos salões, na fórma de jarra polychroma; elle, soberbo, embriagado já nos seus progressos, sonhando já glorificações. Tinha de erguer-se; não é o seu exercito nem a sua esquadra que podem ir ameaçar o Occidente; nem por emquanto escorraçar das suas costas encantadoras as esquadras do mundo. Mas a affirmação da sua vitalidade já o engrandece; mas o patriotismo do seu povo já o torna temido, já o unge de não sei que auréola, já lhe traz o respeito da familia

humana, já lhe marca um caracter de unidade, de individuo, com deveres e direitos a cumprir e a exigir, com um destino a desempenhar. Quem o fira, quem o aniquile,—se possivel é a façanha,—já não destroe um parasita, mata um ser; e do assassinio presta-se contas no tribunal do mundo, alem de ficar o remorso a roer na consciencia.

A guerra, que acaba de terminar com a humilhação da China, a guerra, que alvoroçou a Europa, fica assim julgada. O theatro da lucta, iniciado na Coréa, impunha-se ao espirito guerreiro do povo pela tradição gloriosa, primeiramente lendaria nas expedições d'uma imperatriz glorificada, mais tarde historica nos arrojos do grande Taico-Sama. Necessaria sob tantos aspectos, a guerra foi talvez mais do que tudo uma manifestação contra as grandes nações, contra os impetos da raça branca, mais perigosa e mais detestada do que a turba chineza; é assim que hoje, emquanto que o chinez passa indifferente á multidão, é para o europeu do acaso que se ergue o olhar desconfiado, por vezes arrogante e sarcastico.

Continuemos folheando o album de Osaki:

«*Junho (Adoração no Fuji)*. É no primeiro dia d'este mez que os homens vão fazer as suas adorações ao templo onde é celebrada a divindade da montanha Fuji. Por ali se vêem muitos vendilhões de dragões feitos de palha de arroz; é porque d'antes se julgava, que aquelles que os comprassem e conservassem comsigo, se preservavam das epidemias. Diz-se que na idade media os devotos usavam longos cabellos pendentes, mas ignora-se o motivo de tal costume.

«No ultimo dia do mez, nos templos de Hashida, de Massaki e de Thukudazima, é a cerimonia do estio, *Nagoshi no Harai*; tem ella logar pela tarde, á borda

do rio onde se estabelece o altar, rodeado de *Goheis*. N'este dia toda a gente offerece aos templos uns arremedos em papel dos vestidos de uso, onde se escrevem orações respeitantes á prosperidade e segurança da familia; offerecem-se tambem bolos e diversos fructos, *nadémons;* e depois de benzidos são atirados ao curso das aguas pelos grandes sacerdotes. Proximo do altar eleva-se um soberbo arco festival, por onde os devotos passam.

«Nos sitios longe dos rios celebra-se uma imitação d'esta festa, enchendo de agua enormes baldes.»

De mistura com a logica implacavel do problema da vida, prescrutado e estudado pela sagacidade indiscutivel do japonez, quantas velleidades proprias do caracter, quantas ambições chimericas de povo sentimental, guiado poderosamente pelo seu proprio orgulho!...

No entretanto, uma visão estonteadora, de apotheose immensa, quasi realisavel, deverá ter perpassado pela mente d'estes soberbos asiaticos. Quasi! mas este —*quasi*—será a barreira invencivel. Bastava que a Europa, e tambem a America, pacatamente entretidas em irem lavando no rio a sua roupa suja, ou pelo menos interessadas unicamente nos scenarios proximos, se esquecessem de lançar vistas curiosas para os lados do Extremo Oriente, durante uns vinte annos, durante uns trinta annos.

O chinez e o japonez são a final de contas dois irmãos; comprehendem-se, entendem-se, têem mesmo interesses solidarios. O primeiro encontra-se gasto, pervertido, quasi demente; mas ninguem melhor do que o segundo seria capaz de dar-lhe a mão, de corrigil-o, de melhoral-o, insufflando-lhe sangue novo nas arterias, fallando-lhe em nome do mesmo deus, das mesmas tradições,

chamando-o á noção da propria dignidade, aos seus deveres, ás suas ambições, e aos seus odios. A guerra, longe de afastar o vencido do vencedor, approxima-os já hoje, approximal-os-ía então muito. O Japão penetraria desassombradamente pelo solo dominado, nas pessoas dos seus generaes, dos seus magistrados, dos seus professores, dos seus bonzos, do seu povo de mercadores intelligentes. As cabeças dos mandarins seriam naturalmente votadas aos montes de estrumeira, como merecida glorificação dos seus feitos; o imperador-phantasma, já hoje detestado, iria passear, cedendo o throno a uma dynastia japoneza; mas nunca o azorrague do despota teria sido mais disfarçado nos seus golpes, e o povo, a massa enorme, sentiria alliviar-se de si o peso da miseria, da abjecção, submettido a uma vontade energica, moralisadora, vivificante. Por-se-ía de parte a escoria, aproveitar-se-ía a somma de tantas qualidades boas, latentes na familia chineza; e dentro em pouco surgiriam por encanto exercitos disciplinados, armadas imponentes, espiritos esclarecidos, funccionarios probos, e um sentimento de solidariedade intimamente ligado á politica nipponica.

Imaginem-se esses quatrocentos milhões de seres, duplicados pelo conforto do meio, e unidos aos japonezes e civilisados a seu modo!... Quando a Europa e a America, volvidos esses trinta annos, olhassem para elles, não poderiam já impor-se, estavam perdidas. Seriam pelo contrario os imperios unidos do Oriente que imporiam leis de potentado, e que, com a sua immensa industria disseminada, levariam a morte a todas as actividades estranhas. Ainda annos depois, seculos talvez, —mas que importancia têem estas unidades na immensidade dos destinos?—os asiaticos do Extremo Oriente seriam, como os antigos barbaros, como as ondas emigrantes da legenda historica, a onda humana, que se iria por todo o mundo, irresistivel, assoladora, impondo os seus costumes, as suas leis, o seu sangue; dependendo só,

quanto á sua persistencia, das suas proprias qualidades,—grau de expansibilidade, de proliferação, de adaptação ao clima, de constancia na vontade.—

O mundo inteiro sendo uma colonia do Japão! Eis a colossal apotheose do orgulho desmedido d'esta gente. Mas ha um —*quasi,*— como eu acima dizia: é o instincto da propria conservação, que impulsionará o mundo a ir dominar na China, afastando influencias perigosas, desmembrando, destruindo, matando, devorando, para viver.

Do album de Osaki:

«*Julho (Festa das duas estrellas, chamada de Tanabata).* No dia 7 d'este mez é de uso espetarem-se bambús, em cujos ramos se prendem pedaços de papel de varias côres, com versos escriptos e outros objectos de papel; e come-se pela tarde trigo cozido e bem esfriado em agua, *hiyamugui.*

«De 13 a 16 todos celebram a festividade dos antepassados; em cada casa se expõem taboletas, cobertas de esteiras de junco, contendo os symbolos dos avós, a quem se offerece *hiyamugui, somein* (iguaria de farinha de trigo), bolos de arroz, pães de arroz ou simplesmente arroz sobre folhas de lotus, beringelas e fructos, e tambem cristas-de-gallo, que são uma especie de junco. Durante estes dias, vae-se ao cemiterio a lavar os tumulos, e chamam-se os bonzos a casa para benzerem os mortos.

«Um outro habito muito curioso consiste em queimar troncos de betarraba em frente da porta de casa; na religião buddhista por este modo se convidam as almas dos defuntos a entrarem no lar da familia. Durante a noite, as habitações são illuminadas com lanternas de diversas fórmas, geralmente fabricadas na provincia de Guifu.

«Vêem-se tambem n'este quadro aquelles que pedem esmola, clamando em altos berros algumas phrases da

biblia do buddhismo e batendo cymbalos; um d'elles leva comsigo uma comprida trança de palha, onde enfia as sapecas offerecidas pelo povo.

«Chama-se *Bon* a esta epocha, por ser de estylo reunirem-se as creanças umas ás outras, dando-se as mãos, e cantando—«*Bon, bonn, bon, no jin roku nithini*...»—mas ninguem conhece o sentido de tal canção.»

Não peçam a estas paginas mais do que ellas podem dar. São simples reflexos de impressões recebidas, de saudades, de devaneios. Quando, apercebido o japonez na sua feição moral de enthusiasmos patrioticos, de soberbias, de vôos de espirito, se offerecia talvez o ensejo de philosophar largamente sobre o trilho acertado a seguir, eu calo-me, ou palestro apenas por passatempo, já sobejamente desdenhoso de todas as philosophias d'este mundo. Qual é o pharol distante, que vae decidir do rumo? Não vejo bem, na bruma. Divagando pelo campo das supposições, parece que a estrada mais segura, que se está offerecendo ao Dai-Nippon, consiste em conter prudentemente na condição de humilhada a traiçoeira vizinha, ser sobrio em ir saboreando a taça da gloria, de modo que o perfume capitoso das conquistas não embriague nem excite a ir procurar outras.

A colonisação da Formosa e dos Pescadores, agricola e industrial para a promettedora ilha, particularmente militar e defensiva para o esteril archipelago, está suggerindo um campo de actividades moralisadoras e proficuas. A massa das grandes nações europêas, bem mais do que a China, constitue o grande perigo actual para o Japão. Como poderá impôr-se-lhe? Certamente pela força das suas armas, a logica irresistivel; mas mais ainda pelas suas forças vitaes, o desenvolvimento da sua agricultura e da sua industria; e pela sua unidade moral,

pelo arraigado amor á terra-mãe, tão intenso ainda, e pela progressão intellectual e civilisadora da nação; conservando-se n'uma attitude calma, confiante, sem impaciencias e sem provocações. E não dispa o *kimono,* para enfiar a casaca europêa; ame os seus habitos, as suas velhas usanças; quando o não preoccupe o amor pela arte, lembre-se ao menos que ter uma feição propria de vida exterior, inconfundivel, é já uma grande felicidade para um povo.

Do album de Osaki (o bom Osaki confundiu-se aqui, avançando de um mez a epocha do equinoxio):

«*Agosto (higan e lua cheia).* O periodo chamado *higan* começa tres dias depois do equinoxio do outono; durante este periodo, está em uso offerecer-se mutuamente bolos de arroz, etc., entre familias e entre amigos; vêem-se muitos devotos pelos templos, e peregrinos que vão adorar os seis templos de Amida; estes peregrinos são chamados *rokuamidamairi.* Tem logar então uma grande ceremonia, chamada *Segaki-Kuyo.*

«A meio do *higan* é permittido subir aos mais altos andares dos templos de Asakusa e de Zoziozi. Este quadro figura um angulo do portal de Asakusa.

«Na noite de 15 d'este mez, reune-se a gente em festa para ver a lua, porque se diz que ella apparece então mais clara do que nunca. Offerecem-se á lua bolos de arroz, uvas, feijões verdes *(edamamé),* fructos, flores e *saké* bento; com os preparativos d'estas dadivas se aguarda o seu apparecimento.»

A Formosa, definida pelo lindo nome com que os nossos navegadores a foram baptisando, a Tai-wan dos

chinezes, é a ilha montanhosa, que se recorta no horizonte azul do mar, para o sul do Japão, pittorescamente accidentada, sulcada de gargantas e de ravinas, por onde vae correndo a agua em rapidas golfadas. Cobre-a arvoredo basto, de bellas madeiras utilisaveis, de camphoreiras preciosas. No seio das serras jaz o enxofre, jaz a hulha, jazem os metaes; nas planicies cultiva-se o chá, cultiva-se a canna de assucar, cultiva-se o arroz. É um rico torrão esta Tai-wan, que a China ía colonisando e amanhando pachorrentamente, com mais de quatro seculos de posse. Escondendo-se, defendendo-se pelos alcantís, com as feras, vive a tribu autochtona, barbara, indomavel, detestando a população intrusa, das cidades e dos campos, constituida por cultivadores chinezes vindos do continente, por descendentes dos famosos piratas de outros tempos, por foragidos das justiças imperiaes, por bandos de rebeldes em pena de exilio. Colonias hollandezas, colonias japonezas, abordaram as suas costas ha mais de dois seculos, levantaram feitorias, deram-se ao trafego; mas foram destruidas por hordas de ladrões do mar. Recentemente, o almirante Courbet cobiçou-a para a França, mas a França não a quiz. Hoje é japoneza, tendo offerecido ao mundo o curioso espectaculo d'uma republica carnavalesca, que durou alguns dias, e da resistencia desesperada, de tigres ameaçados no covil, dos terriveis bandeiras-negras, a quem o novo dono antecipadamente incutiu justo pavor.

Pescadores são os ilhéus vizinhos, fraguedos aridos, que os tufões açoitam durante longos mezes, habitados por companhas de gente de pesca, offerecendo vastas angras de abrigo, que é o que falta á Formosa, e d'uma importancia estrategica incontestavel, para o paiz que os chame seus. São tambem japonezes agora.

Cruzando-se pela terra japoneza com os soldados que regressam da campanha, passam os soldados que vão guarnecer as colonias adquiridas e ceifar cabeças de re-

beldes; seguem nos comboios, até Hiroshima, mangas de carregadores, emigrantes de labuta, que vão constituir o nucleo inicial das povoações pacificas; todos alegres, confiando na boa estrella japoneza, cheios de fé incondicional pelas glorias do Dai-Nippon; faltam as *musumés,* que não tardarão por certo, rojando sedas, curvando-se em mesuras ao longo dos caminhos, que os engenheiros já traçam sobre o campo bravo, onde vão erguer-se cidades florescentes, de casinhas de madeira e de papel. Parece que, de mistura com os que partem para as novas colonias, alguns continuam mais alem, até á Coréa, até Porto-Arthur; o que não se explica em face dos tratados. Anda n'isto, e em toda a mysteriosa politica do imperio do mikado, um enigma sombrio, de designios que não se perscrutam, que já irritam a attenta Russia, muito interessada no espectaculo, e que porventura virão lançar á arena o pomo da discordia.

Do album de Osaki:

«*Setembro (Festa de Kandamyozin).* As grandes festividades de Kanda e de Sanno têem logar ordinariamente de dois em dois annos; assim é que todo o Yedo se divide em dois partidos religiosos, os do sul de Nihombashi obedecendo a Sanno, e os do norte a Kanda.

«A 15 d'este mez é a festa de Kanda; desde 9 se suspendem das beiras de todos os telhados renques de lanternas; arvoram-se grandes estandartes com a divisa — *Kanda Daimyozin;* — elevam-se portaes em arco, feitos com toneis; por toda a parte se ostentam formosos e engraçados ornamentos, com grande pasmo da gente vinda dos campos.

«Os homens que têem creanças, dispõem-se a fazel-as participar no cortejo do carro divino, vestindo-as tão luxuosamente quanto possivel; e, em rivalidades de primores, nenhum pae hesitaria em empenhar ou vender

toda a sua fortuna. No grande dia, logo de madrugada as musicas atordoam os ouvidos; homens, mulheres, velhos e novos, a população inteira de Yedo, percorrem as ruas, dando-se as boas-festas, e póde dizer-se com rasão que toda a gente anda doida; prevendo desordens, os senhores mandam policiar os caminhos pelos servos, armados de longas lanças.

«Passam processionalmente trinta e seis carros, *dashi,* lindos todos, em festa, conduzidos por toiros até ao templo de *Kanda*. Vão seguindo os rapazes, cantando uma canção de operario, *ki-iari,* acompanhando-os em côro mulheres vestidas de homem; são os guardas *keigo*. O mais celebre d'estes carros é chamado *kankodori*.»

Pairam, effectivamente, não sei que vagas ameaças, sobre os destinos do imperio do sol nascente. Negrumes borrascosos, empanando a alegria perenne dos horizontes, é caso insolito, pois não? Seja como for, sobresalta-se o espirito d'aquelles que de perto ou com mais attenção, por interesse ou por sympathia, vão seguindo a marcha evolutiva do Japão. Não está o grande perigo na massa das nações europêas; menos ainda na esfalfada China, incapaz, a miserrima, de sonhar em desforras; é no íntimo seio do imperio, nas suas effervescencias latentes, que parece residir a pequenina chamma bruxoleante, que um dia póde alastrar-se em incendio que devore.

Divaguemos. Quem não sabe como o Japão galgou d'um pulo a ingreme ladeira do progresso, partindo do estado quasi barbaro, ou pelo menos radicalmente incompativel com a architectura social dos povos occidentaes, té ás culminancias d'uma sociedade regida pelas nossas leis, orientada pelas nossas sciencias? Bastaram alguns annos. Com a restauração imperial, com a quéda

do shogunato, ao poder feudal, á oppressão despotica, succede o grito de liberdade para todos. Vem então a febre da emancipação, do modernismo; é um demolir sem treguas no pobre edificio velho, com o proposito antecipado de não aproveitar das ruinas uma só pedra, para o novo edificio que se ergue. Vem assim, ás golfadas, a constituição, o parlamento, os tribunaes, as academias, as escolas. Dos inventos modernos quer-se tudo, e já; criam-se novas industrias; a machina acode a substituir o braço; a electricidade alumia as cidades, as aldeias; as locomotivas trilham os campos; os vapores sulcam os mares.

E onde pairam a alma, o sentimento íntimo da nação? É crivel suppor-se que tenham acompanhado, nas suas evoluções caprichosas, essa espira vertiginosa de transformismos, lavando-se da tradição, dos costumes, dos proprios dons de raça? Não, a alma, o sentimento d'um povo não se desnaturam assim; vivem hoje n'um pasmo das cousas, n'um quasi mal-estar inconsciente, n'um conflicto de impressões e de idéas, n'uma embriaguez estonteadora. Em cabecinhas japonezas esta condição anomala, este desequilibrio moral, esfuziam em gargalhadas de descrença, em sarcasmos acerados, em caprichos doidos, em ambições sem termo, em odios porventura. É como que uma feição fluctuante; tirada a casca de civilisação, verde e travosa de fructo ainda mal sazonado, ficará talvez,—e n'isto está acaso o maior elogio d'este povo,—a alma intacta japoneza, barbara, altiva, cavalheirosa, honesta.

E n'este estado da sociedade que estudâmos, é que apparece o jornal. N'um paiz onde toda a gente sabe ler, o jornal attinge proporções de epidemia; entra nas casas como as moscas. O jornal transporta ao lar a confusão mental de algum espirito mais atrevido, mais visionario, mais intensamente palpitante de estranho nervosismo; conquista naturalmente adeptos, forma partidos; o povo entra assim nos segredos do estado, nos

grandes problemas da vida, apreciando, discutindo, condemnando, caricaturisando, n'uma exuberancia irreflectida de antigo escravo, que vê quebrarem-se-lhe os grilhões. Formam-se associações, organisam-se comicios, reuniões livres, onde tudo se commenta. O mikado é ainda o mikado, o poder divino e indiscutivel; mas a crítica volutea mordaz, ás gargalhadas, ás ferroadas de vespa, em torno dos grandes vultos, principes, ministros, generaes, magistrados, offerecendo-os á hilaridade da turba.

Não era preciso tanto para justificar turvos presagios. Ha indicios para presumir que, do perigo possivel, já se aperceberam aquelles que hoje sustentam nas mãos o leme do governo; mas é já tarde para recuar, mesmo para suster a marcha; a multidão já se impõe, já ameaça; uma ou outra vez já explodiu a dynamite; relampeja aqui e ali, indecisamente, a alma da revolução; e até se affirma que a palavra — *republica,* — japonizada, já é proferida, vaga, indefinida, por labios japonezes, no silencio das casinhas de papel, entre dois goles de chá ou de *saké.*

A guerra que vem de terminar, decretada pelo mikado, mas mais ainda pela opinião publica, que a exigiu, mais avincou receios. A nação em peso exulta de gloria. O sentimento do militarismo triumphante é hoje o oxygenio, intensivamente vivifico, que se respira. Todas as loucuras podem esperar-se d'estes meninos de tres annos, já condecorados com medalhas de estanho, commandando exercitos de cartão, bafejados no lar pelo orgulho dos papás e das mamãs, homens amanhã assumindo os cargos publicos.

O sôpro da rebellião, a guerra civil, podem abalar o imperio, do sul ao norte, como um immenso terremoto irremediavel. Quando os irmãos chacinem os irmãos, quando as forças da nação se dividam e enfraqueçam, que haverá a esperar de auspicioso? E póde ser então que a China acorde, avançando a garra hoje inoffen-

siva. E póde ser que a Europa accorra, em solicitudes protectoras que lhe são habituaes, invadindo, apanhando, enchendo as algibeiras da casaca. Quando a berra da turba se patenteasse ainda mais atrevida, quando a mão japoneza não se limitasse em erguer-se contra os seus ministros, e ainda mesmo contra o seu mikado, quando esbofeteasse a propria Europa, então as consequencias funestas d'essa inaudita petulancia de garoto seriam incalculaveis, para o Japão, para o Oriente, talvez para o mundo inteiro. E o insulto é pelo menos possivel; ainda ha pouco, quando a Russia lançava o seu *ultimatum*, a excitação foi immensa, e pouco faltou que explodisse; os ministros, como navegantes que adivinham de longe a procella, multiplicaram-se em attenções de vigilancia em volta dos representantes estrangeiros, calculando bem, que uma simples pedrada poderia attrahir ás aguas japonezas uma multidão de couraçados, com a artilheria a postos. A turba queria então a guerra, a guerra á Russia; acalmou-se, mas não esfriou. Consultem o vendilhão, o commerciante, o culi, a *musumé:* convencer-se-hão de que o povo acaricia hoje um ardente desejo, o de armar-se até aos dentes, o de ir pedir contas a esse grande potentado, que resume a inteira logica dos seus argumentos no numero das suas temiveis esquadras. E o colosso do norte, á cautela, ou quem sabe se com designios mais tremendos, augmenta a sua frota no Extremo Oriente, e alem em Vladivostock, o seu porto militar, e pela Siberia dentro, concentra forças. Allianças mysteriosas se formam entre as nações; o mundo não tira os olhos d'alem, d'alem onde nasce o sol todas as manhãs.

Que vae succeder? Talvez nada. Não se confie muito em sobresaltos pueris, de cerebros agoirentos, incapazes de viver n'este problema estranho da existencia oriental. Veremos como uma risadinha de *musumé* vae dissipar a bruma!... E o Dai-Nippon, em sandalias e embrulhado no seu *kimono* de seda, fazendo-nos surriada, rindo

a bom rir, vae proseguir no seu trilho de bohemio da vida, de amoroso da natureza, maravilhando-nos, deliciando-nos, e fazendo-nos roer de invejas...

E, na paz dos tempos, tão avançado já na senda do progresso, tão respeitado já pelos seus brios, o Japão vae alargar prodigiosamente o campo de actividades onde trafega, em que peze aos interesses dos estranhos. O seu commercio com a China, com todo o Oriente, vae attingir proporções grandiosas; com a propria Europa avança dia a dia, e avançará sempre. Tempo virá, por certo, em que os seus paquetes vençam as grandes distancias, venham mostrar no canal de Suez o pavilhão do sol, demandem os portos do Mediterraneo e do Atlantico, permutem industrias; e então, aos residentes estrangeiros de Kobe e de Yokohama, só restará o prudente alvitre de fecharem os seus livros *caixa* e abalarem. Na sua politica interna o Japão sentirá pesar-lhe o dever de abrir todo o seu solo ao mundo, acabando com a distincção de portos fechados e de portos abertos; e no campo das regalias e dos encargos, não fazendo nada ao caso a estranheza comica do seu rostinho de asiatico e do seu *kimono* de ramagem, tratará como irmão com as nações mais cultas. Depois d'isto... o desconhecido para todos nós.

Do album de Osaki:

«*Outubro (Ebishuko)*. No dia 12 d'este mez se venera em todas as casas Ebishu, o deus da prosperidade, rogando-se-lhe beneficos favores; d'aqui vem o nome de Ebishuko. Na noite de 11 tem logar uma feira dos objectos que se empregam no dia seguinte em intenção do deus, vendendo-se tambem rabanos salgados na rua de

Odeimmatiio; é o chamado mercado Bettaraithi. Ninguem conhece a explicação d'esta curiosa venda.

«N'este dia está em uso pendurar nas paredes das casas o *kakemono* de Ebishu, quadro comprido e estreito, em frente do qual se offerecem castanhas ou outros fructos, certos peixes de agua doce, *saké* bento e pães de arroz em fórma de espelho redondo, *kagamimothi*. Reunem-se os amigos para um grande banquete, durante o qual se simula uma venda, tomando-se o que se encontra á mão, e offerecendo-se mil yens, dois mil yens, por exemplo; diz-se ser isto um feliz presagio de commercio florescente.»

N'este logar, não deixaria talvez de ser interessante, se perguntassemos á sibylla dos destinos, que religião, que culto de alma, irão acarinhando o sentir d'este bom povo, pela senda da existencia. Sei eu lá, meus amigos, o que a sibylla diria!... O povo japonez ama o deus-creador nos encantos da vida, — na montanha, na ribeira, na arvore, na flor, na borboleta, na *musumé*, — como quem amasse um sublime artista na obra prima saída das suas mãos. Passar ao amor pela fé, crendo sem ver, fechando os olhos á paizagem, talvez seja pedir-lhe mais do que elle possa dar. Não faltam por aqui, deve dizer-se, apostolos da verdade unica, gosando do privilegio de percorrerem sem estorvos o paiz inteiro; tantos, uns de sotaina e de rosario, outros de quinzena e de bengala, tantas as suas theorias, — parecendo que deveria ser só uma, — que confundem. São os da missão catholica romana, são os da missão episcopal americana, são os da missão episcopal methodista, são os da missão presbytereana americana, são os do protestantismo evangelico, são os da congregação evangelica allemã, são os da sociedade baptista ingleza, são os methodistas do Canadá, são os da missão russa ecclesiastica, e outros, e muitos,

um nunca acabar d'elles; intrigando-se, detestando-se, apresentando cada qual o seu systema; mas concordando todos n'um ponto,—que é o que mais espanta os japonezes,—que Deus não existe n'aquella corolla rosada e pura de lotus emergindo das aguas, nem n'aquella flor de chrysanthema desabrochando como um sol magnifico, nem n'aquella curva suave de montanha que se ergue a ir beijar o céu. Muito mais grave ainda é o seguinte: a divindade do mikado desfaz-se como uma nuvem de fumo, pela logica intransigente dos missionarios; não é deus, é homem, é barro vil como é o povo, como o mais infimo pária d'este mundo; e a gloria nos céus é menos para elle do que para o povo, para os humildes, os pobres de espirito e de condição. Assim se chega a este inesperado paradoxo: a voz das religiões desprestigiando o mikado perante a nação, prégando a dissolução do edificio sentimental que ainda até hoje, mais do que todas as leis escriptas, une em irmãos os filhos de Amaterasu, e os torna submissos á vontade indiscutivel do patriarcha unico. Quando se imagina em espirito afrouxados estes laços e caída em descrença esta dynastia unica, que vem das origens da lenda, reapparece então o phantasma da guerra civil, envolto no nimbo tenebroso das grandes calamidades, com a intervenção de estranhos, retalhando e escravisando a terra.

O problema religioso, que poderia, como vêem, attingir proporções maximas, é hoje ephemero, porque encontra fria a turba. O povo japonez não se apresenta hoje nas condições de espirito, em que o surprehenderam os primeiros missionarios portuguezes, cujo verbo doce, fallando-lhes de Jesus, ía quasi convertendo um imperio.

Do album de Osaki:

«*Novembro (Entrevista dos actores).* Os mais celebres theatros de Yedo eram Morita, Nakamura e Ithimura.

Eram de uso no primeiro dia d'este mez as entrevistas dos actores d'estes tres theatros. Antecipadamente, os restaurantes affectos a cada theatro enchiam-se de galas, de lanternas, amontoando-se em frente barris de *saké,* offerecidos pelos clientes.

«N'aquelle dia, desde tempos immemoriaveis, tinham logar as permutações de categorias dos actores, isto é, os actores de Morita passavam a ser os actores de Ithimura; e então lhes competia percorrer em visita os restaurantes, annunciando as trocas. N'esta visita eram seguidos dos seus discipulos e dos seus creados; os que desempenhavam os papeis femininos, íam sempre em trajo de mulher.»

Temos ido voluteando em espirito e relanceando a marcha—quem não a chamará triumphal?—que emprehende o Japão moderno, despojando-se de rotinas de seculos e seculos, galgando obstaculos, correndo atraz de doidos anhelos; é uma preoccupação incessante e intensa, de quem se sente sequioso de alcançar as primeiras fileiras no cortejo das gentes, alem, onde mais predominam os impetos de caracter, desdobrando-se em actividades, em ambições, escrevendo em letras de oiro a lei dos seus destinos. Descansemos agora por alguns minutos, vencidos por uma natural fadiga de caminheiros; e lancemos um ultimo olhar ao horizonte já distante, enviando uma só saudade ao velho Dai-Nippon, ao Dai-Nippon de ha apenas trinta annos, perdido agora para sempre, diluindo-se já na penumbra vaga da lenda.

Saudade, é o que inspira tudo que se vae, é o que inspira toda a lenda d'um passado, lenda amorosa e sincera, d'uma vida já vivída, sem nimbos de segredos e de agoiros. O futuro não se nos apresenta ungido do mesmo encanto; sentimol-o por esse ponto de interrogação traçado a negro, como um meteoro inquietador,

sobre o horizonte azul da esperança. O passado, para todas as civilisações, synthetisa as crenças da infancia, a inconsciencia dos simples; o futuro vae ser a labuta já do experiente, já do desilludido, nos ardis incessantes da lucta. O passado e o futuro são as duas idades chronologicas do nosso primeiro pae e da nossa primeira mãe: a primeira, rapida, na doce nudez dos innocentes, corrida no extasis das contemplações; a segunda, eterna, amargurada pelo travor do pomo symbolico, que é o fructo da sciencia, das desillusões e dos desenganos. É no afan prodigioso de imprimir accelerações unicas ao curso fatal da lei dos tempos que o Japão se empenha; de braços nus, de vassoura de basta rama, eil-o varrendo a mãos juntas os ultimos vestigios do dia de hontem, de que havia ficado, disperso pelo chão, um tapete roseo de petalas de flores de cerejeira...

O Dai-Nippon era o mundo inteiro, sobre que o filho dos deuses poisava a doce mão protectora. Na santidade absoluta do seu isolamento, no goso sem partilha dos encantos da terra, mal lhe interessava a noção vaga de que, para alem do sagrado grupo das suas ilhas ferteis, se estendiam planuras safaras, onde formigavam multidões de labutadores, de olhos azues e de cabellos loiros, muito ricos de sciencia e muito pobres de alegria, debatendo-se, trucidando-se, disputando-se um osso, como miseros cães sem dono. A deusa do sol sorria do céu ao seu povo, escutava-o, favorecia-o nos seus anhelos, por intermedio do filho querido, o mikado, que ninguem via, que era intangivel, que apenas a côrte privilegiada podia adivinhar pelos olhos, no leve palpitar das cortinas de setim da sua tenda mystica. Logo abaixo em gerarchia era a sublime esposa, que o servia para gloria do universo; a esposa, que os olhos dos eleitos, nos curtos momentos em que a podiam relancear, entre prostrações humildosas, definiam como uma onda olente de setins escarlates, um quer que fosse de chamma vivifica, de apotheose de aurora destacando-se do brocado rutilante

das paredes, no recinto santo das recepções. Parece que da fronte pura raiava um estranho lume, das tres laminas de oiro, erectas, que lhe coroavam em resplendor a voluta negra dos cabellos, signo do supremo mando; e de quando em quando os setins escarlates ondulavam em murmurios, e a curva longa d'uma primorosa mão inimaginavel, cuja alvura cegava, imprimia no espaço um designio, uma vontade. Como seria ditoso, quem d'aquella mão merecesse um decreto! — «Por piedade, Senhora, murmuraria cada qual nos extasis da adoração, ordena-me que morra!...» — E, se do sangue a jorros brotassem chrysanthemas, quantos peitos se rasgariam voluntariamente a punhaladas, para juncarem de flores o caminho radioso da soberana!...

Seguiam-se os principes, as princezas, os daimios, toda a côrte hierarchica de figurinhas adoraveis, delegados da sagrada familia e por ella investidos do direito de fallar á turba, de dominar sem restricções, de cingir aos pulsos do povo as algemas da escravidão perpetua. Doces algemas! O povo comprehendia bem que servir um homem é duro e aviltante, mas que é nobre e suave a tarefa de servir um deus. Assim se explica como se amontoam os exercitos em volta d'um castello, exercitos felizes, inconscientes do preço da vida, bebendo a luz vivificadora nos gestos do senhor despotico; assim marcham para as batalhas, em hostes deslumbrantes, a vingar uma affronta ou a avassallar rebeldes, com uma preoccupação unica, a de matar ou de morrer em honra do mikado.

Os artistas consagram-se ao labor religioso das suas mãos pacientes, trabalhando na espada que vae permanecer á cinta d'um daimio, na sandalia que vae calçar um pé nu de princeza. Na lavoura o suor corre sem fadiga, os corpos dobram-se alegremente ao peso da enxada, os pés poisam no solo indifferentes ao regelo dos paúes; porque é para o senhor que se cultiva o arroz, para elle que se colhem os fructos e as flores.

A vida, se elle a quer, dá-se-lhe, porque de justiça se lhe deve; e o samorai póde experimentar o fio da sua espada na primeira cabeça de villão, se assim lhe appetecer. Quando, na embriaguez plena da existencia, o sangue a escaldar exigia uma satisfação aos sentidos, era a natureza inteira em esplendores acarinhando o povo: eis a paizagem em florescencias, induzindo á benefica fadiga das peregrinações; eis todos os deleites do viver, theatros escancarando-se, festas multiplicando-se, vinho jorrando, *musumés* sorrindo. Maravilhosa barbarie, engrinaldada de crenças, de matizes, de hilaridades!...

Bate á porta o progresso. O mikado apressa-se em vestir a farda de generalissimo, para se tornar visivel a quem quizer comprimental-o. Lá vôam, espavoridos, pelo horizonte fóra, os principes, as princezas, os daimios, os samorais, a arte, as algemas, os festins, as crenças...

Todo o antigo Dai-Nippon resume-se hoje n'um unico monumento, vive n'uma unica alma. É um velhinho venerando, meditativo, triste, que é o ultimo shogun, o shogun deposto pelo actual imperador. Habita em Yezo; ali constituiu o seu lar de exilio, voluntario, onde permanece ha quasi trinta invernos. Uma ou duas vezes veiu até Tokio, o seu Yedo de outr'ora, cedendo ao desejo do senhor supremo, que o respeita, e que o chamava; mas apressou-se em recolher ao tugurio distante, com o coração naturalmente a sangrar-lhe saudades, e com os olhos confusos do scenario.

Como eu desejaria ser admittido um dia á presença d'aquelle triste velhinho! Como eu desejaria seguir com os olhos as suas finas mãos tremulas, em grandes gestos solemnes, fatidicos, de apostolo banido! E escutar então, aquecidas pelos seus labios de crente, as estra-

nhas narrativas do passado; e viver pela imaginação, um instante ao menos, no seio d'essa côrte cerimoniosa e scintillante, no seio d'esses exercitos ardendo em brios, no seio d'esse povo a sorrir, bemdizendo dos senhores que o agrilhoavam, como do sol que o aquecia...

Ultima pagina do album de Osaki:

«*Dezembro (fim do anno).* Como o Japão tem por uso celebrar o anno novo com pães de arroz, todas as casas se entregam á labuta do fabrico, no fim do anno. Ha pessoas, cuja profissão é fazer pães de arroz; são os *thimmothi,* que se ajustam para tal serviço. Vão por toda a parte, acompanhados dos utensilios necessarios para os *mothis;* eil-os acudindo ao chamamento, entregando-se logo á tarefa em frente da casa do freguez, mediante qualquer remuneração.

«Os *sékizoro* são certos mendigos, usando largos chapéus de palha; cantarolando canções de boas-festas, acompanhando-se do *samicen,* do *yothudaké* e de outros instrumentos, e pedindo esmola pelas casas. Não faltam tambem as *torioi.*

«O que mais se costuma então offerecer de parte a parte, são principalmente salmões salgados, ou *mothis* conhecidos pelo nome de *shouwari.*

«Durante o mez, os negociantes enviam serviçaes, *kakétori,* aos seus freguezes, a fim de cobrarem o dinheiro ainda em divida.»

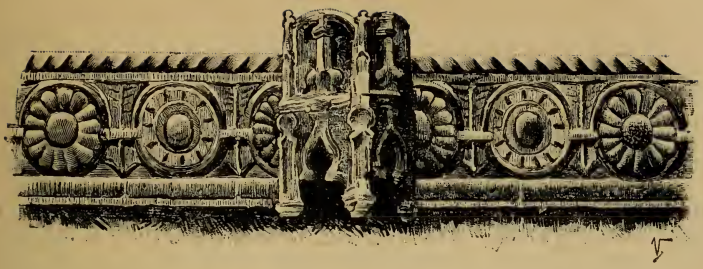
IV

SEI-KWATSU

(A VIDA)

ULTIMAS IMPRESSÕES

生活



IV

A VIDA

ULTIMAS IMPRESSÕES

ARTO de divagar em conjecturas, quando a kermesse das ruas me convida a ceder aos seus enlevos as poucas horas que me restam a viver d'esta existencia vagabunda, em que excepcionalmente me encontro, ía já seguir pelas viellas o *kimono* adejante de O-Hana-San, a senhora Flor; não sei, porém, que risinhos mordentes de *musumés,* não sei que olhares patuscos de sujeitos me chamam o espirito a uma noção de longa data recebida, que convem definir de passagem n'estas paginas: — o europeu não é bem visto no Japão. — É um sentimento de aversão, illudido de ordinario n'um ceri-

monial de reverencias e de cortezias, mas attingindo muitas vezes as proporções do asco, do odio. Sem grande difficuldade se explica.

Admitta-se antes de tudo—o odio de raça,—esta verdade indiscutivel, esta mysteriosa lei repulsiva, que a cada momento se confirma, no seio dos povos; e a ella véem juntar-se outras circumstancias secundarias, acasos do destino, pesando intensivamente, pelo conjuncto, no prato da balança. Os primeiros hospedes vindos de longe, a quem os principes tiveram de dar poisada, de offerecer o seu arroz, fomos nós, portuguezes; e consta, por confissão dos proprios aventureiros, que jámais venerandos patriarchas se mostraram tão cortezes e generosos com estranhos. Succedem-lhes os missionarios, prégando novas leis, arrebatando as almas para o seu gremio, perigosos na sua doçura de catechistas. Mas quando pela mente dos chefes perpassa o vago presagio d'uma inteira derrocada politica, vem então a epocha das tremendas perseguições, da tortura, da expulsão final.

Uma segunda vez, seculos passados, os estrangeiros abordam o mesmo paiz de mysterio; mas já não trazem na bôca o mel da palavra de Christo; fallam com arrogancia, exigem, ameaçam. Entram, violam os sagrados codigos dos deuses; sabemos como a lucta foi porfiosa, sangrenta, mas ingloria para o povo de Amaterasu, que teve de ceder á força, á fatalidade da evolução. É então o bando sempre crescente de intrusos, irreverenciosos pela velha etiqueta, impondo o transformismo em tudo, arrastando o paiz ao extremo d'um completo cataclysmo politico. Como individuo, quando não é um ministro exigente ou um almirante atrevido, é um cubiçoso investigador da arte, recolhendo em proveito seu ou dos museus da Europa o que de melhor encontra ao seu alcance; ou é um bohemio sem escrupulos, transformando as *musumés* em concubinas, abandonando-as depois á miseria e ao escarneo, com os filhinhos espurios sobre os braços; ou é um negociante ainda

menos escrupuloso, impingindo o artigo avariado, permutando o refugo pelo bello oiro nacional, cujo valor despotico nem os japonezes conheciam a principio. Não é preciso mais para justificar a aversão, consciente ou vagamente sentida, dos donos da casa pelos seus hospedes; e o destino é tão ironico, que, n'aquellas frontes pallidas e brancas, n'aquelles longos bigodes e n'aquellas longas barbas dos intrusos, recorda ao japonez uma outra tribu, a tribu pallida e cabelluda dos ainos, raça inferior e humilde, provavelmente autochtona, que os deuses varreram do solo a pontapés.

No entretanto houve uma epocha, que durou poucos annos apenas, durante a qual a admiração incondicional pelo europeu, por tudo que d'elle emanava, quasi podia chamar-se sympathia. Foi quando a familia japoneza, dominada por um estimulo do proprio caracter, que caracola em volubilidades, em ancia de estranhezas, estimulo que parece reger os seus fadarios, se lançou nos braços do modernismo, doidamente, sorvendo as palavras dos milagrosos apostolos, aprendendo d'elles a industria nova, a sciencia ignorada.

Foi então que se nacionalisaram todos os inventos de alem-mar: chapéu de côco, camisa e fraque, botas, machinas, linhas ferreas, codigos administrativos, cerveja, manteiga, vinho do Porto, a completa lista alfandegaria, moral e material, da nossa existencia de europeus. E foi então que, despejando ás mãos cheias os erarios, o Japão esteve quasi a afogar-se n'um fim de existencia de morgado prodigo, coagido a ir mendigar de porta em porta, ao som dos applausos dos da usura. Salvou-se a tempo, o finorio, desenvolvendo dotes prudenciaes, que não se lhe adivinhavam dentro dos miolos; pagou as suas dividas, entrou na administração serena dos haveres, prosegue com cautela.

Hoje o Dai-Nippon, já pouco tendo que aprender de fóra, julgando-se mesmo petulantemente mais sabio do que os seus mestres do acaso, ergue a cabeça, re-

verte ao primitivo sentimento de aversão; sentiu mesmo que caminhava mais depressa do que devia, e nota-se-lhe como que um certo reviramento platonico aos tempos passados, que não voltam mais, reviramento não de todo inutil, porque lhe eternisa a feição sentimental. Tendo de proseguir, acceita as leis da epocha, de utilitarismo, de mercancia honesta ou deshonesta, de ardis, de descrenças tambem; mas como uma creança, desculpa-se provavelmente com os gaiatos, que o procuraram e lhe ensinaram travessuras. O enxame de curiosos vindos de toda a parte, a tribu alvar dos *touristes,* de ordinario grosseira e ignorante, fazem-n'o rir. Os azedumes dos residentes, fartos ou invejosos do paiz, e principalmente a politica ambiciosa das côrtes, o apparato arrogante das esquadras, e de hontem o *ultimatum* despotico da Russia, fazem-n'o odiar.

Podeis vir, no entretanto, meus senhores. A *musumé,* o japonez, reservarão sempre para as vossas pessoas a sua melhor reverencia, o seu melhor sorriso. Mas não vos illudaes: é a cortezia do officio, é a caricia felina; lá no íntimo fermentam rancores, que se traduzem no charão falso que impingem, ou no preço decuplo exigido pelos cantares da *guesha;* infelizmente, não podemos atirar a primeira pedra áquelles telhados de vidro do paiz do sol.

Agora, sim. Agora terminou a minha pobre crítica, de olhos que mal vêem, de espirito que mal sente, e que imperfeitamente póde ajuizar da scena e da vida dos comediantes, n'um meio tão estranho e dissemilhante como este. Vamos para a rua. Muito a proposito cruzamo-nos com uma mamã, uma deliciosa mamã palpitando de amores de gata travessa pelo filho, que leva agarrado ás costas, a sorrir. Estudemos a mãe, o que equivale a estudar a dona da casa, a companheira do

japonez no seu lar; e isso nos leva incidentemente ao exame carinhoso do bébé correlativo.

A *musumé* entrou em casa, deu-se ao esposo. O cerimonial nada teve que ver com o templo, foi simples como umas nupcias de pardaes, commemorado apenas por uma velha usança de troca de taças de *saké;* este noivado nada religioso, nada solemne, e conseguintemente facilmente olvidavel, explica a frequencia dos divorcios, no Japão. A *musumé* deu-se ao esposo, ao seu *dana,* ao seu dono; e rapou á navalha as sobrancelhas, e tingiu de preto os dentes, se segue os antigos ritos, no intuito de tornar-se feia, de renunciar dos seus encantos!

Começa-lhe então uma vida de abnegações, que ella supporta a sorrir, na sua inconsciencia de escrava feliz. O lar é seu e só seu, e, se ha travessuras do companheiro, passam-se fóra dos seus olhos; a direcção dos misteres íntimos pertence-lhe, vigia o negocio, as creadinhas tributam-lhe respeito; mas deixou de ter vontade, ou antes, vive pela vontade dos outros, do marido e dos filhitos. Vejam-n'a na rua: é elle que vae na frente, elle que dirige os passos a seu gosto; ella segue-o, resumindo os seus anhelos em seguil-o, n'uma docilidade de animal domestico, passiva; se ha um volume a transportar, cousa de merca trazida dos bazares, é ella que o segura nas mãos, contente por ser util, sentindo-se bem com o incommodo não partilhado, que permitte ao marido a inteira liberdade e a elegancia dos requebros. Não tem ralhos, nem queixas, nem exigencias; no seu papear piegas, nos seus risinhos sem causa, adivinha-se o que quer que seja d'uma alma infantil, toda chimeras, amorosa da protecção, gosando em saber-se pequenina ao lado da vontade que a dirige.

Como mãe, o sentimento da maternidade absorve-a inteira; não se comprehende maior dedicação, maiores disvelos; é um instincto de ave, de rola passando os dias immovel, dando calor á prole. O bébé é rei n'este paiz. Occupando-se metade do povo na industria das quin-

quilherias, dos bonecos, dos bolos, do completo thesouro das creanças, e a outra metade, pelo menos, na tarefa de fazel-as, parece indiscutivel que a grande preoccupação japoneza seja o bébé; o ar despotico do pequenino pimpão, todo em galas de sedas e de enfeites, mesmo entre a gente pobre, falla por si.

Nunca vi uma mamã bater no filho, ralhar com elle; os dedos finos só se estendem em afagos; e as bôcas, junto das boquinhas, deliciam-se no beijo indigena, sorvendo os halitos; é elle que ralha, que exige, que ordena, e que é obedecido. Os peitos brancos, ligeiramente pendentes, de cabra creadeira, offerecem-se solícitos, não sei por quantos annos; por fim, o leite deixa de ser um alimento, é uma caricia, um doce habito, um tributo humildoso, que o garoto vem reclamar em grandes berros, indo depois saciar-se em fructos, em pasteis. N'uma carruagem de caminho de ferro, onde melhor se apanha em flagrante o viver íntimo, não é ocioso observar como a mamã vae julgando seu o espaço: aqui senta-se ella, defronte o seu menino, sobre fôfas colchas e almofadas trazidas para o caso; segue-se o estendal dos embrulhos com bolos, com maçãs, com cavallos de pau, com cornetas de latão; e é um nunca acabar de passeios, ora dando o peito sem recatos, ora conchegando as roupinhas, ora inventando diversões; e que os vizinhos se arranjem como possam, uns de encontro aos outros, comquanto que sóbre campo para o rei, a quem todos devem obediencia, o rei que alem se vae rojando pelos bancos e molhando as fraldas...

D'uma vez, a mamã tinha cincoenta annos pelo certo, o bébé uns vinte e cinco; ella escolhêra um cantinho, encolhida, quasi eclipsada; o marmanjo estirára-se ao comprido, poisando-lhe a cabeça nos joelhos, e assim fez a viagem; ella, a santa velha, limpava-lhe o suor de quando em quando, abanava-o, sorria-lhe, offerecia-lhe chá e refrescos, á falta de maminhas; e bebia amorosamente os sobejos, n'uma visivel adoração do seu producto.

O mysterio affectivo da maternidade, por si só, seria bastante para trazer á japoneza toda a nossa sympathia de forasteiros. Se a solicitude é frouxa, sem qualidades dirigentes no avançar dos annos, podendo então por vezes confundir-se com o abandono, ainda obedece á condição do seu destino, n'esta sociedade estranha, tão identificada com a natureza; ainda não deixou de ser a aza protectora da rola, de que a prole se emancipa, quando sabe andar e voar, voar pelo horizonte azul das suas chimeras.

Percorrendo o famoso campo dos templos de Nikko, depara-se com uma reliquia buddhista, um velho sino, onde existe esta inscripção em japonez—«Offerecido a Gon-guen, em Nikko, um sino de metal. Quem offereceu este sino, *Fuziwara no Masatsuna,* pede ao céu, que sua mãe e seus filhos, que toda a sua familia, não soffram de molestias, vivam por longos annos e gosem de toda a especie de prosperidades. 3.º anno de Kempo (1218), 3.º mez, 22.º dia. *Sayemon no Zio Fuziwara no Masatsuna.*»—

Não se encontra aqui, fielmente retratada, pela ausencia de menção, a condição da esposa? Falla-se da mãe, falla-se dos filhos; ella, a doce companheira, a alegria e a ordem do lar, entra no bando, no collectivo abstracto; teve filhos, foi mãe; cumpriu o seu destino; passa despercebida, como um sôpro de briza, sem nome, sem historia...

Entramos no capitulo dos sonhos. A *guesha!* Que encantamento n'esta simples denominação, para estranhos que a entreviram, mesmo para japonezes, a quem a chimera não fatiga.

A mulher japoneza define-se como o requinte pueril do feminino. A *guesha* é o requinte pueril da japoneza; o que equivale a dizer que, fallar d'ella, é viajar no ether. A *guesha* é a nuvem de sedas polychromas, de crépes olorosos, murmurantes, macios; a *guesha* é a encarnação dos sorrisos perennes, a curva viva das mesuras, das cortezias; é a mão branca e fina, que vem servir o vinho côr de ambar, capitoso, a mão que fere na guitarra hymnos dolentes; é a bôca de labios de oiro, que segredam não sei quê de suave, que ainda não é amor, ou que é mais do que amor, e que embalam em cantares, aprendidos de cór com o soluço das cascatas; é o delicioso perfil humano, que ondula em gestos, que ondula em danças demoradas, demoradas, no silencio dos extasis; a *guesha,* absolutamente indefinivel, é a radiosa estrella de prazer, sem sexo todavia, porque passa intangivel, sorrindo embora, embriagando embora, fugindo, desapparecendo, deixando de si apenas um rasto de saudade, de meteoro luminoso. Se um imperio inteiro não se aniquila sob a impressão extatica d'este enlevo, é porque tão vago é elle, que se subtilisa, esvaece-se, como a impressão ephemera d'um sonho.

D'onde vem a *guesha* então? Desce das nuvens, d'uma côrte adejante de fadas portentosas? Não tanto: é a rapariga recrutada entre as mais bellas do paiz, educada pacientemente no segredo da arte do espirito, da arte do gesto, ungida do culto de todas as graciosidades. Vive em colonias mysteriosas, em associações íntimas, sujeita a leis estranhas, de sacerdocio; habitando em arruamentos proprios, quasi lugubres, de casinhas uniformes, impenetraveis, com as suas lanternas de papel suspensas da entrada, rabiscadas de negras designações cabalisticas. Que se faz lá dentro? Eu sei lá!... Mergulham no banho curvas graceis, sorriem rostos aos espelhos, doiram-se labios, polvilham-se epidermes, pulem-se unhas rosadas, janta-se qualquer illusão de jantar—petalas de lyrios cozidas ou algas com assucar.—

Ama-se? Não se sabe bem, mas parece que não. A *guesha* vive em si, no enlevo de si mesma; perguntem ao amor se ama... É certo que uma ou outra tem voado do seu ninho a occupar o logar de esposa, na habitação burgueza; mas então quebrou-se o pacto, cessou o sacerdocio, é-se simplesmente mulher. As ruas de *gueshas* dormem durante o dia; sol e moscas, mais nada; parece que a luz mordente cegaria a terna morbidez d'aquelles olhos.

A noite traz-lhes vida; todas as lanternas se accendem, bruxoleantes; as portinhas deslisam; creadas assomam atravéz das cortinas de gaze azul, que o vento agita em ondas. E principia então a procissão phantasmagorica d'aquellas borboletas, noctivagas, de plumagem rutilante, de longas antennas de oiro espigando dos cabellos; d'ali sáe um *kimonosinho* a palpitar, engalanado em estupendos refolhos do *obi,* que se cinge á cintura; de alem sáe outro e outro, arrastando soccos de charão, deixando no ar um perfume, reluzindo sob o reverbero occasional dos lumes. Moços rudes, meios nus, negros e feios como faunos dos bosques, acompanham de perto os *kimonosinhos* preciosos, guardando-os, defendendo-os, transportando ao mesmo tempo a alfaia ritual,—vestes de cerimonia, a guitarra no seu sacco de setim, a caixa com os albuns de musica e as balladas.—

As borboletas!... Onde irão ellas, pela noite, as borboletas?...

Onde irão ellas? Onde vão? É facil a resposta. Um bando de rapazes, ou um só, conforme o temperamento, entrou na *chaya,* ou entrou no barco, e consultou o caderno de nomes adoraveis, onde se indica os que ainda estão desoccupados; appeteceu dois ou tres, ou quatro, ou um regimento; e aguarda as *gueshas,* sobre a esteira, onde vão servir-lhe, em charões rubros, um banquete de cousas fabulosas.

Imaginemos a *chaya,* a casa de chá, que é o restaurante indigena, offerecendo-se ao publico sobre algum recanto pittoresco, servida por um batalhão de creadinhas. Imaginemos o recinto da pequenina cella, que uma lampada alumia, limitado pelas paredes de papel, pelo tecto de estreitas taboinhas aplainadas, pelo *tatamy* fôfo do sobrado; nu de tudo, ir-se-ía já dizer insipido; mas aberto por uma das faces ao inteiro mysterio da noite, que o inunda de arrepios de brisa, de perfumes de floresta, que lhe traz todos os ruidos anonymos de longe, todos os contornos indecisos, todas as scintillações fortuitas, da vida exterior.

E entram então as *gueshas,* n'um bando de sedas e em pésinhos nus, que não fazem ruido (nem se percebem fadas que usassem botas de pellica), sorrindo, saudando, palpitantes de pretenciosas humildades, levando as frontes ao chão em reverencias. Submissas, apparentando quererem ser nada, passam a ser tudo, mais do que mulheres, o principio unico da vida, de toda a magia das horas que vão correr, longe da terra, longe mesmo do Japão, no mundo abstracto das impressões ineffaveis. Tocam, cantam, dançam; dedos voejam, servindo os fructos, servindo o chá, servindo o *saké,* ou levando aos proprios labios a porcellana minuscula, que vem apoz, humida d'elles, offerecer-se aos labios do companheiro. Ha pausas rythmicas, longas suspensões dolentes de officiantes, pois tudo isto lembra um grande cerimonial pagão, ou cousa de cortejo passado alem na côrte olympica, onde ellas fossem as mysticas vestaes.

E assim passam horas apoz horas n'um quasi espasmo hypnotico; até que, chegado o momento da fadiga, que em tudo se insinua, as *gueshas* entrouxam os seus atavios, embrulham as suas guitarras, desapparecem como sombras, recolhem aos tugurios, para continuarem no seu incessante fadario, de ir batendo de porta em porta, espargindo os encantos do sexo em subtilidades de perfumes e graças intangiveis; encantos,

que a dona da *chaya* incluiu a mais na conta, como é bem de ver.

Os instrumentos indigenas, onde poisa a alvura das mãos das *gueshas,* são o *samicen,* o *kotto,* o *biwa,* outros ainda, lembrando a guitarra, o bandolim, a harpa; instrumentos de corda, adaptando-se assim obedientemente á intenção, ao vago, ao incompleto da trova, dos cantares. As cordas gemem em tremolos, soltam exclamações subitas, acompanhando a voz em melancholias arrastadas; é a musica da vida, o ramalhar das arvores, o sussurro das aguas, o cicio dos insectos e dos passaros, o grito insolito do corvo, cortando o espaço; por suggestão, adivinha-se n'ella o eterno enlevo dos sexos, a curva doidejante das borboletas brancas perseguindo-se sem se alcançarem, todos os dramas da sympathia e do desejo, da alma e dos sentidos, que constituem a lei da existencia universal.

A dança japoneza é ainda isto, a suggestão pela mimica. Quem a imaginar turbulenta e banal, como nos outros povos, engana-se. A *guesha* ergue-se da esteira, no esplendor das suas sedas tufadas; os pés nus mal se movem, o vulto não se desloca, como uma idéa persistente de sonho; é o busto que ondula, que se inflecte; e os braços ora se curvam como amplexos do destino, ora se furtam como illusões perdidas; e os dedos, segurando uma varinha ou um leque, voluteam em doidas futilidades como um enxame de chimeras; e nos labios, e nos olhos, passa um sorriso, uma ironia, um anhelo, uma angustia...

Todas as cidades têem as suas *gueshas* predilectas. Em Tokio, em Osaka, em Kioto, enxameam. Os seus

nomes, pueris como ellas, são conhecidos de toda a gente, pronunciados com respeitos de culto.

Aqui revejo eu agora um album d'estes idolos, as *gueshas* celebres de Tokio, habitando o famoso bairro de Shimbashi. Poderá colher-se, por passatempo, d'estes enigmas vivos, uma só noção, uma só idéa? *Momotaro,* lembrando no seu olhar sereno aguas em calma. *Kotoyo,* a morbidez suggestionadora. *Tamagiku,* de quem appeteceria ser-se o annel inseparavel, a perola que dorme no seu dedo. *Kotsuro,* a chimera branca, branca como a seda do seu *kimono. Azuma,* um sorriso de luz brincando atravéz d'um crystal. *Korei,* a doce ironia da vida. *Osuzo,* uma saudade. *Sanko,* a flor banal. *Momoko,* a benevolencia fria. *Tonko,* um olhar negro. *Eriko,* um fructo. *Tsumako,* um presentimento...

Pelas longas calmas, em noites tranquillas de julho e agosto, em Tokio, em Osaka principalmente, onde a rêde dos canaes cruza incessante pelos bairros populosos, a *guesha* de ordinario não se encaminha para a *chaya;* segue alem, attrahida pela frescura das aguas; desce as escadas limosas dos caes, entra na gondola que a espera, e por ahi vae ella a confundir-se no enxame dos barcos, a encorporar-se na esquadra de amor, que voga sem designio n'aquelle mar de rosas, ao acaso das brisas fugazes e da corrente preguiçosa.

O doce segredo da noite attenua as estranhezas do quadro, que a luz d'um sol impossivel, que então raiasse de improviso, patentearia em furias estupendas. Para o desprevenido que passa, atravessando pelas pontes, a scena dos mil pharoes, das mil lanternas de todas as fórmas, a derivarem lá em baixo, e dos lumes dos balões suspensos da casaria que margina, poderá talvez suggerir a idéa d'um inaudito *sabbat* de seres felinos, cujos

olhos se pozessem a luzir immensamente e a furar as trevas. De quando em quando estraleja um foguete, um lume sobe ás alturas, desfazendo-se em chuvas de oiro, em caudas de cometas, multiplicando-se em estrellas de cem côres, em ziguezagues colubrinos. O ruido confuso, incessante, que vibra no ar, é feito do bater melancholico dos remos, do chapinhar da gente que se banha, do pregão dos vendilhões marinhos, dos risinhos íntimos, das palpitações das guitarras, das barcarolas soluçadas.

Mas, para roubar ao mysterio uma revelação, é preciso ser-se da esquadra tambem, embora marinheiro sem matricula, espectador passivo. Então, roçando pelos barcos, entrando na esphera luminosa d'uma lanterna do acaso, branca, ou vermelha, ou esmeralda, os olhos mergulham maravilhados na magia do espectaculo. Nas camaras acharoadas das gondolas, parece que se despejaram a esmo cestos de flores; são montes de seda de todos os matizes, sedas vivas, que se quebram em meneios; d'onde surgem as cabecinhas-prodigios, alvas de leite, os esboços de olhos de azeviche e de labios de oiro, em diademas gigantes de cabellos negros; d'onde surgem as mãos esguias, premindo e ferindo as cordas, ou offerecendo as taças de *saké;* d'onde surgem os pés miudinhos, adormecidos aos pares, sobre a esteira ou sobre a colcha escarlate. E os homens, os bons japonezes, nos seus *kimonos* frescos, braços nus, peitos nus, estendem-se mollemente pelo espaço livre, que as mulheres attenciosamente lhes deixaram, um quasi ninho, forrado dos crépes dos *kimonos;* e fumam, e comem, e bebem, e escutam-n'as, n'um meio-dormir hypnotico, animados d'um vago sorriso, de quem sente a vida e gosa n'ella.

Vimos a mãe. Vimos a *guesha.* Devemos ver a mundana. Conviria não tentar a divagação, se a scena se

offerecesse lugubre, asquerosa, como ella se patentea pelo Occidente, nos seus bairros de vicio e de lama. Este Nippon, porém, sabe o segredo de doirar todos os aspectos da vida, de ungir d'um caracter de inconsciencia feliz todas as condições; assim pois, seguindo o bando de estrangeiros, que diariamente abordam a Yokohama, alongamos o passeio até Tokio, dirigimonos ao bairro galante de Yoshiwara, em eterna festa de todas as noites.

Entramos. O que isto possa suggerir, de impressões no espirito, fica para mais tarde. Durante a visita, os olhos só vivem, no pasmo da fascinação, de todos estes mil e mil lumes das casas, de todos estes largos arruamentos ajardinados por onde passeia a onda humana, de todas estas gaiolas de amor onde se expõem as bellas, em vestes de mil côres scintillantes. São assim ruas sem fim, é um bairro inteiro, é uma cidade quasi, de casaria uniforme, escancarando ao exame, atravéz de ligeiras grades, os salões dos seus pavimentos inferiores. Lá dentro é o triumpho das femeas, é a glorificação da belleza, em *kimonos* que deslumbram pela mais preciosa trama de oiro e matizes, em tufos enormes de cabellos negros onde poisam diademas reluzentes, em alvuras de mãos esguias e de longos ovaes estranhos, em sorrisos desabrochando, de labios doirados. A vista, n'um só relance, conta por centenas, por milhares, as mulheres. Alinham-se vinte, trinta, quarenta, em cada salão, na peculiar postura ajoelhada, sobre colchas encarnadas. Junto de cada uma está o brazeiro acceso, está o cachimbo de prata, está o tabaco loiro, está o espelhinho microscopico, mil frioleiras em que de quando em quando as mãos poisam, em requebros unicos.

Acontece que as sedas se agitam por vezes, e uma ou outra *musumé* se ergue; o vulto então é fascinante em extremo, parecendo não sei que enorme flor, uma enorme tulipa de petalas multicores; ondula, avança em palpitações de sedas, descobrindo a alvura dos pés ar-

rastando-se pelos estofos; e a *musumé* chega-se ás grades, e abraça-se com ellas n'um gesto gracioso de captiva, para sorrir ao predilecto que distingue entre a turba, para chamal-o d'um gesto breve, para segredar-lhe um mysterio íntimo; ou então, a uma intimação vinda de dentro, uma corrediça deslisa, a *musumé* desapparece. Junto de cada bando de bellas forma-se um grupo de curiosos, contemplando, commentando, discutindo; a vista do europeu provoca risadinhas, indisciplinas subitas no bando; fujâmos prudentemente; póde acontecer que mãos travessas avancem, retenham os casacos, e seria cruel reconquistar a liberdade molestando aquelles pobres dedos, que só offerecem carinhos, na sua escravidão.

Para ver esta scena, para sentil-a, convem ter a noção antecipada do que seja, e principalmente do que foi até ha pouco, o Yoshiwara; e julgal-o depois, quanto possivel, segundo a orientação sentimental d'este povo. Convençam-se de que o visitante no Japão tem de vestir o *kimono,* pelo menos moralmente. O grande erro, e consequentemente a grande injustiça, dos que se occupam de estranhos, afigura-se-me consistir principalmente n'esta norma de conducta, de medirem todas as civilisações pela propria; não se medem distancias a litros; assim tambem, quando se ultrapassa as fronteiras d'um paiz, urge conhecer as unidades psychicas legaes, as feições de caracter resultantes da educação mental da nova familia, para por ellas julgar das manifestações affectivas da vida.

Estamos no Japão. O Yoshiwara está longe de merecer o titulo d'um sordido gremio de deboche. Nós já podemos encarar o japonez pelo seu feitio contemplativo, com a alma nos olhos, amando como artista a fórma, a harmonia das cousas, o que de emocionante irradia

d'ellas e vem ferir os sentidos; e admittir, no assumpto que agora nos interessa, que da mulher elle preza mais que tudo o seu convivio, isso que d'ella emana inexplicavel, em enlevos ineffaveis e em effluvios magneticos, quando a sentimos proxima. É quasi esquecer-lhe o sexo, encorporando-a assim no rol das cousas bellas, com a borboleta de azas em esmaltes, com a flor exhalando aromas, com a alvorada em suaves cambiantes de luz,—um accessorio portentoso da paizagem.—

O Yoshiwara, o Yoshiwara deslumbrante dos tempos do shogun, comprehende-se agora melhor. As *musumés* véem tenras, de todas as provincias do imperio, escolhidas de entre as mais formosas; são educadas nos segredos da graça, na musica, na poesia, nos jogos, fallando uma linguagem propria, mystica, de poesia e galanteios; regem-se por um cerimonial complicadissimo e caricioso em todas as suas acções; vivem em contactos de setins, entre perfumes, como que n'uma religião de si proprias, n'uma cultura artistica, incessante, dos proprios encantos; figuram como adornos nas grandes festas nacionaes, ao lado dos festões de flores. Adivinhaes: n'este meio requintado, n'este ambiente artificial de estufa humana, ha surprezas paradoxaes de seiva, e a gracilidade physica, e a mimica, e a palavra, medram em prodigios de exotismo nunca sonhados.

Que admira agora que o Yoshiwara occupe a existencia inteira d'um grande artista, Outamaro, e inspire todas as maravilhas do seu pincel? Que admira que pintores, poetas, principes, brilhantes samorais, toda a flor da juventude nipponica, venham repousar por longos dias sobre estas esteiras, aninhando-se junto das *musumés* em doces camaradagens, sorrindo-lhes, amando-as porventura nos seus encantos; e que este Yoshiwara seja por assim dizer um sol da arte e da galhardia, onde se inspirem artistas e guerreiros? E que admira que sobre estas cabecinhas de idolos ephemeros não paire o opprobrio, o desprezo d'um povo; e que o termo

rude, ignominioso, das nossas civilisações, classificando o amor miseravel e as mulheres que o mercadejam, não possa ter sobre este solo um rigoroso parallelo?

Os tempos mudam, é certo. O Yoshiwara sentiu fugir-lhe o encanto, quando o terremoto social de 1868 abalou todo o imperio, arrastando para a torrente do esquecimento todas as velharias, todos os traços tradicionaes, nacionalisando avidamente as fórmas constituitivas dos povos do Occidente. O Yoshiwara tem de ser hoje lupanar, por mais que custe dizel-o. Esta fatalidade já paira sensivelmente sobre elle; não sei que rajada fria e ironica do destino fustiga já os rostos brancos das *musumés,* embora ainda alinhadas no antigo cerimonial, em exposição de graças; não sei que melancholia de condição infima perpassa pelo doce olhar d'ellas, relanceando a multidão, que já não é de principes nem de samorais, e onde baldadamente se procuraria o *kimono* triumphante do joven Outamaro; a multidão é de burguezes lorpas, de creanças libertinas, de mendigos sordidos, de ladrões impunes, de marujos bebedos, a que vem juntar-se o perfil impertinente de algum inglez recem-chegado, rosto côr de tomate, barbichas de estopa, monoculo investigador, modos de anjo de virtude em *cheviotte* lançando a excommunhão ás massas.

No entretanto, abraçado á tradição como o naufrago á tábua que fluctua, o Yoshiwara deixa-se a custo arrastar té á ignominia chata; pelo esplendor do seu scenario ainda palpita intensivamente do que foi, o prodigioso cenaculo de todo o Nippon artistico e gentil; pelo seu ritual de elegancia e de cortezia ainda as bellas logram sacudir de si esse estigma revoltante de mulher de toda a gente, offerecendo-se frescas e sorridentes, primorosas nas linhas, ao exame dos que passam, como

deusas chimericas onde o olhar poisa com agrado. Se o Yoshiwara de outros tempos representa um papel salientissimo no antigo Japão, como foco intenso da arte, como gremio da nobreza dirigente, como espelho dos costumes, ainda agora encerra preciosas revelações para quem este paiz interesse. É assim que, ha seis annos apenas, eu vejo nas suas galerias de amor, por entre os matizes reluzentes dos *kimonos,* algumas *musumés* em trajo de dama europêa, horrivelmente ridiculas; hoje desappareceu o uso, correspondendo o facto ao louco applauso que se consagrava a tudo que vinha da Europa, a tudo que podesse recordal-a, applauso que hoje esfria, revertendo o sentimento popular ao amor da tradição.

Eu não quero, nem por sombras, fazer a apologia do Yoshiwara. Eu não quero laval-o das suas tintas de vicio. No Japão desabrocha a flor do mal, como em toda a parte; ainda ninguem descobriu na terra a republica dos anjos. Esta flor é cosmopolita; ou pelo menos, transportado o pollen nos alforges das abelhas, de polo a polo, encontra sempre um pistillo complacente que o receba, onde se gere a semente, a que não faltará, depois, solo uberrimo para prosperar e multiplicar-se. O que resalta da vida galante n'este paiz, é o geral instincto artistico, que doira os aspectos mais rudes, e ainda uma irresponsabilidade infantil, uma inconsciencia amorosa, attenuando o travor de todos os fermentos.

E convem esclarecer aqui um assumpto. Tem-se dicto em todas as linguas que o japonez é libertino. É devaneador, é voluvel, não dissimula; accusa o seu caracter do povo primitivo; não é mais libertino do que o resto dos homens. Por mim julgo-o menos até, comprehendendo-o com a alma nos olhos, como tenho querido apresental-o, vivendo principalmente pela contemplação,

mesmo em amor; e vem robustecer-me esta crença a feição de progredimento, tão notavel na familia japoneza, em todas as actividades humanas, incompativel com um povo que se fosse afogando na torpeza das paixões baixas. O Yoshiwara, que serve de typo a todos os logares de prazer, attrahe as vistas pelo seu esplendor, e por isso tanto impressiona o espirito, emquanto que os antros lugubres das civilisações longinquas escapam milagrosamente ao exame. No Yoshiwara agrupam-se por milhares as mulheres, é certo; mas para alem das suas fronteiras é a vida honesta e simples, a mulher votada á familia e aos labores. A dissolução envenenando o lar, os dramas galantes acobertando-se no mysterio ou salvando-se na indifferença, isso que nos grandes centros alastra como uma tremenda epidemia da alma, não é ainda conhecido no Japão. O japonez respeita a familia, respeita a mulher. Estudem-n'o attentamente: jamais dirigirá um galanteio á *musumé* com quem se encontra; nem a seguirá pelos caminhos, em caça d'um favor; a rapariga, gentil embora, tem o paiz por seu, atravessa-o sósinha pelas cidades e pelos campos, certa de encontrar em cada homem um protector desinteressado. Na vida pelas *chayas,* no convivio incessante das creadinhas tentadoras, o hospede indigena é comedido, cortez, e mal se imagina como elle contrasta em geral com o europeu do acaso, atrevido e pretencioso. E seja-se sincero bastante para deixar aqui esta nota triste: os tugurios escusos, onde a licença mais pompeia, são exclusivamente de Kobe e de Yokohama, prosperando á custa das liberalidades d'uma clientela exclusivamente europêa.

Quando se considere particularmente a *musumé,* a *musumé* servindo o vicio, posto que ainda ninguem verberasse as borboletas por andarem a tontear umas com as outras pelos rosaes capitosos, o argumento, ainda que de certo valor n'este meio japonez, não é bastante convincente para vir a gente glorificar-lhe o mister. Pobre flor irresponsavel do mal, merece antes de tudo uma

protecção benevola, um desejo desinteressado de arrancal-a da feira humana, de trazel-a á esteira humilde do lar, onde ella deve ser a alma serena e casta. A inconsciencia barbara d'esta gente, sobretudo nas classes infimas, mais do que a perversão, faz muitas vezes da *musumé* uma cousa mercantil, que a familia, vegetando em pobreza, aluga a longo praso em seu proveito. É n'isto que o contrato japonez se distingue do contrato chinez. Por este ultimo, a familia vende a filha, passa-a a outro dono, despede-se d'ella para sempre. A *musumé,* pelo contrario, continua em relações amoraveis com os seus, escreve e recebe cartas, envia accrescimos pecuniarios distrahidos das proprias economias, levando assim o conforto á velhice dos paes e á infancia dos irmãos, quasi respeitada na sua condição de vagabunda; e um bello dia abala jubilosa para a sua aldeia, para o seu ninho, sem a alma polluida, porque viajou no vicio com a irreflexão d'uma andorinha errante; e encontra um marido que a acceite, um lar de abrigo, onde então enceta o seu destino de dedicações naturaes pelo legitimo senhor, pelos filhos, que não tardam em vir abençoar o consorcio. A vida de Yoshiwara e das instituições similhantes, a turba das creadinhas que urge recrutar para os logares de prazer, tudo isto anima e eternisa o triste commercio da *musumé;* e ainda a dissolução estranha, das gentes cultas, reclamando para consumo proprio, de mistura com o exotismo dos charões e das porcellanas, as desgraçadas sem vontade, de entre todas as mais desgraçadas, que abandonam o seu Nippon, e vão povoar os covis de Hongkong, de Shanghae, de Saigon, de todo o Oriente escancarado á chusma, sorrindo gentilmente ao capricho, acceso em alcool, da maruja das esquadras e dos caixeiros das feitorias. O governo indigena faz quanto póde para reprimir o mal; mas o problema é d'aquelles que se apresentam irresoluveis, no Japão como em toda a parte. Parece até que, por um estranho paradoxo, tanto mais se radica esta lepra social,

quanto mais os povos emergem da existencia primitiva e rude, bafejados por mil ambições e esfriando em crenças, e erguendo cada vez mais altas e invenciveis barreiras entre a miseria dos que têem fome e a abastança feliz dos previlegiados. Com respeito á exportação, está prohibida; mas inventam-se ardís, de sobrinhas que vão reunir-se ás tias, de netas que vão assistir ás avós; e o trafego desce até ao contrabando, encaixotando-se *musumés* como porcellanas, com o previdente aviso de —*fragile*—escripto nas seis faces do volume; e ainda ha pouco conseguiram esconder nos tanques da aguada d'um paquete umas pobres emigrantes, que morreram afogadas, quando n'um porto de escala se jorrou para baixo a agua potavel, de que a bordo havia carencia.

O povo japonez é libertino, dissoluto? Mas, meus senhores que fallaes ou que escreveis, o lar honesto, no Japão, é-vos systematicamente vedado; o vosso juizo de criticos colheu irreflectidamente bases, que passam por muito ponderantes, pelas unicas *musumés* de que podeis approximar-vos, e em geral pelos unicos japonezes com quem vos foi dado conversar, gentalha de commercio ínfimo e parasitas dos hoteis para europeus; e serviu-vos particularmente de campo de exploração esta Yokohama cosmopolita, feita para o trafego mercantil de todos os generos, e onde a arte que se vende nos bazares e a turba que se acotovela nos caminhos, são as mais desnaturadas do Japão inteiro.

Ó-Hana-San, a senhora Flor, para offerecer-me o ultimo relance da vida sem cuidados das cidades, leva-me

a todas as barracas de diversões populares, engalanadas em côres cantantes de mil bandeiras, e enfileirando por certos bairros, onde a multidão se demora em pasmos insaciaveis. Aqui pesca-se n'uma grande piscina, e fazem-se apostas sobre o exito do anzol d'aquelle que se acerca. Acolá joga-se a frecha, fixando attentamente o alvo; é um passatempo muito em voga, um resto de feição atavica, vinda dos bellos tempos heroicos. Alem uns pequeninos saltimbancos multiplicam-se em prodigios de equilibrio sobre enormes espheras rolantes. Mais longe é um bando de raparigas, vestindo calções e estreitos corpetes, entregando-se a exageros de forças, supportando sem fadiga apparente os grandes fardos que lhes atiram; findo o espectaculo, que mais poderia attribuir-se a rijezas de musculos de outro sexo, as raparigas affirmam indiscutivelmente o seu, desatacando os corpetes e offerecendo ao olhar da populaça os pares de seios tumidos, saltantes. É ainda a scena dos luctadores, uma recordação viva da idade barbara. É finalmente o theatro, que merece particular exame dos que o vêem.

Não se imagina scena mais fresca, mais risonha, do que esta d'um vasto salão de theatro, invadido por uma turba de *kimonos,* por mil e mil cabecinhas pompejantes; e onde as ventarolas, agitando-se todas a um tempo, dão a illusão d'um bando immenso de pombas brancas, em palpitações de azas abertas, pairando sobre o povo. As *musumés,* as creanças, os rapazes, véem chegando á formiga, deixando á entrada um monte de sandalias e de sóccos; e no xadrez do chão esteirado, feito por longas ripas em cruz, cada qual occupa o seu rectangulo, acocorando-se. As *musumés* descalçam as meias como nós descalçariamos as luvas, agacham-se, fazem-se pequeninas e redondinhas como novellos de seda que tivessem mãos e cabeças; e fumam, munidas do brazeiro e do cachimbo; e chamam as creadas, os vendilhões, e mercadejam refrescos, doces, que dedinhos alvos ap-

prehendem, que bôcas em cereja saboream. De quando em quando, no fim de cada drama, risadas de bébés expluem, commentarios alegres, saudações; e a turba agita-se, gesticula, serpentêa, percorre em pés descalços as ripas do sobrado.

Uma orchestra invisivel faz ouvir os seus estranhos accordes, de pancada, de cordas gemebundas; e por vezes usa da palavra, para explicar passagens mais difficeis. Quanto ao espectaculo, varía em motivos guerreiros, colhidos na lenda, e em humorismos da epocha. Ha um palco, que é uma plataforma movel, que vae girando em torno do seu eixo, conforme as exigencias das mutações, supprimindo os intervallos de scena para scena. O drama ou a farça desenvolve-se; os actores exhibem-se, sempre os actores, porque as mulheres são excluidas do mister; os actores exhibem-se, ou em rutilantes vestes de principes ou em cruas nudezas de operarios, acontecendo atravessarem todo o recinto destinado ao publico, usando então d'um passadiço que lhes é privativo; ora provocando risos estridentes, que não se reprimem, ora prantos mudos, os unicos prantos das *musumés,* em que ellas imbebem os seus lencinhos de finos crépes perfumados; o ponto, todo vestido de preto, como que para não ser visto, corre d'um sujeito a outro, infatigavel, segreda-lhe pelas costas o seu papel.

O theatro japonez cultiva um naturalismo estranho, minucioso nos ínfimos detalhes, por vezes d'uma perfeição inconcebivel. Não é o enredo, o mysterio sentimental do drama, que procura interessar o espectador; é o jogo physico, mechanico, que suggestiona a vista, e assim encaminha por inducção o espirito a um grau de sentimentalidade individual e vaga, que borboletea certamente em cada um em mil divagações, de que cada um se constitue o exclusivo auctor; um surdo poderá comprehender o drama, um cego nunca. Acontece passar-se meia hora a seguir-se attentamente a physionomia d'um comediante, silencioso embora, mas apresentando

successivamente todas as rugas da fronte, todos os relampejos do olhar, todas as contracções musculares, que uma paixão vehemente, fermentando na alma, estampa no espelho do rosto. Se é um campo, zunem as cigarras no arvoredo e os grillos nos covis, e perpassam dos vagalumes as chammasinhas azuladas. Se se desencadeia a tempestade, fuzilam raios, ronca o trovão, cáe chuva sobre o palco. Se o lance o exige, os personagens rasgam as vestes, mostram-se nus ao publico. Se o incendio devora o povoado, verdadeiras labaredas lambem os bastidores. Eu não lhes vou contar todas as minhas reminiscencias do theatro japonez. A ultima scena a que assisti, apresentava não sei que sinistro vingador, logrando penetrar n'um lar, extinguir a luz, ferir ás cegas, sabre em punho, uma familia inteira. Não se soltava uma palavra só. O jogo dos musculos dos vultos tremendo de pavor, cosendo-se com as paredes, furtando-se ardilosamente aos golpes; a surpreza dolorosa, os primeiros esgares dos corpos feridos, o sangue que ensopava as vestes, e depois as cambalhotas pelo chão, variando em mimica macabra, segundo a ordem das lesões; finalmente o derradeiro arquejar e os inteiriçamentos dos agonisantes, a que se succedia em breve a calma hirta dos cadaveres; tudo aquillo era humano, soberbo, magistral; era a inteira comedia, a inteira epopéa da dor da carne; era um portentoso capitulo de cirurgia legal, que a gente ía lendo em surprezas afflictivas do pensamento interessado.

Ó-Hana-San, a senhora Flor, commigo percorrendo as ruas da formosa Osaka, aponta-me para os estranhos nichos, envidraçados, que de quando em quando sobresaem dos telhados da casaria. Em cada nicho permanece eternamente um pobre diabo, de oculo em punho,

espreitando o horizonte aos quatro ventos; eternamente não, faz o seu quarto de serviço, como no mar o marujo de vigia, e é substituido em seguida por outro camarada. São os postos de vigilia contra o incendio, a grande praga, a unica por certo, no Japão; comprehende-se como as casinhas de madeira e de papel ardam como estopa ao minimo descuido. Em Tokio, em Osaka, em todos os grandes centros onde a agglomeração orça pelo prodigio, é quasi quotidiano o incendio; frequentemente attinge proporções d'uma catastrophe, e bairros inteiros se consomem n'um momento, restando depois uma simples clareira em cinzas, onde tambem em breve novas casinhas vão erguer-se. Os curiosos vigias de que fallo, encarregam-se do primeiro signal de alarme; e um formigueiro de bombeiros, conhecidos pela sua habitual bravura, não tardam em correr ao seu mister, de mistura com a turba, dando ás ruas um indiscriptivel aspecto de tumulto.

Yedo, para fallarmos só da cidade mais populosa, commemora na sua historia alguns terriveis incendios. Um dos mais calamitosos, que pelo primeiro mez de 1657 reduziu a ruinas a brilhante capital do shogun, é conhecido pelo *incendio das mangas compridas*. Reza assim a lenda popular. Certa nobre donzella, que recolhia com seus paes d'uma festiva peregrinação a um campo de cerejeiras em flor, fixou casualmente o vulto esbelto d'um pagem de templo, e por elle ficou doidamente enamorada. Caprichos de mulher. É certo que a *musumé* caíu na mais dolorosa prostração; e foi então que certo dia, acarinhando-a no seu leito de angustia, a mãe lhe conchegou ao corpo um bello *kimono* de longas mangas pendentes, igual em córte ao que usava o pagem. Não valeram cuidados; finou-se a donzella, como uma flor que se mirra; e lá foi para o templo de Hommyoji, no pequenino esquife, coberta com o *kimono* de mangas compridas. Vendeu o padre o *kimono* a um adelo, e em seguida uma *musumé* o appeteceu e com elle se

enfeitou. Passam seis mezes, morre a *musumé,* e o padre a vê entrar, no pequenino esquife, coberta com o *kimono* de mangas compridas. Vende o padre o *kimono* uma segunda vez; e seis mezes depois elle lhe vem parar ás mãos, cobrindo o corpinho inanime d'uma terceira *musumé*. O caso era pasmoso, e com rasão de sobra sobresaltou o sacerdote, que imaginou dar cabo do fatal vestido. Eil-o ateando o brazeiro e lançando o *kimono* ao lume. As chammas então voam em labaredas pelo templo, n'um instante o devoram, passam á rua, alcançam as casas; e durante um dia e uma noite ninguem pôde dominar a raiva do incendio, que só estaca quando o rio Sumida, no extremo da cidade, lhe oppõe uma invencivel barreira. Alem da lenda, a tradição guarda da catastrophe a memoria das circumstancias extraordinarias que lhe fizeram cortejo. Havia tres longos mezes que não chovia do céu uma só gotta de agua; as culturas mirravam-se, as madeiras estalavam, as casas, de resequidas, desfaziam-se. No dia da grande desgraça uma violenta brisa do nordeste veiu dar força ao mal. Dominado o incendio, na manhã seguinte um outro rebentava, cerca ainda de Hommyoji, e pela noite um terceiro. O palacio do shogun foi destruido. Cerca de cem mil pessoas pereceram.

Ó-Hana-San, a senhora Flor, chamando-me a attenção para a variada collecção de livrinhos á venda nos bazares, livrinhos que eu apenas aprecio pela gentileza das capas coloridas e pelas vinhetas soltas pelas paginas, tem ensejo de fallar-me, ás gargalhadas, da sua litteratura.

N'este paiz a litteratura reveste-se d'uma feição curiosa, opposta á que estamos habituados a reconhecer-lhe. Nas civilisações occidentaes a litteratura, o livro

destinam-se á classe mais culta, ou áquella que se esforça em cultivar-se; o livro é o grande propagador da evolução, o grande vehiculo do progresso. No Japão a classe mais desenvolvida intellectualmente, nascida de hontem, não tem litteratura patria que corresponda ás exigencias do seu espirito; sabendo inglez, ou sabendo francez, ou sabendo allemão, ou recorrendo a traducções servis, é no livro europeu que ella se educa, pondo de parte a ignorancia ingenua dos auctores nacionaes. Quando muito, serve-lhe o jornal indigena; o jornal, que acompanha em lettras, da maneira mais pratica, a alma do evolucionismo, já no Japão attingiu todos os primores; a local, o annuncio, o reclamo, a chronica insidiosa, o proprio artigo de fundo, com a sua moral de convenção, com a sua politica aleivosa ou interesseira, são hoje escriptos, melhor direi pintados, porque é o pincel do jornalista que os rabisca, com maravilhoso approveitamento das lições da Europa. De sorte que fica, para a litteratura propriamente dicta, genuinamente indigena, o humilde papel de ir enlevando o espirito das classes ínfimas, do aldeão, do operario, da *musumé* principalmente. É uma litteratura plebea, escripta por plebeus e para plebeus; não sobe em arrojos, não tem sciencia; molda-se pela velha concepção das coisas, não progride, nem precisa de progredir. Assim o livro, o livrinho japonez, com as suas paginas de papel de seda escriptas d'um só lado, cosidas com dois pontos de retroz, rabiscadas de gravuras, não vem trazer comsigo ao lar o sopro do modernismo; constitue uma das raras prisões por que ainda a lenda, ainda a tradição, se abraçam ao paiz; não é um facho de luz, é um padrão de ruinas.

Estão adivinhando a alma d'esta litteratura. Avessa em seguir na onda evolutiva, é ainda a litteratura d'um povo primitivo, é ainda a litteratura dos velhos tempos; o livro de hoje é o livro de ha cem annos. A lenda, o mytho, a tradição heroica, são os motivos. Os animaes, os deuses, os guerreiros, são os heroes; as mesmas idéas

abstractas, o vicio, a virtude, a coragem, por exemplo, tomam corpo. O espirito não vagueia no drama das idéas, vagueia no drama dos seres; na personificação das cousas e dos sentimentos, como a fórma mais natural para a comprehensão dos simples, se resume todo o processo litterario. A litteratura, pois, molda-se naturalmente no apologo, na parabola, e ainda na epopéa. Os bichos lendarios, vestidos em *kimonos* e em sandalias, véem á scena; os deuses, os demonios, em vulto, em apothéoses de gloria, dignam-se proferir os seus discursos; os guerreiros cruzam as lanças vingadoras, e o sangue jorra dos rebeldes. É a litteratura ingenua e boa, por vezes sublime, que brota da infancia de todas as tribus, que creou os hymnos da India, que creou os evangelhos da Biblia. Aqui, no microcosmo japonez, não attingiu arrojos colossaes; é pueril, é risonha, é phantasista, como uma chrysanthema; moralisa, acarinhando; veste-se por vezes em galas de humorismos; filha d'um povo feliz, não irrompe em sarcasmos, nem em blasphemias, nem em desesperos, nem em anathemas. Ri.

A *musumé,* nos longos ocios, devora os seus livrinhos, deitada sobre a esteira, em flexuosidades de cobra, cotovelos no chão, face apoiada na concha das mãositas. Não ha *musumé* que não saiba ler, não ha ninguem que não saiba ler. No Japão ha tres maneiras de escrever: uma vinda da China, a escripta classica, os caracteres symbolicos correspondendo a cada idéa, trazidos nos primeiros livros que vieram do grande imperio, ahi pelo anno 200 da nossa era; outra alphabetica, de pura inspiração indigena, attribuida ao anno 809; e outra ainda, em chimericas garatujas de pincel, só usada pelas *musumés*. Hão-de concordar que o paiz é rico em escripta, e muito logico, distinguindo os sabios dos homens, e as *musumés* de toda a gente. Pois não se encontra um só *kimono* que não conheça algum d'estes processos. E não ha mão que não saiba empunhar o seu pincel, e embebel-o na tinta perfumada, pacientemente desfeita em

agua, e rabiscar no papel de seda essas curvas macabras, que aos nossos olhos de ignorantes até causam vertigens.

Ó-Hana-San, a senhora Flor, lê-me alguns dos seus livrinhos predilectos. Eu quero, antes de vos dizer adeus, meus amigos, offerecer-vos este ultimo exotismo japonez; vou espalhar ao acaso, pelas paginas que faltam, alguns dos contos, que ella, a travessa, me foi narrando, ás gargalhadas.

Começo pela *Escudella de charão,* se me permittem.

«Ha muito tempo vivia um velho casal dias de angustia, depois de melhores dias. A desgraça batêra-lhes á porta, de braço dado com a velhice, sem que elles as chamassem; e o punhado de arroz de cada dia com difficuldade se ganhava. Restava-lhes um thesouro, a filha unica, meiga e boa, trabalhadeira, e de belleza tal, que não havia em toda a aldeia moça mais bella certamente.

«Adoece o velho, morre. A labuta mais dura se apresenta. A velha segue para o mesmo fim, e já as forças de todo a abandonam. A sua grande magoa é deixar a filha em triste soledade, é ella ter um rosto tão bonito, porque, para os humildes, a belleza é menos um bem do que um abysmo.

«Sentindo que lhe chegava o ultimo momento, chama a filha para junto de si; com mil palavras de affecto e de conselho, supplica-lhe que seja sempre o que tem sido, pura e simples, bondosa e fiel á crença da virtude. Explica-lhe, como póde, que ser formosa é possuir um dom perigoso, que muitas vezes arrasta a honestidade ao lodo; e pede-lhe,—e uma mãe a pedir vae ordenando,—que esconda dos homens, quanto possa, o seu rosto cheio

de feitiços. Para que melhor consiga o seu programma, as mãos da velha collocam sobre a cabeça da filha uma escudella de charão, que occulta em sombras as graças e os sorrisos; e recommenda-lhe que nunca se descubra.

«Lá vae a velha para a cova, e cá fica a moça ao desamparo; mas, como não lhe escasseam coragem e amor pelo trabalho, eil-a correndo á lavra dos campos, eil-a offerecendo a um e a outro os serviços das suas mãos prestaveis, ganhando emfim a sua vida. Ninguem a via sem a escudella de charão, o extravagante adorno com que enfeitava os seus cabellos; o que lhe foi merecendo a estranha alcunha, com que afinal ficou sendo conhecida,—*a menina da escudella na cabeça.*—A gentalha mordaz ria-se d'ella; os rapazes troçavam-n'a e queriam espreitar por baixo da escudella, e queriam arrancar-lh'a, sem nunca o conseguirem todavia, que a escudella aos cabellos se agarrava não sei por que feitiço, como se estivera ligada fortemente.

«Ía sobrando paciencia e resignação á orphã para soffrer injurias de toda aquella malta; durante o dia não desviava os olhos da labuta; á tardinha seguia tranquilla e solitaria o trilho do seu lar. Ora uma bella occasião, quando andava na faina, na fazenda do mais rico lavrador d'aquellas terras, o proprio lavrador a surprehendeu, mãos activas, e ficou encantado do seu porte modesto e gentil ao mesmo tempo, e da sua diligencia no trabalho. Não tirou d'ella os olhos, durante todo aquelle dia; e tamanha sympathia lhe mereceu, que a reteve para a colheita inteira, e a levou para casa, quando chegou o inverno, para a companhia da esposa que jazia então enferma.

«Recomeçára para a moça um prospero conchego. Tinha um ninho, tinha quasi uma familia; o lavrador e a mulher, sem o consolo d'uma filha, mais como filha a tratavam do que como serviçal; e de certo nenhuma filha fôra ainda mais meiga e dedicada do que ella, no seu papel de enfermeira vigilante.

«Algum tempo depois chegou o filho mais velho do lavrador. Vinha em visita, partido de Kioto, a cidade do mikado, a cidade das folganças, a cidade onde se educára e onde vivia. Farto de prazeres, sentia-se agora feliz no lar quieto da infancia; e as semanas passavam-se, com surpreza dos amigos, sem elle dar signal de querer voltar á vida de aventuras de Kioto. A verdade era que, mal os olhos poisára na *menina da escudella,* por ella se prendêra, ardendo em curiosidade de saber a sua historia. Soube-a um dia, e enterneceu-se; e riu-se tambem d'aquella idéa extravagante da escudella. Por fim, já se não ria, descobrindo mais e mais novos encantos e bondades na menina; pôde tambem espreitar sorrateiramente aquelle rosto, vendo o bastante e adivinhando o resto, para se apaixonar como um perdido, e jurar que nenhuma seria sua esposa, senão a *menina da escudella.*

«Os parentes não consentem no consorcio. Ser habil e util serviçal, é uma cousa; ser esposa do filho, é outra cousa. Elles bem pensaram sempre que a moça era amimada de mais, e que um bello dia se voltaria contra os bemfeitores. Ía-se realisando a prophecia. Demais aquella historia da escudella devia ser uma impostura, ardil para conquistar fama de bella; era até bem provavel que fosse muito feia. Duas velhas tias eram as mais encarniçadas n'essa tarefa, e a propria dona da casa começava a desprezar a donzella; só o lavrador lhe queria, intimamente a desejaria ter por nora, mas não ousava expor a sua opinião.

«A teimosia do rapaz, crescendo em firmeza com os obstaculos, decidiu da contenda. Foi consentido o casamento. Mas agora surge uma outra difficuldade com que se não contava. É a *menina da escudella* que não quer; agradece, mas recusa. De novo irrompe a ira. Isto é de mais! Isto é escarneo! Que ambição desmedida nutre então no bestunto aquella descarada? Mal conhecem elles o coração da moça: ella adorava o seu noivo,

mas queria, antes de tudo, salvar da discordia a casa, que lhe offerecêra doce aninho; ía partir, fugir d'ali.

«Foi então, pela noite, que lhe appareceu a mãe em sonhos, e lhe aconselhou a que cedesse. Cedeu, podéra não! Marca-se o dia do noivado, cuida-se dos preparativos do festim, já se vê, com o acompanhamento dos commentos azedos dos parentes, discursando sobre o jogo mal dissimulado da mendiga. Quando chegou a hora da cerimonia, reunidos os convivas, julgou-se azado o momento de arrancar a escudella á rapariga, no que ella propria ajudava, coitadinha. Baldado foi o esforço, com magoa já de todos e d'ella sobretudo. Emfim, a um repellão mais vigoroso dos amigos, a escudella produz um grande estrondo, que se mistura aos gritos doloridos. O noivo anima a noiva, apressa a cerimonia das taças de *saké,* que os dois devem beber, brindando —*tres vezes tres,*— para poderem ser esposos. Mal a noiva leva aos labios a taça de *saké,* repete-se o estrondo, a escudella estala, desfaz-se, e de mistura com os mil pedaços cáe uma chuva de pedras preciosas, que a escudella escondia, perolas, diamantes, esmeraldas e rubins, e tambem muita prata e muito oiro, e este foi o dote da menina. Porém, o que mais surprehende os convidados, não é o immenso thesouro, mas sim o rosto encantador da noiva, exposto por vez primeira á contemplação do noivo, á contemplação de toda a gente.

«Nunca houve nupcias tão alegres, esposo mais feliz e mais ufano, e noiva mais formosa.»

«De epochas remotas falla-se de certa floresta, onde viviam um texugo e uma mamã raposa com o seu cachorrinho. Não consta que houvesse outro bicho por ali, pois que os astutos caçadores, a laço ou a frecha,

de tudo deram cabo; veados, javalis, lebres, doninhas, furões, e até os esquilos sagazes, todos se foram enredar nos aranhoes, ou caíram trespassados pelas armas certeiras dos patifes.

«Imaginam-se agora os tormentos dos tres bichos, os unicos escapos, quasi morrendo á fome por não se aventurarem pelos campos, onde por certo um caçador teimoso os tomaria á sua conta. Depois de muito meditar, nas profundezas do covil, eis que vem o texugo com este estratagema:—«Tenho um plano. Tu transformas-te em homem, e eu vou fingir-me morto; tu agarras em mim e levas-me á cidade, vendes-me por bom preço e compras mantimento; voltas á serra, cabaz cheio, e eu procurarei occasião propicia para safar-me e vir ter comtigo; e fica entendido que não comes um só naco antes de reunida a sociedade, maganona. Na proxima semana mudam-se as scenas; será a tua vez de seres vendida, e eu serei o homem. Não te parece esta idéa luminosa?»—A raposa, commovida, disse que sim, que era excellente; e agradeceu ao companheiro o seu proposito.

«Já o texugo ensaia o seu programma, immovel sobre o chão. A raposa vae n'um pulo ter com o filho, e diz-lhe estas palavras:—«Não saias do buraco, fica muito quietinho e socegado, e deixa estar, que terás um jantar como de um principe...»—Depois, enfiando ligeiramente o *kimono* e as sandalias, e dando-se ares de rachador de lenha, agarrou o amigo pelos pés e carregou com elle. Na cidade, foi-lhe facil a venda, e por bom preço. Comprou algum peixe, uns feijões brancos cosinhados, uma pouca de hortaliça. Delicioso! Eil-a volvida ao paradeiro, voltando a ser raposa e procurando o filho. Elle alem está, o pequenito, são e salvo, felizmente, mas faminto, mas exangue, a pedir á mãe por piedade que lhe sirva já alguns feijões. Bem o quizera ella; mas é honesta, e escrava da palavra antes de mãe. —«Não, meu amor; espera alguns instantes; foi bello este plano, e por isto devemos esperar pelo texugo...»—

Lá vem elle a final, offegante, suando, por ter corrido muito.—«Não tocaram no jantar?»—Ella disse que não. —«Não pude vir mais cedo; imagina, o figurão que me comprou, mandou chamar a esposa; conversas, exclamações, acharam a compra baratissima,—tu deverias ter pedido o dobro;—emfim, aproveito um momento em que me deixam, e eis que me esgueiro e fujo a bom correr...»—Os tres da vida airada, texugo, raposa, raposinho, começam o festim; come-se muito e bem; e é o texugo, não sei por que feitio do seu caracter, que escolhe para si a melhor parte, lambendo as febras, offerecendo as espinhas aos amigos.

«Passados alguns dias, exhauridas as provisões e vindo a fome, repetiu-se a comedia. Como se tinha combinado, foi então a vez de fingir-se morta a mãe raposa; e lá marchou o texugo para a cidade, vestido á caçadora, bamboleando-se, e levando aos hombros a felpuda amiga. Fez contrato excellente, recebendo em troca bellos cobres. E que pensam do avaro? Passou-lhe então pela cabeça a idéa de deixar-se de partilhas, de ser elle o unico na festança; e, chegando-se ao ouvido do sujeito com quem fizera a transacção, segredou-lhe estas palavras memoraveis:—«Está-se fingindo morta, a trapaceira; tome conta com ella, que não fuja...»—Respondeu-lhe:—«Obrigado, eu já vou ensinal-a...»—e deu-lhe então tamanha cacetada no focinho, que foi uma vez uma raposa... Eis o texugo na azafama das mercas, olho sagaz, escolhendo o que melhor appetecia, pelos bazares; e, volvendo ao covil, foi um jantar de truz, de que não partilhou o raposinho.

«O triste, a um canto, na angustia da fome e da saudade,—que são dois grandes males,—chorava a bom chorar, e ía-se pouco a pouco compenetrando da noção da sua misera orphandade e desamparo. São com effeito bem dignos de dó as creancinhas e os raposinhos, sem as mães!... Como era intelligente, cedo comprehendeu que do texugo lhe vinha todo o damno; e deci-

diu vingar-se. Não era nos seus musculos debeis, de menino, nem na enfiada alva dos dentinhos, que podia confiar. Valeu-se então da astucia. Fingiu esquecer-se facilmente do revez; e um dia, com ares de quem procura distracções, propoz ao companheiro esta graçola: —«Vamos ver qual de nós se disfarça melhor em homem; se é você, ganha a aposta; quanto a mim, penso que de taes manhas hei-de usar, e exercer tão bem o meu papel, arremedando algum alto personagem, que não será você que me conheça...»—O texugo, beliscado no amor proprio, accedeu de bom agrado á brincadeira; emquanto ao raposinho, o finorio, em logar de mascarar-se, foi esconder-se atraz de um tronco de arvore, aguardando assim os acontecimentos.

«Lá surde, pelos zigue-zagues da montanha, caminho da cidade, o cortejo de um daimio. Elle, o senhor, absorto e grave, vem recostado na liteira, o *norimono* reluzente, que os servos conduzem; e é em torno a turba dos guerreiros, dos creados, dos pagens, espadas nuas, estandartes desfraldados, n'um conjuncto deslumbrante de figuras. Não hesita o texugo: eil-o que corre ao encontro do senhor, arreganhando os dentes, exhibindo-se em grotescas pantomimas, erguendo as patas, e com a cauda a dar a dar; e urrou:—«Bem te conheço! fica sabendo que ganhei a aposta!»—Em obediencia a uma ordem do daimio, é digno de ver-se qual será mais pressuroso em alcançar o bicho; a espada de um samorai de melhores pernas decepa-lhe a cabeça de um só golpe. E quem escutasse bem os echos da montanha, ouviria as gargalhadas insoffridas do raposinho, escondido atraz da arvore...»

Ouçâmos agora outro conto:—*A cascata milagrosa.*—

«Era uma vez um moço rachador de lenha, vivendo em casa de seus paes. Trabalhava a valer durante o dia

inteiro, n'uma encosta solitaria da montanha, ou sob o arvoredo espesso da floresta. Escasso era o ganho, e tão escasso que apenas lhe ía chegando para dar de comer aos pobres velhos; e com isto se magoava o moço, porque era bom filho, dedicado e carinhoso.

«Por si, não havia rasão de queixa; não tinha necessidades, com pouco se contentava. A mãe tambem se ía sentindo feliz na sua condição. Era o velho pae o egoista; era elle que se lamentava da pobre ceia de arroz, do chá fraco que lhe serviam, da simples taça de agua quente, quando o chá tão mau era, que nem tragar se podia. —«Se ao menos tivessemos agora uma taça de *saké,* ía rabujando o velho, sempre nos aqueceria, sempre nos alegraria o espirito...»—E culpava então o filho; e dizia que, quando elle era rapaz e mourejava, nunca lhe faltou uma gotta de vinho, para si e para os amigos.

«O moço rachador soffria muito com estes commentarios. Dava-se ainda mais á labuta, e pensava comsigo: —«Que hei-de eu fazer para obter mais dinheiro? Que hei-de eu fazer para levar ao pae uma gotta de *saké,* de que elle tanto precisa, tão fraco que elle anda?...»— Assim ía meditando em certo dia, durante a faina da lenha, quando se apercebeu do barulho d'uma quéda de agua. Aquelles eram os seus sitios, familiarisára-se com elles até aos mais reconditos recessos; mas nunca dera que por ali houvesse cousa de corrente rumorosa. Levado pela curiosidade, foi seguindo a direcção do ruido, que mais e mais crescia; e assim foi deparar com uma formosa cascata, de agua tão limpida e tão fresca, que lhe saltou a tentação de bebel-a, curvando-se sobre um remanso onde a torrente era mais quieta. E qual não foi o seu espanto, imaginem, ao perceber que não era agua que bebia, mas vinho, puro vinho, um *saké* delicioso!...

«Encantado com a descoberta, eil-o que enche apressadamente a cabaça que trazia a tiracollo, e que voa, não corre, a ter com os seus; e não lhes conto a alegria do velhote, saboreando taça e taça, durante a ceia.

«Um vizinho que appareceu, provou da pinga; foi o bastante para que a noticia corresse logo toda a aldeia, e que a casa se enchesse de curiosos, ouvindo em pasmo a historia, e certificando-se pelo cheiro da cabaça, já então vazia, infelizmente.

«Na seguinte manhã o rachador de lenha partiu mais cedo do que de costume para o trabalho, e levava comsigo uma grande cabaça, na certeza de segunda visita á fonte milagrosa. Ao ir chegando ao sitio, surprehende-o a procissão animada dos vizinhos, um com um balde, outro com um jarro, outro com um cantaro, tudo que sirva a encher-se do vinho precioso. Cada qual viera sorrateiramente, julgando vir sósinho e encontrar-se com a magica nascente; e eil-os agora todos confundidos, desconfiados, o olhar acceso em zanga e em desgosto, ao verem-se assim em companhia numerosa, que a cada instante um que chegava, ía engrossando. Ninguem se decidia, quando um mais atrevido rompeu o silencio com uma gargalhada, que foi repetida em côro pela chusma.—«Rapazes, berrou elle, estamos todos aqui para o mesmo fim; enchâmos as vasilhas, voltemos depois para nossas casas; mas antes, que se prove o vinho milagroso!»—E, se bem o disse, melhor o fez, o maganão: já está de cocoras, já enche a cabaça e já a vae levando aos labios soffregos. A principio, uma careta; depois, uma verdadeira furia.—«Agua, exclama, apenas agua chilra! Fomos embaçados por uma rede de contos mentirosos. E onde está o intrujão, para o afogarmos aqui, na sua linda cascata?...»—

«O rachador tinha seguido a boa inspiração de esconder-se atraz d'um pedregulho, quando viu o caso mal parado. Do seu poiso seguro, observou-os um a um, acercando-se e provando da nascente. Era bem verdade, vinho não havia, agua simplesmente, pura e fresca. O bando cubiçoso dispersou; voltou, entre imprecações, aos seus penates. E então o moço desceu tambem á cascata a encher a sua cabaça, a certificar-se por si

proprio. Vinho era, e assim continuou a ser. Para o filho dedicado corria o mais fino *saké;* para a turba corria agua. O imperador soube do caso; recompensou o rachador pelo seu affecto filial; mudou até o nome do anno em sua honra, para que d'elle ficasse memoria perpetua, que servisse de estimulo futuro a todos os filhos, para perseverarem em honrar seus paes e em obedecer-lhes.»

Appetece agora alongar o vôo mais alem, para longe das cidades, e ir sorrir á paizagem nipponica nos seus mais intensos esplendores; vivendo então, pela exigencia e pela suggestão do meio, a plena vida indigena tão enramalhetada de enlevos para o viajante europeu, na simplicidade do *kimono* e das sandalias, na paz da esteira, tendo por ordinario repasto o jantarinho exotico, servido em reluzentes charões e em finas porcellanas.

Precisamos antes de tudo de definir a *chaya,* o lar do acaso, d'um dia, d'uma hora, ao qual por estas paginas, por estas recordações, já nos temos incidentemente referido; a *chaya,* tão mal julgada de ordinario pelos estranhos, que a aquilatam pelos ninhos escusos dos arredores de Yokohama, nada japonezes, fructo vicioso da civilisação implantada. A *chaya,* a casa de chá, varía em gradações. Na sua ínfima simplicidade é a tenda improvisada á sombra d'uma arvore, na curva d'uma estrada, servida por duas ou tres rapariguitas frescas, que convidam o caminheiro a sentar-se, a descançar por um momento sobre o banco esteirado, a saborear um gole de chá e uma fumaça de loiro tabaco, a troco de sapecas; pelas longas excursões, serras arriba, mal se comprehende agora, fóra do meio, o encanto e o conforto d'esse instante, de que os conductores dos carros não prescindem, os pobres, que o suor alaga e a sêde martyrisa; e por nós mesmos o abençoamos, equivalendo a

uma caricia, na solidão dos caminhos. A *chaya* é tambem o belveder suspenso das collinas, escondendo-se pelos bosques, debruçando-se sobre as ribeiras, onde accorrem as *gueshas* e os rapazes vindos das cidades, onde se servem os banquetes e gemem as guitarras, pelas noites serenas. E é tambem o abrigo mais tranquillo, offerecendo o repouso d'um dia a uma familia inteira, a um vagabundo dos campos, sobre a esteira fôfa d'onde os olhos abraçam o enlevo dos panoramas e as frivolidades dos jardinzitos, e onde se serve com delicado esmero a refeição frugal. Na *chaya* esvazia o japonez a sua bolsa, paga como principe, gratifica largamente as criaditas, tendo do dinheiro a noção unica de que foi inventado para com elle se comprar a alegria da existencia; quando o occidental pragueja contra a exorbitancia das contas que lhe apresentam, mal pensa na liberalidade fidalga, quasi dissipação, que é lei aqui, e na previdencia da patroa, incluindo maliciosamente na somma a parcella das gorgetas, problematicas se fosse confiar em espontaneidades do freguez da Europa.

Quando a *chaya* se transforma em hospedaria, em paradeiro demorado, muda então de nome, não mudando de aspecto nem de costumes; é a *yadoya*. É, para o hospede, a cellasinha privativa de paredes de papel, a esteira sobre que se servem as iguarias fumegantes, e onde á noite véem as criadinhas estender as colchas de seda, sobre que elle se estira e adormece. Alem é o recinto do banho, a piscina onde pela tarde se aquenta a agua, frequentada por toda a clientela. Na galeria contigua ao jardim enfileiram-se as bacias de cobre, luzentes como oiro, para a ligeira ablução da manhã, e proximos os pacotes de pós de dentes diariamente renovados e uns tronquinhos de madeira fibrosa substituindo escovas.

A familia da casa vive á entrada da *yadoya,* de cocoras junto de estranhas secretárias rasteiras, absorta em contas, em escripturações cabalisticas, solícita, to-

davia, em attender o hospede, em fornecer-lhe um esclarecimento; e as criadinhas cirandam em bandos sorridentes, no afan incessante das limpezas pueris, descendo á rua e regando os caminhos para que a poeira não moleste, ou na tarefa de transportar o chá, os brazeiros, as refeições, as lampadas, as colchas de noite, aos cubiculos dos freguezes. Reside em tudo uma hospitalidade simples e affectuosa, sem desconfiança e sem maldade, recordando os bons tempos primitivos, despreoccupações de tenda nomada.

O hospede tem por sua a casa inteira, todas as criadas o servem. Acorda pela manhã ao ruido do bando incauto, que vem dar-lhe os bons dias, trazer-lhe chá e confeitos, eliminar a cama e as corrediças da frente; e a brisa fresca, perfumada do halito dos bosques, entra assim de surpreza e vem banhar-lhe o rosto. O hospede volteja ao acaso, percorre as galerias, offerecendo-se-lhe á vista o aspecto interior das outras cellas, no desalinho gracioso das meias e dos *kimonos* abandonados, e onde acaso *musumés* mais preguiçosas ainda repousam, em *kimonos* azues, poisando a nuca sobre o *makura,* o travesseirinho de charão que preserva o penteado, n'um meio-somno petulante, que é o somno d'esta gente, de palpebras que palpitam, de labios que sorriem, de bellos braços nus que se espreguiçam e de mãos que gesticulam; e mais alem encontra os madrugadores, as madrugadoras, em bustos descobertos, nas abluções do estylo, lavando os dentes, trazendo aos seios as toalhinhas ensopadas, procedendo, em summa, ás mil cerimonias do aceio nipponico, e trocando as primeiras saudações.

Pede depois a sua refeição, o que appetece e quando lhe convem; na *yadoya* não existe o caldeirão commum de hotel, a lembrar um rancho de caserna; se quer um ovo, vae-se partir o ovo; se quer uma gallinha, vae-se matar a gallinha; se quer um peixe, vae-se pescar o peixe na piscina; não ha, parece, noção do tempo, é desconhecida a azafama; e duas mãos delicadas e brancas,

escrupulosas em esmeros e em asseios, vão pacientemente entreter-se no amanho d'um almoço.

Um parenthesis. Ó-Hana-San, a senhora Flor, cita-me agora alguns proverbios e annexins do seu paiz. Apresso-me em escrevel-os, embora perca o fio do meu discurso. O proverbio é a philosophia do povo, digna do maior interesse. Eil-os aqui:

—«Antes a prova, do que o argumento.»—

—«Mais valem bolos do que flores.»—

—«O bom remedio amarga na bôca.»—

—«Concertar a tampa de uma panella rachada.»—

—«Comprar barato é perder dinheiro.»—

—«É a abelha que pica um rosto choroso.»—

—«Vaccas andam com vaccas, cavallos com cavallos.»—

—«Ignorar é ser Buddha.»—

—«São ambos inconstantes, o coração do homem e o céu do outono.»—

—«Nunca te fies na mulher, mesmo depois de te ter dado sete filhos.»—

—«Detesta o bonzo, e detestarás o seu habito.»—

—«O acolyto póde ler á porta do templo as escripturas, que elle nunca aprendeu.»—

—«Perder é ganhar.»—

—«Dez homens, dez barrigas.»—

—«Por onde a loucura passa, a rasão retira-se.»—

—«A educação é preferivel ao nascimento.»—

Fallando da *chaya,* da *yadoya,* dê-se menção honrosa ao exotismo d'um banquete indigena, e ao seu chá, e ao

seu *saké* onde os labios vão poisando em sorvos amorosos.

O banquete japonez!... Uma penna feminil, portugueza por signal, definiu ha pouco a *musumé,* que não conhece, como a chimera portentosa do Extremo Oriente,—«alimentada a bagos de arroz e a gottas de chá».— Eu peço licença para servir-me da phrase, que tão justa e gentil se me afigura; permittam-me apenas que tempere estes baguinhos ao gosto da *musumé,* encommendando uma completa refeição, que n'este paiz, por mais opipara, ha-de sempre lembrar um jantarinho de bonecas, cousa de simples passatempo para os labios, para ver-se principalmente, alegrando os olhos pelo mimo da baixella e pela disposição das iguarias. Saboreou-se primeiramente o chá nipponico, servido em porcellanas de Lilliput, que ou é paiz que demora para estas bandas, ou então nunca existiu; o chá acompanhado de confeitos, de pastilhas allegoricas do logar, em fórma de conchas ou de peixes nas povoações dos rios ou avizinhando do oceano, em fórma das folhas dos bosques proximos ou das flores mais cultivadas nos jardins.

Aqui nos chega o jantarinho, dividido pelos charões e pelos pires minusculos, que enchem cada taboleiro que a cada conviva é destinado; é de estylo, se o hospede se demora, que por cada repasto se substitua a baixella; e tambem a criadinha, que, como cousa gentil, faz parte do luxo da *yadoya.* A carne é geralmente banida; o japonez não pertence á fauna dos carnivoros. São algas cozidas, legumes em conserva, bolbos de lyrios, nabos salgados, cousas doces, cousas agras, cousas agridoces, em porções ínfimas, como se isto não passasse d'uma brincadeira; é um caldo fumegante de mariscos, ou de ovos de kagado; são pedacitos de gallinha cozidos em *saké;* são ovos; são peixes, muitos peixes, variando em môlhos, em segredos culinarios, incluindo o famoso *unagui* de enguias, incluindo o peixe cru servido sobre varetas de crystal, muito em estima, denun-

ciando talvez restos atavicos d'um gosto de cannibal, guloso de febras ainda em sangue.

Os dedos seguram os dois pausinhos que véem juntamente; mergulham-n'os nos manjares á laia de longo bico de cegonha, escolhem ora aqui ora acolá o pedacito appetecido; o uso dos pausinhos vem da China, que os substitue vulgarmente por valiosas varetas de marfim com engastes de prata, transmittidas de familia em familia, enegrecidas pelo contacto de mil môlhos e pela baba dos avós; no Japão não passam de cavacos sem valor, servidos novos a cada refeição e lançados em seguida ao lixo inutil. Ha palitos, a *musumé* offerece-os ao hospede, tirados da bolsinha de seda, que guarda no seu *obi;* e até (e offereço aos sabios esta observação) talvez no Japão tenham a origem, divulgados depois ao mundo por nós, os lusitanos. Quando de tudo se tenha provado, debicado pelos charões em gestos preguiçosos, vem então a grande celha resplendente de aceios, e de dentro a moça saca colheradas de arroz alvo, que destribue em tigelas, que offerece em mesuras; e as bôcas inclinam-se sobre os appetitosos bagos; e por fim, do chá que fumega ao lado, se serve nas mesmas tigelas a ultima golada.

O chá nipponico merece uma pagina especial. É a bebida de todos, do rico e do pobre, a bebida que mata a sêde, que perfuma de subtis aromas o paladar; e que porventura, pelas suas propriedades ligeiramente embriagantes, capitosas, entretem o bom humor d'esta boa gente, o somno ligeiro, a fina agudeza do sentimento, a pontinha de febre turbulenta, constante, accusando-se em brilhos de olhos negros, em chocarrices, em gargalhadas. Eis o meu voto mais fervoroso por este paiz, a que tanto quero intimamente:—que o Japão nunca deixe de tomar chá!—O chá, com o arsenal de bugi-

gangas indispensavel para o seu fabríco, — a boceta de estanho, o brazeiro portatil, a chaleira de ferro fundido, o bule microscopico, as cinco chavenasinhas de porcellana e os cinco pires de burilado metal; — o chá, que se offerece logo ao visitante com a primeira saudação, traduzindo o sentimento da hospitalidade, o prazer do encontro, a communhão fraternal; o chá é o companheiro inseparavel do operario, do artista, nos seus labores, da *musumé* nos seus caprichos, d'um qualquer grupo íntimo nas suas palestras; e bem póde dizer-se que elle representa o emblema da familia, na quietação amorosa do ninho.

Eu tenho agora aqui todo este arsenal exotico, junto da mesa onde trabalho, e onde scismo; sou eu proprio que preparo a infusão, religiosamente; de quando em quando sorvo um gole, delicio-me n'este exquisito travor do primeiro instante, na impressão doce que depois persiste a beijar a bôca; e talvez, se n'estas paginas acaso uma phrase palpita intensa de verdade, a elle a deva. Mas o arsenal não está completo, porém deslocado aqui do meio proprio; recordo-me saudosamente da *chaya,* dos convivas serenos; e faltam-me esses *kimonos* adejantes das *musumés,* em curvas de visão; e faltam-me esses dedos, esses dedos brancos e afilados, na preoccupação solemne das brazas, conchegando os carvões crepitantes, e esvoaçando, em disvelos pela portentosa alchimia, já tomando da chaleira, já enchendo o bule e depois a chavena, já offerecendo-m'a, em graças de requebros, que só em pensar n'elles me extasio...

O *saké,* o vinho de arroz, da transparencia do *champagne,* perfumado, appetecivel, capitoso, acompanha o jantar, em garrafinhas de porcellana emergindo d'uma tigela com agua quente; e serve-se em pequeninas taças

da mesma porcellana. No convivio das *musumés,* no cerimonial galante das *gueshas,* é de estylo trocarem-se as taças de *saké,* indo labios poisar onde labios poisaram, em intenções cariciosas. O travesso!... Em libações frequentes, durante os jantares festivos, não se imagina como aquellas cabeças dos bons japonezes andam á roda; a embriaguez é, todavia, gentil e ephemera, traduz-se em cantares e em risos; é desconhecido o borrachão a ziguezaguear de esquina em esquina, provocando, blasphemando, vomitando.

Um europeu companheiro de viagem, votado a prosperas mercancias em Yokohama, dizia-me ha pouco cousas muito feias da má fé da turba oriental; e citava-me para exemplo o *saké,* que é hoje misturado á grosseira aguardente de importação; logro indiscutivel, pois lá estavam a comproval-o não sei quantas centenas de cascos d'essa droga, trazidos da Allemanha, notados durante curtos annos nos livros commerciaes da sua agencia. Que patifes, estes japonezes!... E que Patifes (permitta-se o maiusculo) estes allemães!...

É a vida das *chayas* e das *yadoyas,* com a sua paz e com as suas seducções, que se offerece ao europeu, que desertou dos portos onde os forasteiros enxameam, que fugiu dos hoteis, dos *tennis,* dos clubs; a vida então intensamente indigena, sem sombra de arremedos, e onde mais resaltam os encantos do paiz e a gentileza do caracter popular. Esta vida não se lhe apresenta desde logo accessivel, escancarada; conquista-se com o mysterio que lhe multiplica os meritos. A casa recusa-lhe systematicamente o abrigo; a creadinha assoma, graciosa e humilde, e diz que os hospedes trasbordam, que não ha logar, que vá em busca de outro arrimo. Pura mentira. Venha o europeu com uma recommenda-

ção amigavel de fóra, com uma palavra escripta de outra *chaya,* e tem tudo que deseja.

Supponhâmos que logrou um dia poisada sobre uma d'estas esteiras de *chaya,* ou de *yadoya;* foi amavel, generoso, em troca das amabilidades que recebeu; pagou a gorgeta, o *cha-dai* do estylo, á patroa, ás creadinhas; á despedida, com o *sayonara* saudoso, a patroa entregou-lhe o recibo das contas, e mais outro papelinho com um agradecimento especial pela gorgeta, e quantas indicações e quantas cartas de recommendação deseje para a *chaya* distante a que se destine. É uma maneira geral de ser amavel, servindo ao mesmo tempo os interesses do hospede e os proprios, e os dos estabelecimentos do mesmo officio; uma rede de gentilezas entre amigos, uma verdadeira maçonaria cortez, que inclue os proprios viajeiros japonezes, e que empresta aos convivas do acaso todo o feitiço de uma velha estima. Alcança outra *chaya,* outra *yadoya,* a uma legua, a cem leguas de distancia. Logo adivinha, no sorriso perenne, inherente ao nipponico, o mau humor disfarçado que o acolhe; mostra os seus documentos, o passe cortez que já mereceu; e é então a alegria sincera a brotar dos labios, está entre amigos, póde confiar em toda a gente; e os melhores manjares vão ser-lhe já servidos, e sacam-se dos desvãos as mais fôfas colchas para a cama, e a mais gentil das *musumés,* a filha da casa geralmente, vem offerecer-lhe na baixella rica o chá da hospitalidade.

Foi graças a este gentilissimo uso nacional, que eu logrei ter nem sei quantos amigos aqui por este Nippon fóra, compensando-me dos que me vão minguando pela patria. Fallae-me por exemplo de *Makinoi,*—algum de vós já lá esteve?—alem na cidade de Nagoya. Quando eu chego, quando me apeio do *coruma* do acaso, é ver a surpreza hilariante d'aquella santa gente. O velho, a patroa, as criadas, a mimosa O-Sui-San, que é a filha da casa, cada qual mais solícito em tomar das malas, em desatacar-me os sapatos, em indicar-me o poiso, todos

expluem em risos, em interrogações sem fim: — Como passo? Donde venho? Para onde vou? E como estou bello! E como estou lindo! E como estou moço! —

O-Sui-San não delega em ninguem o cuidado de vir offerecer-me o kimono fresco, meticulosamente dobrado, e de conduzir-me ao banho, de trazer-me a toalhinha indigena; apoz ainda ella me apparece, servindo-me pelas suas mãositas de gata branca a primeira refeição; é ella que recebe o meu passaporte, que se encarrega das mil peripecias de etiqueta, dado como assente que todo o europeu attinge no Japão proporções de conspirador, de quem a policia não desvia os olhos; e á noite, ruas fóra, ahi vamos os dois arrastando sandalias, ella em sedas pimponas, eu em ramagens modestas de *kimono,* mãos unidas pelos dedos enlaçados, a espreitar pelos bazares e a mercadejar confeitos.

As despedidas são ternas, quasi amorosas, tristes. E por aqui vou eu com as bençãos da familia, no meu carro, com o cortejo das *musumés* em gala, nos seus carros, té á estação proxima; uma encarrega-se das malas, outra das refeições para a jornada, outra da minha bengala. O-Sui-San leva as ventarolas e os presentinhos que me offerece. E quando a locomotiva silva e o pesado comboio enceta a carreira que me arrebata para longe, ainda as mãositas das *musumés* se agitam no ar em gestos, as mãositas brancas e adejantes como pombas brancas de bom agoiro, a desejarem-me boa jornada e a pedirem-me que volte...

Como é estranha, como é graciosa, como é doida a scena, n'uma estação de linha ferrea! Os *kimonos*, na hilaridade das côres vivas, agrupam-se, ondulam, rodopiam, palpitam em impaciencias pueris, em desejos da ultima hora; e os sóccos, desprendendo-se a cada passada das plantas dos pés nus, resoam no lagedo como

uma orchestra estupenda de matracas. Os vendilhões cirandam, expondo a sua industria em largos taboleiros, apregoando; são livrinhos diversos para matar as horas de enfado, são jornaes, cem jornaes differentes, são massos de phosphoros e de tabaco, são bolos, são fructas, são refrescos, são pedaços de gelo, são bules com chá, são os *bento,* umas caixinhas com o arroz e as iguarias de uma refeição completa, incluindo os pausinhos apprehensores; e os braços nús, surgindo das sedas das mangas, avançam e escolhem, e as bôcas ás risadas mercadejam. Compõem-se á pressa as laçadas dos *obis,* as flores dos cabellos, e compram-se os bilhetes; das mãos pendentes avolumam as malas, as maletas, as malinhas, com roupa, com bolos, com binoculos, com bugigangas, com um immenso arsenal de pieguices. Os cavalheiros saudam-se, curvam-se em elegancias de *kimonos,* em ridiculos de quinzenas, dizem-se cousas amaveis n'um chuveiro de redondezas de phrases sibiladas; os peregrinos, com a esteira ás costas e o chocalho suspenso do pescoço, combinam romarias; as mamãs enlaçam-se com os bébés, em gestos amorosos; as *musumés* riem e saltam, em inconsciencias futeis de canarios; a alegria é de todos, da velhice e da juventude, brota espontanea do sentimento bohemio da tribu, antecipadamente enlevada nas surprezas dos caminhos, nas seducções das paizagens desconhecidas, nas peripecias dos poisos do acaso.

Chega um comboio, estaca, demora-se um instante. É então a confusão ultima, o delirio das corridinhas, a gargalhada de despedida, e a perna núa que avança do *kimono,* sem pudores, e alcança a portinhola em curvas impagaveis; lá dentro, é a agitação confusa de mil cabeças; e dois mil braços gesticulam ao mesmo tempo, irrompem pelos postigos fóra como uma corja de serpentes, querendo tambem mercadejar, reclamando um jornal, um bolo, um pecego, um *bento,* um bule com chá. E roda o comboio; e a turba que fica, curva-se

ao ver fugir-lhe um amigo, um conhecido, um amo, um cliente, ou por simples mimica imitativa; e todas as cabeças quasi que tocam o chão na derradeira reverencia. *Sayonara!...*

Eu medíra, durante um curto instante, a situação. Offereciam-se-me as carruagens de terceira classe, com a chusma em cachos, n'uma atmosphera de fumo de tabaco, cheirando a carne humana e abrazadora; rejeitei-as. Tinha ali um carro reluzente de primeira classe, com os seus estofos molles, com os seus avisos em inglez suspensos das paredes, com um ou dois britannicos picarescos, com uma ou duas *ladies* não menos picarescas; um meio estranho emfim, uma Yokohama com rodas e apenas reduzida, com todos os horrores da intimidade forçada, fria todavia, com esses portentos de contrabando, a quem eu não tivera ainda a honra de ser apresentado; rejeitei a primeira classe. Enfiei então para um carro de segunda, escolhi logar entre as *musumés,* entre os cavalheiros japonezes, acocorados todos sobre os bancos, em comica postura de aves de capoeira enfileiradas no poleiro commum; e passou-me assim pelos olhos durante algumas horas, em synthetese, o quadro inteiro da existencia indigena, em tagarelices ingenuas, em dedicações de esposas e de mães, em inconsequencias frivolas de *musumés,* em petulancias de meninos, em devaneios soberbos de nipponicos; e partilhei dos seus bolos, e offereci-lhes os meus cigarros, e trocámos affectuosamente bilhetes de visita, e sorrimos juntamente á paizagem, e saudámo-nos emfim com um *sayonara* derradeiro, para nunca mais nos vermos, certamente.

O comboio corre, vae devorando o carvão e as distancias; e a paizagem nipponica desenrola-se, serena, ás vistas, toda verde e toda sol. A noção recebida do

perfil accidentado d'este solo é seductora. As montanhas acastellam-se em volta, em recortes surprehendentes, em requintes de renda, deliciosos; e lá ao longe, entre nevoeiros esfumados, define-se vagamente o cone soberbo do Fuji-yama, o monte santo, com a sua cabelleira revolta, de neve.

O terreno vem ondulando em corcovas, em precipicios, em vertentes, por onde a agua se despenha, té estender-se em planuras, cortadas de arroios, cortadas de ribeiras; e a estrada segue em ziguezagues, escavando aqui um tunnel, galgando alem uma ponte. As florestas multiplicam-se, ricas em seivas, pelas serras arriba; são lindos bambuaes, são pinheiraes, são chryptomerias. A mão do agricultor está em toda a parte, amorosa da terra, intelligente, artistica; ergue-se a cuidar da arvore, desce a animar a horta; semea o grão de arroz, o pão japonez, por onde a agua abunda, e estendem-se então a perder de vista os mares verdes das varzeas, ondulando ás brisas. Aqui cultiva-se o chá, em renques de arbustos redondos, lembrando mangericos; alem é a amoreira, o sustento da larva preciosa; ou é o algodão, ou é o tabaco, ou é o inhame, ou é a batata, ou é a beringela, ou são os legumes; e de mistura cultivam-se as flores. E, se fica um recanto sem amanho, um fraguedo esburgado, um charco inutil, acode então a natureza doida, espargindo boninas, lyrios bravos, trepadeiras, fetos, velludos de musgos, e uma deliciosa flora das aguas, nenuphares, lotus, alternando com as soberbas folhas em disco as grandes corollas brancas e as grandes corollas roseas, escancaradas como taças.

E a vida está em tudo. A vida vegetal define-se em perfumes, em rumorejos. A vida do insecto, da ave, define-se em vôos amorosos, em pios, em zunidos eternos. O homem ergue os seus templosinhos por todos os recessos; o *torii* surge em brilhos de escarlate, destacando-se dos tons calmos do arvoredo; vemos o aldeão na sua labuta de todos os dias, curvado sobre a

terra, quasi occulto na roda do seu grande chapéu, dispensando o trabalho do gado, que rarea, confiando unicamente na enxada e nos braços vigorosos. E as aldeias succedem-se ás aldeias, passam correndo junto de nós, com os seus cemiterios alvos, com os seus jardins floridos, com os seus templos de telhados recurvos, com as suas *chayas* em gala, com as suas casinhas frescas de madeira aplainada, escancaradas á luz, e d'onde as creanças nuas e as *musumés* em sedas nos encaram sorrindo, felizes de viverem. Até o céu é estranho e sorridente, aqui; a brisa do Pacifico varre para longe as brumas, patentea em todo o seu enlevo os azues purissimos, infinitos; apenas as montanhas retêem ligeiros flocos vaporosos, suspensos na quietação dos valles, onde o sol brinca em irisações do acaso, em cambiantes ephemeros de miragens apothéoticas.

Descendo do comboio; de *yadoya* em *yadoya,* de *chaya* em *chaya,* de poiso em poiso; tomando um jinrick-shá, tomando um barco, andando a pé; seguindo os passos do guia, ou vagueando sósinho e sem destino; é então, nas peregrinações pachorrentas, que os aspectos se revelam inteiros, nas surprezas dos multiplices detalhes. É um solo requintado, palpitante, todo elle nervosidades irrequietas. Cada sitio possue o seu condão, o seu segredo. Aqui brotam aguas a ferver, com os seus attributos chimicos, milagrosas para determinados males. Acolá são as crateras nuas de vulcões extinctos, ou ainda latejando. Alem estamos no inferno; as mattas vão-se mirrando dia a dia, de ramo em ramo, de arvore em arvore, befejadas pelo halito sulphuroso da terra; e os pésitos das *musumés* estudam cautelosamente os trilhos, desviando-se do tapete de cinzas quentes, fumegantes, que mascaram os abysmos. N'outro paradeiro

são os pequenos covões dispersos, cheios d'um ar irrespiravel, de acido carbonico; onde se apagam de repente as palhas em labareda atiradas por passatempo; onde vão precipitar-se exanimes os passaros e as borboletas, que íam vagueando inconscientes, em vôos rasteiros. Canta em tal sitio uma cascata, a agua despenha-se em purezas de crystaes e em alvuras de espumas, e uma chuvinha eterna vae borrifando as avencas e os musgos, em alfombras de esmeralda. Por aqui, por ali, a santidade dos povos semeou de templosinhos as collinas, cada qual com a sua historia, cada qual com a sua lenda, commemorando um facto, commemorando um deus, commemorando um sonho.

O rasto branco da estrada, do simples trilho em serpentina, destaca-se, a perder de vista, dos verdes do solo, ora atravessando os povoados, ora enfiando pelas mattas, ora rastejando pelos precipicios. De quando em quando depara-se com uma *chaya,* paradeiro forçado dos que seguem, onde as *musumés,* como fadas dos bosques, nos attrahem, nos enfeitiçam por um momento; ou é a choça rude, onde um homem nu torneia, afeiçoa, rendilha, com ferramentas de tribu primitiva, o tronco trazido da floresta proxima; das suas mãos pacientes, saem a boceta, o estojo, a taça, a escudella, productos gentilissimos, que na lojinha mais adiante a esposa ou a filha vendem ao forasteiro, dando de graça o sorriso e a phrase amavel. É pelos bellos dias da primavera e do verão, banhados de sol, que os kimonos mais animam a scena, seguindo em bandos. São então chusmas de peregrinos, caminhando a pé, vagabundando de templo em templo, de *chaya* em *chaya,* annunciando-se pelos chocalhos que lhes telintam do pescoço, ajoujados com a esteira onde dormem, com as ventarolas que lhes foram offerecendo, cheios de poeira, de alegria, de fé. São caravanas de familias inteiras, cada qual encolhido no seu *kajo,* a liteira indigena suspensa d'um varal apoiado nos hombros nus de dois carregadores, admiravelmente

apropriada ao transito difficil pelas ladeiras arriba. Não ha côres que pintem a seducção d'estes grupos, o que ha de adoravel n'estas *musumés* reclinadas sobre fôfas almofadas, n'um ninho de sedas, meio adormecidas d'uma embriaguez hypnotica, provocada pelo cheiro da terra, pelo zunido das cigarras, pela solemnidade selvatica dos aspectos. Por vezes o cortejo pára; as creanças, as *musumés* appeteceram chá, appeteceram fructas; ou foi um enlevo de aguas que as deteve, os braços nus avançam para a corrente, ensopam-se as toalhinhas e levam-se depois aos rostos; e as surprezas dos contactos frios excitam a risadinhas, que aqui alcançam um prestigio especial, de cantos de ave.

Os templos, cujos enormes sinos de bronze resoam por vezes como trovões, escancaram-se á onda dos romeiros; as mãos batem as palmas chamando pelos deuses, a esmola telinta na caixa publica; e depois da prece os bandos dispersam pelos bancos, pelas moitas, pela relva, serenos, fitando o horizonte em extasis.

Nos grupos preguiçosos observa-se, como uma revelação, o instincto do japonez para despir o seu *kimono,* para poisar na herva o seu pé nu; é o instincto inconsciente para a natureza, para a terra-mãe; é essa paixão predominante, intensissima, d'uma animalidade enternecedora, que o leva a offerecer-se em nudez á caricia dos contactos, do ar, da agua, do solo, da creação que o rodea.

Ó-Hana-San, a senhora Flor, seguindo commigo pela estrada, aponta-me para um par de borboletas brancas, ora voluteando em doidos voejos, ora beijando-se, ora indo poisar ambas sobre a mesma flor dos campos, passando d'uma a outra, seguidas, perseguidas, a distancia, por outra borboleta branca. Sorriu, quasi indifferente.

—«Repara bem, estrangeiro, e escuta-me, diz-me ella. N'outros tempos, havia em Yeso uma gentil *musumé* e um gentil rapaz, quinze e dezoito annos a palpitarem de esperanças; adoravam-se, íam casar-se, naturalmente; mas apparece um poderoso pretendente, o mais rico senhor d'aquelles sitios, que move o pae da noiva a esquecer a promessa dada ao outro. Não valem rogos, vão valem prantos. A *musumé* diz então ao seu noivo que, visto quererem separal-os, se unam pela morte. Elle a conduz ao tumulo dos avós, e ali se apunhalam. O pretendente, que os seguia, acerca-se dos cadaveres; e vê então duas borboletas brancas soltarem o seu vôo, em beijos de noivado. Tomado de ciume, ali mesmo rasga o peito, e outra borboleta branca esvoaça, mas já tarde para alcançar o par feliz. Quando vires duas borboletas brancas amando-se pelos campos, espreita: não tardará que appareça uma terceira, a ciumenta, sem vencer a distancia que as separa.»—

A agua, simples arroio, ampla ribeira, lago espelhado, oceano immenso, vem incutir uma particular magia ao mimo da paizagem.

A ínfima gotta de agua encerra aqui primores de corollas, verdes deliciosos de selaginellas, tenues plumagens de vegetações fluctuantes. Os cyprinos ondulam em manchas sanguineas, com os seus grandes olhos esbogalhados, com as suas caudas em leque; despertando na agua glauca palpitações subitas, uns circulos concentricos, que se alargam até se desfazerem; e conhecem os peregrinos, acodem ao seu chamamento, véem á babugem devorar os bolos que lhes atiram. E as libellinhas, em vôos loucos, cruzam-se, perseguem-se, amam-se, vão beijar a lympha, em portentos de tintas rutilantes, de azas irisadas.

Abeirando-nos dos rios, temos então o enlevo das margens viçosas, das nesgas de azul das aguas, e entramos em convivio com uma nova tribu, a gente dos barcos; conhecemos a gondola de prazer, a piroga e o bote de labuta, instruimo-nos nos ardis das pescas pachorrentas.

Estou-me a lembrar agora com uma saudade infinda d'aquella noite extraordinaria de Guifu, passada sobre o rio Nagara, quando um amavel japonez, o engenheiro O., me levou á sua gondola, me offereceu um logar na esteira junto da mãe e da esposa.

As horas correram em palestras serenas, saboreando finos manjares, bebendo chá e *saké,* e fumando tabaco indigena; aquella noite tinha encantos ineffaveis, ali na paz das trevas, no vago contorno mysterioso das montanhas, nas frescuras subitas da brisa, no convivio amoravel e cortez d'uma familia feliz.

Quando uns clarões de incendio fulguraram sobre as aguas, a gondola seguiu veloz ao seu destino. O espectaculo que se nos offerecia, era estupendo: uns poucos de barcos haviam-se atravessado no rio, aguardando o cardume das trutas; de improviso, centenas de archotes allumiaram a scena, em tons de inferno em chammas, e as companhas atiraram para fóra da borda os seus bandos de corvos marinhos, adestrados, presos por cordões que as mãos nunca largavam; e eram então para ver, não que eu vos possa descrevel-as, rapazes da minha terra, as cambalhotas desenfreadas, os mergulhos doidos, a orgia excitada pelos gritos dos homens; e de quando em quando içavam a matula dos glutões, forçavam-n'os a vomitar a pesca milagrosa, atiravam-n'os de novo á agua; e em montes, sobre o convez de cada barco, ía crescendo a colheita, em tons de prata, em estremecimentos de agonia.

Terminou a faina; a nossa gondola seguiu preguiçosamente a atracar á praia; sobre o brazeiro, tiveram o ultimo estremeção de vida algumas d'aquellas po-

bres trutas, que comemos a queimarem os beiços, deliciosas.

Tem serenidades mysticas de paraiso a paizagem dos lagos. Veja-se este grande lago Biwa, surprehendam-se-lhe as aguas azues adormecidas, por onde vélas deslizam, e as margens frescas em condensações de verdes adoraveis. Mas mais prodigiosa é ainda a magia dos pequenos lagos de Hakome e de Chuzenji; sobe-se, sobe-se muito pelas charnecas, galgam-se montanhas; vae-se alcançar emfim o cimo, onde a imaginação não sonha com uma só gotta de agua, por inverosimil a hypothese; e é então que se rasga o horizonte em exotismos, passando das penedias ás varzeas, aos regatos, á paz azul d'uma larga bacia circumdada de mattas vicejantes, animada pela vida dos barcos, junto ás praias pela vida das *chayas* e das choças rusticas. Seguir n'um barquito por estas aguas, navegar assim a mil pés, a quatro mil pés, acima do nivel do mar, rastejando pelos fraguedos, desviando a cabeça das frondes pendentes, é viajar no paiz dos sonhos; e a gente pede á natureza que não se multiplique mais em prodigios, porque a commoção já nos soffoca, porque o sentimento da vida já nos foge, sublimando-se o espirito nas suggestões da chimera...

Descendo ás costas, attrahidos pelo encantamento do mar immenso, e escolhendo poisada de mistura com os caranguejos, sobre algum pedaço de rocha, a existencia maritima, a labuta pescadora offerecem-nos a ultima surpreza. O espectaculo já nos havia seduzido de passagem, quando o nosso paquete rompia velozmente pelo mar interior; já nos haviamos cruzado com os enxames

dos barcos, essas querenas bojudas, monstruosas, de tribu prehistorica, içando em pendão longas tiras de panno, unidas umas ás outras em refegos; já haviamos fixado de relance a chusma das companhas, os rostos requeimados que nos sorriam ironicamente; e retinhamos da scena uma impressão de cousa phantastica, d'um estranho mundo á parte a que abordassemos, para alem do planeta, para alem da terra-mãe.

Énoshima, a mansão da deusa Benten. Foi n'um rochedo abrupto, Énoshima, ilhota, se abstrahirmos da estreita lingua de areia, encharcada pela onda, que a une á terra, que eu um bello dia assentei arraiaes, familiarisando-me mais intimamente com a tribu das aguas. A *chaya* era deliciosa, ali na solidão rustica, offerecendo uma face ao bosque, d'onde vinham ramadas doidas enfiar pelas varandas, e offerecendo outra face á vastidão azul, adormecida em calmas, salpicada de velinhas brancas vagueando ao longe; quanto á patroa, quanto ás *musumés,* não se podia exigir mais cortezia.

Pela manhã, embuçado no meu *kimono,* descia eu pelas ribanceiras abaixo e alcançava a praia, tendo de seguir por um povoado de pobres choças, feitas de barro e de ripas toscas. Era então o quadro emocionante d'uma familia humana alheia a qualquer estimulo civilisador, dormindo, comendo, indo á labuta do mar, proliferando; era a primitiva tribu barbara, ou mais que barbara; era não sei que viva recordação da aldeia lacustre, do homem de outras eras. Passava por mim um arrepio de pavor, sentindo-me tão longe do meu meio, tão longe da minha epocha. A cafila dos garotos, nus como macacos, côr de chocolate, debandava aos gritos, fugia do meu vulto como se fugisse do demonio; e as mães vinham á rua em estupendas curvas de nudez, acolhendo a prole no regaço, fitando-me com grandes olhos de pasmo, mostrando-me a fileira dos dentes alvos, não sei se para sorrirem, não sei se para morderem. Eu ía caminhando, silencioso, envergonhado, confesso, dos meus cabellos

loiros; e doia-me aquelle acolhimento, francamente. Foi com moeditas de cobre, atiradas adrede, e com gestos de amigo, que eu consegui domesticar a cafila. E vêde: uma bella madrugada, a ultima para mim n'aquelles sitios, quando o sol se annunciava em rubras apothéoses de encantar, confesso-vos que tive pena de deixar a turba dos garotos e a turba das mulheres, que me rodeavam como lobas mansas, que me farejavam, que quasi me lambiam, que poisavam sobre o meu *kimono* as mãos negras, affectuosas, e que me offereciam conchas, troncos de coral, carcassas de ouriços, as unicas riquezas do seu lar.

Á babugem da vaga, onde a brisa do largo, impregnada de maresia, vinha bater-me de leve no rosto, era a floresta dos mastros esguios, era a confusão das linhas negras do cordame. As querenas enfileiravam-se, mettidas pela areia dentro, como cetaceos exanimes. E desenvolvia-se a faina incessante, mas tranquilla, dos homens, aqui remendando a rêde ou a véla, acolá esfregando o costado, alem emendando um cabo; e entravam nus pela agua, trepava-lhes a mareta pelas pernas, e sentiam-se bem assim, nada desejando, sendo felizes; e juntavam-se casualmente em grupos serenos, rouquejavam phrases asperas, ou punham-se a fitar longamente o segredo dos horizontes, com essa pupilla doce e melancholica, que distingue a maruja de toda a outra gente. Uma véla vinha do largo, approximava-se, arriava-se a verga abaixo, guinchavam os cabos nos moitões. Uma véla ía para o largo, afastava-se, içava-se a verga a tope, guinchavam os cabos nos moitões. Aves brancas cortavam de espaço a espaço o céu azul. E eu despia-me, atirava o *kimono* para a areia, abandonava as sandalias, caminhava para a onda.

Não imaginam, de volta á *chaya,* que sorrisos me esperavam, que saudações, que hymnos da manhã!... As *musumés,* erguidas das colchas, ainda com os seus *kimonos* de noite, amarrotados, corriam a dar-me os

bons-dias, a servir-me a primeira taça de chá sobre a esteira da entrada; explodiam as palestras, as perguntas, as risadas; e a velha patroa, ella propria, teimava em vir lavar da areia os meus pés nus, com humildades biblicas, indescriptiveis.

Já pelas horas da noite visitam o Nippon as primeiras brisas frias, do outono que começa; a *musumé* veste sobre o seu *kimono* um *kimono* mais curto, o *hanten,* forrado de estofos macios, accrescentando encantos ás linhas graciosas do seu perfil estranho.

É o signal da abalada para a tribu vagabunda dos hoteis; compram-se as ultimas photographias banaes, os ultimos charões falsos; bebe-se o ultimo copo de whisky no *bar* do *Grand-Hotel;* os paquetes vão encher-se de passageiros, vão reconduzil-os á terra britannica, á terra americana, a todos os cantos do mundo.

Tambem eu parto; tambem eu parto d'esta Yokohama, que eu detestaria tanto, se não a amasse muito!... Que eu detestaria tanto, porque representa o foco da civilisação banal, que um dia — quando? — ha-de desnaturar inteiramente o Japão. Que eu amo muito, porque alem no *Yama,* na collina onde os intrusos assentam arraiaes, onde os consules e os commerciantes têem o seu lar, ha uma casinha garrida, rodeada por viçoso jardim, içando n'um mastro o pavilhão dos lusos, onde eu encontro sempre os sorrisos d'uma familia amavel, a intimidade obsequiosa d'um verdadeiro amigo, o papear adoravel d'um bébé loiro que me encanta. Tambem eu parto e sigo o bando; sem que possa assistir ao novo aspecto da paizagem, que a neve vae vestir de brancos flocos; sem que possa relancear a nova existencia indigena, agora passada de preferencia no convivio pachorrento do lar, sobre a esteira, junto do brazeiro, em palestras sem fim, em risadas sem fim.

Feiticeiro torrão este, onde não se soffre e onde não se chora!... Como eu quizera viver aqui, no enlevo perenne da scena, na paz d'uma casinha de papel! Como eu quizera morrer aqui, volver á terra sem o cortejo agoirento das casacas, ignorado, jazendo para sempre á sombra d'um bambual, onde as cigarras iriam cantarolando hymnos eternos!...

Não póde ser: a minha mesquinha individualidade de pária, confundida na turba, não tem—ai de mim!—não tem jus a tal glorificação.

Acabou de imprimir-se

Aos 28 dias do mez de junho do anno

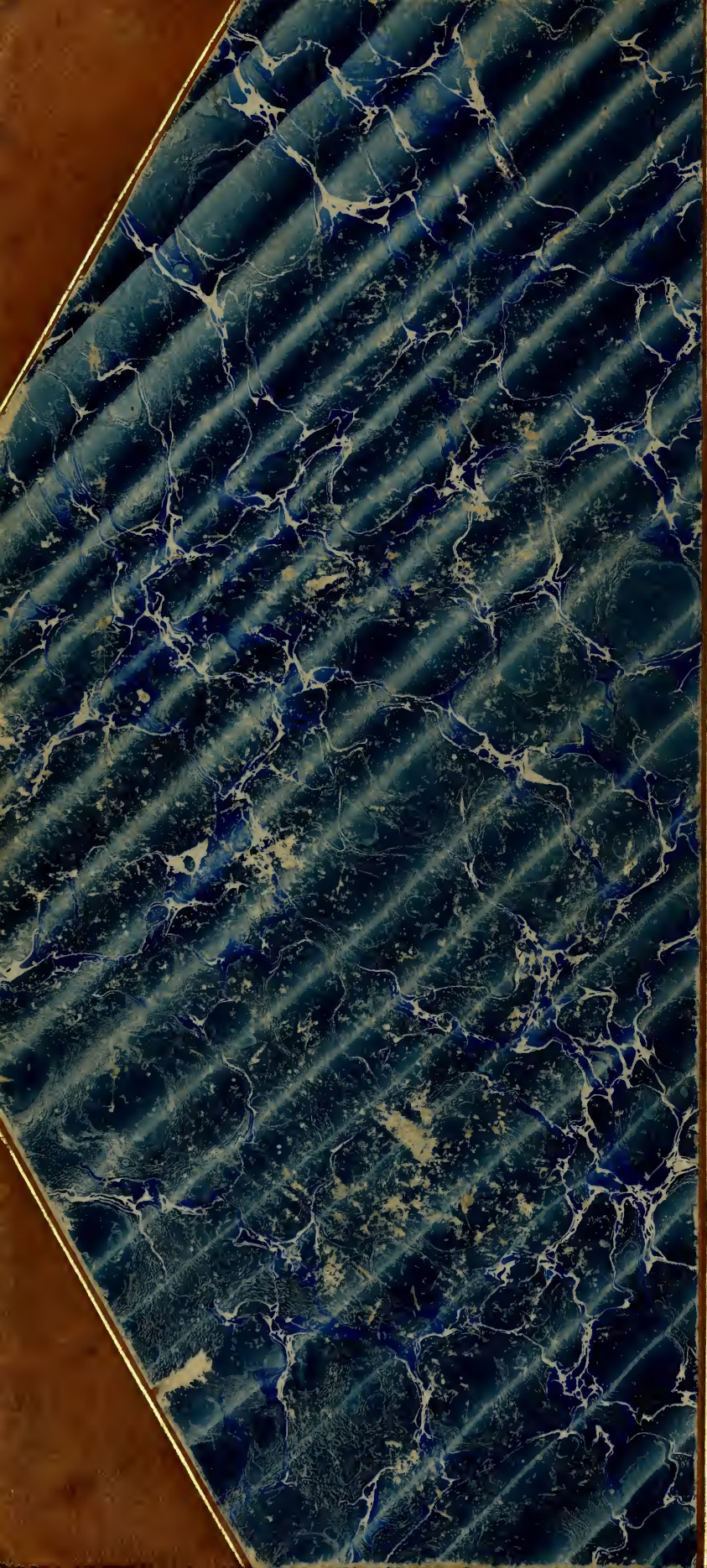
M DCCC XCVII

NOS PRELOS DA

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

PARA A

COMMISSÃO EXECUTIVA

DO

CENTENARIO DA INDIA